

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Natasha Cardoso Dias

**Dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na perspectiva da
Educação Estatística**

Juiz de Fora, MG

2023

Natasha Cardoso Dias

Dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na perspectiva da Educação Estatística

Dissertação apresentada ao Programa de Pós graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Matemática. Área de concentração: Educação Matemática.

Aprovada em 31 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronaldo Rocha Bastos - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Antonio Manuel Dias Domingos
Universidade Nova de Lisboa

Prof. Dr. Amarildo Melchiades da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 03/08/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Ronaldo Rocha Bastos, Professor(a)**, em 03/08/2023, às 09:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **António Manuel Dias Domingos, Usuário Externo**, em 08/08/2023, às 20:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amarildo Melchiades da Silva, Professor(a)**, em 11/08/2023, às 16:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 1389982 e o código CRC 5854DAC6.

Dedico este trabalho à memória de meus avós: Anita, Ivan, José e Lourdes.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Márcia, por todos os anos dedicados a mim, por ser minha maior conselheira e referência. Obrigada por me ensinar a ser quem sou.

Ao meu pai, Iran, meu maior admirador, pelo incentivo e por estar sempre presente nos meus estudos em Educação Financeira. Obrigada por me ensinar tanto e estar sempre disponível para nossas conversas infinitas.

Ao meu marido, Danilo, por compartilhar a vida comigo, por ser o meu farol e por aquecer meu coração com tanta dedicação e paciência. Obrigada por ser meu abrigo nos momentos de desespero.

Aos meus familiares, em especial meus irmãos, Isadora e Theodoro, e minha boadrasta, Kelly, pelo amor e apoio ao longo deste projeto. Obrigada especialmente pela compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu eterno professor Wanderley Moura Rezende, grande amigo e maior referência profissional. Obrigada pelo carinho, incentivo e pelas várias oportunidades de crescimento.

À todos os meus amigos, pelos muitos momentos de troca, grupos de estudos, viagens para congressos e por todo o crescimento que me proporcionaram. Em especial, à minha amiga Tayná pelo constante incentivo e por ter contribuído diretamente para a viabilidade de construção deste trabalho.

Aos meus colegas de turma e professores do Mestrado, pelos debates das aulas, pelos ensinamentos e pelos cafés de quinta. Em especial ao Alexandre e ao Izaías, pela amizade e por tornarem todo este processo mais leve e prazeroso.

Aos colegas do grupo de leitura e do grupo de pesquisa do NIDEEM, obrigada pelos debates, ideias e pela inspiração que me proporcionaram. Em especial ao Hugo, pela parceria e por partilhar os estudos e as reflexões.

Ao professor Ronaldo Rocha Bastos, pelas sugestões incríveis, pela orientação, compreensão, paciência e cuidado. Obrigada pela parceria, por respeitar o meu tempo e abraçar as minhas escolhas.

Ao professor Amarildo Melchiades da Silva pelos ensinamentos nas disciplinas do mestrado, pelas sugestões e pela paciência com as minhas perguntas constantes. Obrigada por fazer parte desta banca.

Ao professor António Dias Domingos, pela disponibilidade em compor esta banca e por nos brindar com tantas contribuições que enriqueceram ainda mais nosso trabalho.

Aos meus alunos, pela amizade e fonte inesgotável de motivação.

Não sei como você é; preciso saber. Não sei também onde você está (sei apenas que está em algum lugar); preciso saber onde você está para que eu possa ir até lá falar com você e para que possamos nos entender, e negociar um projeto no qual eu gostaria que estivesse presente a perspectiva de você ir a lugares novos.

(LINS, 1999, p.85)

RESUMO

Tem se tornado cada vez mais urgente formar cidadãos críticos, que saibam interpretar informações e dados estatísticos, especialmente quando o assunto envolve dinheiro. A sala de aula de matemática é um espaço propício a reflexões desta natureza, tanto no desenvolvimento das competências de letramento, raciocínio e pensamento estatísticos, quanto na problematização da realidade social na qual estamos imersos. Este trabalho busca apresentar a Educação Financeira Escolar e a Educação Estatística enquanto tendências da Educação Matemática e delinear uma proposta de investigação que envolve contribuições do pensamento do sociólogo Pierre Bourdieu. Esta proposta se enquadra no quarto eixo norteador do currículo de Educação Financeira Escolar proposto por Silva e Powell (2013), que envolve dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas da Educação Financeira. O objetivo desta pesquisa foi investigar a elaboração de tarefas teoricamente referenciadas e de natureza estatística que estimulem a produção de significados de estudantes do Ensino Médio sobre as dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar. Pretendíamos, ainda, fazer uma leitura dos significados dos sujeitos de pesquisa sobre os princípios básicos do conceito de Capital Cultural e Capital Econômico de Bourdieu. Foi aplicado um questionário de gostos e preferências sobre música, jogos, alimentação, hábitos de consumo e lazer, dentre outros tópicos, cuja análise exploratória dos dados foi feita a partir do método estatístico multivariado da Análise de Correspondências Múltiplas, que se baseia em uma análise geométrica dos dados. Esta análise forneceu mapas geométricos em nuvens de pontos – gráficos que representam um microcosmo do espaço social ao qual os sujeitos de pesquisa estão imersos – que foram apresentadas aos estudantes como uma das tarefas da pesquisa. Realizamos uma leitura da produção de significados dos sujeitos de pesquisa com o aporte teórico metodológico do Modelo dos Campos Semânticos, desenvolvido por Romulo Campos Lins. O conjunto de tarefas apresentou potencial para discussão das dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar, além de estimular o desenvolvimento do raciocínio estatístico na sala de aula de matemática da Educação Básica. Confirmou-se também a relevância da Educação Financeira para a formação crítica dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Matemática. Educação Financeira Escolar. Educação Estatística. Capital Cultural. Análise Multivariada de Dados.

ABSTRACT

It has become increasingly urgent to educate critical citizens to interpret information and statistical data, especially when it comes to money. The mathematics classroom is a propitious space for reflections of this nature, both in the development of statistical literacy, reasoning and thinking skills, as well as the problematization of the social reality in which we are immersed. This work seeks to present School Financial Education and Statistical Education as trends in Mathematics Education and outline a research proposal that involves contributions from the theories of sociologist Pierre Bourdieu. This proposal fits into the fourth guiding axis of the School Financial Education curriculum proposed by Silva and Powell (2013), which involves social, economic, political, cultural and psychological dimensions of Financial Education. The objective of this research was to investigate the elaboration of theoretically referenced and statistical tasks that stimulate the production of meanings by high school students about the social and cultural dimensions of Financial Education in Schools. We also intended to read the meanings of the research subjects on the basic principles of Bourdieu's concept of Cultural Capital and Economic Capital. A questionnaire about tastes and preferences about music, games, food, consumption habits and leisure, among other topics, was applied, whose exploratory analysis of the data was carried out using the multivariate statistical method of Multiple Correspondence Analysis, which is based on a geometric analysis of the data. This analysis provided geometric maps of point clouds – graphs that represents a microcosm of the social space in which the research subjects are immersed – which were presented to the students as one of the research tasks. We carried out a reading of the research subjects' production of meanings using the Semantic Field Model as a theoretical methodological approach, developed by Romulo Campos Lins. The set of tasks showed potential for discussing the social and cultural dimensions of School Financial Education, in addition to stimulating the development of statistical reasoning in the Basic Education mathematics classroom. The relevance of Financial Education for the critical formation of students was also confirmed.

Keywords: Mathematics Education. School Financial Education. Statistical Education. Cultural Capital. Multivariate Data Analysis.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dissertações desenvolvidas por integrantes NIDEEM na direção do Eixo Norteador I	15
Quadro 2 – Dissertações desenvolvidas por integrantes do NIDEEM na direção do Eixo Norteador II	19
Quadro 3 – Dissertações desenvolvidas por integrantes do NIDEEM na direção do Eixo Norteador III.....	22
Quadro 4 – Dissertações desenvolvidas por integrantes NIDEEM na direção do Eixo Norteador IV.....	23
Quadro 5 – Dissertações desenvolvidas por integrantes do NIDEEM sem eixo definido.....	25
Quadro 6 – Outras produções acadêmicas envolvendo Educação Financeira Escolar	27
Quadro 7 – Trabalhos que abordam Educação Financeira e Educação Estatística	35

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Enunciação de um texto pelo autor para um leitor	48
Imagem 2 – Leitura dos resíduos de enunciação do leitor sobre o texto produzido por um autor	48
Imagem 3 – Pergunta do questionário sobre preferência musical	55
Imagem 4 – Pergunta do questionário sobre hábitos de lazer	55
Imagem 5 – Recorte dos dados do questionário tratados	56
Imagem 6 – Perfil do Marcelo na Tarefa 3	60
Imagem 7 – Nuvem de pontos produzida na plataforma <i>Desmos</i> na Tarefa 3	61
Imagem 8 – Nuvem de categorias relacionando esportes, jogos e gênero, com destaque para as categorias de gênero “feminino – f”, “masculino – m” e “não-binário – nb”	63
Imagem 9 – Nuvem de categorias relacionando esportes e jogos	63
Imagem 10 – Nuvem de categorias levando em consideração a contribuição de cada categoria no mapa.....	65
Imagem 11 – Primeira tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de categorias relacionando jogos e esportes	66
Imagem 12 – Segunda tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de indivíduos relacionando jogos e esportes, colorida de acordo com a escolaridade do responsável por cada estudante estudado.....	67
Imagem 13 – Terceira tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de indivíduos relacionando jogos e esportes, colorida de acordo com um critério não revelado.....	68
Imagem 14 – Quarta tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de indivíduos relacionando jogos e esportes, colorida de acordo com o gênero do estudante estudado	68
Imagem 15 – Quinta tela da Tarefa 4 (parte 2): nuvem de categorias relacionando os gostos dos estudantes.....	69
Imagem 16 – Nuvem de indivíduos relacionando gostos, colorida de acordo com a preferência por programas de televisão	70
Imagem 17 – Nuvem de indivíduos relacionando gostos, colorida de acordo com a preferência por estilo musical.....	70
Imagem 18 – Nuvem de indivíduos relacionando gostos, colorida de acordo com a preferência por grupos de alimentos.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Análise de Correspondências Múltiplas
AGD	Análise Geométrica de Dados
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE/MEC	Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação
DM	Dissertação de Mestrado
EE	Educação Estatística
EFE	Educação Financeira Escolar
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
IES	Instituição de Ensino Superior
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MCS	Modelo dos Campos Semânticos
MG	Minas Gerais
NIDEEM	Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática
NPE	Natureza do Produto Educacional
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RRS	Registros de Representações Semióticas
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NO ÂMBITO DO NIDEEM – UFJF	14
2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR: DEMAIS PRODUÇÕES	26
2.3 EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA	29
2.3.1 Objetivos, metas e estratégias da Educação Estatística	30
2.3.2 Competências da Educação Estatística	32
2.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA	34
3 CONTRIBUIÇÕES DE BOURDIEU PARA A ELABORAÇÃO DAS TAREFAS	38
4 CONCEPÇÕES TEÓRICAS ADOTADAS.....	42
4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR.....	42
4.2 MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS	46
4.3 O PROBLEMA DE PESQUISA.....	50
5 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	52
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	52
5.2 AS TAREFAS.....	53
6 ANÁLISE DAS TAREFAS	74
6.1 ANÁLISE DA TAREFA 1	74
6.2 ANÁLISE DA TAREFA 2	82
6.3 ANÁLISE DA TAREFA 3	94
6.3.1 Análise dos registros escritos e dos gráficos na plataforma Desmos	94
6.3.2 Análise da gravação do segundo encontro síncrono.....	99
6.4 ANÁLISE DA TAREFA 4	108
6.5 ANÁLISE DA TAREFA 5	146
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICES	158

APÊNDICE A – Termo de Compromisso Ético	159
APÊNDICE B – Transcrição da gravação do primeiro encontro da pesquisa de campo ..	160
APÊNDICE C – Transcrição da gravação do segundo encontro da pesquisa de campo ...	193
APÊNDICE D – Transcrição da gravação do terceiro encontro da pesquisa de campo	204
APÊNDICE E – Cópia das produções textuais da Tarefa 5	252

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, nos interessamos por discutir dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na sala de aula de Matemática da Educação Básica. Para isso, adotamos conceitos, objetivos e estratégias da Educação Estatística; noções de sociologia a partir das ideias de Pierre Bourdieu; a caracterização de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013); e o Modelo dos Campos Semânticos como aporte teórico-metodológico.

Para começar, apresentarei em linhas gerais minha trajetória profissional e o que me levou a ter interesse nesta temática. Em seguida, ainda na Introdução, apresentarei o que será abordado nos demais capítulos desta dissertação.

Quando ingressei na graduação, não tinha certeza sobre o que queria para minha vida profissional. Escolhi um currículo de Matemática Aplicada com ênfase em Computação Gráfica que a Universidade Federal Fluminense (Niterói – RJ) oferecia na época porque gosto de tecnologia, games e tinha certeza que deveria seguir na área de exatas.

Alguns anos depois, comecei a cursar as disciplinas de Educação e Educação Matemática e alguns professores me inspiraram a ponto de mudar meu curso para Licenciatura. Um destes professores é o Carlos Mathias, com quem tive oportunidade de cursar duas disciplinas na graduação, além de assistir diversas palestras. Suas falas me inspiravam muito e evidenciaram em mim uma paixão pela sala de aula.

Fui bolsista de extensão do Laboratório de Ensino de Geometria, coordenado pela professora Dra. Ana Maria Martensen Roland Kaleff, cuja trajetória e diversas narrativas me apresentaram ao campo da Educação Matemática. Neste projeto, tive o primeiro contato com o *design* de tarefas para sala de aula de Matemática. As reflexões proporcionadas pelas exigências e questionamentos que ela trazia sempre me acompanham quando proponho tarefas para sala de aula.

Outra experiência marcante ainda no período da graduação foi trabalhar como bolsista de extensão no Programa Dá Licença, no qual sou voluntária até hoje. Neste projeto, tive contato com vários professores que fomentaram em mim o interesse pelo mundo acadêmico, especialmente o professor Dr. Wanderley Moura Rezende, meu orientador na graduação e maior referência.

O Programa Dá Licença se tornou uma segunda casa e me proporcionou diversas experiências importantes, como a participação em eventos – seja como ouvinte, autora, relatora ou organizadora. Aprendi que professores são pesquisadores e devem refletir sobre sua prática antes, durante e após a mesma. Entendi que Ensino, Pesquisa e Extensão formam

um tripé indissociável e essencial à formação inicial e continuada de um educador preocupado com sua prática docente.

Foi nessa mesma época que participei de movimentos estudantis, fui presidente do Diretório Acadêmico do nosso curso por dois anos, desenvolvi projetos com amigos, coordenei um evento de e para estudantes de Matemática e entendi que ações políticas são importantes também na prática do professor de Matemática.

Quando terminei a graduação e entrei na sala de aula, percebi que minha formação não havia sido suficiente. Não me encontrava preparada para lidar com as questões sociais que se faziam presentes nas minhas salas de aula e as teorias até então estudadas não foram suficientes. Por isso, busquei a formação continuada e cursei duas especializações: uma sobre Educação à Distância (Lante/UFF) e outra sobre Educação Matemática (Colégio Pedro II).

Com o tempo, fui descobrindo estratégias para dar conta da minha sala de aula e acredito que estas experiências me humanizaram no sentido de abandonar a visão platônica da Matemática que eu nutria e adotar uma visão mais humanista, mas principalmente por me sensibilizar às necessidades do outro, entendendo a prática docente como transformadora de realidades. Não tenho como foco ensinar a matemática pela matemática, mas procuro utilizar a Matemática como um meio para contribuir para formação de cidadãos.

Comecei a estudar a Educação Financeira em 2015, a partir de um projeto proposto pela diretora da escola particular onde trabalho. Assisti palestras e minicursos, busquei materiais didáticos e propostas curriculares na área e apliquei alguns dos Produtos Educacionais produzidos no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora nas minhas salas de aula, o que me trouxe para este Programa.

Acredito em uma Educação Financeira que proponha reflexões sobre a realidade na qual estamos imersos, que contribua para formação de cidadãos críticos que possam atuar em suas comunidades buscando melhorias para as condições políticas, sociais e econômicas de seus pares. Por isso, atualmente estou interessada em discutir as dimensões sociais da Educação Matemática, especialmente as questões do âmbito social e cultural da Educação Financeira Escolar, temática abordada neste trabalho.

Nossa proposta diverge da Educação Financeira para o consumo veiculada na grande mídia, já que se preocupa em contribuir com tarefas teoricamente fundamentadas nas ideias propostas por Silva e Powell (2013), Muniz (2016) e Arthur (2012). Utilizaremos o conceito de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013) e enquadraremos este trabalho no

quarto eixo norteador da proposta curricular destes autores, tendo como enfoque principal as dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar.

Abordamos estas dimensões a partir de um conjunto de tarefas de natureza estatística – que estimulem, especialmente, o desenvolvimento do raciocínio estatístico – explorando princípios basilares dos conceitos de capital cultural e capital econômico de Pierre Bourdieu, adaptando-o para a sala de aula da Educação Básica, no contexto da Educação Financeira Escolar.

O problema de pesquisa deste trabalho foi, portanto, propor um conjunto de tarefas de natureza estatística teoricamente fundamentadas com objetivo de estimular a produção de significados de alunos do Ensino Médio sobre as dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar.

O Produto Educacional vinculado a esta investigação é formado por um material didático para professores que ensinam Matemática na Educação Básica, constituído pelo conjunto de tarefas supracitado e por orientações didático-metodológicas, estruturados a partir dos referenciais teóricos desta pesquisa.

Foi aplicado um questionário envolvendo questões sobre hábitos de consumo, gostos pessoais, preferências e nível educacional dos alunos e familiares, com objetivo de investigar, refletir e discutir os gostos dos alunos participantes da pesquisa no que se refere a música, alimentação, esportes, entre outros, além investigar a hereditariedade destes interesses. Os dados serão avaliados em termos de distribuições de frequências, resultando em um “Espaço Social” (BOURDIEU, 2007) bidimensional no qual os alunos poderão explorar as relações entre seus gostos estéticos e suas (dis)posições neste espaço – microcosmo da sociedade na qual estão inseridos.

Para analisar a produção de significados dos estudantes, utilizaremos a lente do Modelo dos Campos Semânticos (MCS), pois encontrei nesta teoria epistemológica o suporte teórico-metodológico que faltava para investigar as atividades de ensino e aprendizagem na sala de aula de Matemática, para analisar por que os alunos dizem o que dizem dentro destas atividades e para fazer leituras sobre a produção de significados dos mesmos.

No Capítulo 2 a seguir, apresentaremos trabalhos que utilizaram a concepção de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013), incluindo os trabalhos desenvolvidos pelos integrantes do Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática (NIDEEM – UFJF). Em seguida, apresentaremos brevemente objetos, metas e estratégias da Educação Estatística e alguns trabalhos que vinculem esta temática à Educação Financeira.

No Capítulo 3 apresentaremos brevemente algumas contribuições de Pierre Bourdieu, como a Teoria dos Capitais e o uso do modelo de Análise de Correspondências Múltiplas atrelado a questionários de gostos.

No Capítulo 4 apresentaremos o quadro teórico que foi utilizado nesta investigação. Primeiro apresentaremos a nossa concepção de Educação Financeira, tendo como norte, além de Silva e Powell (2013), autores como Arthur (2012) e Muniz (2016). Em seguida, trataremos do aporte teórico-metodológico desta pesquisa, o Modelo dos Campos Semânticos, desenvolvido pelo educador matemático Romulo Campos Lins (1992).

O Capítulo 5 tratará da metodologia de pesquisa, descrevendo como a pesquisa se desenvolveu, as adaptações necessárias para o ambiente virtual devido ao distanciamento social, os sujeitos de pesquisa escolhidos e o conjunto de tarefas elaborado.

O Capítulo 6 apresentará uma leitura da produção dos significados dos sujeitos da nossa pesquisa de campo. A aplicação das tarefas com alunos do Ensino Médio teve como objetivo validar as tarefas elaboradas e investigar possibilidades de melhoria.

No Capítulo 7 traremos as considerações finais sobre a pesquisa. Por último, nos apêndices, apresentaremos o termo de compromisso ético utilizado com os sujeitos de pesquisa e as transcrições dos encontros da pesquisa de campo

2 REVISÃO DE LITERATURA

Apresentaremos as produções desenvolvidas pelos integrantes do Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática (NIDEEM – UFJF) e alguns trabalhos externos a este grupo de pesquisa, que se baseiam na caracterização de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013).

Em seguida, discutiremos objetivos, metas e estratégias da Educação Estatística de acordo com Campos *et al.* (2011) e Garfield e Gal (1999) e apresentaremos brevemente as três competências desta área: letramento estatístico, raciocínio estatístico e pensamento estatístico.

Por último, abordaremos possibilidades de explorar Educação Financeira em conjunto com Educação Estatística, apontando alguns trabalhos que já combinaram estas esferas e indicando que ainda há lacunas na interseção destes temas.

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR NO ÂMBITO DO NIDEEM – UFJF

No que se refere à Educação Financeira, as dissertações produzidas pelos integrantes do Núcleo de Investigação, Divulgação e Estudos em Educação Matemática (NIDEEM-UFJF) compartilham da mesma concepção de Educação Financeira Escolar (SILVA, POWELL, 2013). Além disso, a maioria destas produções utiliza como referencial teórico-metodológico o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) – desenvolvido pelo educador matemático Romulo Campos Lins. Esta revisão nos interessa porque, além do presente trabalho estar inserido neste grupo de estudos, tomamos os mesmos referenciais como base.

As dissertações estão organizadas nesta seção de acordo com os Eixos Norteadores indicados na proposta curricular desenvolvida por Silva e Powell (2013).

O primeiro eixo norteador está caracterizado a seguir:

I – Noções básicas de finanças e economia: Os temas de discussão são, por exemplo, o dinheiro e sua função na sociedade; a relação entre dinheiro e tempo - um conceito fundamental em Finanças; as noções de juros, poupança, inflação, rentabilidade e liquidez de um investimento; as instituições financeiras; a noção de ativos e passivos e aplicações financeiras. (SILVA, POWELL, 2013, p. 14)

As dissertações cujos temas envolvem esta caracterização estão dispostas no Quadro 1, com informações sobre o ano de defesa, orientador do trabalho e nível de ensino do público-alvo.

Quadro 1 – Dissertações desenvolvidas por integrantes NIDEEM na direção do Eixo Norteador I

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	ANO DE DEFESA	AUTOR ORIENTADOR	NÍVEL DE ENSINO
NATUREZA DO PRODUTO EDUCACIONAL			
DM: Educação Financeira e Educação Matemática: a inflação de preços	2014	Márcio Carlos Vital Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros	2015	Jesus Nazareno Martins Dias Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: MOOC na Educação Financeira: análise e proposta de desenvolvimento	2016	Luís Felipe da Silveira Liamara Scortegagna	Indefinido
NPE: Proposta de curso			
DM: Educação Financeira e Educação Matemática: Inflação de preços no Ensino Médio	2017	Leandro Gonçalves Dos Santos Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de juros no Ensino Médio	2018	Camila de Almeida Franco Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Produção e Implementação de um Simulador Financeiro como aporte a Tarefas Destinadas ao Ensino de Educação Financeira Escolar	2018	Alex Machado Leite Liamara Scortegagna	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Simulador financeiro			
DM: Educação financeira e educação estatística: inflação como tema de ensino aprendizagem	2018	Tamara Lamas Müller Ronaldo Rocha Bastos	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança no Ensino Fundamental	2019	Luciana Maria da Silva Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do ensino fundamental	2019	Dailiane de Fátima Souza Cabral Amarildo Melchiades da Silva	Anos Iniciais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: o valor do dinheiro no tempo no Ensino Médio	2021	Jaciene Lara de Paula Caetano Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: A Noção de Investimento no Ensino Médio	2021	Silvânia de Castro Duriguëtto Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Valor do dinheiro no tempo: recurso educacional digital no processo de Ensino e Aprendizagem da Educação Financeira Escolar	2023	Tahieny Kelly de Carvalho Liamara Scortegagna	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF <www.ufjf.br/mestradoedumat>. Acesso em 14 set 2020.

Dentre os 12 trabalhos listados, destacamos que os tópicos da proposta curricular em questão foram amplamente abordados, cobrindo diversos níveis de ensino e os principais temas da proposta curricular para este Eixo Norteador: há mais de um trabalho sobre o valor dinheiro no tempo, sobre a noção de juros e de inflação e sobre tipos de investimentos.

Os trabalhos de Vital (2014), Santos (2017b) e Müller (2018) apresentam investigações em torno do tema de inflação de preços. Ambos desenvolveram tarefas e realizaram pesquisas de campo no contexto escolar da Educação Básica. Enquanto Vital (2014) discutiu a relação deste tema com a Educação Matemática nos Anos Finais do Ensino Fundamental, Santos (2017b) o fez com tarefas voltadas para o Ensino Médio. Já Müller (2018) adotou uma abordagem que envolve, além da Educação Matemática, o desenvolvimento de competências da Educação Estatística no Ensino Médio.

A revisão destes três trabalhos mostra como esta temática é rica para sala de aula de Matemática. Vital (2017) acredita que a temática inflação pode ser abordada por diversas direções. O autor observou, ao longo da pesquisa de campo, a necessidade de discutir outras temáticas relacionadas à inflação, como impostos, mercado de câmbio, comércio entre países, índices de inflação da economia, como a inflação afeta os diferentes perfis de consumidores e os cuidados que devemos tomar ao buscar amenizar as perdas com os efeitos da inflação a partir de investimentos financeiros.

Santos (2017b) e Müller (2018) buscaram investigar alguns destes caminhos apontados por Vital (2014). As tarefas propostas por Santos (2017b), apresentam os fatores que influenciam a variação da inflação, índices de inflação da economia e as relações entre os efeitos da inflação e a poupança. Nas tarefas propostas por Müller (2018), são apresentadas tabelas com valores de produtos em diferentes épocas, gráficos com a variação de índices econômicos e é discutido como a inflação afetou distintamente os diferentes perfis de consumidores ao longo dos anos.

A pesquisa de Silveira (2016) também aborda o tema inflação, mas pela perspectiva das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Ele investigou aspectos tecnológicos e metodológicos da construção de um curso em Massive Open Online Course (MOOC), que é um tipo de curso virtual. Para isso, ele apontou conceitos pautados no Design Instrucional para desenvolver a estrutura do curso com temas contextualizados com a realidade.

Leite (2018) e Carvalho (2023) também apresentam abordagens a partir do uso de tecnologias na sala de aula de Matemática. Leite (2018) desenvolveu um simulador financeiro, utilizando linguagem de programação, para discutir a relação entre dinheiro e tempo. O autor desenvolveu um conjunto de tarefas que abordam temas como planejamento

financeiro, inflação e independência financeira, com objetivo de disparar a utilização de cada módulo do simulador. O objetivo da pesquisa era analisar os significados produzidos por estudantes a partir da utilização deste recurso. Leite (2018) aponta que o uso do simulador contribuiu para o processo de compreensão de conceitos como juros compostos e inflação, já que possibilitou uma boa observação dos mecanismos operacionais e conceituais dos mesmos ao longo da aplicação das tarefas.

As dissertações de Dias (2015) e Franco (2018) também apresentam pesquisas sobre a noção de juros, a primeira voltada para os Anos Finais do Ensino Fundamental e a segunda para o Ensino Médio. As tarefas propostas por estes autores envolvem discussões sobre as ideias de juros, de taxas de juros, de empréstimo e de pagamentos à prazo. Como a proposta de Franco (2018) é voltada para o Ensino Médio, suas tarefas buscam discutir maneiras de operar tanto em sistemas de juros simples quanto em sistemas de juros compostos. Já o trabalho de Dias (2015), embora a pesquisa de campo aborde brevemente o sistema de juros compostos, teve como foco principal discutir as noções de juros em situações relacionadas ao sistema de juros simples.

Dias (2015) aponta que a abordagem do tema juros na perspectiva da Educação Financeira deve ser diferente da perspectiva da Matemática Financeira. Por isso, o autor propõe tarefas que estimulam a produção de significados para a noção de juros e taxa de juros quando utilizamos dinheiro e só ao fim aborda a construção das fórmulas. Franco (2018) segue o mesmo percurso. A autora afirma que esta temática tem grande importância na Educação Financeira Escolar por possuir grande relação com outros temas do currículo proposto por Silva e Powell (2013), como investimentos, inflação, planejamento financeiro e o valor do dinheiro no tempo.

O trabalho de Caetano (2021) investiga o valor do dinheiro no tempo e propõe um conjunto de tarefas sobre esta temática para sala de aula de Matemática. Como Caetano (2021) ministrou aulas sobre Matemática Financeira para os sujeitos de pesquisa antes da aplicação de suas tarefas, ela percebeu que os estudantes fizeram conexões entre as tarefas e os conceitos estudados. Por exemplo, embora não fosse o foco das tarefas, durante a pesquisa de campo a noção de juros compostos foi sendo construída naturalmente pelos estudantes ao longo da aplicação das tarefas, o que reforça o vínculo entre as temáticas.

Outra temática que está conectada a outros temas da proposta curricular de Silva e Powell (2013) é a noção de poupança, discutida por Cabral (2019) e Silva (2019b). A investigação de Cabral (2019) apresenta um conjunto de tarefas voltado para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa de campo da autora aponta que estas tarefas

possibilitaram reflexões sobre tomada de decisões frente às problemáticas do cotidiano que envolvem a noção de poupança. A análise das tarefas apontou que as crianças relacionaram a poupança ao ato de poupar e planejar e que perceberam a importância de gerar dinheiro e poupar para gastar de forma consciente.

A pesquisa de Silva (2019b) foi voltada para os Anos Finais do Ensino Fundamental. As tarefas produzidas pela autora tinham intenção de estimular a produção de significados sobre a noção de poupança a partir de textos que envolviam situações-problema do cotidiano e questões abertas que admitiam mais de uma resposta como solução. Este trabalho também se enquadra no Eixo Norteador II, já que discute a organização do orçamento e o planejamento financeiro vinculado à noção de poupança.

Por fim, o trabalho de Duriguêto (2021) investiga a noção de investimento voltada para sala de aula de Matemática do Ensino Médio. A autora desenvolveu um conjunto de tarefas com intuito de conscientizar e preparar os estudantes perante situações que envolvam investimentos financeiros e culturais. Com este trabalho, ela procurou gerar reflexões sobre as oportunidades e ações a serem concretizadas, possibilitando caminhar em direção a desejos e sonhos de cada indivíduo.

Todas as produções listadas no Quadro 1 se tratam de pesquisas qualitativas que investigaram a produção de tarefas para sala de aula de Matemática com objetivo de abordar noções de juros, inflação, poupança e/ou o valor do dinheiro no tempo. Estes pesquisadores tomaram como referencial o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) tanto para referenciar o desenvolvimento das tarefas, quanto para analisar as produções de significados de seus sujeitos de pesquisa. Entendemos, ainda, que as temáticas do Eixo Norteador I da proposta curricular de Silva e Powell (2013) foram bem exploradas por estes trabalhos, oferecendo uma ampla gama de possibilidades (e inspirações) para os professores de Matemática discutirem estes temas em suas salas de aula.

O segundo eixo norteador está caracterizado a seguir:

II – Finança pessoal e familiar: Serão discutidos temas, como: planejamento financeiro; administração das finanças pessoais e familiares; estratégias para a gestão do dinheiro; poupança e investimento das finanças; orçamento doméstico; impostos. (SILVA, POWELL, 2013, p. 14)

As dissertações cujos temas envolvem esta caracterização estão dispostas no Quadro 2 abaixo, com informações sobre o ano de defesa, orientador do trabalho e nível de ensino do público-alvo. Todas as pesquisas listadas apresentam tarefas teoricamente fundamentadas e as enunciações dos sujeitos de pesquisa são lidas sob a lente do Modelo dos Campos Semânticos.

Quadro 2 – Dissertações desenvolvidas por integrantes do NIDEEM na direção do Eixo Norteador II

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	ANO DE DEFESA	AUTOR ORIENTADOR	NÍVEL DE ENSINO
NATUREZA DO PRODUTO EDUCACIONAL			
DM: Uma Investigação sobre Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental	2012	Marcelo Bergamini Campos Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º Ano do Ensino Fundamental	2013	Luciana Aparecida Borges Losano Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar para Estudantes com Deficiência Visual	2014	Glauco H. Oliveira Santos Amarildo Melchiades da Silva	Educação Especial
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: Orçamento Familiar	2014	Raquel Carvalho Gravina Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: Planejamento financeiro	2015	Gláucia Sabadini Barbosa Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Dispositivo móveis no Ensino de Educação Financeira Escolar: análise e aplicação de tarefas	2018	Fausto João Alves Fernandes Liamara Scortegagna	Educação de Jovens e Adultos
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança no Ensino Fundamental	2019	Luciana Maria da Silva Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF <www.ufjf.br/mestradoedumat>. Acesso em 14 set 2020.

Embora haja apenas sete trabalhos listados como vinculados ao Eixo Norteador II, os temas propostos na estrutura curricular também são cobertos pelas dissertações do grupo e seus produtos educacionais associados, envolvendo tópicos como orçamento familiar, planejamento financeiro, mesada e a noção de poupança. Ressaltamos a ausência, até o momento de trabalhos no Eixo Norteador II que envolvam o público do Ensino Médio, apesar de as atividades já desenvolvidas para os Anos Finais do Ensino Fundamental não terem restrição quanto à idade máxima para sua aplicação.

O trabalho de Campos (2012) foi a primeira dissertação do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF a abordar a temática Educação Financeira Escolar. Esta pesquisa foi parte do projeto “Uma Experiência em Design em Educação Matemática: o Projeto Educação Financeira Escolar”, desenvolvido no estágio Pós-Doutoral do professor Amarildo Melchiades da Silva, sob supervisão do professor Arthur Belford

Powell na Rutgers University, em Nova Jersey (EUA). A proposta curricular de Silva e Powell (2013), na qual nos baseamos, foi desenvolvida a partir deste projeto.

Campos (2012) desenvolveu um conjunto de tarefas que envolvia situações-problema sobre orçamento e planejamento financeiro para o 6º ano do Ensino Fundamental. As tarefas foram desenvolvidas de maneira que pudessem apresentar situações abertas que permitissem vários caminhos de resolução, além de estimular a produção de significados e ampliar os significados que poderiam ser produzidos pelos estudantes no que se refere ao mundo do dinheiro. Um dos objetivos que orientou a elaboração das tarefas foi possibilitar que diversos elementos do “pensar matematicamente” estivessem em discussão, como estimativas, razoabilidade dos resultados, tomada de decisões, desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas e busca de padrões nas resoluções. (CAMPOS, 2012)

A pesquisa de Losano (2013) se apresenta como uma contribuição para a inserção das temáticas orçamento pessoal e planejamento do uso do dinheiro como temas transversais nas aulas de Matemática do 6º ano do Ensino Fundamental. O conjunto de tarefas desenvolvido busca proporcionar reflexões e estimular a autonomia dos estudantes no controle de seus gastos. A autora aponta que a proposta de inserir Educação Financeira na escola deve ser formativa, indo além de conhecimentos técnicos e estimulando mudanças de atitudes e comportamentos, auxiliando a formação de cidadãos éticos e conscientes de seus direitos, deveres e das questões ambientais e sociais envolvidas nos temas em debate.

A investigação de Santos (2014) buscou analisar a produção de significados de estudantes com deficiência visual em contextos de Educação Financeira. O trabalho avaliou, a partir da pesquisa de campo, possibilidades para que estes estudantes fossem educados financeiramente com a mesma proposta didático-pedagógica utilizada com estudantes sem deficiência visual. Para isso, ele utilizou as mesmas tarefas propostas por Losano (2013), transcritas para o Braille. O autor concluiu que o material didático para ensino da Educação Financeira poderá ser o mesmo em conteúdo, embora adaptações sejam desejáveis – como transcrição para o Braille, leitura oral dos enunciados e demais adaptações que se façam necessárias.

Gravina (2014) desenvolveu uma investigação para estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental sobre orçamento doméstico. As tarefas propostas pela autora pretendiam provocar reflexões sobre o tema e alertar para sua importância na vida dos estudantes. Ela propõe que os professores adotem uma nova postura para assumir projetos que estimulem a formação de cidadãos através da Educação Financeira, “com o oferecimento de análises, reflexões e construção de um pensamento financeiro e de comportamentos autônomos,

focados do trabalho dentro de situações cotidianas que devem ser abordadas e vivenciadas na escola” (GRAVINA, 2014, p. 120).

O trabalho de Barbosa (2015) apresenta a temática planejamento financeiro relacionada ao desenvolvimento de um projeto de vida, contribuindo para a formação de cidadãos educados financeiramente. A autora aponta que esta proposta exige um olhar criterioso do professor, pois não visa apenas expor o assunto para os estudantes, mas estimular o desenvolvimento da autonomia na tomada de decisões responsáveis, visando o uso consciente do dinheiro. A autora entende que “a Educação Financeira tem uma grande abertura para diversas discussões associadas à tomada de decisões acerca da vida financeira das pessoas” (BARBOSA, 2014, p. 91).

A pesquisa de Fernandes (2018) investiga de que maneira o uso de dispositivos móveis na sala de aula de Matemática pode contribuir para tarefas que envolvam tomada de decisões em contextos que envolvam assuntos financeiros. O autor discute as contribuições das TICs no espaço escolar, apontando que há disparidade entre o uso das tecnologias por estudantes para ações vinculadas a aprendizagem e o uso para outros fins.

Fernandes (2018) faz uma análise dos aplicativos disponíveis nas lojas virtuais de smartphones para cálculos de juros e estabelece critérios para escolha do aplicativo mais adequado a sua proposta. O autor também desenvolveu uma tarefa com finalidade de estabelecer um ambiente que estimule a produção de significados pelos sujeitos de pesquisa, de maneira que pudesse avaliar as contribuições do uso de dispositivos móveis na sala de aula de Matemática.

O trabalho de Silva (2019b), já apresentado acima dentre os trabalhos do Eixo Norteador I, discute a noção de poupança aliada à organização do orçamento pessoal e o planejamento do uso do dinheiro no Ensino Fundamental. A análise da pesquisa de campo da investigação de Silva (2019b) sugeriu que os estudantes acreditam ser importante ter uma reserva de dinheiro e que entendem poupança como investimento e ato de guardar dinheiro.

Os temas apresentados no Eixo Norteador II conversam entre si e as tarefas apresentadas pelos autores se complementam, oferecendo uma rica gama de possibilidades para professores que desejam abordar estas temáticas em sala.

O terceiro eixo norteador está caracterizado a seguir:

III - As oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo: Serão discutidos temas, como: oportunidades de investimento; os riscos no investimento do dinheiro; as armadilhas do consumo por trás das estratégias de marketing e como a mídia incentiva o consumo das pessoas. (SILVA, POWELL, 2013, p. 14)

As dissertações cujos temas envolvem esta caracterização estão dispostas no Quadro 3, com informações sobre o ano de defesa, orientador e nível de ensino do público-alvo.

Quadro 3 – Dissertações desenvolvidas por integrantes do NIDEEM na direção do Eixo Norteador III

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO	ANO DE DEFESA	AUTOR ORIENTADOR	NÍVEL DE ENSINO
NATUREZA DO PRODUTO EDUCACIONAL			
DM: Educação Financeira Escolar: as armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo	2017	Katyane Anastácia Samoglia Costa Capichoni Massante Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na Sociedade de Consumidores	2017	Vivian Helena Brion C. Silva Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a tomada de decisão na sociedade de consumo	2021	Priscila Fontes Juste Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF <www.ufjf.br/mestradoedumat>. Acesso em 14 set 2020.

Embora o Eixo Norteador III tenha apenas três trabalhos defendidos, a maior parte dos tópicos propostos já foi abordado: as armadilhas do consumo, o consumismo induzido pela mídia e questões relativas a Sociedade de Consumidores do sociólogo Zygmunt Bauman. Ainda que o tema já tenha sido abordado por outras dissertações do grupo, até este momento há uma lacuna na perspectiva da gestão do dinheiro numa sociedade de consumo: oportunidades e riscos de investimentos do dinheiro.

Os trabalhos de Massante (2017) e Silva (2017b) se dedicaram a discutir as caracterizações do sociólogo Zygmunt Bauman para consumismo e sociedade de consumidores. Enquanto Massante (2017) busca identificar as estratégias de marketing que estimulam o consumismo em uma sociedade de consumidores, Silva (2017b) pesquisou os riscos e as armadilhas presentes nessa sociedade. As autoras investigam as relações entre as armadilhas frequentemente utilizadas pela mídia e a maneira como consumimos nesta sociedade. Cada uma produziu um conjunto de tarefas fundamentadas teoricamente que visam a estimular a produção de significados de estudantes do Ensino Médio para esta temática na sala de aula de Matemática.

Juste (2021) utilizou as mesmas caracterizações de Bauman e investigou a produção de um conjunto de tarefas para estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, estimulando a produção de significados para situações econômico-financeiras do cotidiano destes estudantes que envolvem tomada de decisões na sociedade de consumidores.

Cabe ressaltar que os trabalhos de Dias (2015) e Franco (2018) já apresentados no Quadro 1 (Eixo Norteador I) discutiram a noção de juros no contexto de uma sociedade de consumidores, isto é, tomando como base as ideias de Bauman para suas pesquisas.

O quarto e último eixo norteador está caracterizado a seguir:

IV – As dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira: Serão discutidos temas, como: consumismo e consumo; as relações entre consumismo, produção de lixo e impacto ambiental; salários, classes sociais e desigualdade social; necessidade versus desejo; ética e dinheiro. (SILVA, POWELL, 2013, p. 14-15)

As dissertações cujos temas envolvem esta caracterização estão dispostas no Quadro 4, com informações sobre o ano de defesa, orientador do trabalho e nível de ensino do público-alvo. De todos os Eixos Norteadores, destacamos que este é o que foi menos explorado pelos trabalhos do grupo NIDEEM, dado que seus tópicos ainda não foram cobertos em sua maioria. Embora haja três trabalhos (além do nosso) com temas pertinentes ao Eixo IV, dois deles não enfocam diretamente nas questões sociais e culturais da Educação Financeira, o que justifica a delimitação escolhida para nossa pesquisa.

Quadro 4 – Dissertações desenvolvidas por integrantes NIDEEM na direção do Eixo Norteador IV

DISSERTAÇÃO DE Mestrado NATUREZA DO PRODUTO EDUCACIONAL	ANO DE DEFESA	AUTOR ORIENTADOR	NÍVEL DE ENSINO
DM: Educação Financeira Escolar: a noção de poupança nos anos iniciais do ensino fundamental	2019	Dailiane de Fátima Souza Cabral Amarildo Melchiades da Silva	Anos Iniciais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar: a tomada de decisão na sociedade de consumo	2021	Priscila Fontes Juste Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Sequência didática			
DM: Educação Financeira Escolar e Educação Matemática: a desigualdade social no Brasil	2022	Hugo Lagrimante Ferreira Amarildo Melchiades da Silva	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			
DM: As dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na perspectiva da Educação Estatística: um estudo de caso com alunos do Ensino Médio	2023	Natasha Cardoso Dias Ronaldo Rocha Bastos	Ensino Médio
NPE: Sequência didática			

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF <www.ufjf.br/mestradoedumat>. Acesso em 14 set 2020.

Estamos especialmente interessados neste Eixo, já que o presente trabalho investiga a produção de significados dos alunos no âmbito das dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar, tendo como enfoque principal as classes sociais e a desigualdade social.

Visitamos os trabalhos desenvolvidos pelo grupo NIDEEM dentro deste Eixo em busca de similaridades com a nossa proposta.

O trabalho de Cabral (2019), já comentado no Eixo Norteador I, trata de uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo investigar a produção de um conjunto de tarefas sobre poupança para alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. O sentido que a autora atribuiu a poupança está associado ao ato de poupar, a planejamento financeiro, aos hábitos de consumo e a tomada de decisões conscientes, abarcando outros temas como ética e solidariedade. Neste caso, devido a abordagem plural sobre o conceito de poupança para além da concepção de produto financeiro, este trabalho também pode ser enquadrado no Eixo Norteador IV, pois envolve relações de consumo, ética e dinheiro.

Como dito acima, o objetivo de Juste (2021) foi a produção e investigação de um conjunto de tarefas que pretende estimular os estudantes a produzirem significados para situações de seu cotidiano que envolvem tomadas de decisões econômico-financeiras relativas ao consumo, na perspectiva da Educação Financeira Escolar. A investigação trata não apenas da sociedade de consumidores, tema do Eixo Norteador III, mas envolve também as relações entre consumo e consumismo, propondo reflexões que permeiam o Eixo Norteador IV.

O trabalho de Ferreira (2022) tem por objetivo principal investigar a produção de significados de alunos do Ensino Médio sobre a desigualdade social. Para tanto, o autor desenvolveu um conjunto de tarefas que articula duas perspectivas em sua investigação: as socioeconômicas e sociológicas. Nas socioeconômicas são destacadas a ideia de status socioeconômico e os vários critérios de estratificação utilizados no Brasil. Nas sociológicas, são destacadas a ideia de classe social de Pierre Bourdieu e as construções históricas e culturalistas do Brasil nos estudos de Jessé Souza.

Dentre os três trabalhos defendidos neste Eixo, o trabalho que mais se aproxima da nossa proposta é o de Ferreira (2022), pois é o único que tem como foco discutir as dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na perspectiva da desigualdade social. Além do nosso trabalho utilizar o mesmo referencial teórico metodológico de Ferreira (2022), também abordaremos conceitos de natureza sociológica envolvendo classes e desigualdade na perspectiva de Pierre Bourdieu. Contudo, este trabalho se diferencia por se tratar de uma abordagem de natureza estatística: foram propostas tarefas com intuito de estimular o desenvolvimento de competências estatísticas. Utilizamos a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) associada aos conceitos de capital cultural e capital econômico de Pierre Bourdieu, como veremos no Capítulo 3 que trata das Contribuições de Bourdieu para nossa pesquisa.

Embora todos os trabalhos do NIDEEM – UFJF sobre Educação Financeira Escolar se baseiem na concepção de Silva e Powell (2013), o Quadro 5 a seguir exhibe algumas produções deste grupo de pesquisa cujo eixo norteador não pôde ser definido por se tratarem de temas que não estão incluídos na estrutura curricular proposta por Silva e Powell (2013) ou por abarcarem muitos temas dentre os sugeridos pelos autores, como é o caso das propostas de curso de Souza (2015) e Amaral (2019).

Quadro 5 – Dissertações desenvolvidas por integrantes do NIDEEM sem eixo definido

DISSERTAÇÃO DE Mestrado	ANO DE DEFESA	AUTOR ORIENTADOR	NÍVEL DE ENSINO
NATUREZA DO PRODUTO EDUCACIONAL			
DM: Objetos de Aprendizagem como Recurso Educacional Digital para Educação Financeira Escolar: Análise e Avaliação	2014	Gisele Barbosa Liamara Scortegagna	Indefinido
NPE: Manual do Professor			
DM: Design e desenvolvimento de um curso de formação continuada para professores em Educação Financeira Escolar	2015	Andréa Stambassi Souza Amarildo Melchiades da Silva	Formação de Professores
NPE: Proposta de Curso			
DM: A Produção de Projetos de Educação Financeira Escolar	2019	Roberta Gualberto Ferreira Amarildo Melchiades da Silva	Anos Finais do Ensino Fundamental
NPE: Manual do Professor			
DM: Educação Empreendedora e Educação Financeira Escolar: desenvolvimento de comportamentos empreendedores em alunos do ensino médio	2019	Elisangela Pires da Silva Liamara Scortegagna	Ensino Médio
NPE: Manual do Professor			
DM: Gamificação como proposta para engajamento de alunos em MOOCS sobre Educação Financeira Escolar: possibilidades e desafios para Educação Matemática	2019	Joarez Jose Leal do Amaral Liamara Scortegagna	Ensino Médio
NPE: Proposta de Curso			

Fonte: Site do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UFJF <www.ufjf.br/mestradoedumat>. Acesso em 14 set 2020.

Os trabalhos de Barbosa (2014) e Amaral (2019) apresentam interseção da Educação Financeira Escolar com as TICs, propondo o uso de recursos educacionais digitais para sala de aula de Matemática. Amaral (2019) investigou o desenvolvimento de um curso Massive Open Online Courses – MOOCS, que é um tipo de curso virtual aberto para o público em geral. Ele apresentou uma proposta de curso para Educação Financeira como produto final de sua investigação. Já Barbosa (2014) investigou os aspectos tecnológicos e pedagógicos que devem ser considerados no desenvolvimento de um objeto de aprendizagem de Educação Financeira, que resultou em um Manual do Professor como produto de sua pesquisa.

A abordagem adotada por Silva (2019a) foca na vertente da Educação Empreendedora, vinculada à Educação Financeira Escolar. A autora desenvolveu recursos educacionais digitais com objetivo de estimular estudantes do Ensino Médio a praticarem comportamentos empreendedores, com foco no Empreendedorismo Social, isto é, em atitudes que beneficiem a comunidade escolar e seu entorno.

A pesquisa de Ferreira (2019) investigou os elementos que constituem a construção de projetos de Educação Financeira na escola. A partir da análise de projetos já desenvolvidos no espaço escolar, ela desenvolveu um modelo de projeto para uso de professores que desejam elaborar projetos didáticos que tenham por objetivo educar financeiramente os estudantes.

O trabalho de Souza (2015) propõe um curso de formação continuada para professores sobre Educação Financeira, na modalidade de especialização/atualização presencial ou semipresencial, com foco na escola e com objetivo de prepará-los para inserção do tema nas aulas de Matemática. A autora propôs um curso de formação como pesquisa de campo, analisou as informações coletadas e as entrevistas feitas com os docentes e os cursistas. O produto educacional desta pesquisa contempla, além da ementa da proposta de curso, diversas indicações de artigos e materiais que podem ser utilizados em cursos desta natureza.

Após visitar os trabalhos defendidos no grupo NIDEEM – UFJF, entendemos que ainda há espaço para novas discussões inseridas no Eixo Norteador IV, justificando o ineditismo da presente investigação dentro do grupo.

Cabe ressaltar que os conjuntos de tarefas e os produtos educacionais produzidos por todos os trabalhos do grupo NIDEEM/UFJF se complementam e contribuem como materiais didáticos para professores de Matemática, dentro da perspectiva de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013). Os materiais podem ser levados para salas de aula como uma proposta sequencial, promovendo debates diversos e enriquecendo os olhares dos estudantes para situações do seu cotidiano que envolvem dinheiro.

2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR: DEMAIS PRODUÇÕES

Com propósito de mapear outros trabalhos que compartilham da nossa concepção de Educação Financeira Escolar desenvolvidos fora do grupo de pesquisa NIDEEM – UFJF, decidimos pesquisar no endereço eletrônico do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES¹ por <”Educação Financeira Escolar” AND “Educação Matemática”> e encontramos 34 resultados, dos quais dez não pertencem ao grupo de pesquisa em questão e estão listados no

¹ Esta consulta foi realizada em 16 de setembro de 2020.

Quadro 6 a seguir, com informações sobre o ano de defesa, autor(a), curso de pós-graduação onde o trabalho foi desenvolvido, instituição à qual o curso está filiado e o nível de ensino ao qual a pesquisa deu maior enfoque.

Quadro 6 – Outras produções acadêmicas envolvendo Educação Financeira Escolar

ANO	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	CURSO	NÍVEL DE ENSINO
2016	Investigação sobre as contribuições da Matemática para o desenvolvimento da Educação Financeira na Escola	Samuel Ricardo Raschen	UFRGS	Mestrado em Ensino de Matemática	Ensino Médio
2017	Educação Financeira nas Trilhas da Inclusão no Ensino Fundamental I	Bárbara Cristina Mathias dos Santos	UNIGRANRIO	Mestrado Profissional no Ensino das Ciências	Educação Especial
2017	Educação Financeira nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: como tem ocorrido na sala de aula?	Anaelize dos Anjos Oliveira	UFPE	Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica	Anos Iniciais do Ensino Fundamental
2017	Educação Financeira em livros didáticos de matemática dos anos iniciais do ensino fundamental: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores?	Lais Thalita Bezerra dos Santos	UFPE	Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica	Anos Iniciais do Ensino Fundamental
2017	Programa de Educação Financeira nas escolas de Ensino Médio: uma análise dos materiais propostos e sua relação com a matemática	Inglid Teixeira da Silva	UFPE	Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica	Ensino Médio
2017	Representações Semióticas mobilizadas por licenciandos em Matemática ao tomar decisões diante de situações econômico-financeiras	Angela Joanela Cardoso Rocha	UFSM	Mestrado em Educação Matemática e Ensino de Física	Ensino Superior
2018	Educação Financeira: uma análise de livros didáticos de matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental	Mariana Matheus Gregio	IFSP	Mestrado em Matemática em Rede Nacional	Anos Finais do Ensino Fundamental
2018	Inflação sob a perspectiva da Educação Financeira Escolar nos Anos Finais do Ensino Fundamental	Suziane Dias Almansa	UFSM	Mestrado em Educação Matemática e Ensino de Física	Anos Finais do Ensino Fundamental
2018	Educação de Jovens e Adultos (EJAa) e saberes matemáticos sob a perspectiva da Educação Financeira Escolar	Carlos Magno Oliveira Muniz	UNIGRANRIO	Mestrado Profissional no Ensino das Ciências	Educação de Jovens e Adultos
2019	Educação Financeira nos livros didáticos de Matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental	Suedy Santos de Azevedo	UFPE	Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica	Anos Finais do Ensino Fundamental

Fonte: autoria própria.

Dentre os trabalhos listados no Quadro 6, todos compartilham da nossa concepção de Educação Financeira Escolar, exceto Raschen (2016). Como estamos interessados em investigar as produções que adotaram esta perspectiva, apresentaremos os enquadramentos teóricos adotados, os recortes de tema e nível de ensino dos outros nove trabalhos em questão.

Em um primeiro momento, observamos que as pesquisas encontradas em nossa busca são oriundas de Instituições de Ensino Superior (IES) presentes em quatro estados brasileiros: Pernambuco, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, além do estado de Minas Gerais já contemplado pelas pesquisas do NIDEEM – UFJF.

Em seguida, observamos que tais produções atendem a diversos níveis de ensino: dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ao Ensino Superior, com destaque para um trabalho sobre Educação de Jovens e Adultos (MUNIZ, 2018) e um trabalho que trata de inclusão de crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental com deficiência intelectual leve e/ou moderada (SANTOS, 2017a). Este fator está em consonância com as recomendações da OCDE e com a proposta curricular de Silva e Powell (2013) que sugere que as temáticas da área de Educação Financeira sejam discutidas ao longo de toda a formação do estudante.

Entre os trabalhos presentes nesta busca, três procuraram analisar materiais didáticos sobre Educação Financeira, cada um em um nível de ensino: (i) Santos (2017c) analisou 32 livros didáticos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2016; (ii) Gregio (2018) analisou uma coleção de livros dos Anos Finais do Ensino Fundamental presente no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017; e (iii) Silva (2017a) analisou a coleção de livros didáticos proposta pela Estratégia Nacional de Educação Financeira para o Ensino Médio. As três pesquisas se fundamentaram nos ambientes de aprendizagem de Ole Skovsmose.

Nossa busca mostra que, em sua maioria, os trabalhos sobre Educação Financeira Escolar produzidos no âmbito da Educação Matemática em Programas de Pós-Graduação de uma mesma IES tendem a adotar os mesmos quadros teóricos. Os trabalhos produzidos no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) adotaram como referencial teórico a Educação Matemática Crítica, de Ole Skovsmose. Tanto Almansa (2017) quanto Rocha (2017), ambas dissertações produzidas no âmbito da Universidade Federal de Santa Maria, utilizaram a teoria de Raymund Duval para Registros de Representações Semióticas (RRS).

Contudo, os trabalhos produzidos no âmbito da Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy” divergem diametralmente: enquanto Santos (2017a) se baseia na teoria

vygotskyana, pautada na mediação direta entre sujeito e objeto, Muniz (2018) utiliza a Teoria das Situações Didáticas, fundamentalmente piagetiana.

Observamos os conteúdos abordados pelos trabalhos do Quadro 6, em termos dos Eixos Norteadores propostos por Silva e Powell (2013), em especial buscando encontrar temas pertinentes ao Eixo Norteador IV – delimitação em evidência em nosso estudo. Dentro do Eixo Norteador I, encontramos nestes trabalhos discussões sobre inflação, juros, empréstimo, investimentos e o valor do dinheiro. No Eixo Norteador II, foram observadas discussões sobre orçamento familiar, pesquisa de preços, poupança e parcelamento. Já no que se refere ao Eixo Norteador III, foram encontrados na pesquisa de Santos (2017a) tópicos referentes a oportunidades, riscos e armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo.

Por último, no Eixo Norteador IV, observamos nas produções questões relativas a consumo, tomada de decisão e sustentabilidade. Embora observemos menções a desigualdade social e classes sociais em boa parte destas pesquisas, nenhuma das produções adota estes tópicos e suas dimensões sociais, políticas, culturais e econômicas como tema central em suas investigações, o que aponta para mais um argumento que contribui para justificativa do presente estudo.

Outras produções acadêmicas que discutem Educação Financeira na sala de aula de Matemática podem ser encontradas no mapeamento realizado por Rodrigues, Silva e Rodrigues (2021) em uma investigação sobre o Estado da Arte das dissertações e teses que abordam Educação Financeira e/ou Matemática Financeira no Brasil. Os autores catalogaram produções de diferentes cursos de mestrado e doutorado brasileiros e produziram dados sobre os anos de defesa e os níveis de escolaridade para os quais os trabalhos estão direcionados, bem como sobre as áreas de pesquisa e os estados brasileiros dos programas de pós-graduação nos quais as pesquisas foram desenvolvidas.

2.3 EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA

A partir dos anos 90, as pesquisas sobre o ensino de estatística se intensificaram, dando força ao campo da Educação Estatística (EE). São dessa época muitos trabalhos importantes que embasam estudos na área da EE até os tempos atuais (MOORE, 1995; GAL, GARFIELD, 1997; SMITH, 1998; GARFIELD, GAL, 1999). Nos anos 2000, outras pesquisas de grande relevância foram desenvolvidas e também são consideradas balizadoras

na área (BATANERO, 2001; RUMSEY, 2002; CAZORLA *et al*, 2005; CAMPOS, 2007, CAMPOS *et al*, 2011).

Para esta revisão de literatura, apresentaremos na seção 2.3.1 os objetivos, as metas e as estratégias da Educação Estatística e na seção 2.3.2 as competências da Educação Estatística, quais sejam o letramento, o raciocínio e o pensamento estatístico. Para isso, daremos enfoque para as contribuições de Campos (2007) e Campos *et al* (2011), embora também tenhamos consultado Batanero (2001) e Cazorla *et al* (2005).

2.3.1 Objetivos, metas e estratégias da Educação Estatística

De acordo com Campos *et al* (2011), o professor que deseja ensinar estatística deve ter como objetivos: (i) fornecer embasamento teórico as pesquisas; (ii) melhorar a compreensão das dificuldades dos estudantes; (iii) estabelecer parâmetros para um ensino mais eficiente; (iv) auxiliar o trabalho do professor na construção de suas aulas; (v) sugerir metodologias de avaliação diferenciadas, centradas em metas estabelecidas e em competências a serem desenvolvidas; (vi) valorizar uma postura investigativa, reflexiva e crítica do aluno, em uma sociedade globalizada, marcada pelo acúmulo de informações e pela necessidade de tomada de decisões em situações de incerteza.

Campos *et al* (2011) apresentam algumas metas indicadas por Garfield e Gal (1999) que devem ser buscadas ao ensinar estatística: (i) entender o propósito e a lógica das investigações estatísticas; (ii) entender o processo de investigação estatística; (iii) dominar as habilidades usadas nos processos de investigação estatística; (iv) entender as relações matemáticas presentes nos conceitos estatísticos; (v) entender a probabilidade, a chance, a incerteza, os modelos e a simulação; (vi) desenvolver habilidades interpretativas para argumentar, refletir e criticar; (vii) desenvolver habilidades para se comunicar estatisticamente, usando corretamente a sua terminologia.

Campos *et al* (2011) complementam com mais três: (i) desenvolver habilidades colaborativas e cooperativas para trabalhos em equipe; (ii) desenvolver habilidades de transposição dos saberes escolares para sua vida cotidiana, como cidadão e como profissional; (iii) desenvolver hábitos de questionamento dos valores, grandezas, dados e informações.

Alcançar as dez metas supracitadas não é uma tarefa fácil, principalmente perante todos os desafios e obstáculos presentes na sala de aula. Destacaremos quatro estratégias que podem ser úteis, baseadas em ações facilitadoras indicadas por Campos *et al* (2011).

A primeira estratégia é focar nos processos, não no produto final. Os procedimentos de coleta de dados, representação, análise e discussão dos resultados devem ser mais valorizados que a mera aplicação de fórmulas que podem ser encontradas em livros-texto ou em endereços eletrônicos. Ou seja, a argumentação crítica e a interpretação dos resultados aplicados à realidade econômica, social e política na qual os estudantes estão imersos são mais importantes do que técnicas e procedimentos mecânicos.

A segunda estratégia é a utilização de projetos nos quais os alunos aprendem estatística fazendo estatística: os estudantes devem estar preparados para propor questões de seu interesse, coletar informações, representá-las, escolher métodos estatísticos apropriados para analisá-las, produzir gráficos e relatórios e discutir criticamente os resultados encontrados. Um aspecto importante é que os conceitos estatísticos abordados tenham relação com a vida cotidiana dos alunos, de modo que se sintam motivados e possam relacionar suas vivências com a Estatística (SMITH, 1998).

A terceira estratégia ainda diz respeito à participação ativa dos alunos, que devem ser estimulados a investigar, refletir, analisar e argumentar, atribuindo importância secundária aos cálculos e aplicação de técnicas e fórmulas prontas. O ambiente deve propiciar estas ações a partir de atividades colaborativas, promovendo trabalhos em equipe.

A quarta e última estratégia que destacamos sugere que a avaliação do processo de ensino e aprendizagem seja feita a partir da ótica do cumprimento das metas acima estabelecidas, atribuindo, mais uma vez, menor relevância à aplicação de fórmulas e realização de cálculos. Para estas tarefas mecânicas, os autores sugerem que softwares sejam utilizados, “permitindo grandes possibilidades de simulações e mostrando que os cálculos podem ser feitos pela máquina, mas a análise de dados, interpretações e tomada de decisões, não” (CAMPOS *et al*, 2011).

Em consonância com os objetivos, metas e estratégias dispostas acima, traremos algumas contribuições de Assis (2015) para enriquecer esta revisão de literatura.

Como a Educação Matemática, e em consonância com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a Educação Estatística tem por objetivo formar cidadãos reflexivos e autônomos, preparados para o mundo profissional e conscientes de seu papel social. Assis (2015) aponta que um cidadão estatístico deve possuir uma boa base do entendimento de termos, ideias e técnicas estatísticas. Para tal, o autor sugere que sejam propostas atividades investigativas/exploratórias que estimulem o desenvolvimento de algumas habilidades importantes, tais como habilidades colaborativas e cooperativas; habilidades de transposição

dos saberes escolares para a vida cotidiana; hábitos de questionamento dos valores, grandezas, dados e informações (CAMPOS *et al*, 2011).

É importante ressaltar a natureza subjetiva da Estatística, que permite ao professor estimular a autonomia dos alunos na tomada de decisões no que se refere à interpretação e análise de dados e se estende a decisões em sua vida cotidiana enquanto cidadãos. O professor deve, portanto, valorizar as discussões provenientes dos problemas trabalhados, o pensamento, o raciocínio, a reflexão e os argumentos apresentados pelos alunos, e não apenas a resposta final ou a aplicação mecânica de técnicas e fórmulas (ASSIS, 2015).

Os conceitos estatísticos abordados devem ter relação com a vida cotidiana dos alunos, de modo que possam relacionar suas vivências com a Estatística e sejam capazes de propor questões, levantar hipóteses, coletar dados, refletir e discutir criticamente os resultados. De acordo com o Assis (2015), “uma forma de se atingir esses objetivos, que tem sido alvo de investigações e publicações, é o desenvolvimento de projetos com os alunos, numa proposta de aprender fazendo” (p. 29). A proposta é que o aluno aprenda estatística na prática (fazendo Estatística), se colocando como protagonista no processo de aprendizagem; o professor deve ser um mediador, oportunizando e promovendo interações que estimulem o desenvolvimento das três competências ressaltadas pelo autor: letramento estatístico, o raciocínio estatístico e o pensamento estatístico.

2.3.2 Competências da Educação Estatística

A Educação Estatística compreende o desenvolvimento de três competências que se complementam na formação de um indivíduo: letramento (ou literacia), raciocínio e pensamento estatísticos. Utilizaremos a concepção de Campos (2007) e algumas contribuições de Assis (2015) para explorar brevemente estes conceitos.

O termo letramento/literacia está vinculado à capacidade de se comunicar utilizando a terminologia estatística, lendo, escrevendo e interpretando gráficos e tabelas, compreendendo e questionando as informações estatísticas divulgadas pela mídia e refletindo criticamente sobre estas informações. De acordo com Campos (2007), “a literacia estatística refere-se ao estudo de argumentos que usam a estatística como referência, ou seja, à habilidade de argumentar usando corretamente a terminologia estatística” (não paginado).

Envolver estudos estatísticos em assuntos pertinentes ao cotidiano dos estudantes pode contribuir para valorização atribuída por eles a esta disciplina e melhorar sua base de argumentação, oferecendo a estatística como evidência em seus argumentos enquanto

cidadãos e consumidores. Estimular o estudante a se comunicar utilizando dados estatísticos no dia a dia é o principal objetivo desta primeira competência (CAMPOS, 2007).

Embora não seja estabelecida pelos autores estudados uma hierarquização das competências estatísticas, Assis (2015) aponta a literacia estatística como competência base para o desenvolvimento das demais. Comunicar e interpretar dados são ações importantes para o desenvolvimento do pensamento e do raciocínio estatísticos, que serão descritos a seguir.

O pensamento estatístico é uma competência global que exige que o indivíduo seja capaz de associar os modelos matemáticos ao contexto do problema em questão, explorando os dados, questionando espontaneamente as informações, entendendo os padrões e estratégias de natureza estatística e identificando as ferramentas adequadas, oferecendo um olhar mais analítico para o processo.

Campos (2007) aponta que o pensamento estatístico ocorre “quando surge a identificação da situação analisada e se faz uma escolha adequada das ferramentas estatísticas necessárias para sua descrição e interpretação” (não paginado).

O raciocínio estatístico envolve a capacidade de interpretar os resultados de um problema real, utilizando ferramentas e conceitos estatísticos para explicar e compreender todo o processo, suas regras e o comportamento das variáveis.

Campos (2007) indica que “em muitos casos, o raciocínio estatístico envolve ideias de variabilidade, distribuição, chance, incerteza, aleatoriedade, probabilidade, amostragem, testes de hipóteses, o que leva a interpretações e inferências acerca dos resultados” (não paginado).

Assis (2015) aponta que é o raciocínio estatístico que pode permitir ao aluno reconhecer e evitar possíveis erros ao aplicar conceitos. Ao avaliar e validar se um resultado encontrado é possível dentro do contexto do problema, o estudante está raciocinando estatisticamente.

Ainda sobre raciocínio estatístico, GAL & GARFIELD (1997 apud Campos, 2007) explicam:

A natureza fundamental de muitos problemas estatísticos é a de que eles comumente não têm uma única solução matemática. Os problemas de Estatística geralmente começam com um questionamento e terminam com uma opinião, que se espera que seja fundamentada em certos resultados teórico-práticos. Os julgamentos e as conjecturas expressos pelos estudantes frequentemente não podem ser caracterizados como certos ou errados. Em vez disso, eles são analisados quanto à qualidade de seu raciocínio, adequação e métodos empregados para fundamentar as evidências. (não paginado)

As tarefas da nossa investigação são de natureza estatística e estão em consonância com esta revisão de literatura. Para delinear as discussões propostas pelas nossas tarefas, nos baseamos em propostas de reflexão sobre a realidade dos estudantes pesquisados, no âmbito das dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar, com foco em questões relativas a classes sociais e desigualdade social.

Neste sentido, o presente estudo deseja contribuir para o processo de desenvolvimento das três competências estatísticas em cada estudante do grupo investigado, em especial o raciocínio estatístico. Acreditamos que os estudantes desenvolverão julgamentos e conjecturas sobre as propostas de reflexão de nossas tarefas e almejamos fazer uma leitura produção de significados dos estudantes a partir dos fundamentos e argumentos fornecidos pelos mesmos.

2.4 EDUCAÇÃO FINANCEIRA E EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN de Matemática enfatizam que participação crítica e autônoma dos alunos na construção da cidadania deve ser estimulada (BRASIL, 1998). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em vigor – LDB 9394/1996 – prevê no artigo 1, parágrafo 2, que “A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social” (BRASIL, 1996). Isto é, os alunos devem ser preparados e educados para vida em sociedade e para o exercício da cidadania.

A resolução nº 07/2010 do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação – CNE/MEC afirma que temas como vida familiar e social, educação para o consumo e trabalho “devem permear o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo” (BRASIL, 2010, p.5). A resolução informa ainda que “os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos (...) a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual” (BRASIL, 2010, p.5).

Uma possibilidade de abordar temas importantes no âmbito da Educação Financeira Escolar é a partir de atividades exploratórias na área da Educação Estatística. Buscando estudar a viabilidade desta ideia, procuramos por trabalhos existentes que vinculem as duas áreas.

Decidimos buscar no endereço eletrônico do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES². Buscamos por <“Educação Financeira” AND “Educação Estatística”>, com intuito de encontrar trabalhos que, de fato, abordassem ambas as áreas. Encontramos 15 resultados e todos possuíam ficha completa, com o arquivo do trabalho vinculado. Analisamos a ficha de cada um deles e a maioria abordava separadamente a Educação Financeira ou a Educação Estatística ou nenhuma das duas áreas no caso dos trabalhos vinculados a um projeto de pesquisa intitulado “Educação Estatística e Educação Financeira na Escola Básica”. Por isso, todos estes trabalhos apareceram em nossa pesquisa, mas não faziam parte do enfoque que buscávamos.

Selecionando os trabalhos que abordavam ambas as áreas, elegemos, a partir da leitura de seus resumos, apenas três resultados que estão alinhados com esta investigação. Os trabalhos escolhidos estão descritos no Quadro 7 abaixo, com informações sobre ano de defesa, autor(a), curso de pós-graduação onde o trabalho foi desenvolvido, instituição à qual o curso está filiado e o nível de ensino ao qual a pesquisa deu maior enfoque.

Quadro 7 – Trabalhos que abordam Educação Financeira e Educação Estatística

ANO	TÍTULO	AUTOR	INSTITUIÇÃO	CURSO	NÍVEL DE ENSINO
2017	Educação Financeira e Estatística: estudo de estruturas de letramento e pensamento	Franco Deyvis Lima de Sena	PUC-SP	Mestrado Acadêmico em Educação Matemática	Anos Finais do Ensino Fundamental
2018	Educação Financeira e Educação Estatística: inflação como tema de ensino e aprendizagem	Tamara Lamas Muller	UFJF	Mestrado Profissional em Educação Matemática	Ensino Médio
2018	Contribuições da Educação Estatística, Socioemocional e Financeira para a saúde do cidadão	Denise Jane Alves Frederic	IFSP	Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática	Anos Finais do Ensino Fundamental

Fonte: autoria própria.

Quando pesquisamos <“Educação Financeira Escolar” AND “Educação Estatística”> encontramos apenas um resultado: o trabalho da Tamara Lamas Muller, sobre inflação, já indicado na tabela acima, o que aponta o pioneirismo do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Juiz de Fora quando se trata desta concepção de Educação Financeira Escolar associada à Educação Estatística.

² Esta consulta foi realizada em 16 de setembro de 2020.

Sena (2017) trata de uma pesquisa qualitativa que está vinculada ao projeto de pesquisa “Educação Estatística e Educação Financeira na Escola Básica” da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O trabalho tem por objetivo investigar definições e os principais parâmetros adotados ao trabalhar educação e letramento financeiro, possíveis relações do letramento financeiro com elementos do pensamento e letramento estatístico e identificar elementos estruturais do pensamento e letramento estatístico, presentes na mobilização de conhecimentos relativos ao letramento financeiro.

Muller (2018) trata de uma pesquisa qualitativa que tem por objetivo ampliar ideias de Educação Financeira por meio do pensamento estatístico, a partir de atividades sobre inflação de preços com alunos do Ensino Médio. A autora desenvolveu cinco tarefas que foram aplicadas em uma pesquisa de campo em uma escola estadual de Juiz de Fora (MG) e analisou os significados produzidos pelos estudantes sob a ótica do Modelo dos Campos Semânticos.

Frederic (2018) também trata de uma pesquisa qualitativa que tem como objetivo principal estudar as possibilidades de aprendizagem geradas por uma atividade sobre endividamento proposta para o 6º ano do Ensino Fundamental. O trabalho busca interagir Educação Matemática Crítica, Educação Estatística, Educação Financeira e Educação Socioemocional de maneira transdisciplinar no âmbito das aulas de Matemática, especialmente no espaço destinado ao estudo da Estatística.

Após breve análise destes trabalhos, podemos observar que há pouco material que aborde e vincule ambas as áreas em conjunto, como aponta Sena (2017) sobre os aspectos de ineditismo em sua pesquisa. Além disso, salientamos que os trabalhos existentes são recentes, o que nos faz acreditar que ainda há muito a ser explorado nesta esfera.

Baseados em todas as ideias aqui propostas, nossa investigação busca pesquisar outras possibilidades de integrar contextualmente estudos estatísticos à Educação Financeira. Os trabalhos de Sena (2017) e Frederic (2018) se utilizam da teoria da Educação Matemática Crítica do educador matemático Ole Skovsmose. O quadro teórico do presente trabalho, contudo, se assemelha ao de Muller (2018), pois utilizamos o conceito de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013) e investigamos os significados produzidos por estudantes à luz do Modelo dos Campos Semânticos do educador matemático Romulo Campos Lins.

Antes de discutir tais teorias, dispostas neste trabalho no Capítulo 4, apresentaremos no Capítulo 3 algumas contribuições do sociólogo francês Pierre Bourdieu cujas ideias foram

abordadas em nossas tarefas, associadas às dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar.

3 CONTRIBUIÇÕES DE BOURDIEU PARA A ELABORAÇÃO DAS TAREFAS

Neste capítulo discutiremos os conceitos de capital, *habitus*, diferenciação social e disposição de indivíduos em espaços sociais, apresentados pelo sociólogo Pierre Félix Bourdieu (1930 – 2002). Além destas ideias que fornecerem embasamento para a elaboração do conjunto de tarefas desenvolvido neste trabalho, usamos o método estatístico de Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) para discutir as disposições de indivíduos na sociedade, também utilizado e validado por Bourdieu.

Para Bourdieu, a sociedade é “um espaço estruturado em função das distâncias sociais que separam os agentes” (MONTEIRO, 2018, p. 42). Estes agentes são observados a partir da posição que ocupam neste espaço social, que se constitui por diversos campos: econômico, cultural, político, intelectual, religioso, científico, educacional, artístico, dentre outros. Os indivíduos agem de acordo com suas (dis)posições e o volume de capital acumulado em cada um destes campos.

Cada campo possui suas próprias regras, especificidades e capitais específicos, embora coexistam e haja leis gerais que perpassem todos os campos – como a relação entre dominador e dominado e as relações de força e lutas que ocorrem em torno dos capitais específicos (MONTEIRO, 2018).

A relação entre dominador e dominado ocorre dada a forma desigual que os capitais estão distribuídos, o que determina a estrutura do campo. Esta relação, a estrutura do espaço e a quantidade de capital acumulado pelos agentes (ou classes) possibilitam que se mensure a posição ocupada pelos mesmos. Monteiro (2018) aponta que “aqueles que possuem maior *quantum* de capital se posicionam no polo dominante do campo na estrutura do espaço social” (p. 43).

Bourdieu entende que a sociedade capitalista é estruturada principalmente a partir de dois capitais: o econômico e o cultural. A classe dominante não se caracteriza apenas pelo grande volume de riquezas, mas também por suas práticas culturais, consideradas legítimas pela sociedade. Desta ideia, decorre a tentativa de a classe popular imitar os costumes da classe média e de a classe média imitar os costumes da classe alta.

Contudo, cada classe possui características bem definidas. As classes populares têm valores e escolhas marcados por necessidades existenciais, enquanto nas classes dominantes as preocupações estão vinculadas a transmissão e manutenção de patrimônio, seja este econômico ou cultural. (MONTEIRO, 2018)

Nesta perspectiva, Monteiro (2018) explica que a cada classe corresponde um *habitus*. O conceito de *habitus* é dinâmico e dialético e é adquirido pelo agente a partir da socialização. “É história incorporada, incrustada no corpo e na mente dos agentes, uma segunda natureza que orienta o agir, o pensar e o sentir dos agentes em sociedade” (MONTEIRO, 2018, p. 57).

Monteiro (2018) aponta que o *habitus* das classes populares tende a valorizar a força física e práticas esportivas que a utilize, bem como uma alimentação mais “pesada”. A classe média, por sua vez, procura se diferenciar das classes populares a partir de investimentos em capital cultural, em busca de se aproximar das classes mais elevadas. A classe dominante não se preocupa com necessidades materiais, mas com a manutenção e reprodução de sua posição de classe, procurando diferenciar-se das demais a partir do consumo de bens luxuosos, além de ter hábitos alimentares e práticas esportivas mais “leves” (MONTEIRO, 2018).

Para Bourdieu, o capitalismo é caracterizado por um processo de diferenciação, hierarquização e reprodução de desigualdades. O sociólogo busca propor explicações capazes de dar conta destes processos “sem cair no reducionismo economicista, integrando, portanto, poder, riqueza e *status* à concepção de classes sociais” (MONTEIRO, 2018, p. 70-71).

Em sua obra *La Distinction – Critique sociale du jugement* (A Distinção – Crítica social do julgamento), Pierre Bourdieu apresenta uma pesquisa que

estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social (BOURDIEU, 2007, p. 9).

Nesta obra, Bourdieu (2007) explica que os gostos funcionam como marcadores das classes sociais, pois estão diretamente vinculados aos hábitos de consumo. Nas palavras do sociólogo:

A hierarquia socialmente reconhecida das artes – e, no interior década uma delas –, dos gêneros, escolas ou épocas, corresponde à hierarquia social dos consumidores. Eis o que predispõe os gostos a funcionar como marcadores privilegiados da "classe". As maneiras de adquirir sobrevivem na maneira de utilizar as aquisições: a atenção prestada às maneiras tem sua explicação se observarmos que, por meio destes imponderáveis da prática, são reconhecidos os diferentes modos de aquisição, hierarquizados, da cultura, precoce ou tardio, familiar ou escolar, assim como as classes de indivíduos que elas caracterizam (BOURDIEU, 2007, p. 9).

Para analisar os resultados desta e de outras pesquisas, Bourdieu utilizou métodos estatísticos. Desde os anos 60, década anterior à publicação de *La Distinction*, ele já contribuía para o *Institut National de la Statistique et des Études Économiques – INSEE*

(Instituto Nacional da Estatística e Estudos Econômicos). Mas durante o começo da década de 70, enquanto a abordagem de análise geométrica de dados (AGD) foi se desenvolvendo, Bourdieu criou o conceito de *campo* e migrou para o novo método, o modelo de Análise de Correspondências Múltiplas (ACM), aplicando-o a tabelas da forma Indivíduos x Categorias, que tornava possível sintetizar uma série de tabelas em duas nuvens: categorias (propriedades) e indivíduos (LE ROUX, ROUANET, 2010, p. 4).

O método de Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) surgiu em meados da década de 70, a partir da Análise de Correspondências que emergira alguns anos antes. Ainda nos anos 70, a ACM se tornou o modelo padrão para análise de questionários e começou a ser utilizado com mais frequência em diversos estudos franceses. O modelo se tornou internacionalmente reconhecido a partir da década de 80. (LE ROUX, ROUANET, 2010)

No final da década de 70, ACM se tornou o método preferido de Bourdieu e seus colegas. Na conferência sobre A Investigação do Espaço Social, realizada em 1998, em Colônia (Köln – Alemanha), Rouanet, Ackerman e Le Roux apresentaram "alguns comentários em torno da ligação privilegiada entre a construção do espaço social de Bourdieu e a Análise Geométrica de Dados, usando *La Distinction* como um fio condutor" (ROUANET, ACKERMAN, LE ROUX, 2005, p. 44).

Le Roux e Rouanet (2010) apresentam a Análise de Correspondências Múltiplas (ACM) como um método de AGD, vinculando interpretações estatísticas a representações geométricas baseadas em nuvens de pontos.

Rouanet, Ackerman e Le Roux (2005), explicam que neste tipo de análise de dados (questionários) “o conjunto de dados básico é uma tabela Indivíduos x Propriedades; e o resultado básico consiste em duas nuvens de pontos: a nuvem de indivíduos e a nuvem das propriedades. A interpretação baseia-se numa interpretação conjunta das duas nuvens” (p. 44).

Embora Bourdieu defenda uma visão espacial da sociedade, na qual “as relações e as oposições sociais são sobretudo relações e oposições espaciais” (ROUANET, ACKERMAN, LE ROUX, 2005, p. 45), os autores afirmam que a ACM não é apenas uma ferramenta escolhida por Bourdieu para visualizar os dados, dentre tantas outras. Eles explicam que o sociólogo

“percebeu claramente que, partindo de relações estatísticas complexas, a AC viria a ser um instrumento único para construir e estudar dois espaços geométricos: por um lado, um espaço (análogo ao espaço físico) em que os indivíduos são localizados – um espaço em que Bourdieu chama (muito apropriadamente) o “espaço dos indivíduos”; por outro lado, e em representação simultânea com o espaço dos indivíduos, um outro espaço que demonstra a complexidade de relações estatísticas que expressam relações

sociais – e que Bourdieu chama “o espaço das propriedades” (ROUANET, ACKERMAN, LE ROUX, 2005, p. 46)

Bourdieu justifica sua escolha e indica a conexão entre sua teoria e o método estatístico:

A análise das correspondências permite isolar, por divisões sucessivas, diferentes conjuntos coerentes de preferências, cuja origem se encontra nos sistemas de disposições, distintos e distintivos, definidos tanto pela relação estabelecida entre si quanto pela relação que os une às suas condições sociais de produção. (BOURDIEU, 2007, p. 242)

No Prefácio da edição alemã de *Le Métier de Sociologue* (1991), Bourdieu explica mais uma vez por que o método estatístico se identifica com suas pesquisas:

Eu uso muito análise de correspondências, porque penso que é essencialmente um procedimento relacional cuja filosofia expressa inteiramente o que na minha visão constitui a realidade social. É um procedimento que “pensa” em relações, enquanto eu tento fazer isso com o conceito de campo. (*apud* LE ROUX, ROUANET, 2010, p. 5, tradução nossa)

No presente trabalho propomos tarefas de natureza estatística, no âmbito da Educação Financeira Escolar, para alunos do Ensino Médio, apresentando os conceitos de capital econômico e capital cultural de Bourdieu. Foi realizada uma pesquisa, a partir de um questionário de gostos, cujos dados foram analisados com o método ACM e os resultados discutidos com um grupo reduzido de alunos. Mais detalhes sobre as tarefas que serão propostas aos alunos e um delineamento da Metodologia desta pesquisa estão dispostos no Capítulo 5 deste trabalho.

A seguir, no Capítulo 4 – Quadro Teórico, apresentaremos nossa concepção de Educação Financeira Escolar e a teoria epistemológica que norteará a investigação da produção de significados dos alunos durante a aplicação das tarefas.

4 CONCEPÇÕES TEÓRICAS ADOTADAS

Neste capítulo apresentaremos nossa concepção de Educação Financeira, trazendo contribuições de Arthur (2012), Fernandes e Vilela (2019), Muniz (2016) e principalmente Silva e Powell (2013). Em seguida, apresentaremos nosso referencial teórico-metodológico: o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) desenvolvido pelo educador matemático Romulo Campos Lins. Por último, será apresentado o problema de pesquisa.

4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR

Múltiplos agentes vem se dedicando à produção de conteúdo sobre Educação Financeira, tanto para mídias virtuais atendendo à demanda do público em geral quanto para o espaço escolar atendendo à demanda imposta pelos documentos normativos da Educação brasileira. Contudo, é necessário questionar os interesses e os objetivos destes profissionais e instituições. Afinal, o que caracteriza que um indivíduo é educado financeiramente? Quais temas devem ser discutidos na escola para que os estudantes se tornem cidadãos críticos? É suficiente seguir documentos e currículos propostos pelas iniciativas governamentais?

Ainda que o objetivo da Educação Financeira esteja voltado para a “saúde financeira” dos cidadãos, muitos dos projetos existentes culminam em uma “educação bancária” – no sentido literal e no sentido proposto por Freire (1987) –, que se volta para planejamentos individuais e consumo de produtos financeiros. Este tipo de projeto será denominado aqui como Educação Financeira para o consumo, tomando como referência as ideias de Cris Arthur, em seu livro “Financial Literacy Education: Neoliberalism, the Consumer and the Citizen” (Educação Financeira: Neoliberalismo, o Consumidor e o Cidadão).

A Educação Financeira para o consumo ajuda os indivíduos a decidirem como usar seu capital, delineando as escolhas disponíveis, as necessidades que devem ser atendidas por cada escolha e as suas consequências. Para Arthur (2012), estimular tomadas de decisões financeiras responsáveis no século XXI não é suficiente para construir uma sociedade crítica e responsável. A Educação Financeira para o consumo apoia uma certa subjetividade e não dá suporte para criação de cidadãos, mas para sua destruição.

Centralizar o discurso no esforço pessoal dos indivíduos que buscam estabilidade financeira tende a reforçar atitudes individualistas. Fernandes e Vilela (2019) apontam que este discurso contribui para a “minimização de atitudes altruístas e de cunho colaborativo nas

pessoas, ou seja, a formação do *homo oeconomicus*” (p. 184). As autoras entendem o “homem econômico” como “o indivíduo da economia que está relacionado ao princípio da racionalidade” (p. 179), que tem por objetivo a maximização dos lucros pessoais.

Essa vertente pode ser encontrada em muitos projetos de Educação Financeira, além de ser amplamente veiculada na mídia e nas redes sociais, a partir de vários agentes e instituições que dialogam com o público em geral. Com um olhar voltado para o espaço escolar, Fernandes e Vilela (2019) analisaram os materiais didáticos desenvolvidos pela ENEF e apontaram que estes também reforçam a crença em atitudes individualistas e propõem “um tipo específico de Educação Financeira: uma Educação Financeira como performatização da teoria econômica neoliberal no espaço escolar” (p. 183).

Com objetivo de romper com discursos neoliberais dentro da escola, entendemos a necessidade de propor discussões sobre as condições que criam as alternativas disponíveis no mercado, estimulando os estudantes não apenas a escolher entre estas opções, mas a questionar o cenário político, social e econômico que as delimita. Qualquer Educação Financeira que tenha como norte indivíduos críticos e responsáveis deveria olhar nesta direção. (ARTHUR, 2012)

Losano (2013) aponta que nas pesquisas do professor Amarildo Melchades da Silva, inclusive em seu estágio pós-doutoral orientado pelo professor Arthur Belford Powell, os objetivos da proposta de Educação Financeira para a escola

“não contempla a formação de consumidores de produtos financeiros, não busca o enriquecimento pessoal, não vislumbra a formação de investidores, não se limita a finanças pessoais, mas se preocupa com a formação de um cidadão consciente de seus deveres e direitos, crítico na tomada de decisões financeiras, autônomo no controle de seus gastos” (LOSANO, 2013, p.114)

Por isso, neste trabalho, tomaremos como norte a concepção de Educação Financeira Escolar de Silva e Powell (2013) e trataremos da Educação Financeira na perspectiva da Educação Matemática, buscando propiciar um espaço de reflexão dentro da escola que contribua para formação crítica dos estudantes desde os anos iniciais da Educação Básica. O artigo de Silva e Powell (2013) apresenta uma proposta curricular para Educação Financeira, cujo “objetivo que orientará o processo de ensino será o de desenvolver o pensamento financeiro nos estudantes, como parte de sua educação matemática” (p. 13).

Tratar a Educação Financeira no âmbito da Educação Matemática significa considerar os aspectos matemáticos e também os aspectos não matemáticos, indo além dos conceitos técnicos da Matemática Financeira e dos cálculos que os acompanham e envolvendo aspectos

psicológicos/comportamentais, culturais, políticos, geográficos, econômicos e sociológicos, como aponta Muniz (2016).

Buscando entender o perfil do estudante que é desejável após este processo de ensino e aprendizagem, Silva e Powell (2013) consideraram que um indivíduo é educado financeiramente quando:

- a) frente a uma demanda de consumo ou de alguma questão financeira a ser resolvida, o estudante analisa e avalia a situação de maneira fundamentada, orientando sua tomada de decisão valendo-se de conhecimentos de finanças, economia e matemática;
- b) opera segundo um planejamento financeiro e uma metodologia de gestão financeira para orientar suas ações (de consumo, de investimento...) e a tomada de decisões financeiras acurto, médio e longo prazo;
- c) desenvolveu uma leitura crítica das informações financeiras veiculadas na sociedade. (SILVA, POWELL, 2013, p. 12-13)

A partir deste perfil, eles formularam uma proposta curricular na perspectiva da Educação Matemática e apresentaram uma caracterização para Educação Financeira Escolar.

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem. (p. 13)

Os temas que a proposta curricular envolve estão organizados em quatro Eixos Norteadores, que seguem: (i) noções básicas de finanças e economia; (ii) finanças pessoal e familiar; (iii) as oportunidades, os riscos e as armadilhas na gestão do dinheiro numa sociedade de consumo; (iv) as dimensões sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas que envolvem a Educação Financeira. Os tópicos envolvidos em cada um destes eixos norteadores já foram explorados no Capítulo 2 – Revisão de Literatura, quando tratamos das pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa NIDEEM – UFJF.

A proposta de Educação Financeira Escolar apresentada por Silva e Powell (2013) engloba as dimensões pessoais da Educação Financeira quando trata de finanças pessoais, planejamento do uso do dinheiro, investimentos e consumo, mas também sugere que sejam consideradas as dimensões familiares e sociais em todos os temas propostos. A dimensão familiar estimula a participação do estudante na vida financeira de seu núcleo familiar, discutindo as problemáticas existentes, veiculando informações, participando da tomada de decisões e refletindo sobre os impactos dos gastos pessoais no orçamento doméstico. Já a dimensão social enfoca “em temas e questões financeiras presentes na sociedade atual” (p.

14), tais como relações entre ética, trabalho, classes sociais, desigualdade social, consumo e sustentabilidade.

Silva e Powell (2013) apresentam como objetivos específicos da proposta curricular, a capacitação dos estudantes para:

- compreender as noções básicas de finanças e economia para que desenvolvam uma leitura crítica das informações financeiras presentes na sociedade;
- aprender a utilizar os conhecimentos de matemática (escolar e financeira) para fundamentar a tomada de decisões em questões financeiras;
- desenvolver um pensamento analítico sobre questões financeiras, isto é, um pensamento que permita avaliar oportunidades, riscos e as armadilhas em questões financeiras;
- desenvolver uma metodologia de planejamento, administração e investimento de suas finanças através da tomada de decisões fundamentadas matematicamente em sua vida pessoal e no auxílio ao seu núcleo familiar;
- analisar criticamente os temas atuais da sociedade de consumo. (p. 13)

A Educação Financeira Escolar na qual acreditamos compreende, ainda, os quatro princípios apresentados por Muniz (2016): o princípio da dualidade, da lente multidisciplinar, do convite à reflexão e da conexão didática. Cabe aqui uma breve apresentação de tais princípios, pois utilizaremos estas ideias na elaboração do conjunto de tarefas que constituem o Produto Educacional associado a esta dissertação.

Os princípios da dualidade e da conexão didática defendem que a educação deve ser uma via de mão dupla (dualidade), onde a Educação Financeira Escolar se beneficia da Matemática, enquanto ciência, para analisar informações e estimular a tomada de decisões perante situações econômico-financeiras, enquanto a Matemática se utiliza das situações apresentadas para reforçar noções conhecidas e aprender novos conceitos na perspectiva didática da Educação Financeira Escolar (conexão didática).

O princípio da lente multidisciplinar aponta aspectos financeiros, políticos, comportamentais, culturais, sociais e biológicos que estão presentes em situações de consumo, renda, endividamento, investimento, sustentabilidade, orçamento, dentre outros, e devem ser articulados aos aspectos matemáticos. De fato, a Educação Financeira Escolar está presente não apenas na Matemática, mas envolve também outras áreas, como Estatística, Filosofia, Sociologia, Geografia, História e Psicologia.

O princípio do convite à reflexão busca propor tarefas para que os alunos avaliem de forma crítica situações e problemas e sejam capazes de tomar suas próprias decisões. O objetivo não é ditar regras no trato com o dinheiro ou determinar como os alunos devem agir perante as situações econômico-financeiras ou ainda indicar quais aspectos devem ser

priorizados ao tomar decisões, mas estimular o pensamento crítico, de modo que cada indivíduo possa desenvolver sua capacidade argumentativa e suas estratégias de ação.

4.2 MODELO DOS CAMPOS SEMÂNTICOS

A teoria epistemológica do Modelo dos Campos Semânticos (MCS) foi desenvolvida ao longo de 20 anos pelo educador matemático Romulo Campos Lins (1955 – 2017). Suas primeiras concepções foram publicadas em Lins (1992), incorporando ideias de Lev Vygostky, Alexei Leontiev e Nelson Goodman.

Na tentativa de utilizar o modelo proposto por Lins como suporte teórico-metodológico, faz-se necessário refletir sobre as noções e os processos envolvidos na dinâmica de produção de significados do MCS. De acordo com Lins (2012), o modelo “constitui-se em um pequeno número de noções e nas relações entre elas” (p. 10). Vamos discutir brevemente algumas destas noções, buscando encontrar articulações entre estas relações e as enunciações dos sujeitos de pesquisa investigados neste trabalho.

Os termos “significado” e “conhecimento” são amplamente difundidos no senso comum. Sua polissemia permite que diversas teorias os utilizem com interpretações distintas ou, ainda, que alguns artigos acadêmicos não se preocupem em demarcar os sentidos semânticos adotados ao utilizá-los. Algumas derivações destes termos também são utilizadas com frequência, tais como as expressões “aprendizagem significativa” e “transmissão de conhecimento”.

Ao longo deste trabalho, assumiremos os pressupostos epistemológicos apresentados no MCS, inclusive para as concepções de “conhecimento”, “significado” e “produção de significado” que serão apresentadas a seguir.

O conhecimento, na perspectiva do modelo, é uma crença-afirmação acompanhada de uma justificação. O sujeito diz o que diz porque acredita e possui uma justificação, isto é, algo que legitima sua enunciação. Nas palavras de Lins (2012), a justificação não é uma explicação, “é apenas o que o sujeito do conhecimento (...) acredita que o autoriza a dizer o que diz” (p. 21).

O conhecimento – e portanto, a justificação – estão no domínio da enunciação de um indivíduo. Textos verbais ou escritos, gestos, ilustrações, gráficos, sons, dentre outras formas de enunciação podem ser consideradas justificações legítimas para as crenças de um sujeito.

Lins e Gimenez (1997, p.142) exemplificam: um sujeito que diz “ $E=mc^2$ ” pode justificar “Li num livro que Einstein provou isso”. Embora o sujeito não tenha provado matematicamente a equação, acreditar que Einstein demonstrou a veracidade da igualdade pode ser suficiente. É possível que a justificação nem sempre seja exatamente sobre a crença-afirmação, “mas é *sempre* o que garante que aquela possa ser enunciada pelo sujeito do conhecimento”. (LINS; GIMENEZ, 1997, p.142, grifo do autor)

Lins e Gimenez (1997) entendem que o conhecimento não é apenas a proposição, a crença-afirmação em si, mas o par (crença-afirmação, justificação). Eles apontam que a crença-afirmação está relacionada a algo que é novo para o sujeito, enquanto a justificação corresponde ao que já é tomado como dado (LINS, GIMENEZ, 1997, p.144). O conhecimento é, portanto, constituído pela relação entre aquilo que é afirmado, a crença no que é afirmado e a justificação. Assim, o conhecimento é produzido ao passo que é enunciado pelo sujeito. (LINS, 2012, p.12; LINS, 2001, p.43)

Segundo Silva (1997), a noção de “significado” pode ser entendida “como aquilo que o sujeito pode e efetivamente diz sobre o objeto no interior de uma atividade” (SILVA, 1997, p.13). Para reforçar que Lins entendia dizer/falar como enunciar de diversas maneiras possíveis, Silva (2003) propôs uma reformulação que entende que “dizer que um sujeito *produziu significado* é dizer que ele produziu *ações enunciativas* a respeito de um objeto no interior de uma atividade”. (SILVA, 2003, p. 9)

Nesta afirmação, objeto é tudo aquilo sobre o qual sabemos dizer algo e efetivamente dizemos. Um objeto é constituído no interior de uma atividade, ao passo que o sujeito produz significados para ele. A noção de atividade é a proposta por Leontiev: ele caracteriza atividade como um processo psicológico que realiza as relações do homem com o mundo, satisfazendo uma necessidade especial e estimulado por um motivo.

Ainda que dois sujeitos enunciem exatamente o mesmo texto, suas justificações e os significados produzidos podem ser diferentes, pois ambos constituem objetos em campos semânticos diferentes. Lins (1994) exemplifica: o texto “ $2+2=4$ ” pode ser enunciado por uma criança e por um matemático, mas suas justificações, os significados produzidos, as atividades às quais estão imersos e seus conhecimentos matemáticos são diferentes. Isto é, cada sujeito está operando em um campo semântico diferente.

Indo além deste exemplo, é possível que dois sujeitos da mesma faixa etária que estejam imersos à mesma atividade, interagindo com o mesmo objeto, enunciem o mesmo texto mas produzam significados em direções diferentes. Isso se deve a uma das grandes contribuições de Vygotsky para o MCS: “dada a plasticidade do cérebro humano, a menos

que algo/alguém intervenha, nosso caminho natural é divergirmos fortemente nas constituições de nosso funcionamento cognitivo” (LINS, 1999, p. 79). Isto é, o modelo se baseia no pressuposto vygotskyano de que somos todos diferentes.

Nossas semelhanças são constituídas de acordo com os espaços sociais aos quais estamos imersos, já que constituímos e interiorizamos objetos a partir da interação social. Para Lins (1999), “sermos semelhantes é sermos capazes de compartilhar um espaço comunicativo” (p. 80). Para refletir sobre a ideia de ‘compartilhar um espaço comunicativo’, vamos discutir brevemente como Lins entende a relação entre ‘autor’, ‘texto’ e ‘leitor’ neste espaço.

O autor enuncia um texto na direção de um interlocutor, um ser cognitivo que não é necessariamente um ser biológico, uma outra pessoa, mas uma direção.

Imagem 1 – Enunciação de um texto pelo autor para um leitor



Fonte: Lins (2012, p. 14)

Para Lins (1999), “quando o autor fala, ele sempre fala para alguém, mas por mais que o autor esteja diante de uma plateia este alguém não corresponde a indivíduos nesta plateia, e sim a um leitor que o autor constitui: é para este ‘um leitor’ que ‘o autor’ fala” (p. 81).

Quando ‘o leitor’ produz significado para este texto – quer dizer, quando fala sobre ele e se coloca como autor – é que ele se constitui como leitor. Para Lins (1999), “o leitor constitui sempre um autor, e é em relação ao que este ‘um autor’ diria que o leitor produz significado para o texto. Outra vez, o ‘um autor’ é um ser cognitivo e não biológico” (p. 82).

Imagem 2 – Leitura dos resíduos de enunciação do leitor sobre o texto produzido por um autor



Fonte: Lins (2012, p. 14)

Mas um texto só existe se houver um leitor e um leitor só existe se houver um texto. Lins (1999) aponta que “quem pode dizer se algo é um texto ou não é apenas o leitor, e apenas no instante em que este leitor produz significado para o texto” (p. 82).

Ele explica ainda que um texto é o resíduo de uma enunciação. Por exemplo, a Matemática (assim como a Estatística ou outros campos do conhecimento) é um conjunto de frases enunciadas por diversos autores. Os autores destes textos falam em uma direção, na direção de um leitor, de um sujeito cognitivo. Os leitores quando leem os resíduos de

enunciação dos matemáticos e produzem novas ações enunciativas sobre estes textos, se posicionam como autores e produzem significados para eles. Ao “conhecimento que fala deste texto – a Matemática – chamaremos, naturalmente, de conhecimento matemático” (LINS, 1994, p. 29).

Ocorre que muitas vezes, ao se deparar com os resíduos das enunciações dos matemáticos, alguns sujeitos não produzem significados na mesma direção dos matemáticos, isto é, não compartilham interlocutores com eles. Em muitos casos, estes sujeitos enunciam crenças-afirmação acompanhadas de justificações que não são legitimadas pelos matemáticos e, portanto, não compartilham do mesmo espaço comunicativo. Lins (1999) elucida:

o autor produz uma enunciação, para cujo resíduo o leitor produz significado através de uma outra enunciação, e assim segue. A convergência se estabelece apenas na medida em que compartilham interlocutores, na medida em que dizem coisas que o outro diria e com autoridade que o outro aceita. É isto que estabelece um espaço comunicativo: não é necessária a transmissão para que se evite a divergência. (p. 82)

Nesse sentido, e por se opor à perspectiva piagetiana dos estágios de desenvolvimento cognitivo, o Modelo dos Campos Semânticos (MCS) propõe investigar porquê os sujeitos dizem o que dizem, de qual lugar estão falando e na direção de quais interlocutores. Esta prática assume tentativas de leituras positivas sobre os significados produzidos pelos diferentes sujeitos, sem ler os sujeitos pela falta ou fazer qualquer juízo de valor.

Deseja-se investigar a maneira com a qual cada indivíduo opera e estabelecer um espaço comunicativo assumindo a pluralidade de direções existentes em uma sala de aula, tomando as diferenças como oportunidades para produção de novos significados. Não cabe ao professor, portanto, legitimar ou deslegitimar as falas dos estudantes, mas colocar suas crenças em processos de leituras.

Para Lins (2012),

Todo conhecimento produzido é verdadeiro (para quem o produz), simplesmente porque a legitimidade da enunciação foi antecipada. Mas não se trata de um relativismo absoluto, já que a enunciação é sempre feita na direção de um interlocutor, isto é, há sempre pelo menos dois sujeitos cognitivos que compartilham um conhecimento. (p.7)

A contribuição de Goodman para o MCS foi a noção de estipulação, que inspirou a noção de núcleo. Estipulações locais, na perspectiva do modelo de Lins, são crenças-afirmações tomadas como dadas, que localmente não precisam de justificação. Para Lins e Gimenez (1997),

“os elementos de um núcleo funcionam como estipulações locais: localmente são "verdades absolutas", coisas que assumimos sem que haja a necessidade de uma infinita cadeia regressiva de justificações. O que é importante e revelador é que esse "localmente" se refere ao interior de uma atividade, e que no processo dessa atividade esse núcleo pode se alterar pela incorporação de novas estipulações (elementos) ou pelo abandono de algumas estipulações até ali assumidas.” (p. 144)

Para Silva e Lins (2013), a dinâmica dos núcleos, se identificada, pode “ampliar o entendimento relativo à maneira de operar das pessoas quando resolvem problemas em matemática” (p. 3), contribuindo para uma maior compreensão do processo de produção de significados.

É importante ressaltar que o modelo entende os processos de nucleação e de produção de significados como dinâmicos, que se transformam no interior de uma atividade:

os objetos são constituídos enquanto tal precisamente pela produção de significados para eles. Não se trata de ali estão os objetos e aqui estou eu, para a partir daí eu descobrir seus significados; ao contrário, eu me constituo enquanto ser cognitivo através da produção de significados que realizo, ao mesmo tempo em que constituo objetos através destas enunciações. (LINS, 1999, p. 86)

Os elementos constitutivos do MCS que nos auxiliam na análise da produção de significados dos participantes da pesquisa serão apresentados no capítulo seguinte referente a metodologia de pesquisa.

4.3 O PROBLEMA DE PESQUISA

Como apresentado anteriormente, abordamos as dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar a partir de um conjunto de tarefas teoricamente fundamentadas de natureza estatística, que estimulam o desenvolvimento de competências estatísticas – em especial o raciocínio estatístico. Para isso, exploramos princípios basilares dos conceitos de capital cultural e capital econômico de Pierre Bourdieu, adaptando-os para a sala de aula de Matemática da Educação Básica.

Tomamos como norte o exposto até aqui: as ideias propostas por Silva e Powell (2013), Muniz (2016) e Arthur (2012) para Educação Financeira; os conceitos de capital cultural e capital econômico de Bourdieu; e o Modelo dos Campos Semânticos que dará suporte teórico-metodológico para uma leitura da produção de significados dos estudantes.

Nosso problema de pesquisa foi, portanto, propor um conjunto de tarefas de natureza estatística teoricamente fundamentadas com objetivo de estimular a produção de significados de alunos do Ensino Médio sobre as dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos a caracterização da pesquisa de campo vinculada a este trabalho, o conjunto de tarefas elaborado e as noções-categorias envolvidas no processo de produção de significados na perspectiva do MCS que foram consideradas para a análise das tarefas.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se, quanto a sua natureza, como uma abordagem qualitativa de investigação no sentido proposto por Bogdan e Biklen (2013).

Nesta investigação nos interessamos pelos processos de produção de significados dos alunos em torno do tema proposto e adotamos uma abordagem indutiva, baseada na observação das interações entre os sujeitos de pesquisa durante a realização das tarefas propostas. A pesquisa se propõe a investigar e descrever os objetos e os sujeitos de pesquisa em seu ambiente natural, o mesmo ambiente virtual de aprendizagem que tais sujeitos estiveram imersos durante o período de isolamento social devido à pandemia do COVID-19.

Inicialmente, a proposta era desenvolver a pesquisa de campo presencialmente com estudantes de uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro e/ou com estudantes de uma escola privada, nas quais a pesquisadora atua como professora de matemática. Ambas as escolas estão situadas no município de São Gonçalo – RJ. Contudo, com o isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19, a proposta foi repensada para o ambiente virtual, para o qual seria necessário que os estudantes tivessem conexão com a internet para realizar os encontros síncronos e enviar as atividades assíncronas referentes à pesquisa.

Esta preocupação já estava presente durante o primeiro ano de isolamento social, quando a pesquisadora estava cursando a disciplina “Atividade de Docência Supervisionada”, na qual desenvolveu um teste piloto da aplicação da pesquisa de campo, junto ao colega de classe Hugo Lagrimante Ferreira. Neste momento, eles estudaram a possibilidade de realizar a pesquisa de campo em diferentes contextos escolares, de acordo com suas experiências como professores de matemática neste período atípico de distanciamento.

Comparando as duas escolas nas quais a pesquisadora atuava, foi decidido realizar tanto o teste piloto quanto a pesquisa de campo na escola privada, já que todos os alunos desta tinham acesso à internet para acompanhar as aulas síncronas que eram oferecidas diariamente.

Já na escola da rede estadual, as atividades se concentravam em ambientes virtuais assíncronos e muitos alunos alegavam que não tinham acesso à internet com a frequência necessária para realizar as atividades escolares.

Sendo assim, a pesquisa de campo foi realizada com estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola privada do município de São Gonçalo – RJ, com idades entre 15 e 17 anos. O teste piloto foi realizado com um grupo diferente de alunos da mesma escola, que cursava o 1º ano do Ensino Médio, com idade entre 14 e 16 anos.

Vale ressaltar que a maioria dos estudantes sujeitos desta pesquisa já haviam participado de discussões e investigações que envolviam aspectos de Educação Financeira Escolar, mesmo antes do período de isolamento social. Isto porque, desde 2017, a escola oferecia uma disciplina independente e obrigatória de Educação Financeira para alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A pesquisadora atuava nesta escola tanto como professora de Matemática quanto de Educação Financeira, trabalhando diversas tarefas de Educação Financeira Escolar, inclusive algumas provenientes dos produtos educacionais associados às dissertações citadas na revisão de literatura deste trabalho. Porém, até então não havia desenvolvido atividades com foco nas desigualdades sociais – tema central nesta pesquisa.

Para viabilizar o desenvolvimento da pesquisa no período pandêmico, utilizamos algumas ferramentas tecnológicas ao longo da pesquisa de campo para garantir registros escritos e orais das interações dos estudantes entre si e com as tarefas. Para os encontros síncronos, utilizamos o *Google Meet*, que permitiu gravar os encontros em vídeo e registrar as mensagens enviadas no chat da sala virtual. Para o registro escrito das respostas dos estudantes nas tarefas da pesquisa, utilizamos o *Google Formulários* e a *plataforma Desmos*.

5.2 AS TAREFAS

Apresentaremos a seguir o conjunto de tarefas de natureza estatística, a partir das quais investigamos os significados produzidos pelos estudantes sobre as dimensões social e cultural da Educação Financeira Escolar, a partir dos conceitos de capital econômico capital cultural de Bourdieu. Utilizamos como norte para a construção das tarefas os quatro princípios apresentados por Muniz (2016) – dualidade, lente multidisciplinar, convite à reflexão e conexão didática – já explicitados no final da seção 4.1 deste trabalho.

As tarefas foram criadas com intuito de: (i) estimular a observação, investigação, análise e compreensão da realidade à qual os alunos estão inseridos; (ii) cultivar um enfoque

em questões sobre desigualdade social na sala de aula de Matemática da Educação Básica; (iii) apresentar possibilidades de estratificação social a partir do conceito de capital cultural; (iv) estimular a produção de significados dos estudantes.

As tarefas foram divididas em cinco etapas: (i) preenchimento do questionário de gostos; (ii) introdução ao conceito de capital cultural e econômico a partir de debates sobre espaços sociais; (iii) introdução à Análise Geométrica de Dados em eixos qualitativos; (iv) leitura e interpretação das nuvens de pontos resultantes do questionário de gostos; (v) fechamento da atividade com uma produção textual.

Para a **primeira etapa**, desenvolvemos um questionário de gostos no sentido proposto por Bourdieu. O questionário está dividido em quatro partes: (i) apresentação do termo de compromisso ético e anuência do responsável para participação da pesquisa; (ii) identificação do estudante e do(a) responsável que consentiu a participação; (iii) perguntas sobre os gostos e preferências do responsável; (iv) perguntas sobre os gostos e preferências do(a) aluno(a). As perguntas sobre gostos e preferências para alunos e responsáveis são iguais, com as mesmas opções de respostas, abarcando temas como esportes, música, jogos, alimentação, hábitos de consumo e lazer, dentre outros.

A ideia de pesquisar os gostos e preferências de um dos responsáveis se justifica pela concepção de hereditariedade do *habitus* proposta por Bourdieu. Esta análise não será o foco deste trabalho e poderá ser uma das ações futuras após a publicação desta dissertação.

O Termo de Compromisso Ético (Anexo A) foi disponibilizado na primeira página do questionário aplicado. Abaixo do termo, foram inseridas duas opções: “Concordo em participar voluntariamente desta pesquisa e autorizo a participação do(a) aluno(a) sob minha responsabilidade.” e “Não desejo participar e não autorizo a participação do(a) aluno(a) sob minha responsabilidade.”. Ao concordar com o termo, o(a) responsável é direcionado para pesquisa. Se não concordar em participar, é direcionado para a última página pulando todas as perguntas para submeter o formulário e confirmar sua escolha.

Uma cópia simplificada do questionário pode ser acessada [clikando aqui](#)³. As Imagens 3 e 4 abaixo apresentam exemplos de perguntas do questionário.

³ Link de acesso para o questionário: https://bit.ly/Questionario_Natasha.

Imagem 3 – Pergunta do questionário sobre preferência musical

Quais os dois estilos musicais você mais gosta de ouvir? (marque 1 opção em cada coluna)
Se você não ouve música, deixe em branco.

	Estilo musical que mais gosto	Segundo estilo musical que mais gosto
Pop/Rock/Heavy Metal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pagode/Samba/Sertanejo/Funk	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Música Clássica/Jazz/Bues/R&B	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
MPB/Bossa Nova	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trap/Rap/Hip Hop	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Eletrônica	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Fonte: autoria própria.

Imagem 4 – Pergunta do questionário sobre hábitos de lazer

Você costuma praticar as atividades a seguir? *

	Nunca	Raramente	Às vezes	Sempre
Ler livros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ler jornal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir música por aplicativos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Navegar nas redes sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistir séries/filmes em aplicativos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pedir comida por aplicativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar transporte por aplicativo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Viajar nas férias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Andar de avião	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Fonte: autoria própria.

Cabe ressaltar que o questionário desenvolvido é o reflexo de um recorte cultural e social no qual o grupo de estudantes está imerso. Isto é, para realizar esta pesquisa com

estudantes de outras regiões do país, de outras classes sociais ou de outras faixas etárias, seria importante repensar as questões e as alternativas de acordo com cada contexto.

O questionário foi criado e aplicado utilizando a ferramenta de formulários do *Google*, dada a gratuidade e funcionalidade da mesma. Após a aplicação, a ferramenta gera automaticamente uma planilha com todas as respostas registradas por categorias, o que nos permitiu analisar e tratar os dados com maior facilidade.

O questionário foi enviado para todos os responsáveis dos alunos do 2º ano do Ensino Médio pelo e-mail oficial da escola⁴ e pedimos que os alunos preenchessem em conjunto com um responsável. Foram coletadas 38 respostas, de maneira que os gostos e preferências mapeados pudessem representar um microcosmo do Espaço Social ao qual os sujeitos de pesquisa estão imersos.

Havia perguntas nas quais as respostas eram binárias, por exemplo “Antes da pandemia, você costumava jogar os jogos a seguir?” com possibilidades de respostas “sim” ou “não” para cada jogo. Neste caso, a planilha exibe “s” se o indivíduo marcou que “sim” e “n” se o indivíduo marcou que “não”. Outras perguntas possuíam mais de duas alternativas, como é o caso da questão “Onde você costuma comprar suas roupas?”. Neste caso, a planilha exibe um código/abreviação para cada resposta possível: “mrc” para “Lojas de marca”, “shp” para “Lojas do shopping”, “rua” para “Lojas/feiras de rua” e “brc” para “Brechó”.

A Imagem 5 é um recorte da planilha com estes dados já tratados. A tabela relaciona indivíduos e categorias, isto é, cada linha representa a resposta de um indivíduo e cada coluna apresenta uma categoria, ou seja, uma possível resposta a cada pergunta do questionário.

Imagem 5 – Recorte dos dados do questionário tratados

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	O	P	Q	R	S	T	U	V	X	Y
1	gen	futebol	basvolei	tengolf	luta	crossaerob	dança	xadrez	tabuleiro	jcelular	jcomputador	jvideogame	tv1	shoppingcinema	teatromuseu	parquepraca	estadio	praia	festa	baile	musical1	comidaru	comidashoppi
2	nb	n	n	s	n	s	n	s	n	s	s	n	filmeserie	s	s	n	s	s	n	poprock	av	av	
3	f	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	s	filmeserie	s	n	s	n	s	n	pagodesamba	smp	av	
4	m	s	n	n	n	n	n	n	n	s	s	s	esportes	s	s	s	s	n	pagodesamba	smp	smp		
5	f	n	n	n	n	n	s	n	n	s	s	s	filmeserie	s	n	s	s	n	poprock	av	smp		
6	f	n	n	n	n	n	n	n	n	s	s	n	filmeserie	s	n	s	n	n	poprock	rar	av		
7	f	n	s	n	n	n	n	n	n	s	n	n	filmeserie	s	n	n	n	s	n	pagodesamba	av	av	
8	m	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	n	novela	s	n	n	s	n	n	pagodesamba	av	av	
9	m	s	s	n	n	n	n	n	s	n	s	n	esportes	s	n	n	s	n	n	trap	rar	rar	
10	m	s	n	n	s	s	n	n	n	n	s	n	filmeserie	s	s	n	n	s	n	trap	av	av	
11	f	s	s	n	s	s	n	s	n	n	n	n	esportes	s	s	n	s	n	n	mpbossa	av	av	
12	f	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	filmeserie	s	n	n	n	n	n	poprock	smp	av	
13	f	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	n	novela	s	s	n	s	n	n	poprock	av	av	
14	f	n	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	filmeserie	s	s	n	s	n	n	mpbossa	rar	rar	
15	f	n	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	filmeserie	s	n	n	n	n	n	pagodesamba	nun	rar	
16	m	n	n	n	n	n	n	n	s	s	n	n	filmeserie	s	n	n	n	n	n	poprock	nun	av	
17	f	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	novela	s	n	n	n	s	s	pagodesamba	smp	smp	
18	m	n	s	s	n	n	n	n	s	s	s	s	filmeserie	s	n	n	n	n	n	poprock	av	av	
19	f	s	s	n	n	n	n	n	s	n	n	n	filmeserie	s	n	n	n	n	n	poprock	av	av	
20	f	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	filmeserie	s	n	s	n	s	n	poprock	smp	smp	
21	f	s	s	n	n	n	n	n	n	s	n	s	filmeserie	s	s	n	s	n	n	poprock	av	rar	
22	m	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	s	filmeserie	s	n	n	n	n	n	trap	rar	av	
23	f	n	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	filmeserie	s	n	n	n	s	n	pagodesamba	rar	smp	
24	f	n	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	filmeserie	n	n	n	n	n	n	poprock	rar	rar	
25	f	n	n	n	n	n	n	n	s	n	n	s	filmeserie	s	n	s	n	n	n	mpbossa	av	smp	
26	m	n	n	n	n	n	n	n	s	n	s	n	filmeserie	s	n	n	n	s	n	poprock	av	av	
27	f	s	s	n	n	n	n	n	n	n	n	n	filmeserie	s	n	s	s	n	n	poprock	smp	av	
28	f	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	filmeserie	n	s	n	n	n	n	trap	av	av	
29	m	s	n	n	n	n	n	n	n	n	n	s	esportes	s	n	n	n	s	n	poprock	smp	av	
30	m	n	n	n	n	n	n	n	s	s	s	s	filmeserie	s	s	n	s	s	n	poprock	av	smp	

Fonte: autoria própria.

⁴ A escola possui um cadastro com o e-mail de todos os responsáveis e autorizou o envio do questionário por este meio de contato.

Os dados desta planilha foram analisados utilizando o método estatístico ACM – apresentado no Capítulo 3 deste trabalho – e os resultados foram representados geometricamente em forma de nuvens de pontos desenhadas no plano. Para a análise e produção das nuvens de pontos, utilizamos o *software R*⁵ e dois pacotes específicos: *FactoMineR* e *factoextra*⁶. Estes pacotes foram utilizados para executar os procedimentos da Análise de Correspondências Múltiplas no conjunto de dados.

Ao final do questionário, perguntamos o interesse em participar das próximas etapas da pesquisa, com objetivo de nos ajudar a delimitar o grupo de estudantes que participaria dos momentos síncronos e assíncronos nos quais as próximas tarefas seriam discutidas. Ao todo, os nove estudantes que manifestaram interesse foram divididos em dois grupos.

Todas as etapas descritas a seguir foram aplicadas com ambos os grupos. O Grupo 1 tinha quatro estudantes, dos quais dois alunos participaram do primeiro encontro síncrono e apenas uma aluna participou efetivamente de todas as tarefas. Além disso, ambos os estudantes do Grupo 1 declararam não possuir câmeras nos dispositivos utilizados para participação nos encontros síncronos. Já no Grupo 2, que tinha cinco estudantes inicialmente, quatro estudantes participaram do primeiro encontro síncrono e três realizaram todas as tarefas propostas. Neste grupo, os três estudantes que participaram integralmente da pesquisa puderam conectar suas câmeras e, por consequência, oferecer mais elementos à pesquisadora para leitura da produção de significados. Por este motivo, na análise das tarefas desta dissertação daremos enfoque à produção dos significados dos estudantes do Grupo 2, cujos sujeitos de pesquisa foram Carolina, Felipe, Renata e Rosa (nomes fictícios).

A **segundaetapa** ocorreu em um momento síncrono, realizado via *Google Meet*, no qual os estudantes foram convidados a discutir as Tarefas 1 e 2 apresentadas abaixo. O objetivo desta etapa era introduzir os conceitos de capital cultural e capital econômico de Pierre Bourdieu e estimular a produção de significados a partir de debates sobre espaços sociais.

⁵ Software livre para análise de dados estatísticos: <https://www.r-project.org/>

⁶ Tutorial disponível em <<http://www.sthda.com/english/wiki/factoextra-r-package-easy-multivariate-data-analyses-and-elegant-visualization>>

Tarefa 1: Reflexões iniciais

Texto para reflexão e discussão

O sociólogo Antonio David Cattani, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em uma mesa redonda que discutia questões sociais, afirmou o seguinte:

- Quem são os pobres? São aqueles preocupados com o que vão comer hoje à noite, isso se conseguirem comer alguma coisa...
- Quem pertence à classe média baixa? Aqueles preocupados em saber como vão sobreviver até o final do mês, como pagar escola, aluguel, alimentação etc.
- Quem pertence à classe média? Aqueles preocupados em saber onde irão passar as férias de verão, se trocam ou não de carro e que reclamam o tempo todo da carga tributária.
- Quem pode ser classificado como classe média alta? Aqueles preocupados em saber se na próxima temporada irão à Londres ou à Nova York e se, além de Miami, comprarão uma residência em Portugal.
- Quem pertence à classe verdadeiramente rica? Aqueles preocupados em como passar o patrimônio para os netos.

Fonte: MONTEIRO, J. M. 10 lições sobre Bourdieu. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

Questões para discussão:

- a) Que tipo de reflexão a fala de Cattani te causa?
- b) Que tipo de classificação você acha que o autor usa para dividir as pessoas em grupos no Brasil?
- c) Em qual dos grupos acima mencionados você colocaria um advogado, um jogador de futebol, um professor, um desempregado que vive pelas ruas da cidade e o dono do Facebook? Justifique sua escolha.
- d) Você acha que dividir as pessoas em grupos de acordo com a quantidade de dinheiro que conseguem acumular é uma boa classificação? Haveria outras coisas a levar em consideração?
- e) Você classificaria as pessoas de um jeito diferente? Por quê?

Tarefa 2: O que é capital?

Texto para reflexão e discussão

O sociólogo francês Pierre Bourdieu desenvolveu um importante conceito denominado **capital**. Para ele, o **capital** diz respeito aos recursos que uma pessoa possui e que lhe fornece vantagens e privilégios em relação àquelas pessoas que não os tem. Dito em outras palavras, o capital são as coisas – dinheiro, estudo, hábitos, relacionamentos com pessoas – herdadas ou adquiridas por alguém.

Os diferentes níveis de acúmulo de capital são considerados por Bourdieu como uma forma de distinguir as pessoas e separá-las em classes. Para o sociólogo, o capital pode ter diversas classificações. Vamos tratar aqui dos capitais **econômico**, **cultural** e **social**.

O **capital econômico** é a quantidade de recursos financeiros que uma pessoa dispõe na forma de patrimônio material (casa, automóvel, joias, terras) e dinheiro (salário, poupança, investimento em bolsas de valores). Esse tipo de capital é geralmente considerado para explicar as desigualdades sociais entre as pessoas.

O **capital cultural** diz respeito aos recursos adquiridos na família e na instituição escolar – via instrução recebida pela pessoa – e que corresponde, por exemplo, a falar bem, a ter postura, a escrever bem, a ter gosto pela leitura e por manifestações artísticas, a obtenção de diplomas e certificados, entre outros. Diz respeito também ao consumo de bens culturais legitimados pela classe dominante (rica), como visitar museus e galerias de arte, assistir a filmes e peças de teatro, estudar idiomas e viajar.

O **capital social** corresponde à rede de relacionamentos sociais e contatos que uma pessoa possui e que lhe confere vantagens sobre os demais. Como, por exemplo, ter amigos estudiosos, conhecer e discutir ideias com professores, conhecer e ter contato com pessoas que podem te ajudar a crescer profissionalmente.

Fonte: Texto adaptado de MONTEIRO, J. M. 10 lições sobre Bourdieu. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

Questões para discussão:

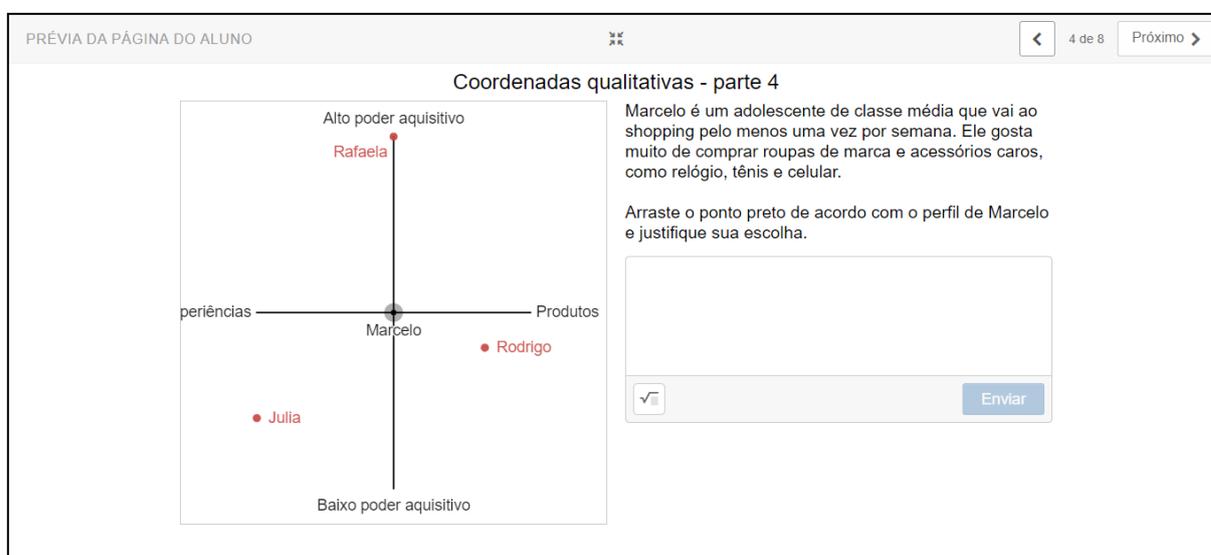
- a) Que importância você atribui a ser informado sobre o conceito de capital de Bourdieu para sua vida no futuro?
- b) Se você quisesse planejar seu futuro, como você imaginaria utilizar estes diferentes tipos de capital para a sua formação?

- c) Pensando na desigualdade social do Brasil, você acredita que haja relações entre o capital econômico e o capital cultural? Se sim, como estas relações se estabelecem?
- d) Você acredita que haja algum tipo de disputa e/ou conflito entre as classes sociais no que se refere ao acúmulo de capital cultural? Se sim, como estas relações se estabelecem?

A **terceira etapa** consistiu em uma introdução à Análise Geométrica de Dados em eixos qualitativos. Nesta etapa, foi proposta a Tarefa 3 – realizada de maneira assíncrona na plataforma *Desmos* – na qual apresentamos o perfil de alguns indivíduos e sugerimos que os estudantes os posicionassem em um plano cartesiano de coordenadas qualitativas que relacionava poder aquisitivo e consumo de produtos/experiências.

A Imagem 6 abaixo apresenta o perfil de um dos indivíduos (o Marcelo) na visão de um aluno na plataforma *Desmos*. Em cada perfil, os estudantes foram convidados a mover o ponto preto atrelado ao nome do indivíduo para escolher uma posição no plano de coordenadas qualitativas que representasse seu perfil.

Imagem 6 – Perfil do Marcelo na Tarefa 3



Fonte: autoria própria.

Uma cópia da Tarefa 3 pode ser acessada [clikando aqui](#)⁷.

Ainda na terceira etapa, realizamos mais um encontro síncrono para investigar as justificações para as escolhas de cada estudante do grupo na Tarefa 3 e as direções para as quais eles produziram significados. Algumas questões norteadoras para este debate foram: (i) Qual personagem você teve mais dificuldade para posicionar no eixo de coordenadas

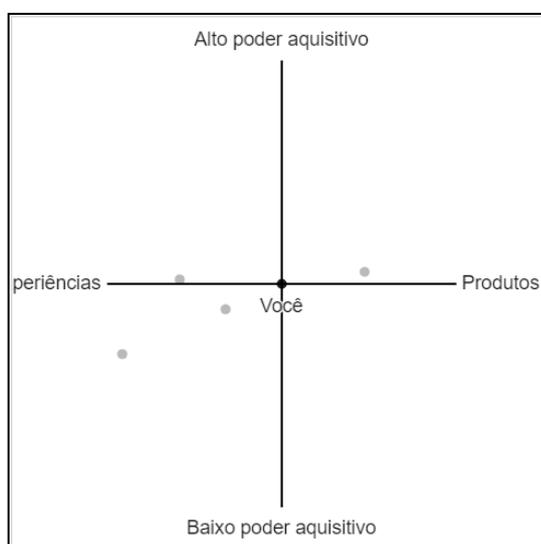
⁷ Link de acesso à uma cópia da Tarefa 3: https://bit.ly/Tarefa3_Natasha.

qualitativas? Por quê? (ii) O que significa consumir produtos e consumir experiências pra você? (iii) Onde você posicionou o Marcelo no sistema de coordenadas qualitativas? Por quê? (iv) As informações sobre o Vitorino foram suficientes para orientação quanto ao eixo vertical? (v) Quais tipos de gastos podem estar atrelados a realidade de Joana? Quais tipos de passeios ela pode realizar sem comprometer seu salário? (vi) O que o Neymar não consegue comprar/experimentar?

Além de discutir questões relativas às classes sociais e escolhas de consumo, o movimento de posicionar um ponto no plano cartesiano para representar cada perfil nos ajudou a investigar o raciocínio estatístico do grupo no que se refere à Análise Geométrica de Dados. Por exemplo, o que significa posicionar o ponto que representa a Joana mais para a esquerda? O ponto que representa o Marcelo deveria estar posicionado acima ou abaixo do eixo horizontal?

Para cada perfil discutido, a plataforma *Desmos* possibilitou a representação dos posicionamentos escolhidos por cada estudante em um único plano cartesiano, gerando uma pequena nuvem de pontos, como mostra a Imagem 7 abaixo.

Imagem 7 – Nuvem de pontos produzida na plataforma *Desmos* na Tarefa 3



Fonte: autoria própria.

Este recurso possibilitou, ainda no segundo encontro síncrono, que os estudantes tivessem o primeiro contato com nuvens de pontos como representação geométrica de dados. Além disso, permitiu que eles justificassem suas escolhas e as direções para as quais produziram significados em cada situação da Tarefa 3.

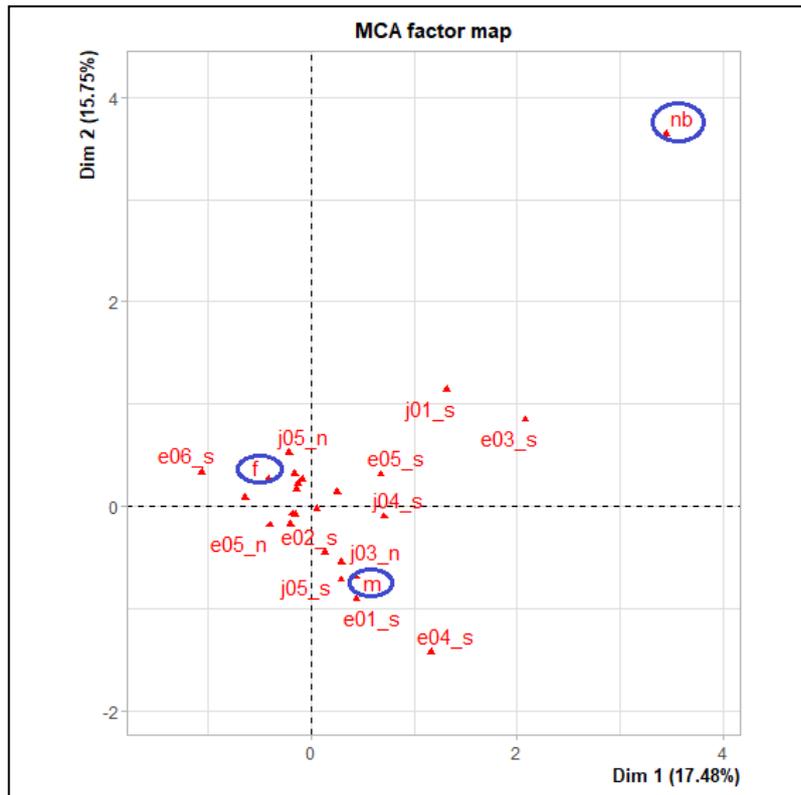
A **quarta etapa** foi realizada em um último encontro síncrono para discutir a Tarefa 4, que consistia em analisar algumas das nuvens de pontos produzidas⁸ pela pesquisadora a partir do questionário de gostos respondido na primeira etapa da investigação. Neste momento, debatemos o conceito de capital de Bourdieu na prática, olhando na direção dos dados coletados que representam um microcosmo do espaço social.

Foram produzidos diferentes gráficos de nuvens de pontos, utilizando o software *R*, relacionando as categorias e os indivíduos pesquisados, conforme Rouanet, Ackerman e Le Roux (2005). Observamos a distribuição dos indivíduos combinando gênero com categorias tais como preferências por estilo musical, programas de televisão e lazer; prática de esportes e jogos; consumo de roupas, alimentação e atividades extras; dentre outras combinações. Observamos também as nuvens que representavam as relações entre estas mesmas categorias e como elas se distribuíam no plano.

Percebemos que, nas primeiras nuvens geradas, o gênero dos estudantes tinha grande influência na distribuição dos indivíduos, contribuindo bastante tanto para o eixo principal (dimensão 1), quanto para o eixo secundário (dimensão 2). Isto ocorreu porque um dos estudantes que respondeu ao questionário se identifica como não-binário e caracterizou-se como um *outlier* neste conjunto de dados. A Imagem 8 abaixo apresenta a nuvem de categorias que relaciona esportes, jogos e gênero.

⁸ Para produzir as nuvens de pontos, foram utilizados o *software R* e os pacotes *FactoMineR* e *factoextra*, já citados neste capítulo.

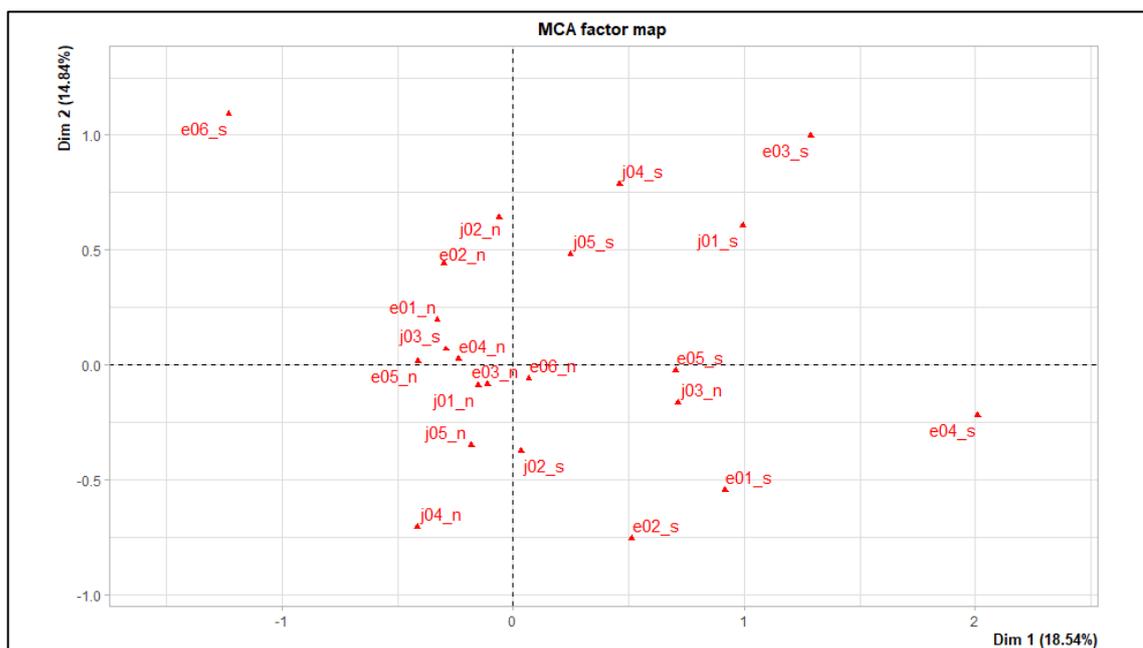
Imagem 8 – Nuvem de categorias relacionando esportes, jogos e gênero, com destaque para as categorias de gênero “feminino – f”, “masculino – m” e “não-binário – nb”



Fonte: autoria própria.

Buscando considerar apenas as categorias de jogos e esportes, geramos uma nuvem desconsiderando o gênero dos estudantes e obtivemos a nuvem apresentada na Imagem 9 a seguir.

Imagem 9 – Nuvem de categorias relacionando esportes e jogos



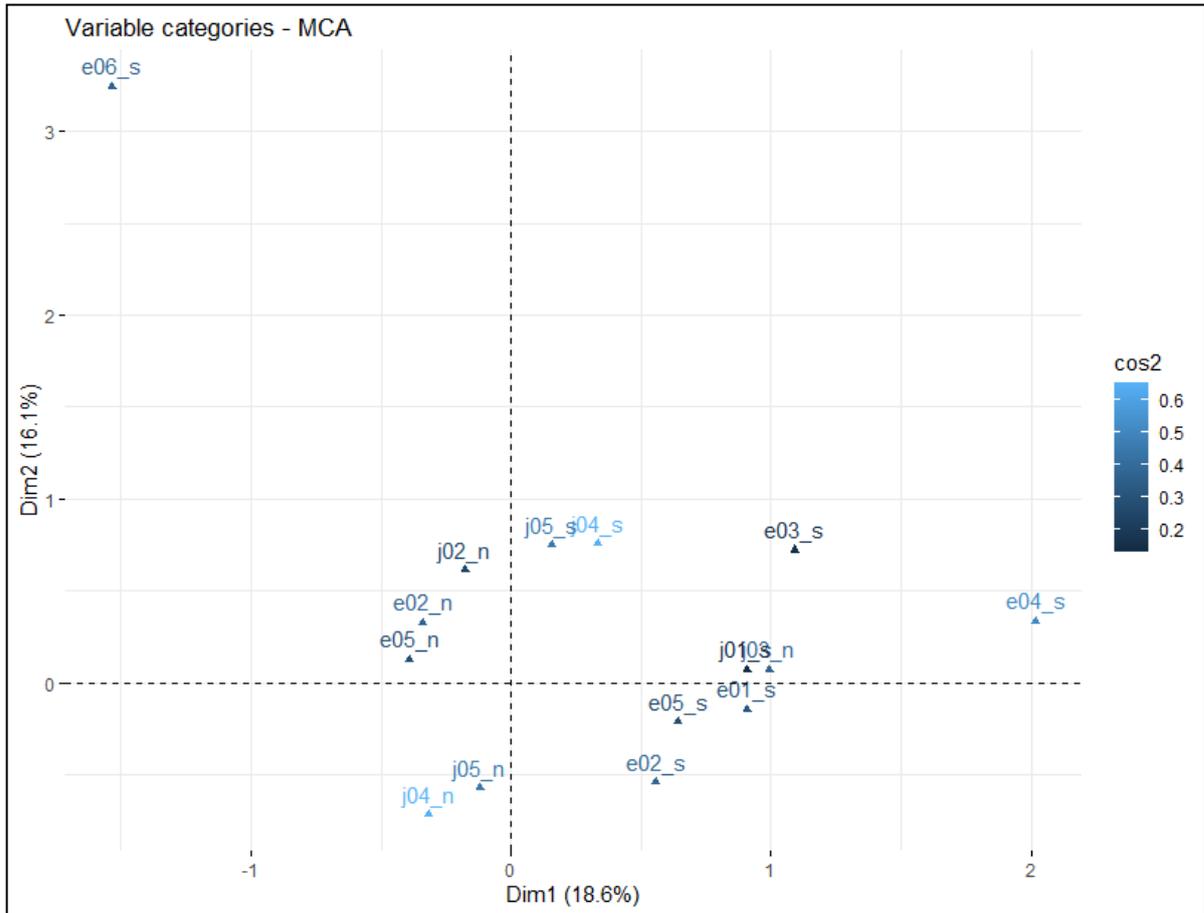
Fonte: autoria própria.

Neste novo mapa, as categorias de jogos e esportes contribuem mais para ambos os eixos principais (dimensões 1 e 2, 18,54% e 14,84%, respectivamente), sem a interferência do gênero dos indivíduos, que é o que gostaríamos de observar. Por este motivo, optamos por analisar as nuvens de categorias de acordo com suas contribuições para a distribuição no plano. Isto porque todas as categorias influenciam na distribuição dos indivíduos no plano, porém com intensidades diferentes. Há categorias que determinam maior distinção entre os indivíduos e por isso contribuem mais para a localização dos mesmos na nuvem (afastando ou aproximando dois ou mais indivíduos).

Revisitamos dois grupos de categorias já analisados: jogos e esportes; e preferências por estilos musicais, programas de televisão e alimentação. Trabalhamos em um novo projeto no *R*, utilizando funções do pacote *factoextra* para observar a contribuição das categorias nas nuvens de categorias (variações da função *fviz*). Foram geradas novas nuvens, nas quais colorimos as categorias em tons de azul de acordo com sua contribuição para a distribuição no plano (indicado como *cos2* nas nuvens de categorias): azul mais claro indica categorias que contribuíram mais para a distribuição (*cos2* mais alto) enquanto azul mais escuro indica categorias que contribuíram menos (*cos2* mais baixo).

A Imagem 10 a seguir apresenta a nuvem de categorias que relaciona as variáveis de jogos e esportes. Para gerar esta nuvem, utilizamos o comando `fviz_mca_var(res.mca, select.var = list(contrib = 15), col.var="cos2")` do pacote *factoextra*. A nuvem indica, portanto, as 15 categorias que mais contribuem para esta disposição, coloridas de acordo com o *cos2*.

Imagem 10 – Nuvem de categorias levando em consideração a contribuição de cada categoria no mapa

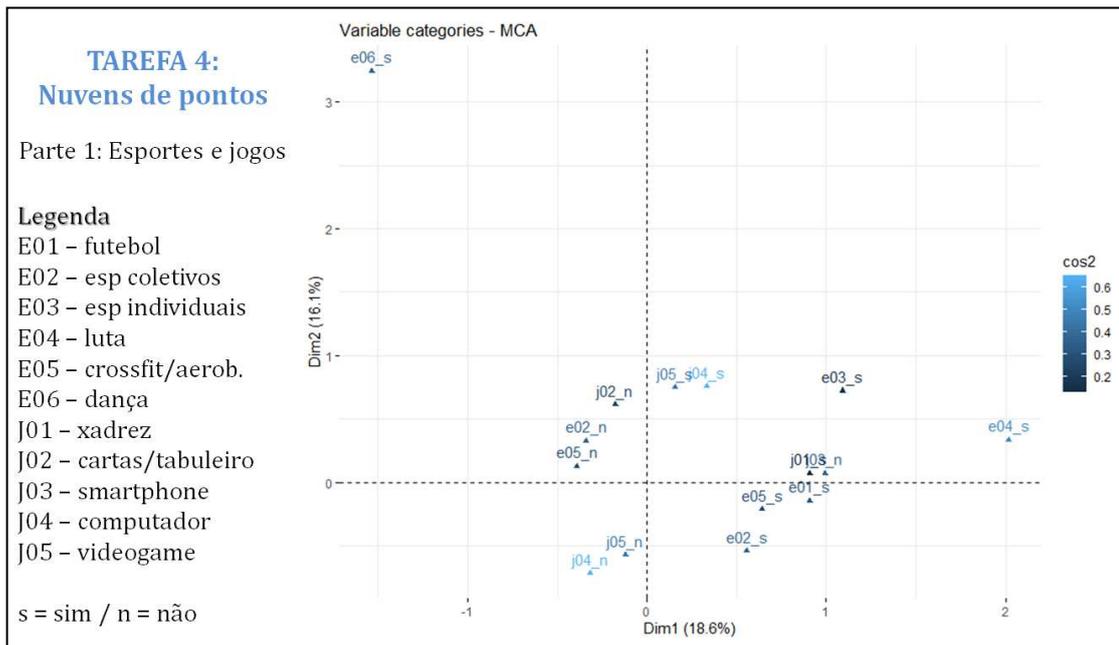


Fonte: autoria própria.

Após este momento, recriamos as nuvens de indivíduos colorindo cada ponto de acordo com uma categoria. Por exemplo, geramos a nuvem de indivíduos considerando as categorias de jogos e esportes e colorindo os pontos de acordo com o gênero do indivíduo. Também geramos a mesma nuvem colorindo os pontos de acordo com o grau de escolaridade dos responsáveis dos estudantes pesquisados. Para isto, utilizamos a função *fviz_mca_ind* do pacote *factoextra* e o comando *habillage* para indicar a categoria a ser considerada para colorir os pontos que representam os indivíduos.

A primeira parte da Tarefa 4 explorou estas nuvens. As telas apresentadas para os estudantes durante a aplicação da primeira parte da Tarefa 4 estão ilustradas nas imagens 11, 12, 13 e 14 a seguir. Escolhemos algumas questões norteadoras para fomentar o debate entres os estudantes em cada uma das telas apresentadas. As questões estão expostas logo após a respectiva imagem.

Imagem 11– Primeira tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de categorias relacionando jogos e esportes

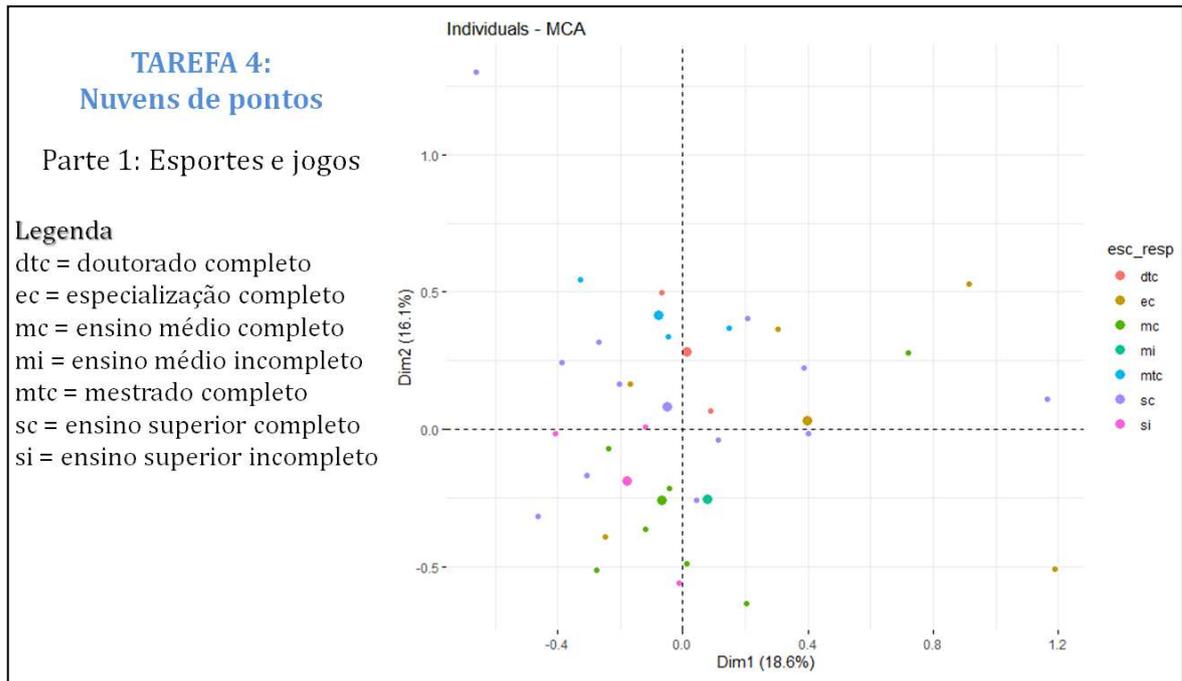


Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- (i) Observem que as categorias estão distribuídas pelo plano. Por que vocês acham que isso acontece? Será que quem dança costuma jogar xadrez?
- (ii) Vamos olhar o eixo horizontal. Quais categorias se encontram mais à direita? E mais à esquerda? Será que a gente consegue dar um nome pra esse eixo? Lembrem da Tarefa 3 que vocês responderam, ela relacionava o consumo de experiências/produtos ao poder aquisitivo. Aqui há alguma relação?

Imagem 12 – Segunda tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de indivíduos relacionando jogos e esportes, colorida de acordo com a escolaridade do responsável por cada estudante estudado

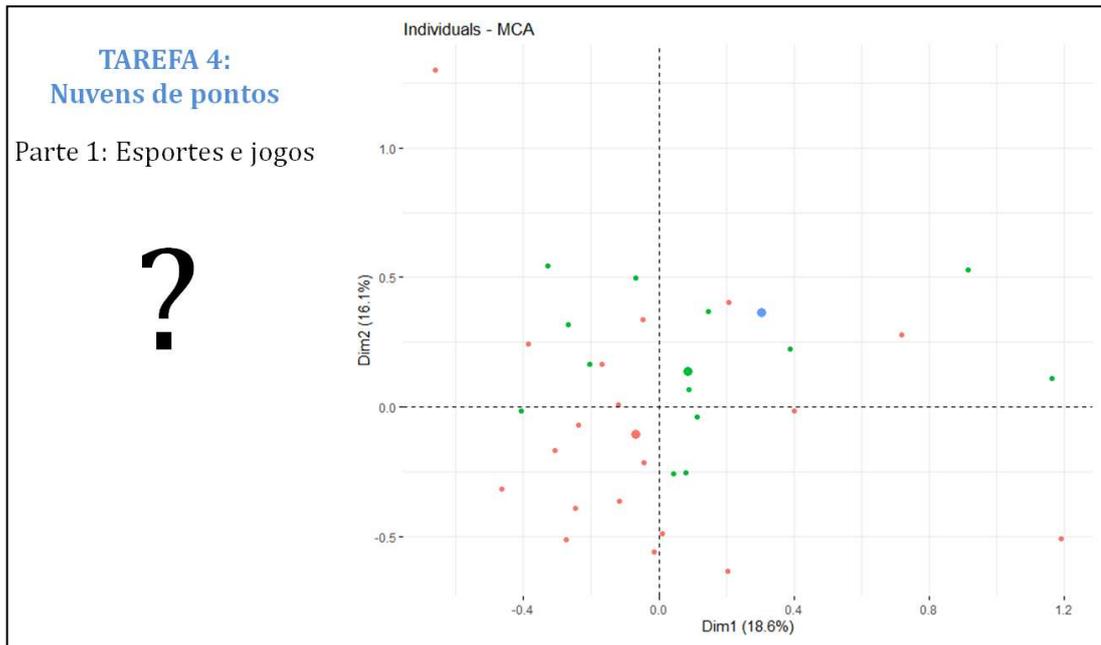


Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- (i) É possível identificar algum padrão na distribuição destes indivíduos?
- (ii) Qual o grau de escolaridade dos responsáveis dos indivíduos que estão mais pra cima? E mais pra baixo?
- (iii) Vocês acham que há alguma relação entre estas informações aqui e a nuvem anterior?
- (iv) Observem que tem uma pessoa lá em cima, bem pra esquerda. Qual o grau de escolaridade do responsável desta pessoa? Vocês acham que esta pessoa gosta de praticar alguma atividade física?

Imagem 13 – Terceira tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de indivíduos relacionando jogos e esportes, colorida de acordo com um critério não revelado

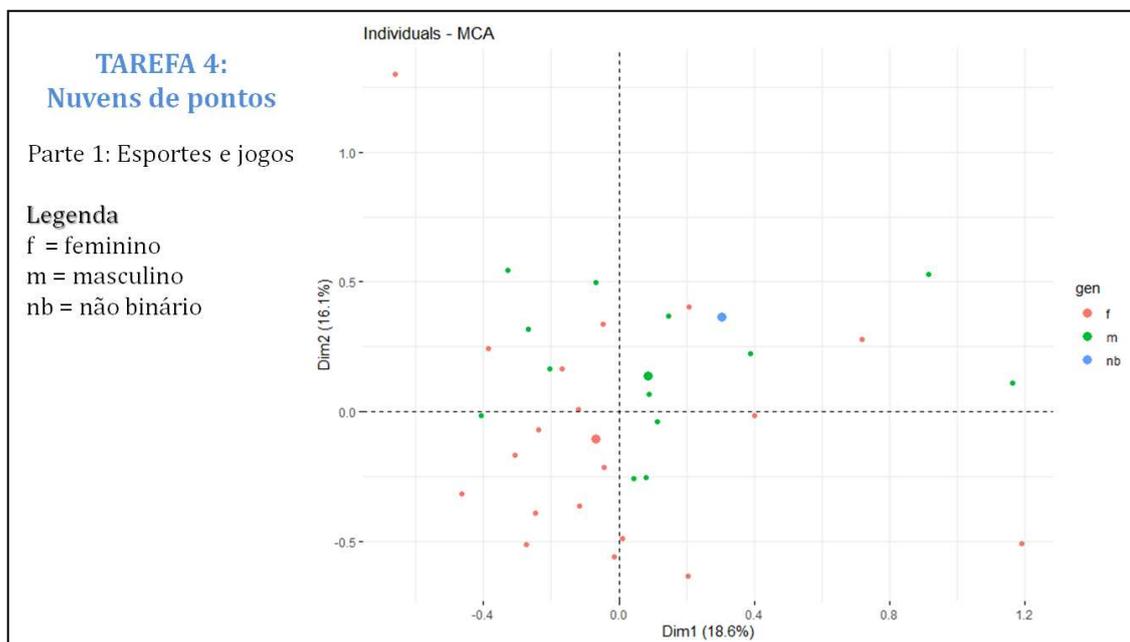


Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- (i) Que critério vocês acham que é esse?
- (ii) Quantas cores aparecem?
- (iii) Tem alguma cor mais concentrada em uma região específica?

Imagem 14 – Quarta tela da Tarefa 4 (parte 1): nuvem de indivíduos relacionando jogos e esportes, colorida de acordo com o gênero do estudante estudado



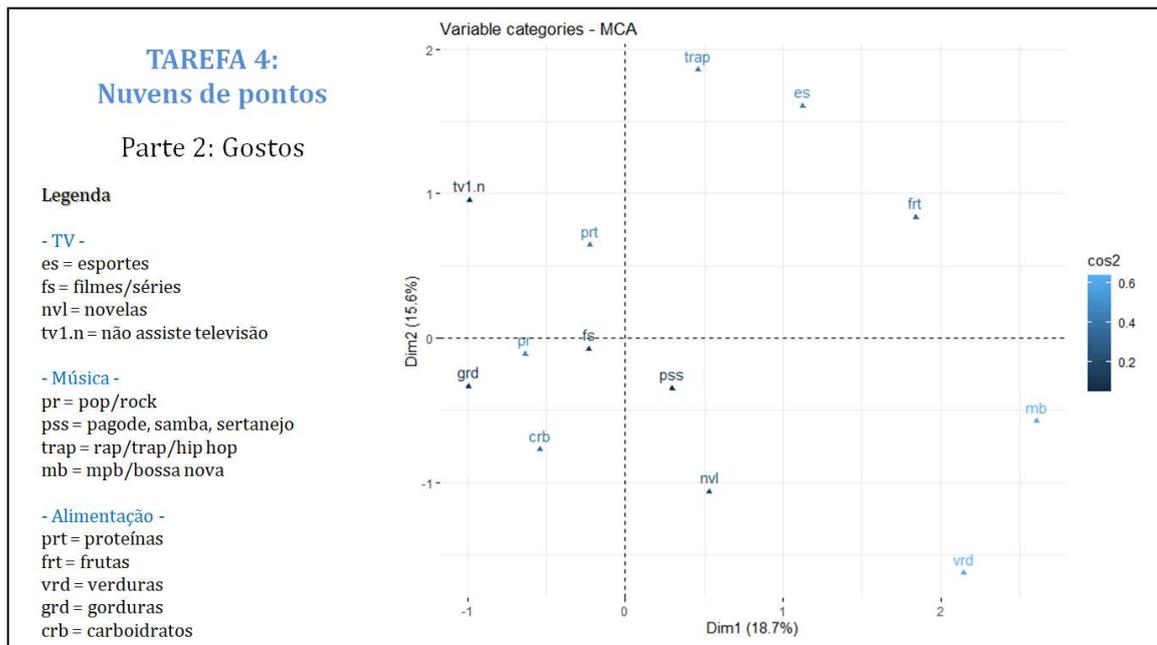
Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- (i) Vocês acham que há alguma relação entre estas informações aqui e a nuvem de categorias?
- (ii) Vocês querem mudar os nomes que deram aos eixos no gráfico de categorias?

Na segunda parte da Tarefa 4 foram apresentados os gráficos que relacionavam os gostos por estilo musical, programas de televisão e alimentação. As imagens 15, 16, 17 e 18 ilustram a tela exibida para os estudantes durante a aplicação da segunda parte da tarefa. As questões norteadoras propostas para incentivar o debate estão apresentadas em seguida à respectiva imagem.

Imagem 15 – Quinta tela da Tarefa 4 (parte 2): nuvem de categorias relacionando os gostos dos estudantes

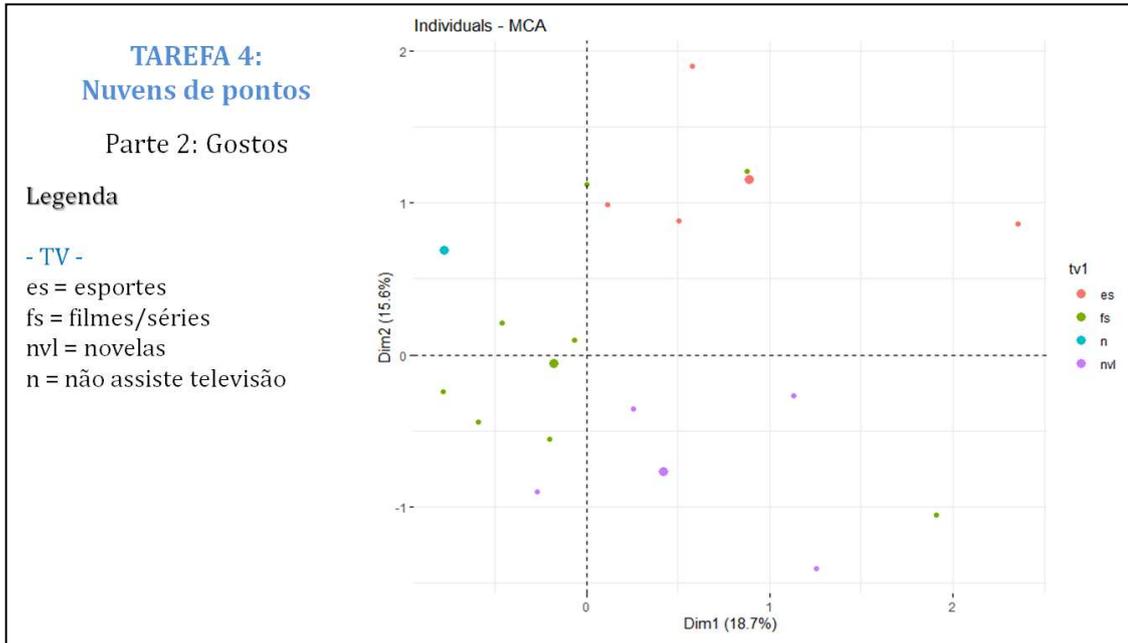


Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- (i) Há preferências musicais muito afastadas entre si? Onde elas estão localizadas?
- (ii) O que podemos afirmar sobre as preferências alimentares?
- (iii) Como estão distribuídos os interesses por programas de televisão?
- (iv) Vamos batizar os eixos novamente? Que nome vocês dariam para o eixo x? E para o eixo y?

Imagem 16 – Nuvem de indivíduos relacionando gostos, colorida de acordo com a preferência por programas de televisão

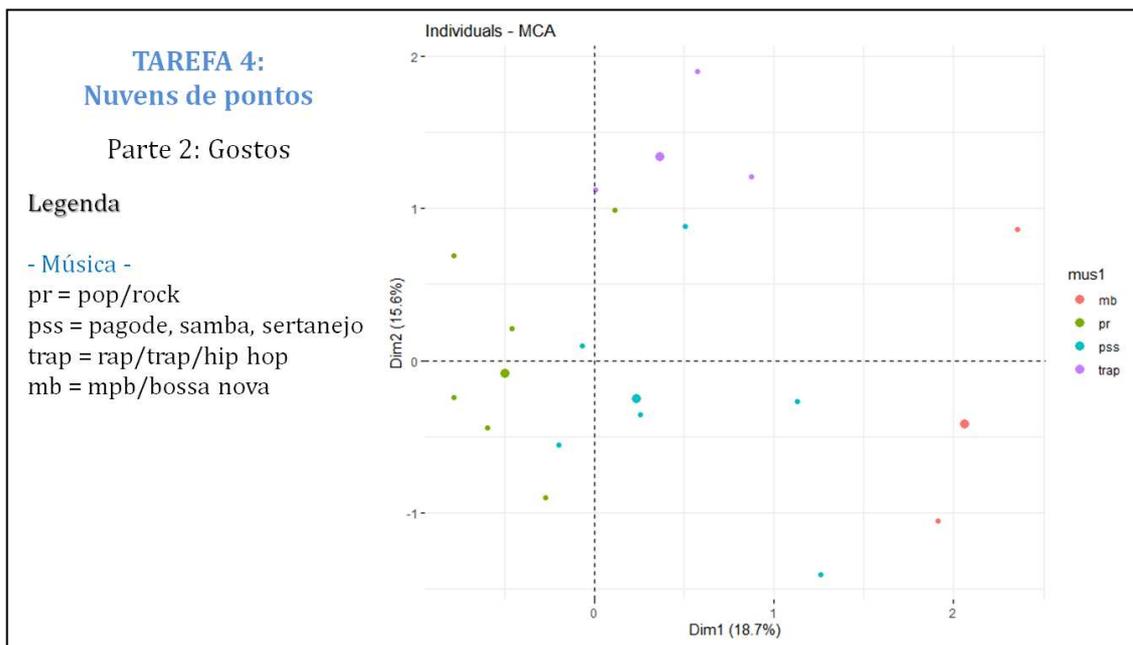


Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- Como estes indivíduos estão posicionados?
- As pessoas que gostam dos mesmos programas estão próximas ou afastadas?

Imagem 17 – Nuvem de indivíduos relacionando gostos, colorida de acordo com a preferência por estilo musical

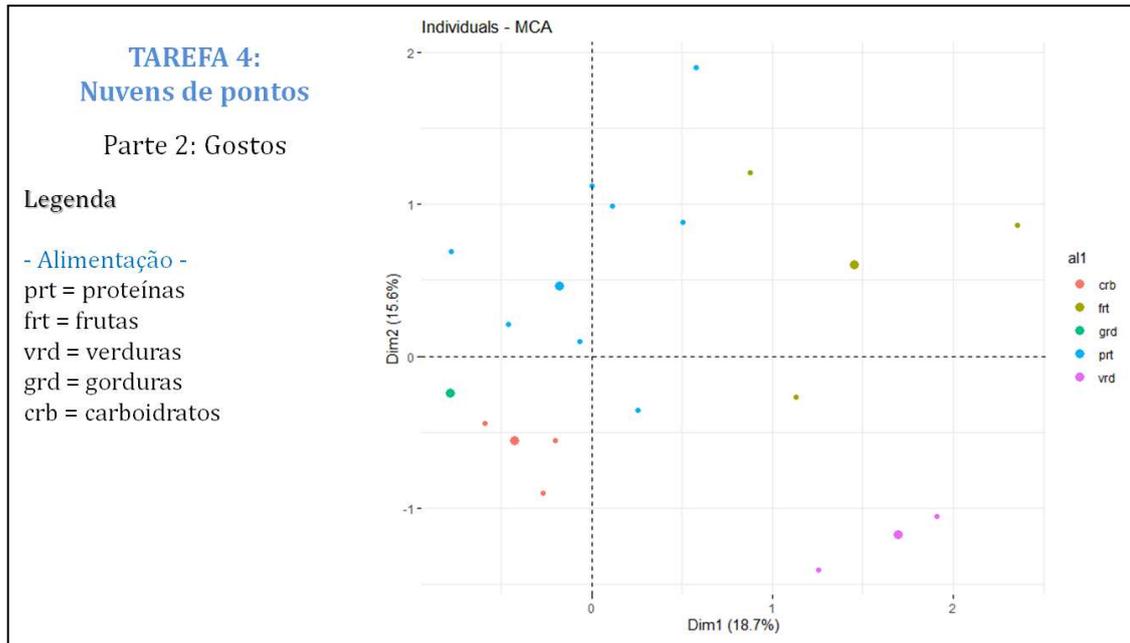


Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- (i) O que vocês têm a dizer sobre esse gráfico?
- (ii) As pessoas que gostam dos mesmos estilos estão próximas ou afastadas?

Imagem 18 – Nuvem de indivíduos relacionando gostos, colorida de acordo com a preferência por grupos de alimentos



Fonte: autoria própria.

Questões norteadoras:

- (i) E agora? O que vocês têm a dizer?
- (ii) Vocês acham que tem algum grupo de alimentos que seja similar a outro grupo (por exemplos, dois grupos de alimentos que sejam mais saudáveis ou menos saudáveis)?
- (iii) Como eles estão distribuídos no gráfico?

Para fechar a Tarefa 4, após realizar o debate sobre todas as nuvens apresentadas, foram propostas mais algumas questões norteadoras, buscando identificar os significados produzidos pelos estudantes ao longo da atividade. São elas:

- (i) O que estes gráficos estão informando?
- (ii) Você acha que os gráficos auxiliam a sua compreensão dos conceitos de capital econômico ou de capital cultural? Como?
- (iii) Os gráficos indicam algum tipo de disputa ou conflito em termos dos capitais discutidos? Justifique sua resposta.

- (iv) Você acha que um outro grupo de alunos interpretaria estas informações da mesma maneira que vocês? Justifique sua resposta.

Para o fechamento da atividade, na **quinta etapa** convidamos os estudantes a realizarem a Tarefa 5, de maneira assíncrona. Pedimos aos alunos que produzissem uma carta para um amigo que não mora no Brasil com intuito de observar se os estudantes utilizariam os conceitos de capital de Bourdieu recém discutidos (de maneira direta ou indireta) ao contar para um amigo sobre a realidade social e cultural do Brasil.

Tarefa 5: Fechamento

A partir das discussões que tivemos, imagine que você tem um amigo que mora no exterior e não conhece as dimensões econômica, social e cultural do Brasil. Escreva uma carta para seu amigo (em língua portuguesa) relatando a nossa realidade e as relações de poder envolvidas.

O Produto Educacional vinculado a este trabalho consiste no conjunto de tarefas apresentado neste capítulo com orientações didático-metodológicas para professores que ensinam matemática no Ensino Médio, referenciado teoricamente pelas produções científicas e acadêmicas apresentadas neste trabalho. A proposta está inserida na temática desigualdade social atrelada à Educação Financeira Escolar, com foco na Educação Estatística.

No próximo capítulo, apresentaremos uma análise das tarefas feita a partir dos registros da pesquisa de campo com foco na avaliação das potencialidades do conjunto de tarefas para sala de aula de Matemática. A leitura da produção de significados dos estudantes foi feita a partir das noções do MCS apresentadas no Capítulo 4, que envolve as seguintes categorias:

- i) A constituição de objetos – coisas sobre as quais aquele estudante sabe dizer algo e diz. Isto permite ao pesquisador observar tanto os novos objetos que estão sendo constituídos quanto os significados produzidos para esses objetos;
- ii) A constituição e a transformação de um núcleo (processo de nucleação): suas estipulações locais, as operações e suas lógicas associadas ao núcleo;
- iii) A produção de conhecimento: enunciação de crenças-afirmação e suas respectivas justificações;
- iv) A fala na direção de um interlocutor;
- v) As legitimidades, isto é, o que é legítimo ou não dizer (para quem está produzindo significados) no interior daquela atividade. (SILVA, 2022, p. 133)

Embora nem todas as noções-categorias sejam diretamente citadas durante a análise das tarefas, o conjunto de elementos do MCS esteve presente durante todo o processo. Silva (2022) salienta que não há uma ordem ou uma sequência pré-estabelecida das noções-categorias a ser seguida, mas “é o conjunto dessas coisas que estaremos considerando quando estivermos fazendo nossa leitura” (SILVA, 2022, p.134).

A análise apresentada no capítulo seguinte é uma leitura epistemológica feita pela autora deste trabalho a partir dos resíduos das ações enunciativas dos estudantes, dentre as diversas leituras possíveis para o processo de produção de significados destes estudantes.

6 ANÁLISE DAS TAREFAS

No capítulo anterior descrevemos o conjunto de tarefas desenvolvido ao longo desta pesquisa e a metodologia utilizada. Neste capítulo, apresentaremos uma análise para cada tarefa, acompanhada da nossa leitura da produção de significados dos estudantes que participaram da pesquisa de campo. Os pseudônimos escolhidos para estes estudantes foram: Carolina, Felipe, Renata e Rosa.

Durante a aplicação das tarefas, a pesquisadora procurou intervir apenas quando julgou necessário, fazendo questionamentos ou comentários pontuais, procurando não influenciar a produção de significados dos estudantes.

A análise foi feita com base nas gravações da sala de aula virtual nas quais as tarefas foram aplicadas e também nos registros escritos das tarefas assíncronas. Por isso, destacaremos alguns recortes das enunciações dos estudantes e utilizaremos as noções-categorias do Modelo dos Campos Semânticos para fazer uma leitura dos significados produzidos durante a atividade.

As transcrições de todo o áudio das gravações se encontram no final deste trabalho, nos Apêndices B, C e D. Também foram detalhadas nestas transcrições outros tipos de enunciações que apareciam no vídeo durante as falas dos estudantes, como gestos e expressões faciais, com intuito de complementar a leitura dos significados produzidos.

6.1 ANÁLISE DA TAREFA 1

A Tarefa 1 e a Tarefa 2 foram realizadas de maneira síncrona durante o primeiro encontro virtual com os estudantes. Não foram realizados registros escritos das respostas, portanto esta análise é baseada na gravação em vídeo do encontro. A transcrição completa da gravação deste encontro pode ser encontrada no Apêndice B deste trabalho. Todos os sujeitos de pesquisa participaram deste encontro: Carolina, Felipe, Renata e Rosa.

Segue abaixo o texto disparador da Tarefa 1.

Tarefa 1 – Reflexões iniciais

Texto para reflexão e discussão

O sociólogo Antonio David Cattani, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em uma mesa redonda que discutia questões sociais, afirmou o seguinte:

- Quem são os pobres? São aqueles preocupados com o que vão comer hoje à noite, isso se conseguirem comer alguma coisa...
- Quem pertence à classe média baixa? Aqueles preocupados em saber como vão sobreviver até o final do mês, como pagar escola, aluguel, alimentação etc.
- Quem pertence à classe média? Aqueles preocupados em saber onde irão passar as férias de verão, se trocam ou não de carro e que reclamam o tempo todo da carga tributária.
- Quem pode ser classificado como classe média alta? Aqueles preocupados em saber se na próxima temporada irão à Londres ou à Nova York e se, além de Miami, comprarão uma residência em Portugal.
- Quem pertence à classe verdadeiramente rica? Aqueles preocupados em como passar o patrimônio para os netos.

Fonte: MONTEIRO, J. M. 10 lições sobre Bourdieu. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

Questões para discussão:

- a) Que tipo de reflexão a fala de Cattani te causa?

Felipe: Injustiça, desigualdade, questões sociais e econômicas?

Carolina: Bom, aí fica bem claro a desigualdade mesmo, porque cada um tem sua preocupação. Enquanto um se preocupa com o que vai comer na janta, o outro se preocupa em passar herança, viajar pra fora... coisas meio fúteis, né?

Renata: Exatamente! Quando eu li gritou na minha cabeça, né, desigualdade. E é exatamente o que Carolina *tava* falando, né? Enquanto uns se preocupam com o que vão comer, como será o dia de amanhã, o que faremos com aquela conta que vai vencer; outro se preocupam né, com aluguel da casa em Miami, se foi quitado ou se não foi... coisas desse tipo.

Rosa: Eu concordo com todo mundo, assim, que é uma desigualdade muito grande. Não é só no nosso país, mas é tipo, o mundo todo tem isso. E eu concordo super com o que elas falaram. É isso, pra mim é desigualdade mesmo.

A expressão utilizada por Felipe para responder a pergunta é “injustiça, desigualdade social”, indicando uma crença de que a desigualdade social é injusta. Ele também afirma que a desigualdade social está relacionada a “questões sociais e econômicas” sem apresentar justificações, dando indícios de estipulações locais.

Carolina também aponta que o texto trata sobre desigualdade social, mas traz uma justificção diferente “porque cada um tem sua preocupação”, exemplificando. Renata procura compartilhar interlocutores com Carolina, dando alguns exemplos na mesma direção. As duas estudantes procuraram apresentar exemplos de preocupações dicotômicas para

justificar a desigualdade social que acreditam haver entre pessoas muito ricas e pessoas muito pobres.

Enquanto isso, Rosa procurou estabelecer um espaço comunicativo com os demais estudantes, repetindo que há “uma desigualdade muito grande” e reafirmando “concordar com todo mundo”.

b) Que tipo de classificação você acha que o autor usa para dividir as pessoas em grupos no Brasil?

Felipe: Ahn... esqueci a palavra... mas, como se fosse a classe social mesmo. Ele fala de classe média, os pobres, a classe média alta e os ricos.

Carolina: É, como se fosse nas coisas que eles adquirem, né? Por exemplo, um é a janta. O outro é aluguel, escola, essas coisas. E vai aumentando a partir daí, viagem...

Felipe: É, as aquisições.

Carolina: Cada um tem uma preocupação em pagar alguma coisa, sabe?

Renata: Ah, eu acho que... acredito eu, que ele tenha se baseado mesmo na questão visionária, né? Não precisa ir muito a fundo pra você perceber que tem pessoas que enquanto umas se preocupam com o que vão comer, outras se preocupam né, realmente, em herança, em bens, enfim...

Rosa: Eu concordo com todo mundo. Acho que... concordo com cada parte. Não tem mais nada pra falar sobre. Acho que eu concordo com todo mundo.

Novamente, Rosa procura estabelecer um espaço comunicativo com os colegas, afirmando mais de uma vez concordar com “todo mundo” e com “cada parte” do que foi dito.

Felipe introduz o objeto “classe social”, que era o que esperávamos. Embora Carolina e Renata compartilhem interlocutores com Felipe, elas relacionam a divisão em grupos feita pelo sociólogo Cattani ao poder aquisitivo das classes, apontando novamente as preocupações de cada classe.

c) Em qual dos grupos acima mencionados você colocaria um advogado, um jogador de futebol, um professor, um desempregado que vive pelas ruas da cidade e o dono do Facebook? Justifique sua escolha.

Felipe: Que pergunta óbvia, cara! (risos) O pobre seria o desempregado que *tá* na rua e tal e não sabe como vai ficar o dia de hoje, a noite de hoje, nem o dia de amanhã.

Carolina: Concordo!

Felipe: Eu diria que... um professor seria, estaria entre o classe média baixa e o classe média ali, porque depende do salário de cada escola e etc e tal. Mas as condições de trabalho e de vida que ele teve. Ahn... o classe média é o pessoal que já tem uma condição melhor de poder viajar e tudo mais. É que eu não lembro qual era o exemplo, mas o classe alta é o advogado e o criador do Facebook seria o rico.

Carolina: E tem o jogador, né? Que dependendo do nível... se for o Neymar da vida, é na herança.

Felipe: Eu acho que o jogador de futebol e o criador de Facebook estão assim bem próximos.

Renata: Estão no mesmo patamar, eu também acho!

Felipe, Renata e Carolina procuraram agrupar os perfis profissionais sugeridos de acordo com as preocupações das classes sociais já discutidas. A fala de Felipe “Que pergunta óbvia, cara!” e a anuência de Carolina e Renata no primeiro momento apontam para estipulações locais no que se refere à divisão das pessoas em cada um dos grupos apresentados no texto. Mas, em seguida, o grupo demonstra movimentar estas crenças considerando algumas subjetividades de cada profissão mencionada, produzindo novas crenças e justificações, evidenciando a produção de conhecimento:

Carolina: Só que depende também do jogador de futebol... se for mais simples, é classe média alta.

Rosa: Mas depende de tudo. Tem jogador que *tá* começando, então tipo... vai ter uma diferença muito grande. Mas se for um jogador bem famoso... vai ter, pode ser o classe média alta ou até o rico mesmo.

Pesq.: Beleza! Vocês concordam com Felipe na classificação do professor?

Renata e Carolina (*juntas*): Sim.

Rosa: Sim, eu concordo.

Carolina: Fica entre classe média e classe média baixa.

Pesq.: Fica entre, não é nem uma nem outra?

Carolina: Depende, isso é relativo, né?

Felipe: Depende porque pode ser extremos assim...

Rosa e Renata (*juntas*): É muito relativo...

Felipe: Você pode ser professora do (*nome da escola dos estudantes*) e trabalhando no público é diferente do professor que *tá* trabalhando no (*nome de outra escola da região*) do Rio de Janeiro.

Renata: Exatamente, é muito...

Rosa: Isso aí!

Renata: Eu não posso falar por você... eu não digo nem você, mas vamos supor um professor... deixa eu botar uma escola... sei lá, a escola dos meus irmãos, o (*nome de outra escola da região*), não ganha a mesma coisa que um professor do (*nome de outra escola da região*). Então eu não posso falar que tipo assim “ah, é... *tá* todo mundo na classe média”. Eu também não posso falar todo mundo na classe média baixa. Então é muito relativo.

Carolina: E também depende, porque tem professor que trabalha em várias escolas e tem outros que trabalham em só uma. Então varia muito.

Renata: Exatamente.

Carolina: E ainda tem os de universidade, né? Que ganha bem.

Quando Carolina considera que “depende também do jogador de futebol”, “isso é relativo” e “ainda tem os de universidade, né? Que ganha bem.”, ela demonstra incorporar novos elementos, isto é, novas estipulações locais. Os demais colegas compartilham interlocutores com ela e também demonstram abandonar as estipulações apresentadas inicialmente, dando indícios da movimentação do processo de nucleação.

d) Você acha que dividir as pessoas em grupos de acordo com a quantidade de dinheiro que conseguem acumular é uma boa classificação? Haveria outras coisas a levar em consideração?

(...)

Felipe: (...) Vai depender da realidade dele, do que ele *tá* fazendo, de qual é a formação dele e por aí vai. Vai ser relativo de qualquer jeito. Então eu não diria que é uma boa classificação nem ruim, mas ela ajuda na questão do estudo pra você dividir e entender generalizando as partes. (...)

(...)

Renata: Sim, eu normalmente não gosto de... é... como que se diz, de rotular. Mas aqui não é nem questão de rótulo, é questão de realidade mesmo. Eu vejo como se fosse uma caixinha, sabe? E é a sua realidade agora, é aquela caixinha. Mas nada impede que você saia da classe

média, é... quer dizer, saia da classe média pra você ir pra alta sociedade. Entende? Eu acho que é tudo questão de agora, do momento, sabe?

(...)

Felipe: Eu acho que, tipo assim, varia até de fase da pessoa. Por exemplo: o cara que criou o Facebook, ele não começou já criando o Facebook e se dando bem pra caramba, então vai variando do tempo, vai variando das preocupações que ele tem ao longo do sucesso dele ou do fracasso, de progresso a retrocesso. Então, tem gente que já foi pobre e cresceu pra classe média.

Rosa: Eu acho que deveria tipo... [pausa] tipo como considerar, nem é considerar, tipo é como que ele *tá* agora, sabe? Mas considerar o antes. Tipo, como que ele começou isso? Como que, tipo, sei lá, o dono do Facebook começou antes, sabe? Não considerar ele agora, considerar ele antes também, como tudo começou, sabe?

Carolina: O processo de crescimento, eu acho.

Rosa: Isso, considerar antes, sabe? Por que ele teve essa ideia? Por que ele quis criar isso? Por que que ele fez aquilo? Então, assim, acho que não deveria considerar só o agora, o antes também.

(...)

Renata:(...) É o que eu te falei, né? Aquele lance das caixinhas. Não é que você esteja fadado a viver aquilo ali, “nossa, eu sou da classe, é... da classe média e vou ficar aqui pra sempre”. Não, cara! É questão sua, entendeu? É óbvio que eu sei que a sociedade não *tá* ajudando muito, não tem incentivado muito. Mas acontece, tipo assim, não pode deixar a peteca cair, sabe? Vambora! Foi o que as meninas estavam falando, ninguém nasce “ah, dormi, acordei, nossa, dona do Facebook”. Não, claro que não! O cara batalhou pra *tá* ali. Então, assim, mais uma vez, pra mim, é questão de degrau mesmo.

Felipe: Tipo, eu não acredito em meritocracia. Eu não acho que aquele negócio de “ah, quem quer dá um jeito” funciona pra tudo, não, sabe? As oportunidades não vão bater na porta de todo mundo da mesma forma. Nem pro pobre desempregado que vai *tá* na rua, tanto pro cara que criou o Facebook ou pro jogador de futebol, vai depender. Tem muito jogador de futebol que saiu de lama assim e agora *tá* lá jogando, que nem o Neymar, fazendo essas coisas. Mas demorou muito ou então foi um destaque que aconteceu especificamente ali, não vai acontecer com todo mundo, nem todo mundo vai ter essa mesma oportunidade.

(...)

Renata: Minha avó costuma dizer pra mim que eu não posso ter a síndrome de Gabriela. E eu fui perguntar pra ela: “O que era síndrome de Gabriela?”. E ela falou “eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim, Gabriela”. Não, vambora, sabe? Isso é o que...

Carolina (interrompendo Renata): Não se acomodar!

Renata: ...o que você quer seguir. Exatamente! Não se acomoda. Cara, eu não quero ficar aqui. Então, eu vou sair por quê? Porque você quer, vambora, sabe? Então, mais uma vez pra mim é questão de... de degrau mesmo.

Felipe não acredita que dividir as pessoas de acordo com as classes seja uma boa classificação, mas admite que pode ser útil para realizar estudos sobre a sociedade. Renata aponta que o momento atual do indivíduo deve ser considerado e a fluidez entre as classes sociais depende apenas dos desejos do indivíduo. Neste ponto, Felipe fala em outra direção, indicando que as oportunidades não aparecem para todos de maneira igual e que não há grande fluidez entre as classes sociais.

Na fala de Rosa, mais uma vez, há indícios de uma tentativa de compartilhar interlocutores com todos os colegas, possivelmente uma busca por legitimidade. Ela começa dizendo que “Eu acho que deveria tipo... [pausa] tipo como considerar, nem é considerar, tipo é como que ele *tá* agora, sabe?”, procurando falar na direção do interlocutor de Renata. Mas ela termina a mesma fala colocando “Não considerar ele agora, considerar ele antes também, como tudo começou, sabe?”, buscando estabelecer um espaço comunicativo com Felipe também.

e) Você classificaria as pessoas de um jeito diferente? Por quê?

Felipe: Sim, eu acho que nesse sentido de você botar pra jogo em questão até mundial é mais fácil você rotular, tipo botar ‘miséria’, ‘pobre’, é... ‘classe média baixa’, ‘classe média alta’, e etc e tal (*colocando as mãos horizontalmente na frente do rosto e colocando uma mão em cima da outra, indicando hierarquia entre as classificações*). É importante pra você poder reconhecer o que *tá* acontecendo. Tanto que tem os estudos pra você poder saber quantos por cento vivem na miséria, quantos por cento não tem acesso a saneamento básico e por aí vai. Acho importante classificar desse tipo. Mas tem algumas classificações que são colocadas de forma pejorativa que eu não concordo. Eu acho que fica ofensivo pra quem *tá* sendo rotulado dessa forma e pra quem *tá* falando também. Aí em questão de estudo...

(...)

Carolina: Nisso que o pessoal *tá* falando, eu lembrei aqui de uma fala que eu já vi em algum lugar. A questão de quanto ganha por dia, porque é uma forma de ver a questão econômica e a desigualdade mas sem usar essas palavras e insultar as pessoas. Só mostrando a realidade mesmo, sabe? [pausa] Por que tem gente que vive com um valor absurdo diariamente enquanto outros a gente sabe que, né? Neymar da vida...

Rosa: Sabe o que eu acho, assim? É... teve uma coisa piscou na minha cabeça assim... eu acho que eu classificaria as pessoas de outro jeito. Mas acho que nem é no geral, assim. Acho que é no pessoal, porque se a pessoa tiver um bom caráter, se a pessoa tiver um... tipo, um bom caráter, ser uma pessoa muito boa, ser uma pessoa de coração muito bom, eu acho que botaria ela no verdadeiramente rica. Rica, rica dentro dela, sabe? No coração. Mas... e, tipo, pessoas que são tipo, tem dinheiro, aquelas pessoas que são hostis, que são egoístas, tipo várias pessoas aí. Eu botaria ela nos podres, assim, nos pobres, nos podres assim, sabe? Nos pobres mesmo. (...) Acho que tem muitas pessoas que são pobres que são verdadeiramente ricas por dentro. Então eu acho que eu classificaria pelo caráter, pela personalidade da pessoa.

Pesq.: Bacana, Rosa. Vocês querem comentar? Tem mais algum outro tipo de classificação que vem à mente de vocês?

Felipe: Eu preferi falar mesmo do estudo porque o pessoal também pontua nesse negócio também que o caráter *tá* valendo mais do que o capital que você ganha ou a aparência que você tem e afins. Mas pra dividir em pesquisa e estudo assim é melhor você dar nome a esse tipo de classe pra você entender o que *tá* acontecendo em cada camada da sociedade, no geral. Tanto a sociedade brasileira como no mundo. Então, no pessoal eu falaria outras coisas, mas no estudo assim, não.

Felipe aponta mais uma vez que a estratificação pode ser uma ferramenta útil para estudos de caráter socioeconômico sobre as sociedades no mundo e demonstra preocupação com formas pejorativas de tratar pessoas com baixo poder aquisitivo. Nesse ponto, Carolina procura compartilhar interlocutores com ele e apresenta uma classificação que depende apenas do ganho diário dos indivíduos, buscando utilizá-la para comparar as realidades das pessoas ao redor do mundo. Rosa fala em outra direção, apresentando uma classificação moralista que não tem relação com o capital econômico, mas com o caráter e a personalidade dos indivíduos.

6.2 ANÁLISE DA TAREFA 2

A Tarefa 2 ainda foi realizada durante o primeiro encontro síncrono e a transcrição completa da gravação está disponível no Apêndice B deste trabalho.

Segue abaixo o texto disparador da Tarefa 2 e as questões norteadoras.

Tarefa 2 – O que é capital?

Texto para reflexão e discussão

O sociólogo francês Pierre Bourdieu desenvolveu um importante conceito denominado **capital**. Para ele, o **capital** diz respeito aos recursos que uma pessoa possui e que lhe fornece vantagens e privilégios em relação àquelas pessoas que não os tem. Dito em outras palavras, o capital são as coisas – dinheiro, estudo, hábitos, relacionamentos com pessoas – herdadas ou adquiridas por alguém.

Os diferentes níveis de acúmulo de capital são considerados por Bourdieu como uma forma de distinguir as pessoas e separá-las em classes. Para o sociólogo, o capital pode ter diversas classificações. Vamos tratar aqui dos capitais **econômico**, **cultural** e **social**.

O **capital econômico** é a quantidade de recursos financeiros que uma pessoa dispõe na forma de patrimônio material (casa, automóvel, joias, terras) e dinheiro (salário, poupança, investimento em bolsas de valores). Esse tipo de capital é geralmente considerado para explicar as desigualdades sociais entre as pessoas.

O **capital cultural** diz respeito aos recursos adquiridos na família e na instituição escolar – via instrução recebida pela pessoa – e que corresponde, por exemplo, a falar bem, a ter postura, a escrever bem, a ter gosto pela leitura e por manifestações artísticas, a obtenção de diplomas e certificados, entre outros. Diz respeito também ao consumo de bens culturais legitimados pela classe dominante (rica), como visitar museus e galerias de arte, assistir a filmes e peças de teatro, estudar idiomas e viajar.

O **capital social** corresponde à rede de relacionamentos sociais e contatos que uma pessoa possui e que lhe confere vantagens sobre os demais. Como, por exemplo, ter amigos estudiosos, conhecer e discutir ideias com professores, conhecer e ter contato com pessoas que podem te ajudar a crescer profissionalmente.

Fonte: Texto adaptado de MONTEIRO, J. M. 10 lições sobre Bourdieu. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

Questões para discussão:

- a) Que importância você atribui a ser informado sobre o conceito de capital de Bourdieu para sua vida no futuro?

Felipe: (...) eu acho que você vai crescendo e você vai entendendo isso pra você poder ter, montar o seu futuro, né? No geral, assim... tanto quanto essa coisa de você saber o que você vai estudar e o que você precisaria estudar pra poder ser... ter uma aquisição maior ou a parte cultural, econômica, etc e tal. Acho que você precisa entender isso pra você começar a planejar o seu futuro, pelo menos.

Renata: Concordo perfeitamente com o que Felipe falou.

Carolina: Também concordo com o que Felipe falou, inclusive é exatamente o que ele falou, assim... pode ajudar você decidir seu futuro, o que você quer fazer a partir disso. Inclusive, na questão social é tipo... destaca um *networking*, sabe? De você ter contatos, de você conhecer pessoas e você poder fazer o seu meio profissional através disso, que é muito importante, inclusive. E que muita gente não tem oportunidade nessa parte, né? Não tem muito

conhecimento, não conhece pessoas e por isso que tem também pessoas desempregadas e muitas pessoas que conseguiram empregos por conta disso, de ter contatos.

Rosa: Eu concordo com todo mundo que falou.

Felipe começa apontando que compreender as relações entre os tipos de capitais apresentados no texto é importante para o planejamento do futuro em uma sociedade capitalista e as demais estudantes afirmam concordar com ele. Carolina destaca a importância do capital social para o desenvolvimento profissional, atrelando o desemprego à falta de oportunidades proveniente da falta de “contatos”. Rosa, mais uma vez, afirma concordar com “todo mundo”, procurando compartilhar um espaço comunicativo com os colegas.

b) Se você quisesse planejar seu futuro, como você imaginaria utilizar estes diferentes tipos de capital para a sua formação?

Felipe: (...) eu acho que assim, que o capital social e o cultural, eles são mais importantes. Porque querendo ou não, se você tiver uma aquisição maior desses dois, você já chega numa *parada* mais econômica assim, sabe?

(...)

Felipe: (...) ele pode pagar pra aprender. Ele pode não... sei lá, ele pode não se dar bem no social no sentido de interagir. Ele pode pagar uma terapia. E aí, na terapia, ele pode melhorar essa coisa e evoluir como pessoa pra poder saber como faz isso. Ou então, sei lá, ele quer o social de pessoas que falam a língua inglesa, ele pode fazer um curso. Ele quer ser cinéfilo, ele pode ver mais cinema, ele pode alugar mais filmes, ele pode fazer isso. Porque ele vai ter o poder aquisitivo do capital econômico pra poder ter acesso a isso. Não significa que, tipo, ele vai ser bom nisso. Talvez com o treino ele consiga, mas o fato é que ele teve... é aquele esquema das caixinhas, né? Tem o cara que *tá* aqui em pé, só na pontinha do pé olhando a cerca, tem o outro que *tá* com caixote e tem o outro que conseguiu comprar uma escada pra poder pular o muro. E aí ele chega na oportunidade que ele quer. Então vai variando do que você tem a... em mãos ali pra você fazer. Tem um pessoal que corre atrás porque quer muito isso e aí acha que vai conseguir uma oportunidade melhor correndo atrás disso e tem a galera que tem de mão beijada, que aí pode chegar pro papai e falar “papai, paga esse curso aqui pra mim que eu quero fazer esse curso de inglês ali”. E aí fala inglês! É isso, ele treina e aí ele fica bom em falar inglês. Mas não é uma *parada* que tipo... que ele *tá* precisando pra poder chegar em outro lugar. Porque normalmente quem *tá* visando isso, de... quem *tá* abaixo dessa

classe do criador do Facebook e do jogador de futebol, ele *tá* visando outra coisa. Tipo, eu não fiz um curso de inglês porque eu queria aprender a língua inglesa simplesmente pra, sei lá... eu não fiz o curso de inglês porque eu queria chegar e falar com o DJ americano que veio pro Brasil porque eu ia encontrar ele numa festa da minha prima de 15 anos. Não foi pra isso que eu fiz. Foi porque eu preciso do inglês pra botar no meu currículo pra poder ter é... cliente de *freelancer* na internet, pra poder falar com outras pessoas, pra poder tentar fazer intercâmbio. Porque aí as oportunidades querendo ou não são maiores quando você tem mais coisa pra colocar no seu currículo, tanto extracurricular como essa coisa do social. Se você tem mais contatos, se você fala com mais gente, você acaba tendo um leque de opções. Eu, por exemplo, que faço coisa com minha mãe de protesto no Rio, na Cinelândia, coisas de Educação, eu conheço uma galera ativista do Rio. Eu quase cheguei a conhecer a Marielle Franco. Mas não porque eu consegui pagar pra poder estar no evento dela, não. É porque eu conheci pessoas que conheciam ela e através disso o discurso dela chegou em mim também. (...)

Carolina: Não tem nem mais o que falar, né? Felipe falou exatamente tudo. (risos)

Renata: Isso que eu ia falar agora! Mano, perfeito! Não tem literalmente o que falar.

Carolina: É, mas é algo relativo... econômico, cultural e social mesmo. Como Felipe falou que, por exemplo, você pode ter dinheiro, mas você não tem conhecimento e você não vai ter contatos. Ou também, você pode ter o cultural, que foi o caso dele, que através disso ele teve o social e a partir daí, se ele quisesse arranjar um jeito de ter o econômico ele poderia, com *networking*, essas coisas assim, sabe? Mas é muito relativo, mas todos eles são importantes de alguma forma. Mas acho que o principal mesmo é o cultural. Porque você tendo o cultural, você tem conhecimento, você pode fazer alguma coisa, ter contatos e aí vem pro social e, a partir disso, você pode ir pro econômico, né?

Rosa: Assim, eu... eu no meu pessoal, né? No meu pessoal... eu sempre... minha família sempre foi envolvida com Educação, eu nunca tive... eu sempre fui envolvida com Educação, minha mãe, minha avó é... minha avó foi coordenadora, foi pedagoga, foi diretora. Trabalhou na fundação da... de Niterói e tal. Sempre fui envolvida na Educação, então eu sempre tive essa coisa de defender a Educação, como... tipo... como uma coisa que já viveu na minha vida. (...)

Nessa primeira parte do diálogo, Felipe produz enunciações para defender que o capital cultural e o capital social são mais importantes e que, a partir deles, é possível acumular capital econômico. Ele também afirma que quando se tem acesso a um grande

capital econômico, há mais oportunidades para acumular os demais tipos de capital. Renata e Carolina concordam com Felipe e Carolina apresenta novas enunciações a partir dos resíduos da enunciação de Felipe.

Rosa dá indícios de desejar compartilhar interlocutores com Felipe, apresentando justificações para seu interesse por defender a Educação, assim como ele afirmou fazer em protestos na Cinelândia. Após Rosa concluir sua fala:

Pesq.: Renata, você tentou falar algumas vezes. Quer tentar de novo?

Renata: Meu microfone não *tava* querendo ligar não, mas agora foi. É... assim, eu tiro muito por mim. Porque aqui em casa a gente veio de baixo, desde sempre. Meu avô era porteiro, a minha avó desde... até hoje ela é faxineira e assim, o cultural pesou muito pra gente, muito, muito, muito. Meu avô sempre falava “eu não tenho dinheiro, eu não falo bem, eu não tenho estrutura pra te botar numa escola boa”. Ele falava pra minha mãe, quando minha mãe era pequena. Mas o que o meu pai me deu, eu posso te dar, que é educação, um bom estudo, então *vamo*. Então, tipo assim, a gente sempre veio buscando a base pelo cultural. É óbvio, foi como a Carolina falou, os três são muito importantes, mas eu acho que o cultural, ele pesa muito. Até porque a minha mãe, acho que quando ela tinha 15, não me lembro direito, 15 ou 14 anos, ela começou né, a se interessar pela questão da faculdade. Até porque 15 ou 16 anos é quase ali no 1º né, 9º, naquela fase ali. E ela começou a pesquisar faculdade. E a minha avó e o meu avô não tinham feito, então não sabiam o que falar pra ela. Não sabiam, assim, como direcionar a ela. E naquela época né, internet era muito difícil pra ela, então ela foi pra biblioteca e começou a procurar, procurar, procurar, procurar... e ali ela viu que ela era apaixonada por letras. Então, assim, essa paixão dela de ler, de estudo... vem tudo, tipo assim, da batalha, sabe? Eu acho que se tivesse internet, ela nem... jogaria assim “ah eu acho que me dou bem com tal e tal coisa, *vambora*, é isso aqui”. Mas não, porque a base cultural que meu avô deu pra ela, “não, se você quer, você corre atrás...”. Oh, aprendi que era assim desde lá de trás meu bisavô, tataravô, ensinou pro meu avô e ele passou pra minha mãe e a minha mãe passa pra mim, passa pros meus irmãos e eu passo pros meus filhos... então, assim, os três pesam muito, sim! Mas eu ainda acho que o cultural é a base de tudo. Porque eu acho que não adiantaria nada eu lutar, lutar, lutar agora, Ensino Médio e tudo, passa no ENEM, passa no vestibular, chega lá me formei em direito, e aí? Sei falar o que? Sei fazer o que? Sabe? Então, assim, eu acho que o cultural é o que mais pesa mesmo.

Pesq.: Fala, Felipe! (*a pesquisadora percebeu que Felipe gostaria de falar*)

Felipe: Eu lembrei de um negócio até pra juntar as três questões, tipo assim... o Lula, ele chegou na presidência sem ter as aquisições econômicas dele ainda, e muito menos as culturais, o cara não era nem alfabetizado direito pra isso. Ele chegou no social, porque ele entendia na pele o que era o que o pessoal queria, que *tava* vendo ali. Depois é que ele foi estudando pra poder fazer essa questão e aí ele teve a aquisição econômica dele. Outros exemplos pessoais, a casa do meu avô foi construída a base de jogo do bicho. Meu avô trabalhava em coisa de barca, minha avó era telefonista só e também não terminou o Ensino Médio. Foram as oportunidades que tiveram ali, mas levando isso em consideração, tanto o que Rosa até falou de caráter e de Renata ter falado, tipo assim, o discurso de você sair de baixo e aí você conseguir crescer, é muito bonito. Mas ele é muito bonito pra você mandar naquela corrente do *whatsapp*. Na realidade ele é um lixo, porque você sofre pra cacete e aí quem você *tá* passando ali... você fica orgulhoso de você *tá* melhorando e afins, mas é uma vida ruim. Não é bom você estar ali, você não... sei lá, se você tivesse a opção de ter as coisas fáceis... aquelas coisas de duas pílulas do Matrix: se você tivesse uma pílula que você ia tomar ela e a sua vida ia estar feita e a outra você ia ter que passar por muita merda, mas aí você ia conseguir aprendizado e num-sei-o-que-lá e você ia conseguir chegar no topo do mesmo jeito. Beleza! Mas não é muito mais fácil você pegar quando você já tem oportunidade do negócio? Então, é um negócio que nem o... pro capital econômico seu caráter não vai importar, pro social e cultural, sim. Porque isso te leva a outras coisas. O econômico, ele já uma *parada* que ele te impulsiona, é aquela coisa do dinheiro te trazer felicidade ou não. Ele não te traz felicidade, mas ele te traz coisas que te trazem felicidade. Se você comprar um vídeo game, você vai ficar feliz. Se você tiver o dinheiro que você quer pra comprar um celular novo, você vai ficar feliz do mesmo jeito. Mas não é que ele te acrescente... eu não acho que o dinheiro te acrescente como pessoa. Ninguém vai ser melhor... o jogador do Facebook, o... criador do Facebook, ele não é melhor que eu só porque ele criou o Facebook e ele é multimilionário por ter criado o Facebook. Eu não acho isso! Eu acho que, de fato, os três são importantes, mas que se fosse pra medir em – até essa coisa de pirâmide social – se fosse pra colocar isso numa pirâmide, eu colocaria o cultural, o social e depois só o econômico, sabe? (*apontando com o dedo indicador três pontos no ar de cima para baixo*) Em último! Porque eu acho que esses dois te levam muito mais longe do que o dinheiro te levaria. Ele só é uma facilidade mesmo, não acho que ele é um requisito especial que você tenha que ter pra você ser uma boa pessoa ou ser considerado uma boa pessoa perante as outras pessoas da sociedade.

Carolina: Felipe é extremamente sensato!

Neste trecho, Renata defende que classes mais baixas podem conquistar capital econômico se apostarem em acumular capital cultural e capital social, reforçando sua ideia de fluidez entre as classes sociais colocada na Tarefa 1. Felipe, por outro lado, embora valorize muito o capital cultural, enxerga o acúmulo de capital econômico como uma facilidade para alcançar metas na vida e faz uma crítica à romantização da ascensão econômica de pessoas com menor poder aquisitivo.

Pesq.: Só quero ressaltar um trecho do texto. No primeiro parágrafo, no meio do primeiro parágrafo ele fala assim oh: O capital cultural “diz respeito também ao consumo de bens culturais que são legitimados pela classe dominante”, ou seja, a classe rica. Aí alguns exemplos: “visitar museus, galerias de arte, assistir a filmes e peças de teatro, estudar idiomas e viajar”. Então, é... o capital cultural, ele está relacionado ao consumo de bens culturais que foram legitimados pela classe dominante. Só quero deixar isso frisado pra vocês continuarem comentando.

(...)

Felipe: (...) E eu continuo falando que eu acho que o cultural seria o mais importante. Só que o problema é que botaram isso como uma coisa legítima, então acaba ficando exclusivo novamente. Por isso que é sempre as pessoas mais ricas e que tem mais poder aquisitivo-econômico que ficam no topo, mesmo sendo a minoria da pirâmide social, etc e tal. Então elas estão sempre acima de alguém só que por babaquice, não tenho outra forma de dizer por que eu fico irritado com isso. É babaquice você botar tantas poucas pessoas com estudo bom e essas pessoas assim, às vezes, nem usarem isso de forma adequada enquanto tem gente que *tá* aqui que quer isso, entendeu? Eu adoraria estar indo em museu o tempo todo e indo em cinema, aprendendo mais sobre essas coisas, indo em museu de artes etc e tal, porque é coisa do meu interesse. Só que aí lá... (*olhando pra cima*) antes até de Revolução Francesa já era um negócio que assim, só ia pra teatro quem era lá da corte, só via tal entretenimento quem era da corte, e aí quem o rei aprovava. E aí só ficou excluindo, excluindo, excluindo e aí aumentou essa taxa do povão de ficar sem nada porque é mais fácil uma pequena parcela da sociedade controlar a grande parcela se a grande parcela não tiver acesso a ensinamento. Você estando burro, não sabendo que você está lutando ou estudando, você fica manipulável, você é influenciável para aquele que supostamente saberia mais que você, mas só sabe mais que você porque ele teve acesso a isso. Então eu continuo achando que é uma injustiça sem igual pra mim. É ridículo falar um negócio desse e botar nesse aquisitivo-econômico, eu não concordo com essa parte do sistema capitalista. O empresário está pouco se fodendo se você vai estar lá

nove horas trabalhando na fábrica dele, ele está lucrando. Então, o importante pra ele é isso. Não importa se a sua realidade é alimentar cinco cabeças na sua casa e você é o único que trabalha. É indiferente pra ele se você tem cultural ou se você tem social. Vai continuar prevalecendo só nesse sistema, vai continuar prevalecendo se você tem poder aquisitivo-econômico.

Nesta fala, Felipe aponta que a classe dominante possui mais acesso a recursos que possibilitam o acúmulo de capital cultural, sendo privilegiada no sistema capitalista. Ele defende que a classe dominante manipula a classe dominada e que esta relação é injusta.

De maneira geral, neste item da Tarefa 2, os estudantes fazem um discurso moralista sobre a valorização de cada tipo de capital na sociedade, dando ênfase à ideia de que dinheiro não define o caráter das pessoas.

c) Pensando na desigualdade social do Brasil, você acredita que haja relações entre o capital econômico e o capital cultural? Se sim, como estas relações se estabelecem?

Felipe: Creio que já estejamos falando nisso quando eu disse que você ter o econômico você alcança esse cultural também. Até porque você colocou agora que ele é uma coisa legitimada. Então quem tem mais dinheiro automaticamente vai ter mais acesso frequente a esse tipo de coisa. Então o meu ponto eu acho que eu já dei.

Carolina: É, exatamente isso.

Renata: Está uma coisa interligada na outra. Então eu acho que a gente já acabou respondendo isso na pergunta acima.

Rosa: Sim, aham!

Carolina: Você tendo um, você adquire o outro, é basicamente isso.

Pesq.: Eu vou mudar um pouquinho a pergunta... se você tem um grande acúmulo de capital econômico, você consegue a partir daí um grande acúmulo de capital cultural? Pergunta 1. Pergunta 2: se você tem um grande acúmulo de capital cultural, você consegue a partir daí um grande acúmulo de capital econômico? A ida e a volta valem?

Felipe: Acredito que sim, mas ainda continuo acreditando que no sistema atual o econômico, ele é mais rápido. Ele potencializa mais isso do que se você pegar o cultural. Pra você pegar o cultural pra chegar no econômico demora mais. Se você tiver o econômico e já conseguir o cultural a partir porque você já tem o econômico, ele é muito mais rápido assim, ele é um *fastfood*, digamos assim. Porque você já tem como fazer aquilo ali, você não tem uma batalha

antes disso pra poder conseguir. Então, acho que é uma relação, uma troca de ambos os lados, tanto de ida como de volta, mas que um é sempre muito mais facilitado do que o outro.

Carolina: Exatamente isso! O econômico te facilita como Felipe falou, rapidinho você consegue ter o cultural. Só que o cultural depende também da situação da pessoa, porque um povo na miséria, que vive no lixão ou algo do tipo, não vai conquistar um cultural. Só se achar um livro ali, sabe? É bem difícil nesse ponto, tudo depende da sua condição. Mas a gente... não somos ricos, mas a gente tem acesso a capital cultural. É... tudo depende. É aquele negócio do jogador, da classe média, depende muito. Mas é bem mais difícil do que se você já tivesse uma situação financeira boa.

Renata: Concordo também com a Carolina e com Felipe. Acho que não tem nem o que falar, eles já falaram tudo.

(...)

Os estudantes falam sobre as relações entre o capital cultural e o capital econômico e apontaram que os dois tipos de capital estão altamente atrelados. Carolina e Felipe produziram enunciações em uma mesma direção: eles acreditam que seja mais fácil acumular capital cultural quando se detém alto poder aquisitivo do que acumular capital econômico quando se possui altos níveis de capital cultural.

Eles não consideraram que as classes sociais são demarcadas por gostos próprios (legitimados por estas mesmas classes). Eles produziram significados em uma outra direção, considerando qualquer contato com manifestações artísticas e culturais como acúmulo de capital cultural, independente da classe. Carolina exemplificou utilizando duas situações: primeiro, ela apontou um caso de extrema pobreza para falar sobre a ausência de capital cultural entre as classes mais baixas e depois ela tomou o exemplo da classe à qual pertence, dizendo “não somos ricos, mas a gente tem acesso a capital cultural”.

<p>d) Você acredita que haja algum tipo de disputa e/ou conflito entre as classes sociais no que se refere ao acúmulo de capital cultural? Se sim, como estas relações se estabelecem?</p>

Felipe: Com certeza! Porque, por exemplo, o sistema de cotas tem gente que poderia, que tem o dinheiro pra conseguir ter acesso a cursinho e tal, mas aí quer botar a cota. Aquela galera branquela pra cacete falando que é indígena, que é descendente de indígena lá da minha num-sei-o-que-lá quarta linhagem e coisa e tal. Então, tem essa competição porque obviamente a galera que *tá* embaixo vai querer ter as mesmas oportunidades que a galera que vai *tá* em

cima. (...) Então eu acho que a competição, ela vai bem mais além só do que o social, sabe? Social que eu digo de sociedade mesmo, pra você crescer. Acho que vai uma questão esnobe do caratismo mesmo.

(...)

Renata:(...) E a galera mais de baixo, eu acho que não é questão de conflito, eu acho que é questão de “caramba, eu quero ser igual fulano, eu quero chegar onde fulano chegou”. Mas, as vezes, fulano que é rico já nasceu rico. Fulano não nasceu pobre, né, aquela questão do degrauzinho... até chegar onde ele *tá* hoje. Mas eu acho que não é questão de conflito, não. Tem uma palavra certa pra isso, mas agora eu esqueci. Mas acho que você *tá* conseguindo entender. É a questão de, tipo assim, eu com meu esforço, a minha batalha... eu batalho, batalho aqui pra chegar lá e ter o que fulano tem. Ainda que não... ainda que demore! Ainda que não seja hoje, nem amanhã, mas que seja daqui a 10, 20 anos. Eu quero, por mérito meu, chegar lá e ter o que fulano teve. (...)

Rosa: Eu concordo com Renata.

(...)

Carolina:(...) Se uma pessoa veio de baixo e ela conquistou o lugar que ela *tá* lá em cima hoje, ela não vai esnobar quem *tá* lá embaixo porque ela também já teve naquela posição. Mas quem é filhinho de papai, já nasceu filho do cara do Facebook, vive naquela bolha. Então é bem mais provável que haja um conflito nesse caso da pessoa se achar melhor, se achar esnobe, do que como Felipe falou, né, do que no caso de quem conquistou aquilo por mérito próprio e já teve no lugar dos outros, né? (...)

Embora os estudantes assumam novamente um tom moralista, nas partes destacadas acima Renata, Carolina e Felipe falam em uma mesma direção quando afirmam que as pessoas que são mais ricas possuem mais oportunidades de conquistar o que desejam, enquanto as pessoas mais pobres precisam passar anos trabalhando para fazê-lo. Felipe apresenta, ainda, exemplos de disputa que acontecem na sociedade, não necessariamente entre as classes sociais, mas a partir de recortes de cor e etnia para apontar grupos mais privilegiados na sociedade (ou seja, classe dominante).

Pesq.: Quando vocês pensam em capital cultural, vocês pensam em gostos pessoais? Tipo, vocês acham que cada classe pode ter um gosto diferente? Tipo assim, que um grupo social tem o mesmo gosto que outro grupo social... e quando eu falo gosto eu me refiro a *hobbies*, a estilos musicais, gênero de filme... nesse ponto, vocês acham que tem algum tipo de disputa?

Tipo, uma classe faz um certo movimento e a outra classe faz outro movimento... vocês acham que... Porque, assim, os conflitos e as disputas podem ser coisas um pouco mais subjetivas, não precisa só ser, por exemplo, um vestibular. Enfim, vou deixar vocês falarem um pouco... fala, Renata!

Renata: A questão que você falou de ter o mesmo hobby eu acho muito, muito, muito difícil. Até porque onde eu morava, eu morava lá em Itaúna, aqui pertinho de onde eu moro. (...) E lá na rua tinha uma família que morava na frente da minha casa, que hoje por sinal a gente se dá super bem, mas que na época era uma coisa muito diferente. Éramos da mesma escola, íamos e voltávamos todas juntas, mas em casa era coisa muito diferente. Porque eu lembro que domingo a Clarisse, que era a que tinha a minha idade, ela ia pra um campo jogar tênis. E eu ficava assim “que que é tênis?”. Sabe? Tipo, “que que ela tá indo fazer lá?”. Aí quando ela sentou e me explicou que tênis era jogar uma bolinha pra um lado e pro outro eu fiquei tipo assim “mas que coisa chata!”. Mas pra ela, aqui ali não, porque é de família, é tradição eles jogarem tênis no domingo. Mas pra mim, eu queria ficar brincando na terra, eu queria era catar minhoca, era ficar correndo atrás dos meus primos na rua. Então, assim, eu acho muito difícil... e era nítido a diferença de classe social. (...)

Pesq.: Mas pela sua fala então uma certa classe que tem mais recursos tem costumes e gostos próximos e uma outra classe mais baixa tem costumes e gostos diferentes? Ou frequentam o mesmo tipo de lugar... sabe o que eu quero dizer? Ou você acha que não?

Renata: Sim, sim. É exatamente isso. Não, eu concordo. Assim, frequentam o mesmo lugar mas não tem a mesma visão, entendeu? Talvez, quando eu era pequena, ela fosse a lugares chiques e tal porque a mãe dela levava ela. Ela não tinha interesse, entendeu? Mas eu não, eu queria saber... o que que tem lá? Sabe? Tipo assim, almejando. Mas ela *tava* ali porque era o destino dela, cara. Ela nasceu rica e era isso aí mesmo.

Pesq.: Entendi. Fala, Carolina.

Carolina: Eu acho que isso que Renata quis dizer é cada um tem a sua realidade, como se fosse um habitat. É... Renata *tava* lá, com os amigos dela, brincando na rua, jogando queimado, bandeirinha, correndo, pegando minhoca... então meio que, aquela é a realidade dela. Então ela convivia com pessoas, fazia as mesmas coisas que aquelas pessoas que estavam próximas da realidade dela. Mas, por exemplo, a menina, a mãe levava todo dia lá pro clube, *num-sei-o-que*, então ela ficava habituada com o pessoal que faz isso. É tipo como se fosse mundos separados, só que ao mesmo tempo elas eram amigas e tudo mais. (...)

(...)

Felipe: Eu acho que esse negócio de realidade diferente, coisa e tal, e aí você acabar tendo os mesmos hobbies, eu não vejo tanto dessa forma não. Eu vejo de uma forma mais problematicazinha. Tipo assim, é... a última frase (*do texto da Tarefa 1*) “preocupados em como passar patrimônio para os netos”. Eu acho que pessoas que estão muito em minoria e bem assim, elas querem manter que estejam só com elas. Então, eu acho que tipo assim, não é uma questão de você ter o dinheiro e aí você pode fazer o que você quiser e aí você acaba escolhendo fazer esse tipo de coisa, jogar tênis em um clube porque você gosta disso. Mas eu acho que *tá* mais relacionado a uma coisa de você ter pessoas compatíveis com a sua classe naquilo dali. Aqueles clubes navais que tem, etc e tal. Você vai pra lá porque você pode ter isso e aí quem vai pra lá é também quem pode ter isso. Aí você acaba compartilhando das mesmas coisas mas nem sempre porque você gosta, mas porque você *tá* protegendo (*fazendo sinal de aspas com os dedos*) o que você já tem, sabe? (...) Então eu vou continuar defendendo esse ponto aí de que não uma *parada* de ser hobbies parecidos ou não, mas eu acho que é uma questão de protecionismo do tipo de pessoa. Porque tem pessoa da classe mais baixa que não quer que você se misture com a classe mais alta porque sabe que já são conhecidos como os esnobes, os mesquinhos que não querem dividir esse tipo de coisa. E a classe alta também que tem essa coisa de não querer deixar brecha para as pessoas que estão embaixo subirem. (...)

(...)

Renata colocou um exemplo de uma colega de infância que frequentava lugares e praticava atividades que ela almejava conhecer/fazer e não fazia parte da rotina dela por ser de uma classe social mais baixa. Ela e a colega moravam no mesmo bairro (Itaúna, bairro pobre de São Gonçalo – RJ) e frequentavam a mesma escola, mas Renata acredita que elas faziam parte de classes sociais diferentes porque tinham hábitos diferentes.

Carolina fala buscando compartilhar interlocutores com Renata, reforçando a ideia de distinção entre as classes sociais a partir das atividades praticadas. Ela coloca que “(...) cada um tem a sua realidade, como se fosse um habitat” e “É tipo como se fosse mundos separados, só que ao mesmo tempo elas eram amigas e tudo mais.”, dando indícios de que acredita que pessoas de classes diferentes vivem experiências diferentes e, por isso, possuem uma visão do mundo diferente.

Felipe fala em outra direção. Ele acredita que as pessoas não escolhem suas atividades apenas por uma questão de gosto, mas para se diferenciar das demais classes, procurando se cercar de “pessoas compatíveis com a sua classe”, que podem frequentar os mesmos espaços,

com intuito de proteger seus interesses. Ele também sugere que as pessoas mais ricas desejam se manter em minoria, deixando subentendido as disputas de poder existentes na sociedade.

O objetivo do primeiro encontro (as duas primeiras tarefas) era disparar discussões sobre classes sociais, estratificação e desigualdade social, apresentando a Teoria dos Capitais de Bourdieu para os estudantes. Carolina, Renata e Felipe manifestaram crenças sobre estes temas atreladas a justificações baseados nos textos apresentados, indicando produção de conhecimento sobre eles. A maior parte das enunciações de Rosa indicaram que ela estava buscando legitimidade no grupo, afirmando concordar com “todo mundo”, inclusive quando os colegas falavam em direções diferentes entre si.

Em algumas situações, os estudantes acreditaram compartilhar o mesmo espaço comunicativo (afirmando concordar entre si), mesmo quando estavam produzindo significados em direções diferentes. Em outras situações os estudantes observaram que não estavam compartilhando interlocutores e apresentaram enunciações mais longas e com mais exemplos, dando indícios de uma busca por legitimidade.

Os estudantes também indicaram produzir significados sobre os resíduos de enunciação uns dos outros, como mostram as falas de Renata e de Carolina no final da Tarefa 2 destacadas a seguir:

Renata: (...) Então, assim, eu acho que, não discordando da minha fala, mas eu também concordo com o que Felipe indagou.

Carolina: É, conforme a gente vai ouvindo, a gente vai pensando de todos os pontos.

No próximo tópico deste capítulo, vamos analisar a Tarefa 3.

6.3 ANÁLISE DA TAREFA 3

A Tarefa 3 foi realizada de maneira assíncrona na plataforma Desmos e foi respondida pelos quatro alunos: Carolina, Felipe, Renata e Rosa. Realizamos mais um encontro virtual com os estudantes para complementar nossa leitura da produção dos significados dos alunos ao longo desta tarefa, no qual estiveram presentes Carolina, Felipe e Rosa. A partir deste encontro síncrono, Renata não pôde mais participar da pesquisa por questões pessoais.

A análise desta tarefa foi feita a partir dos registros escritos dos alunos – gráficos produzidos pela plataforma Desmos (nuvens de pontos) e justificações apresentadas pelos estudantes – e da gravação do segundo encontro síncrono. A transcrição completa do segundo encontro pode ser encontrada no Apêndice C deste trabalho.

6.3.1 Análise dos registros escritos e dos gráficos na plataforma Desmos

Marcelo é um adolescente de classe média que vai ao shopping pelo menos uma vez por semana. Ele gosta muito de comprar roupas de marca e acessórios caros, como relógio, tênis e celular.

Arraste o ponto preto de acordo com o perfil de Marcelo e justifique sua escolha.

Alto poder aquisitivo

Rafaela

periências

Produtos

Marcelo

Rodrigo

Julia

Baixo poder aquisitivo

Felipe

acho que Marcelo não estaria longe de ter alto poder aquisitivo pois apesar de não ser rico, tem esse acesso de uma vez PELO MENOS ir ao shopping e de comprar coisas de marca (que são por si só mais caras) além dos acessórios. acho que é mais voltado para o produto pois ele visa mais bem material do que experiência no shopping (supondo que ele fosse a cinema e livraria por exemplo)

Rosa

Eu coloquei ele nos produtos porque mesmo sendo de classe media ele só se importa com roupas de marca e etc

Carolina

Marcelo possui um poder aquisitivo maior do que Rodrigo, conseqüentemente acaba consumindo mais produtos, pois ele preza por produtos, ao invés de experiências.

Renata

Na minha opinião, Marcelo tem quase o msm q Rodrigo, com algumas divergencias, mas tem ...

Todos os estudantes posicionaram o Marcelo no lado direito do eixo vertical de coordenadas qualitativas, indicando sua preferência para o consumo de produtos. Carolina e Renata relacionaram o perfil de Marcelo com o perfil de Rodrigo para posicioná-lo no plano,

considerando que ambos têm preferências pelo consumo de produtos embora Marcelo tenha maior poder aquisitivo.

Felipe foi o aluno que posicionou Marcelo mais para cima, justificando que o fato de ele ter condições de ir ao shopping toda semana e comprar acessórios e itens de marca o aproxima de pessoas com alto poder aquisitivo. Mas, em geral, os alunos posicionaram Marcelo relativamente próximo ao eixo horizontal, dando indícios de acreditarem que a classe média esteja bem centralizada quando comparada às demais. Este fato interessou a pesquisadora, que levantou esta questão no final do encontro síncrono para a discussão sobre a Tarefa 3, apresentado abaixo na seção 6.3.2.

Vitinho vive na praia com sua prancha de surf. Com o dinheiro que ganha em seu estágio como enfermeiro, compra seu equipamento de surf. Seu sonho é viajar para o Havaí para pegar as maiores ondas do mundo.

Arraste o ponto preto de acordo com o perfil de Vitinho e justifique sua escolha.

Felipe

acho que ele estaria mais voltado a experiências já que ele visa mais a forma de lazer, de fato, vivendo. o anterior visava que a compra de produtos traria mais esse lazer, este em questão prefere trabalhar e planejar essa viagem que não será barata. por outro lado, o trabalho dele é uma coisa difícil e que precisaria de um estudo maior para chegar até lá, com isso, suponho que de acordo com os salários da área médica, ele tenha um bom poder aquisitivo suficiente pra ir a praia com frequência, ter instruções do esporte, fora o percurso até a praia e etc. então ele precisa de uma grana pra esse lazer, que é bem gerada em cima da profissão que tem.

Rosa

Eu coloquei ele no lado de experiencias como que ele falou ele valoriza o seu dinheiro de estagio no surf

Carolina

Vitinho possui um poder aquisitivo menor do que Julia, pois ela tem 2 empregos, enquanto o mesmo faz estágio. Ele costuma surfar na praia, além de sonhar em viajar para o Havaí, logo ele preza por experiências (acho que não tanto quanto Júlia, que viaja em busca do seu autoconhecimento).

Renata

Tem experiencia mas não tem tanta grana

As posições escolhidas por eles para representar Vitinho se diferem mais com relação ao poder aquisitivo, já que horizontalmente os pontos estão próximos: todos os estudantes acreditam que Vitinho tem maior interesse pelo consumo de experiências do que de produtos.

Analisando verticalmente, para Rosa e Renata ele está próximo do eixo horizontal. Este posicionamento permite duas leituras: (i) elas acreditam que ele pertença à classe média;

ou (ii) elas só consideraram o eixo horizontal (consumo de produtos/experiências) para posicionar Vitinho. Embora as justificações indiquem a segunda leitura, os posicionamentos feitos tanto por Renata quanto por Rosa em todos os perfis da Tarefa 3 apontam para perto do eixo horizontal.

Para Felipe, Vitinho ganha um bom salário, tomando como base os altos salários das profissões relacionadas à saúde e desconsiderando o fato de ser um estágio. Ele posicionou o Vitinho um pouco mais para cima que os colegas e acredita que ele tenha um custo de vida alto, considerando todos os gastos atrelados ao surf – curso, deslocamento para praia, equipamentos, economias para a viagem.

Já Carolina, considerou mais uma vez a posição dos perfis anteriores para posicionar Vitinho no plano. Ela acredita que Julia tenha uma renda maior que a dele por ter dois empregos e por ele fazer estágio, por isso o posicionou um pouco abaixo da Júlia. Ela também toma a posição horizontal da Júlia como referência, justificando que ela busca seu autoconhecimento e, por isso, está mais à esquerda que Vitinho.

Joana trabalha de segunda a sexta como atendente de uma farmácia. Ela é mãe e se dedica a criação de sua filha sozinha. Aos finais de semana ela gosta de passear.

Arraste o ponto preto de acordo com o perfil de Joana e justifique sua escolha.

Alto poder aquisitivo

Rafaela

periências

Produtos

Joana

Rodrigo

Julia

Baixo poder aquisitivo

Felipe

baixo poder aquisitivo pela carga horária exaustiva que não rende um salário tão alto, experiência pois o modo de fuga, válvula de escape, é passear invés de comprar mais coisas já que isso gera outras coisas em cima (manutenção desses bens e etc fora o que fica de mais importante como escola, comida, e por aí vai)

Rosa

Joana eu coloquei ela no lado da experiência e mas por baixo aquisitivo porque ela além de não ter tanto dinheiro ela batalha para manter o sustento

Carolina

Joana possui um baixo poder aquisitivo, pois com o emprego dela, aparenta não ganhar muito bem, e ainda tem gastos com sua filha. Com isso, ela acaba consumindo mais produtos para criação de sua filha, ao invés de ter experiências.

Renata

Tem vivencia mas batalha pra conquistar o dela

Todos os estudantes posicionaram Joana abaixo do eixo horizontal, indicando que acreditam que ela possui baixo poder aquisitivo. Renata e Rosa deram indícios de compartilhar interlocutores ao afirmarem que Joana batalha para sustentar sua família. Felipe

também aponta nesta direção quando apresenta a crença de que Joana tem uma vida difícil, justificando com a relação entre a carga horária e a remuneração de seu trabalho e indicando que ela precisa de um “modo de fuga, válvula de escape”.

Sobre o interesse pelo consumo de experiências e produtos, tanto Felipe quanto Carolina ponderam os gastos de Joana com o sustento de sua filha, mas eles falam em direções diferentes. Carolina aponta para a necessidade de consumo de produtos para a filha de Joana, enquanto Felipe afirma que ela prefere passear para relaxar.

Onde você posicionaria o Neymar (jogador de futebol)? Escolha um parente próximo a você e posicione-o no plano também.

Justifique descrevendo o perfil do parente que você escolheu.



Felipe

eu faria 2 desses gráficos o primeiro colocando ele em experiências e baixo poder aquisitivo o segundo mostrando a realidade atual, onde ele tem acesso tanto a produtos como experiência e um salário altíssimo, levando em consideração que ele sonega impostos e tem nome sujo por isso, provavelmente é bem maior o poder adquirido do que já é mostrado com patrocínios, chuteiras, roupas de marca, viagens exteriores a trabalho ou lazer e por aí vai

não digo que ele é totalmente alto como a menina do primeiro exemplo pois ele não começou a vida da forma que é agora, mas é bem próximo

Rosa

Eu escolhi a minha vó ela não dar muito valor ao produto e sim a experiência de viajar , viver a vida e etc

Carolina

Uma senhora de classe média/alta, que não costuma viajar muito, mas antes da pandemia, procurava passear nos finais de semana. Todavia, acaba consumindo mais produtos do que experiências.

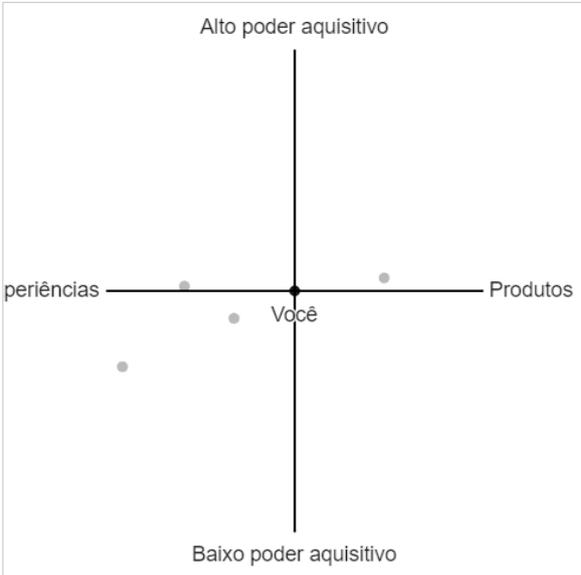
Renata

Todos da minha família tem a base cultural boa (experiência), contudo um baixo poder aquisitivo

Todos os estudantes posicionaram o Neymar próximo ao eixo vertical e para cima, sendo que Felipe e Rosa o representaram um pouco abaixo da Rafaela. Felipe justifica considerando o passado dos dois: ele acredita o poder aquisitivo de Rafaela e do Neymar seja próximo, mas ele teve que conquistar o capital econômico que detém enquanto ela herdou da família.

A ideia de representar um parente e o Neymar no mesmo plano de coordenadas qualitativas era analisar se os estudantes posicionariam seu parente comparando-o ao jogador. Aparentemente, a representação do Neymar no gráfico não influenciou o posicionamento dos familiares dos estudantes. Além de não apresentarem justificações relacionando os dois pontos no gráfico, na tela seguinte os alunos se representaram em posições muito próximas a de seus parentes, mesmo não tendo outros pontos no plano para tomar como referência.

Agora posicione o ponto ao lado de acordo com o seu perfil de consumo e poder aquisitivo. Em seguida, justifique sua escolha.



Felipe

não sou rico mas não sou pobre
minha família preza mais por viajar e colecionar experiências do que bens materiais
normalmente preferimos ir pra lugares mais próximos onde gastamos menos, mas temos boa diversão e lazer do que comprar coisas mais caras que supostamente deveriam ter maior qualidade
consideramos que vivência é melhor do que um produto de marca
a renda aqui não é alta, nunca foi, de tratava mais de esforço e época
meu pai é desempregado desde 2014 e minha mãe professora pública, só nisso dá pra saber que fica puxado mesmo com economias

Rosa

Bom eu me importo mais com as experiências que eu vivo do que os produtos eu amo viajar, fazer memórias mesmo minha família sendo de classe média

Carolina

Acredito que eu faça parte da classe média, prefiro consumir experiências, como ir à praia, viajar no carnaval, fazer passeios, entre outros. Mas no geral, acabo consumindo mais produtos.

Renata

Com o esforço dos meus familiares, acredito que essa seja a minha classificação

As justificações apresentadas pelos estudantes apontam para seus interesses pelo consumo de experiências/produtos e para o poder aquisitivo da família. Avaliando horizontalmente, as posições escolhidas pelos estudantes para se representarem são praticamente as mesmas posições escolhidas para representar seus familiares na tela anterior. Contudo, verticalmente todos os estudantes se posicionaram um pouco abaixo de seus parentes, dando indícios de considerarem o fato de não terem renda própria e dependerem de seus familiares.

6.3.2 Análise da gravação do segundo encontro síncrono

- (i) Qual personagem você teve mais dificuldade para posicionar no eixo de coordenadas qualitativas?
Por que?

Felipe: Eu não lembro o nome, mas é o que ia pro shopping pelo menos uma vez e comprava as *paradas* ainda.

Pesq.: Marcelo? Por quê?

Felipe: Acho que, assim, acho que esse do Marcelo e o que era enfermeiro.

Pesq.: Vou colocar assim, porque acho que fica mais fácil pra vocês... (*tirando a tela com as perguntas e apresentando novamente os perfis com os eixos de coordenadas qualitativas*)

Carolina: É, o Vitinho! Eu tive bastante dúvida nele.

Felipe: Vitinho e o Marcelo eu acho que foram mais complicados, assim, pra...

Pesq.: Por quê?

Felipe: Porque, tipo, por exemplo: o Marcelo, ele vai pro shopping pelo menos uma vez por semana etc e tal, mas no shopping também pode ter experiência no quesito cultural, de como eu falei, tipo livraria, cinema, etc e tal. Mas aí o enunciado fala que ele compra muita coisa de marca, então eu botei ele mais voltado pra produtos, mas se desse pra botar, eu colocaria um pouco de experiência também. Não tanto quanto produtos, mas também.

Pesq.: Uhum, e o Vitinho?

Felipe: O Vitinho, tipo assim, eu acho que ele tem o poder aquisitivo alto por causa da profissão dele, mas ele continua tendo mais *coisa* pra experiência. Sendo que tipo assim, em teoria, ele também teria que gastar com produto, porque é um esporte então, tipo assim, tem prancha, manutenção da prancha, curso de surf, cuidado com a pele na praia, produto solar, etc, etc. Então dependendo da situação que ele *tá* inserido ia ter... ia variar entre produto e experiência. Mas eu acho que ele *tá* mais voltado a experiência do que produto mesmo.

Rosa: Não, no Vitinho? Eu coloquei ele em baixo poder aquisitivo porque ele *tá* fazendo estágio. Tem alguns estágios que não pagam tanto quanto outros. Então eu botei baixo poder aquisitivo e mais experiência por conta que ele surfa, né? Enfim...

Felipe: Por ser estágio de enfermeiro eu achei que ele fosse ganhar mais, então eu botei mais alto.

Carolina: No caso do Vitinho, eu relacionei ele com a Julia, né? Porque ela também... eu tive dificuldade em relacionar eles dois. Porque a Julia... eu tinha até conversado isso com Natasha. A Julia trabalha em dois empregos, mas não falou qual emprego. Então não sei

quanto ela ganha. Mas por ser dois empregos, vamos supor que ela ganhe consideravelmente, um valor razoável. Só que a família dela é humilde. Eu pensei “hm, será que ela ajuda a família dela?”. Aí eu fiquei me questionando com essas coisas. E o Vitinho, será que ele tem ajuda de alguém? Porque em questão de estágio, por ser estágio também considerei que ele deve ganhar menos que a Julia, por conta de ser um estágio e ela ter dois empregos. Eu fui relacionando essas coisas. Então eu coloquei que o Vitinho ganhava menos do que a Julia e os dois em relação a experiência. Porque ela viajava por conta do autoconhecimento dela, então eu considerei que ela se interessava mais na parte da experiência. E o Vitinho também, comprava as coisas, os equipamentos, né? Então coloquei ele um pouquinho mais pra cá (*indicando o lado direito com a mão*) em relação ao produto, só que ainda na parte de experiência, sabe? Só que mais pra direita.

Em geral, os estudantes apontaram o perfil do Vitinho como o mais difícil de posicionar no eixo de coordenadas. Enquanto Felipe acredita que a remuneração de um estágio de enfermagem seja alta por ser na área de saúde, as demais estudantes acreditam que ele tenha um baixo poder aquisitivo. Carolina considerou, inclusive, a possibilidade de Vitinho receber suporte financeiro da família para complementar sua renda e utilizou a posição de Júlia no plano como referência para representá-lo por acreditar que haja semelhanças entre eles.

Felipe também apontou que teve dificuldade para posicionar Marcelo horizontalmente, dado que seu perfil informava que ele frequentava o shopping mas não indicava quais atividades ele fazia. Ele considerou a possibilidade de Marcelo frequentar cinema e livraria que, para ele, são atividades culturais que remetem ao consumo de experiências.

(ii) O que significa consumir produtos e consumir experiências pra você?

Felipe: Acho que, tipo assim, produto também traz experiência de certa forma. Porque você pode comprar essas *paradas* pra poder ter essas experiências. Tipo esse negócio que eu falei do surf, ele pode comprar a prancha e pagar o curso pra ele poder aprender a fazer isso com maestria. Mas consumir experiências eu diria que é mais você estar mais ali e aproveitar o estar ali do que o que vem depois de preocupação com isso, tipo... [pausa] sei lá, tipo assim, quando você compra o curso de surf, por exemplo, você vai estar pensando que você vai ter isso a longo prazo, você vai surfar a longo prazo. Você vai pra região dos lagos e você vai

surfear quantas vezes ao ano, porque quantas vezes você vai viajar, etc e tal. Eu acho que o consumo de experiências é mais pra isso. E o produto seria mais na questão de você fazer isso e a longo prazo da experiência. Mas eu não sei se a pergunta está interligando as duas.

Pesq.: A pergunta é o que significa pra você. Então se você interligou, pode falar o que vier à sua cabeça. Fica tranquilo quanto a isso.

Carolina: Bom, consumir produtos eu acho que é um negócio mais superficial, né? Mas é o que a gente mais tem no dia a dia. A gente compra produto o tempo inteiro. Então a gente acaba indo mais pra esse lado do que a questão da experiência, só que a experiência agrega mais valor pra gente. Sei lá, a gente se diverte muito mais numa praia, eu acredito né, com os amigos, assim, algo que a gente goste de fazer ao ar livre, do que trancado dentro de um quarto vendo *Netflix*, que é algo meio superficial, sabe? Mas, claro, você pode agregar conhecimento dependendo da coisa. É o que Felipe falou, você pode adquirir um produto pra, a longo prazo, você estar tendo experiência por conta disso. Só que no dia a dia assim eu acho que é mais superficial você consumir produtos. É de muito mais valor você ter experiências, né? Pelo menos eu acho mais divertido, sei lá, viajar, ir pra praia, passear, essas coisas assim.

Pesq.: Beleza. E você, Rosa?

Rosa: Eu acho que tem algumas coisas que a gente compra que dão uma experiência pra gente, assim. Eu pensei na bússola, globo terrestre, alguns exemplos, né? Eu acho que ficar trancado vendo *Netflix* dentro de casa não é bom. Eu valorizo muito as experiências, sabe? Ir na praia, ficar com a minha família, sabe? Outra opção minha é que eu não tiro foto quando eu *tô* na rua, quando eu *tô* fazendo alguma coisa. Eu gosto de deixar na minha memória, eu gosto de viver a experiência. Então eu acho que o produto pode trazer pra gente a experiência tal, mas é bom a gente experimentar de outra forma. Enfim...

Felipe considerou que o consumo de produtos também pode estar relacionado ao consumo de experiências, utilizando o perfil de Vítinho como exemplo e destacando que as experiências são apreciadas a longo prazo.

Carolina apresenta um discurso moralista defendendo que as experiências agregam mais valor para os indivíduos enquanto o consumo de produtos é superficial, mas ela também aponta que “Mas é o que a gente mais tem no dia a dia. A gente compra produto o tempo inteiro”. Ela foi a única estudante que se representou no plano da última tela da Tarefa 3 mais para o lado de produtos do que de experiências, e mesmo assim apresenta uma crítica ao modelo de consumo que estamos imersos na sociedade capitalista.

Rosa faz juízo de valor no que se refere ao consumo de produtos em detrimento do consumo de experiências, buscando compartilhar interlocutores com Carolina. Ela repete algumas frases da colega e busca justificações para suas crenças-afirmações.

(iii) Onde você posicionou o Marcelo no sistema de coordenadas qualitativas? Por quê?

Rosa: Eu posicionei em baixo poder aquisitivo. Mais pro produto, como ele valoriza roupa de marca, acessório, essas coisas, eu botei mais nesse lado assim. Porque ele não tem tanto dinheiro assim e fica gastando dinheiro com coisa, roupa de marca e acessório, por isso que eu botei ele mais pro lado de produto mas também em baixo poder aquisitivo, sabe? Por conta, assim, dessas características.

Carolina: Bom, como *tava* falando que ele é classe média, eu fui comparando ele com o Rodrigo. Porque o Rodrigo também gosta de consumir quase as mesmas coisas que ele, só que ele tem um baixo poder aquisitivo. E como ele é classe média, eu coloquei ele um pouquinho acima do Rodrigo, bem ali na linha, nem alto e nem baixo, literalmente no meio, só que bem mais pro produto porque se o Rodrigo *tava* nesse ponto aí e ele tem um maior poder aquisitivo que o Rodrigo por ser classe média, eu considerei que ele tem um pouquinho mais de poder e coloquei mais pro lado de produto porque provavelmente ele deve comprar mais coisas.

Rosa posicionou Marcelo abaixo do eixo horizontal, dando indícios de acreditar que uma pessoa de classe média tenha baixo poder aquisitivo. Já Carolina, falando em outra direção, afirmou que Marcelo deve ser posicionado acima do eixo horizontal por ser da classe média. Para posicioná-lo, ela o relacionou com Rodrigo, já que ambos possuem interesses parecidos. Ela afirma que quanto maior o poder aquisitivo de uma pessoa, mais oportunidades ela terá para consumir e, por isso, posicionou o Marcelo mais à direita que o Rodrigo.

(iv) As informações sobre o Vítinho foram suficientes para orientação quanto ao eixo vertical?

Felipe: Eu acho que poderia ter mais detalhes.

Carolina: É, eu também tive um pouco de dificuldade porque eu não sei ele quanto ganha no estágio dele. Acho que varia também bastante. Então, já tenho uma dúvida nesse ponto. E também se ele tem outros gastos, se ele se banca sozinho, tudo isso.

Rosa: Ou se ele faz estágio pra bancar a família dele, a gente não sabe. Então acho que se tivesse mais informações ia ser bom, né? Pra saber onde colocar ele, né?

Pesq.: Então, pra eu entender: se ele mora sozinho, se ele banca a família, é isso?

Carolina: É, se ele paga suas contas próprias ou se ele vive com os pais dele. A questão do equipamento também, o que Felipe tinha até comentado, o valor do protetor solar, essas coisas.

Os alunos consideram diversos elementos importantes para investigar o poder aquisitivo de Vitinho, além do valor da remuneração do estágio. Eles acreditam que para esta classificação seria necessário saber quantas pessoas dependem desta renda, se Vitinho recebe ajuda financeira da família, quais gastos ele tem com a prática do surf, entre outros.

(v) Quais tipos de gastos podem estar atrelados a realidade de Joana? Quais tipos de passeios ela pode realizar sem comprometer seu salário?

Felipe: Eu tinha falado coisa tipo Campo do São Bento com lanche depois, aqueles balões que vende lá de coisa do Campo do São Bento, parquinho, essas *paradas* assim. Ou até ir pra praia e aí ter esse tipo de brincadeira, essas coisas do tipo, cinema de vez em quando, por aí vai.

Pesq.: Com as crianças, então?

Felipe: Sim, sim, com as crianças.

Rosa: Assim, eu acho que o shopping com salário de atendente não vai pra um Plaza⁹ da vida, porque o Plaza é caro pra caramba. Mas acho que um São Gonçalo, um Partage¹⁰, alguma coisa desse tipo acho que ela iria sim.

(...)

Carolina: Eu falei que por ela ser atendente de farmácia, ela não deve ganhar muito bem, né? E também varia a questão da idade da filha dela. Porque se for pequena, gasta com fralda. Se for maiorzinha, gasta com escola. Tudo isso. Mas só por ela ter uma filha já é bastante gasto, né? Então os passeios dela devem ser... concordo com o que Felipe falou de São Bento e praia. Eu tinha comentado sobre passear no shopping e também veio na cabeça parquinho, sabe? De rua, essas coisas assim. Aí lancha, essas coisas.

⁹ Shopping localizado na cidade de Niterói – RJ.

¹⁰ São Gonçalo Shopping e Partage Shopping são dois shoppings localizados na cidade de São Gonçalo – RJ.

Os estudantes sugeriram passeios gratuitos (parques e praias) ou com baixo custo (cinema, lanches e passeio no shopping) por acreditarem que o salário de atendente de farmácia é baixo. Carolina também considerou os gastos atrelados à realidade de uma mãe que cuida da filha sozinha, apontando que Joana teria diversos custos e, por isso, teria uma quantia menor do orçamento para dedicar ao lazer.

(vi) O que o Neymar não consegue comprar/experimentar?

Carolina: O país?

Felipe: Ele não compra título, não compra prêmio. Ou depende também, o juiz talvez. Sei lá, acho que ele não compra tanta coisa do mesmo em abundância, sabe? Tipo, eu acho que ele não conseguiria comprar 50 carros em um ano. Assim, eu acho. Coisas do tipo assim... mas de experiência, é aquele negócio que eu tinha falado antes, que tipo assim, não importa você estar comprando 500 cursos, 500 certificados, que se você não se dedicar àquele negócio ali você não vai ter a experiência do mesmo jeito.

[pausa]

Rosa: Assim, eu não sei como é a vida dele, né? Sem ser aquele holofote Neymar, Neymar jogador, tudo *tanã*. Não sei como é a vida dele. Mas acho que ele *tá* perdendo... assim, tem alguns famosos que tipo a fama sobe um pouquinho pela cabeça e fica meio... tipo assim, perde as coisas mais simples da vida, assim, sabe? Perde as coisas mais simples da vida. Tipo, ficar com a família num almoço de domingo, acho que ele *tá* perdendo um pouco de, tipo assim... não sei como é a família dele e tal, eu não sei. Mas muitas pessoas que estão assim muito famosas não conseguem valorizar um almoço de domingo, experiências mais simples, sabe? Não fazer uma festa em Angra¹¹ grandona pra todo mundo e, tipo assim, entendeu? Fazer coisas mais simples assim, sabe?

Pesq.: Entendi, mas isso está relacionado com o poder de compra dele?

Rosa: É porque, assim, ele é famoso, tem dinheiro *tanãtanã*. Ele pode comprar quantas coisas ele quiser, quantas coisas que ele quiser na hora *tanãtanã*. Eu acho que, por conta dele ter tanta coisa, acho que a experiência meio que se afasta, assim, sabe? Sei lá, sabe aquelas pessoas que sonham em ter seu primeiro carro? E o Neymar *tá* lá, tipo, comprando vários carros. Essas coisas assim, sabe? Então eu acho que é meio que assim que eu relaciono as coisas.

¹¹ Cidade de Angra dos Reis – RJ

Pesq.: Beleza! Carolina, tem alguma coisa pra dizer?

Carolina: Olha, realmente eu não sei... é isso mesmo. Um país inteiro acho que ele não compra, o governo, algo do tipo. Agora, o resto... (risos)

Os estudantes consideram que alguém com o capital econômico do Neymar tem possibilidade de comprar os produtos que quiser, mas alertam que, para viver experiências, não basta ter dinheiro. Felipe acredita que é necessário ter interesse e se dedicar ao momento.

Rosa faz juízo de valor sobre os interesses por escolhas luxuosas e apresenta uma fala moralista que considera experiências mais simples e em família mais importantes do que experiências que demandam um alto investimento.

(vii) Vocês usaram os primeiros pontos marcados como base para marcar os próximos comparativamente? Justifique sua resposta.

Carolina: Usei os que eram próximos um do outro. A Julia com o Vitinho, que era mais pro lado da experiência e também a questão da situação financeira. O Rodrigo com o Marcelo porque eles também gostam de comprar as mesmas coisas. Por aí... e aquela riquinha lá com o Neymar, aquela no máximo de tudo.

Pesq.: A Rafaela?

(Carolina acenou com a cabeça afirmativamente.)

Rosa: Eu não usei não. Eu fui mais pelo enunciado mesmo. Eu fui vendo ali, pela experiência de renda concebida que conheço coisa. Eu não usei muito os pontos. Eu vi como era pra fazer, mas eu não me baseei muito naquilo não. Eu usei mais baseado no enunciado mesmo.

Felipe (no chat): Não todos. Vi e não ficou totalmente gravado na cabeça. Mas em comparativo do que lembrava, sim, dá pra usar de base. Mas não foi o que levei mais em consideração. Considerei mais o enunciado que nem Rosa.

Carolina se baseou no posicionamento dos primeiros perfis (exemplos) para posicionar os demais perfis, utilizando estas comparações inclusive em suas justificações ao longo da Tarefa 3. Ela apresentou uma análise geométrica das representações de cada indivíduo no plano de coordenadas (tanto nos registros da Tarefa 3 no Desmos quanto em suas enunciações ao longo do segundo encontro síncrono), indicando o desenvolvimento de seu raciocínio estatístico.

(viii) Pra vocês, a “classe média” nesse eixo vertical está onde?

Carolina: Bem no meio, né?

Pesq.: Em cima da linha?

Carolina: Sim.

Rosa: Naquela origem, né? No meio, assim.

Felipe (no chat): Acho que ele é bem centrado.

Pesq.: Quando você fala “bem centrado” é desse jeito que as meninas estão falando?

Felipe: É porque varia do que cada um prioriza, né? Se vai pra experiência ou produto, porque classe média normalmente pode ir pros dois.

Pesq.: Sim, beleza! Mas olhando verticalmente só, a classe média vai mais pra baixo, vai mais pra cima, fica bem no meio da linha...

Carolina: Eu fiquei em dúvida até na questão da nomenclatura. Tanto é que quando eu *tava* falando aqui da minha avó, da parente próxima, eu coloquei barrinha porque eu fiquei em dúvida real se era classe média, classe média alta, como é que isso se chamava.

Pesq.: Entendi.

Felipe: Concordo com elas.

Pesq.: Pra vocês, essa classificação de classe média baixa, classe média e classe média alta é um pouco complicado ainda?

Carolina: É porque eu fui pesquisar em questão de valor mesmo, pesquisei no Google o número exato. Eu fiquei “ah, mas será que alto não é muito lá em cima?”. Mas também média não é considerada um valor muito baixo, fiquei em dúvida nisso.

Pesq.: Entendi.

Felipe (no chat): É meio confuso, mas dá pra entender a diferença.

Carolina: É porque no dia a dia a gente acaba falando classe média. Só que em questão de quando a gente vai ver o valor, acaba sendo um pouco mais baixo, sabe?

Os alunos apontam para as variações de poder aquisitivo que existe dentro da classe média e suas falas indicam a importância de debates sobre os diversos critérios de estratificação de classes sociais existentes, como apresenta Ferreira (2022).

De maneira geral, ao longo desta tarefa, os estudantes representaram os indivíduos geometricamente, fizeram análises comparativas sobre as posições dos indivíduos e apresentaram suas crenças e justificativas sobre questões relativas à renda, poder aquisitivo e

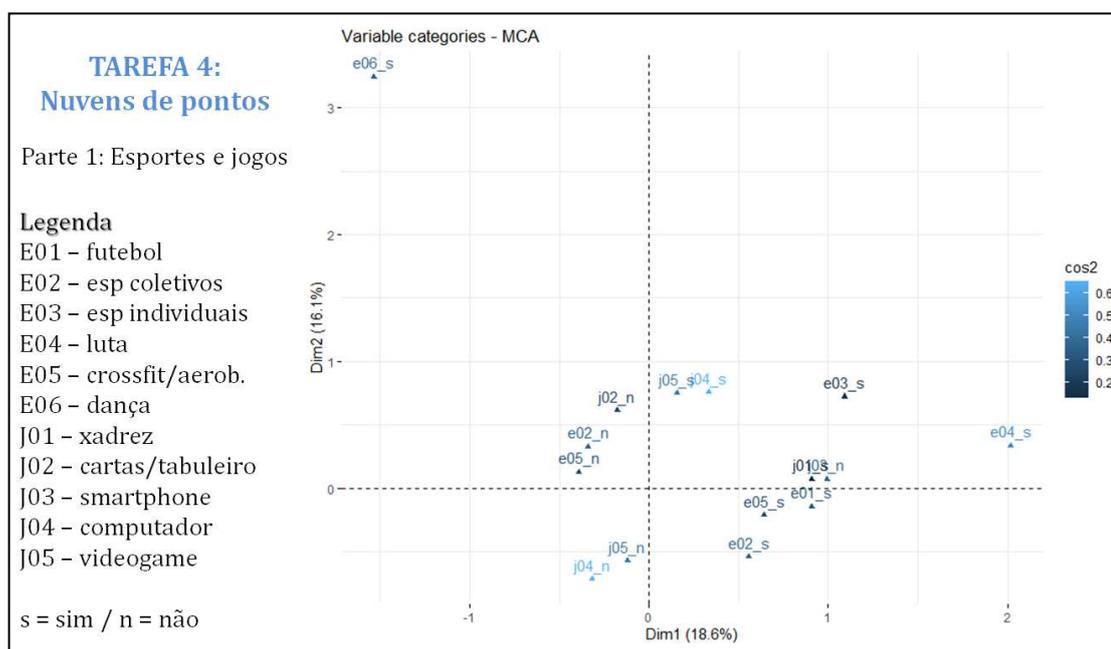
consumo, contribuindo para a produção de significados sobre o capital econômico e os gostos dos indivíduos apresentados em cada perfil.

Os estudantes apresentaram diferentes enunciações sobre as representações dos indivíduos no plano de coordenadas qualitativas, conforme apontado na análise acima. Acreditamos que estas enunciações contribuíram para o desenvolvimento do raciocínio estatístico dos estudantes e foi fundamental para a Tarefa 4, dando espaço para discussões sobre as ideias de representação de indivíduos em um plano, nuvens de pontos e possibilitando uma análise geométrica dos dados.

6.4 ANÁLISE DA TAREFA 4

A Tarefa 4 consiste em uma análise (feita pelos estudantes) de nuvens de pontos produzidas a partir do Questionário preenchido pela turma. Faremos aqui uma análise da fala dos estudantes para cada nuvem de pontos apresentada nesta tarefa, a partir das questões norteadoras que propomos para eles no terceiro e último encontro síncrono. A transcrição completa da gravação deste encontro está disponível no Apêndice D deste trabalho.

Esta foi a primeira tela exibida para os estudantes: uma nuvem de categorias que relacionava interesses por jogos e esportes.



- (i) Observem que as categorias estão distribuídas pelo plano. Por que vocês acham que isso acontece? Será que quem dança costuma jogar xadrez?

No primeiro contato com a nuvem de categorias da Tarefa 4, os estudantes não produziram enunciações e, portanto, não produziram significado para o que estavam olhando. Por isso, a pesquisadora optou por conduzir a leitura do gráfico com algumas perguntas, como mostra o diálogo abaixo.

Pesq.:(...) Por que vocês acham que essas categorias ficam distribuídas pelo plano desse jeito?

Carolina: Por que cada um pratica um esporte diferente? Não entendi muito bem isso aí não.

Pesq.: Vou fazer uma outra pergunta pra ajudar: será que quem pratica dança costuma jogar xadrez?

Carolina: Acho que não, depende muito, né? Porque cada um tem um estilo, gosta de uma coisa...

Pesq.: Olhando pra esse gráfico aqui, onde está a categoria de quem pratica dança sim?

Felipe: Tá embaixo da linha do eixo 1.

Pesq.: Aqui embaixo? (*indicando com o mouse a categoria "e05_s"*)

Felipe: Uhum.

Pesq.: Olha só, quem pratica dança é o "e06", não é isso?

Carolina: É, não tá aí não, eu acho.

Pesq.: Onde que tá o "e06_s"?

[pausa longa]

Pesq.: Alguém já encontrou?

Carolina: Ah, tá lá em cima.

Pesq.: Aqui, né? [pausa] Felipe achou?

Felipe: Sim.

Pesq.: Então, vou perguntar de novo, será que quem pratica dança joga xadrez?

Felipe: Você tá querendo mostrar o quanto estão opostos no gráfico?

Pesq.: Eles estão opostos no gráfico?

Felipe: Parece, né?

Carolina: Quase isso...

Felipe: Estão distantes demais.

Pesq.: Onde que tá quem joga xadrez?

Carolina: Tá perto do eixo direito.

Pesq.: Aqui, né? (*apontando com o mouse para a categoria "j01_s"*)

Carolina: Isso.

Pesq.: "J01 sim". Então, as categorias que estão próximas representam muitas similaridades, compreendem? Então, quem dança, vocês acham que joga xadrez?

Carolina: Provavelmente não.

Rosa: Provavelmente não.

A partir desta intervenção e condução da pesquisadora, os estudantes começaram falar mais sobre o gráfico, o que indica produção de significados para a nuvem de categorias apresentada (objeto).

- (ii) Vamos olhar o eixo horizontal. Quais categorias se encontram mais à direita? E mais à esquerda? Será que a gente consegue dar um nome pra esse eixo? Lembrem da Tarefa 3 que vocês responderam, ela relacionava o consumo de experiências/produtos ao poder aquisitivo. Aqui há alguma relação?

Pesq.: Beleza! Vamos olhar pro eixo x , o eixo horizontal. Quais categorias que se encontram mais à direita?

Carolina: "e04" e "e03".

Pesq.: Beleza, mas "e04 sim" e "e03 sim", certo? [pausa] E essas categorias representam o quê?

Rosa: Esporte individual e luta.

Pesq.: Beleza! Então, as pessoas que vão estar posicionadas mais à direita do eixo x costumam praticar luta e esportes individuais, beleza?

Rosa: Uhum.

Pesq.: E mais à esquerda, quais categorias estão posicionadas mais à esquerda?

Rosa: Cartas e tabuleiro...

Carolina: A dança, né? Que está lá em cima.

Pesq.: Uhum.

Rosa: Cartas e tabuleiro, esportes coletivos e crossfit.

Pesq.: Mas...

Felipe: Mas ele *tá* não, então o único sim é o de dança.

Os estudantes produziram significados para as legendas adotadas, reconhecendo os tipos de jogos e esportes e a indicação de “sim” e “não” para a realização das atividades.

Pesq.:(...) Um exercício vai ser a gente nomear os eixos, eu vou pedir pra vocês darem nomes pros eixos. Vocês têm alguma sugestão?

Felipe: Não tenho a menor ideia.

Pesq.: Vamos olhar primeiro pro eixo x ? Quais categorias estão mais à esquerda? Vocês já me falaram...

[pausa longa]

Pesq.: Lembra que na Tarefa 3 que vocês responderam, ela relacionava consumo de experiências e produtos ao poder aquisitivo? Era o nome dos dois eixos, não era?

Felipe: Sim.

Pesq.: A ideia é que aqui vocês coloquem os nomes nos eixos. Só que pra gente fazer isso, a gente precisa observar essas categorias que estão posicionadas aqui, pra gente entender o que está mais à direita do eixo x , o que *tá* mais à esquerda do eixo x e, com isso, a gente consiga dar um nome pra ele. Então, por exemplo, observa esses jogos e esportes que estão aqui, essas categorias que estão aqui à direita. Elas têm alguma coisa em comum, alguma característica em comum?

[pausa]

Felipe: Cara, eu ia falar que eles são mais coletivos, só que literalmente tem os esportes individuais ali no meio quebrando minha teoria.

Felipe começa a procurar padrões e a produzir conhecimento (crenças acompanhadas de justificações) sobre a disposição das categorias no plano. Depois de algumas falas dos alunos e de intervenções da pesquisadora, Felipe aponta:

Felipe: Por um momento eu pensei que o eixo 1 ia ser relacionado a baixo poder.

Pesq.: Você pensou que o eixo 1 pode ser poder aquisitivo, é isso?

Felipe: É, como se fosse isso. Porque o de "não" *tá* desse lado só, só o dança que *tá* lá em cima.

Pesq.: É uma possibilidade. Vamos pensar um pouquinho: do lado direito, as categorias são todas "sim", exceto por "j03". Qual é o "j03"?

Felipe: Smartphone.

Carolina: Celular.

Pesq.: Você acha que o alto poder aquisitivo *tá* do lado esquerdo ou direito?

Carolina: Esquerdo... não, pera, o alto?

Pesq.: É.

Rosa: Acho que direito.

Felipe: Direito.

Pesq.: Alto poder aquisitivo *tá* do lado direito?

Carolina: Uhum.

Rosa: É.

Pesq.: E baixo poder aquisitivo, do lado esquerdo. É isso?

Rosa: Sim.

A partir deste momento, o grupo começou a discutir se os tipos de jogos e de esportes poderiam ser praticados por pessoas de baixo poder aquisitivo para testar a teoria de Felipe sobre o eixo 1 ter relação com o poder aquisitivo. Eles procuraram comparar estas atividades em termos do investimento financeiro necessário para praticar a atividade, avaliando se seria uma prática acessível ou não. Em um determinado momento, Felipe exclamou sobre jogos de cartas/tabuleiro:

Felipe: *Tá* maluco, cara! Eu pesquisei o preço de um Monopoly e *tá* mais caro do que o que eu comprei pra luta.

Pesq. e Carolina: (risos)

Felipe: Eu *tô* falando sério, *tá*?

Um pouco depois, Carolina pontuou:

Carolina: Eu não *tô* entendendo por que o futebol *tá* bem no meio e a luta *tá* bem pra lá. Pô, será que fazem mais luta do que futebol?

Esta fala de Carolina dá indícios de que ela acredita que a teoria levantada por Felipe é verdadeira, mas ainda não consegue produzir justificações legítimas para esta crença. Quando afirma que o que está mais à direita é mais caro do que está mais à esquerda, ela também indica uma percepção geométrica das posições relativas entre as categorias que considera as projeções das categorias no eixo 1.

Para orientar a análise dos estudantes, a pesquisadora propôs que investigassem as categorias posicionadas em cada quadrante do plano para que decidissem se um dos eixos estaria, de fato, atrelado a poder aquisitivo. Após avaliar cada quadrante:

Pesq.: Beleza. Então, vocês acham que o poder aquisitivo está no eixo horizontal ou no eixo vertical?

Rosa: Hmm, acho que o que *tá* em pé. Acho que é o alto poder aquisitivo.

Carolina: Vertical.

Rosa: Vertical, é!

Pesq.: E você, Felipe?

Felipe: Vertical também.

Pesq.: Também?

Felipe: É.

Pesq.: Então a gente pode colocar um nome aqui pra ele? Poder aquisitivo, é isso?

Felipe: Uhum.

Pesq.: E o eixo 1? O eixo 1 é o que?

Rosa: Eu acho que é o baixo poder aquisitivo, né? É mais acessível, assim.

Pesq.: No eixo 1? Horizontal, assim?

Rosa: É.

Pesq.: A gente não escolheu colocar o poder aquisitivo no vertical? Um é alto e o outro é baixo. (*indicando com o mouse para cima e para baixo*)

Felipe: Sei lá, eu acho que eu colocaria acessibilidade.

Pesq.: Aqui? (*indicando o eixo 1*)

Felipe: É.

Rosa: "É acessível", alguma coisa desse tipo assim.

Os estudantes definiram que o eixo 2 seria batizado de “poder aquisitivo”, sendo o alto poder aquisitivo para cima (primeiro e segundo quadrantes) e o baixo poder aquisitivo para baixo (terceiro e quarto quadrantes). Para batizar o eixo 1, a discussão continuou. A primeira proposta que surgiu foi de Felipe que sugeriu “acessibilidade”. Rosa, possivelmente buscando compartilhar um espaço comunicativo com ele, reorientou sua fala para a direção dos interlocutores de Felipe e propôs “é acessível”.

Pesq.: Então qual o nome que vocês querem dar pro eixo 1?

[pausa longa]

Pesq.: Alguma ideia?

Felipe: Eu tinha falado acessibilidade, mas não sei.

Carolina: É como se fosse isso. O que a maioria mais pratica e menos pratica, só que eu não tô conseguindo pensar num nome pra isso. Frequência, não.

(...)

Pesq.: Carolina, você quer colocar "quem pratica" e "quem não pratica", alguma coisa nesse sentido?

Carolina: Não é questão de praticar. Tipo assim, maioria não pratica e a maioria pratica. Porque tem "não" e "sim", né? Só que eu não sei o nome pra isso. Assim fica meio feinho, sei lá.

Pesq.: Mas pode ser um nome só pra vocês conseguirem identificar o que esse eixo *tá* representando. Não precisa ser um nome bonito. (...)

Rosa: Eu pensei em praticidade. Porque, tipo assim, é meio que prático mas ao mesmo tempo que não, entendeu? Digamos assim, meio mais acessível que não.

Pesq.: O que vocês acham?

[pausa]

Carolina: Mais praticado? Não, mas o negócio é que tem o "não" ali.

Pesq.: Pode ser "atividades praticadas"? E aí de um lado fica...

Carolina: É, pode ser.

Rosa: Pode ser, pode ser.

Felipe: Luta *tá* posicionado também nesse oposto por que pouca gente não ficou?

Pesq.: Luta... desculpa, não entendi. Luta *tá* aqui. (*apontando para o "e04_s"*)

Felipe: É, mas ele também *tá* bem mais afastado, que nem o dança. Ele só não *tá* lá em cima. Mas isso também quer dizer que foi pouca gente?

Pesq.: Provavelmente.

Felipe: Então, em teoria, quanto mais longe do zero, taria menos acessível?

Pesq.: Menos acessível?

Felipe: É.

Pesq.: Não entendi.

Felipe: Tipo, o videogame e o computador *tá* mais próximo da reta, que seria no longo ali no inicial do zero. Significa que eles tão mais próximos de serem acessíveis, né?

Carolina: Ou mais praticado, né?

Pesq.: Esses dois aqui que você *tá* falando, né? (*apontando para o "j04_s" e o "j05_s"*)

Felipe: É.

Pesq.: Eu falei o seguinte: esses dois aqui ("*j04_s" e "j05_s"*), não estão muito longe desses dois aqui ("*j04_n" e "j05_n"*) se você for olhar horizontalmente, porque os dois estão muito próximos da origem. Então, a direção desses aqui cairia mais ou menos aqui e a direção desses aqui cairia mais ou menos aqui. (*indicando as projeções das categorias citadas no eixo x*) Essa distância aqui (*a distância entre as projeções*) é uma distância pequena. Mas se você for olhar verticalmente, eles estão bem mais afastados. Esse grupo ("*j04_s" e "j05_s"*) desse grupo ("*j04_n" e "j05_n"*), entendeu?

Felipe: Sim.

[pausa]

Pesq.: E aí, galera? Nome do eixo 1 pra gente seguir!

Rosa: Pode ser aquele mesmo que você falou "atividade prática" ou "praticidade" que eu falei... pode ser.

Pesq.: E aí, Carolina e Felipe? Preciso do aval de vocês.

Carolina: Pode ser aquele que você tinha falado, o último, de praticar.

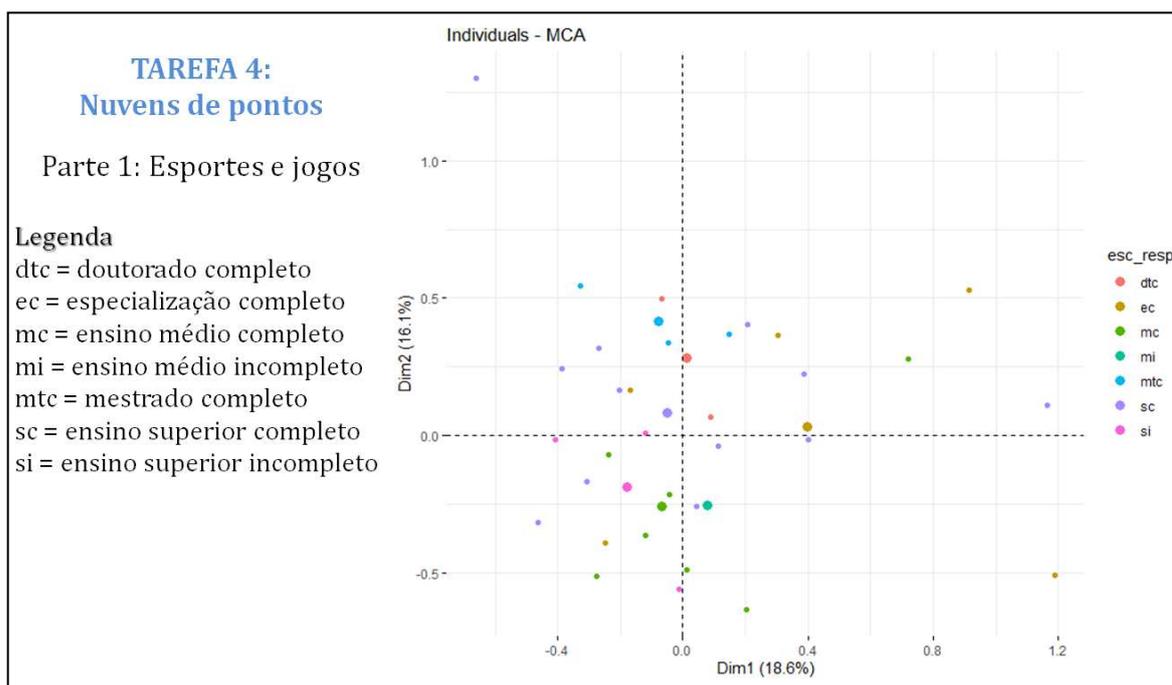
Pesq.: Felipe?

Felipe: Concordo.

Após alguns minutos de diálogo e com intervenções da pesquisadora, o grupo identificou que as categorias que indicavam a prática de esportes ou de jogos “sim” estavam posicionadas mais à direita (no primeiro e quarto quadrantes), enquanto as categorias que indicavam “não” à prática de esportes e jogos estavam posicionadas à esquerda (segundo e terceiro quadrantes). Por isso, os estudantes concordaram em nomear o eixo 2 como “atividades praticadas”, após algumas sugestões de Rosa e Carolina nessa direção.

Felipe retomou que a categoria “dança sim” foi pouco escolhida e, por isso, estaria afastada das demais e apontou que a mesma ideia se aplicaria à categoria “luta sim”, relacionando a proximidade entre a origem do plano e a posição das categorias com o fato de serem ou não atividades acessíveis. Ele parece operar com a ideia de que se poucas pessoas escolheram uma categoria, ela não é acessível para todos, dando indícios da criação de uma estipulação local (processo de nucleação em movimento).

Em seguida apresentamos a tela abaixo para os estudantes que contém uma nuvem de indivíduos relacionando os interesses por esportes e jogos ao grau de escolaridade dos responsáveis.



(i) É possível identificar algum padrão na distribuição destes indivíduos?

Pesq.: Os pontos azuis, que estão por aqui oh, azul clarinho, são as pessoas que o responsável tem "mestrado completo", beleza? O verdinho, que está aqui embaixo, são pessoas que o responsável tem o "ensino médio completo". Vou dar um tempinho pra vocês olharem essa nuvem de pontos e identificarem as coisas. Vocês conseguem identificar algum padrão na distribuição destes indivíduos?

Carolina: Acho que o roxinho... não, o verde tem menos. Acho que o roxo tem mais.

Pesq.: Tem mais pessoas que o responsável tem "ensino médio completo" do que tem faculdade, é isso? [pausa longa] É isso, gente?

Carolina: É, eu acho que o roxinho, não? O roxinho é "superior completo".

Rosa: Eu acho que roxo e verde.

Carolina: É, "ensino superior incompleto" e "superior completo".

Pesq.: Beleza. Tem mais pessoas, então, que já entraram na faculdade, é isso que você tá me dizendo? Você tá olhando pra quantidade de pessoas?

Carolina: Não, eu tô olhando pra quantidade de pontinhos, qual que tem mais. (risos)

Rosa: Eu também tô. (risos)

Carolina e Rosa começaram a analisar a nuvem de indivíduos observando qual o grau de escolaridade dos responsáveis aparecia com mais e menos frequência. Carolina apontou que havia mais pontos roxos (ensino superior completo) do que pontos verdes e Rosa novamente deu indícios de tentar falar na direção dos mesmos interlocutores que Carolina, buscando legitimidade. Elas parecem não produzir significados para a ideia de que cada ponto representa um indivíduo que respondeu ao questionário.

Nesse momento, a pesquisadora ficou preocupada se os alunos sabiam o que era "superior completo", "mestrado", "especialização", etc e decidiu intervir:

Pesq.:(...) quem fez mestrado e doutorado, que são os pontos rosa/salmão e esse pontinho azulzinho, são pessoas que também já tem faculdade completa.

Rosa: Uhum.

Carolina: É, e esses são os que tem menos.

Rosa: É.

Pesq.: Sim, mas se você for olhar quem já entrou na faculdade, essas pessoas também já entraram na faculdade.

Carolina: Aham.

Rosa: Sim.

Pesq.: E... eu não sei que cor é essa, um amarelo escuro talvez, é quem tem especialização completa, também é uma pessoa que já fez faculdade.

Rosa: Uhum.

Carolina: É, então quem entrou na faculdade é o que tem mais.

Pesq.: E como esses pontos são distribuídos no plano? Tem algum padrão?

Rosa: Não tem. *Tá* muito dividido, *tá* muito mais espalhado assim.

Os alunos reconheceram que há poucas pessoas que concluíram cursos de pós-graduação dentre os responsáveis dos estudantes que preencheram o questionário, embora tenha muitos responsáveis que já ingressaram na graduação (somando todos que tem superior completo e incompleto e pós-graduações).

(ii) Qual o grau de escolaridade dos responsáveis dos indivíduos que estão mais pra cima? E mais pra baixo?

Carolina: Ah, mais pra cima é quem fez mestrado, doutorado, tem a faculdade.

Rosa: Especialização, né, e tal?

Carolina: Uhum.

Pesq.: E mais pra baixo?

Carolina: Mais pra baixo é quem não terminou, *tá* incompleto o ensino médio, completo também.

Rosa: A gente não sabe se a pessoa *tá* fazendo agora, né? Tipo, não sabe se a pessoa *tá* continuando agora ou parou. A gente não sabe.

Felipe: Relacionando, eu acho que a vertical é a oportunidade das coisas. Parece que o pessoal que *tá* mais em cima teve mais oportunidade de fazer. Porque o ensino incompleto *tá* mais pra baixo. Mesmo quem *tá* mais embaixo tem poucos que são especialização, que às vezes pode ser só com curso técnico e o "ensino médio completo".

Os estudantes perceberam que os responsáveis dos indivíduos posicionados acima do eixo 1, em sua maioria, possuem ensino superior completo; enquanto os responsáveis dos

indivíduos posicionados abaixo do eixo 1, em geral, possuem ensino médio completo ou incompleto.

Felipe atribuiu este posicionamento às oportunidades que estes responsáveis tiveram ao longo de suas vidas, desconsiderando a possibilidade de alguns não terem interesse em se graduar/especializar em alguma área profissional. Tanto Rosa quanto Carolina acreditam que o poder aquisitivo destes responsáveis pode estar relacionado ao posicionamento dos indivíduos no plano, como mostra o diálogo a seguir.

(iii) Vocês acham que há alguma relação entre estas informações aqui e a nuvem anterior?

Carolina: O poder aquisitivo eu acho que sim. Agora atividades praticadas...

Pesq.: O que você acha, Felipe?

[pausa]

Rosa: Eu acho que o poder aquisitivo tem a ver. E essas atividades praticadas aí não tá falando de esportes, então eu acho que não tem muito a ver não.

(iv) Observem que tem uma pessoa lá em cima, bem pra esquerda. Qual o grau de escolaridade do responsável desta pessoa? Vocês acham que esta pessoa gosta de praticar alguma atividade física?

Rosa: Ensino superior completo.

Carolina: Superior completo.

Pesq.: Beleza. Vocês acham que essa pessoa gosta de praticar alguma atividade física?

Carolina: Não. (risos)

Rosa: Não. Não sei...

Pesq.: Por que não?

Carolina: Tá afastada assim... é que nem o caso da dança, né? Que quase ninguém pratica.

Pesq.: Mas esses indivíduos aqui estão posicionados de acordo com aquelas categorias lá. [pausa] Então, por exemplo, as pessoas que estão posicionadas mais aqui pra direita (*apontando o primeiro quadrante*) provavelmente é a pessoa que pratica luta. (*mostrando depois a nuvem de categorias*) Então, será que essa pessoa aqui pratica algum esporte ou atividade física?

Rosa: Eu acho que não, é o caso da dança, né?

Carolina: É, eu só consigo pensar na dança.

Carolina e Rosa reconhecem que o ponto posicionado no canto superior esquerdo representa um indivíduo e identificam o grau de escolaridade do seu responsável como “Ensino superior completo”.

Por este indivíduo estar mais afastado dos demais, Carolina o associou com a categoria “dança sim”, que estava posicionada na mesma região do plano na nuvem de categorias apresentada anteriormente, mas não na direção de que esta era a atividade praticada por este indivíduo. Quando Carolina diz que “é que nem o caso da dança, né? Que quase ninguém pratica”, ela dá indícios de que acredita que o ponto que representa o indivíduo está afastado dos demais porque ele não pratica esportes como os outros indivíduos, demonstrando que para ela, até o momento, não há associação entre a nuvem de categorias e a nuvem de indivíduos, mesmo com intervenção da pesquisadora.

Já para Felipe, há uma associação entre a nuvem de categorias e a nuvem de indivíduos, pois ele observa que o indivíduo posicionado no canto superior esquerdo é alguém que dança e que não pratica jogos coletivos ou joga cartas e jogos de tabuleiro, como mostra o diálogo a seguir.

Felipe: Eu posso relacionar o que eu acho que é isso aí, tipo falando da pessoa?

Pesq.: Pode.

Felipe: Eu acho que quem marcou dança foi Patrícia¹² e ela não pratica nenhum outro esporte sem ser dança.

Pesq.: Ah *tá*, entendi, você queria falar o nome da pessoa.

Felipe: É.

Pesq.: Então você acha que essa pessoa aqui pode ser ela?

Felipe: Creio que sim.

Pesq.: Então você acha que essa pessoa aqui pratica dança, é isso?

Felipe: É.

Pesq.: Por que você acha isso?

Felipe: Porque, tipo assim, você falou que foram poucas pessoas. Analisando quem eu conheço da sala, eu sei que, por exemplo, Patrícia fazia dança. E, tipo, é uma *parada* que ela gosta mas ela parou de fazer porque não *tava* fazendo bem pra ela e coisa e tal. Já conversei com ela sobre isso. Mas ela não gosta de nenhum outro esporte. Ela não faz educação física,

¹² Patrícia é uma aluna da mesma turma, que também preencheu o questionário.

por exemplo. Quando ela joga alguma coisa, ela não segue normas, sabe? É só jogar a bola e toquinho, acabou, não tem mais nada além disso. No preferencial, ela não faz, entendeu?

Pesq.: Entendi. E aí você acha que ela *tá* aqui por que, então? Por que ela foi posicionada assim?

Rosa: Mas eu acho que eu também marquei dança também. Eu também gosto, eu já fiz. Só que eu parei por parar mesmo. Mas acho que eu também marquei alguma coisa de tipo assim também.

Pesq.: Entendi. Por que você acha que ela *tá* posicionada aqui, Felipe?

Felipe: Hm... se a gente continuar com essa linha do poder aquisitivo na vertical, então em cima seria quem o poder aquisitivo é alto pra dança, não é isso?

Pesq.: Não pra dança. Mas pra esses indivíduos aqui que foram distribuídos dessa maneira, sim.

Felipe: Então, esse daí é o "ensino superior completo", né?

Pesq.: É.

Felipe: "Ensino superior completo" é tipo faculdade terminada?

Pesq.: Isso.

Carolina: Uhum.

Felipe: É, então eu tenho completa certeza que isso aí é Patrícia. Porque os pais dela, tipo, o pai dela trabalha em coisa de empresa mas é mais... não é uma *parada* que rende, é mais móvel, assim, ele tem que ir pros lugares e aí, não rende tanto. E a mãe dela é professora. Então não acho que seja uma renda alta, mas tipo não deixa de ser o "ensino superior completo".

Pesq.: Entendi. E por que você acha que ela ficou pra esquerda, nesse canto da esquerda?

Felipe: Quem *tá* aí, tipo, do outro lado no outro gráfico é o que mesmo?

Pesq.: Aqui? (*mostrando a nuvem de categorias novamente*)

Felipe: É! Peraí, deixa eu ver. Não pratica cartas e tabuleiro, nem esportes coletivos... bom, levando em consideração isso aí só afirma meu ponto: que o pessoal que *tá* ali em cima na dança não faz os outros.

Pesq.: Entendi, beleza. Posso passar pro próximo? Alguém quer fazer algum comentário sobre esse aqui?

Felipe: Eu não sei se eu poderia ter relacionado a isso. Mas tudo bem.

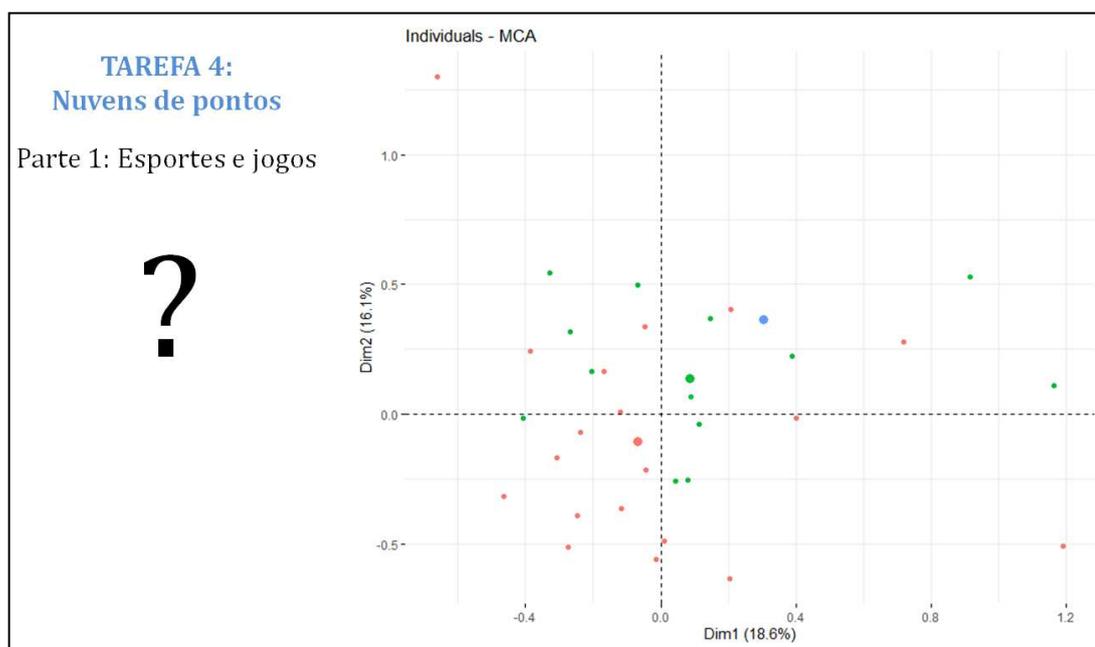
Pesq.: Você pode falar o que você quiser.

Rosa: Não, mas eu acho que é Patrícia mesmo. Porque quem respondeu ao formulário foi a minha mãe, né? Minha mãe não tem "ensino superior". Ela não tem, ela não fez faculdade. Então é Patrícia mesmo.

Felipe: É isso que eu fico pensando. Botando no real, assim, no vamo ver, Patrícia não faz esses negócios. E quando ela faz, não é porque tipo ela tem que fazer ou coisa do tipo ou ela quer praticar. É de brincadeira, só. E fica por isso aí mesmo, não é uma *parada* que ela vai fazer o tempo todo. Então eu acho que por isso que tem tanto não pra ali e aí esse dança aí por ser pouca gente que marcou ficou ali em cima logo e sendo o único sim.

Felipe observou que apenas uma pessoa marcou “sim” para dança e Rosa cogitou a possibilidade deste ponto no canto superior esquerdo estar representando a ela mesma. Ela também acredita que o indivíduo posicionado ali pratica dança, possivelmente influenciada pelos resíduos da enunciação dele. Um pouco depois, fazendo uma leitura da cor dos pontos no gráfico, ela descartou a hipótese porque seu responsável não possui ensino superior completo.

Em seguida apresentamos a tela abaixo para os estudantes que exhibe uma nuvem de indivíduos relacionando os interesses por jogos e esportes com um critério não revelado.



(i) Que critério vocês acham que é esse?

Os estudantes criaram algumas teorias sobre as cores dos pontos neste gráfico.

Rosa: Gosto?

Felipe: Eu vou ficar em silêncio.

Pesq.: Que gosto?

Rosa: Ah, ler um livro, ver uma série, ver aquilo, ver assim, gosta de ir no shopping...

Carolina: É sobre esporte e jogos, né?

Pesq.: É, ainda é a mesma nuvem sobre esportes e jogos baseado nas mesmas categorias. Só que agora eu pintei os indivíduos com outro critério. Eu quero saber que critério pode ser esse.

Carolina: Quem pratica esportes, quem não pratica e... sei lá, joguinho de celular? (risos)

Rosa: (risos)

Rosa e Carolina relacionaram as cores a possíveis gostos dos indivíduos. A pesquisadora fez alguns questionamentos para que os alunos falassem sobre a nuvem e produzissem novos significados.

(ii) Quantas cores aparecem?

Carolina: Três, sendo que o azul *tá* ali sozinho, né? Bacana! (*ironicamente*)

Rosa: (risos)

(iii) Tem alguma cor mais concentrada em uma região específica?

Carolina: Laranja está mais embaixo, verde está mais em cima.

Rosa: E tem o laranja lá em cima.

Pesq.: E tem um azul sozinho?

Carolina: Exato.

Rosa: Exatamente.

Pesq.: Alguma ideia do que essas cores estão representando?

Felipe: Volta o outro gráfico?

Pesq.: Volta. Esse aqui? (*mostrando a nuvem de categorias*)

Felipe: Também, calma. [pausa] *Tá*, agora vai pro de ensino. [pausa] *Tá*, pode passar pro de agora. Todo mundo que *tá* perto desse laranja aí não tem uma renda tão alta assim e também são as pessoas que não tem o computador, o celular, etc e tal. O videogame, na verdade.

Felipe traz para essa nuvem as características observadas por eles anteriormente, relacionando novamente a nuvem de indivíduos à nuvem de categorias. Rosa fala na mesma direção que Felipe, buscando compartilhar interlocutores com ele:

Pesq.: Beleza. E aí? O que o rosinha significa? O que o verde significa? E o que o azul significa?

Rosa: O verde eu acho que pode ser, tipo, a classe média que *tá* em cima do muro, laranja como Felipe falou da renda, pouca renda. E o azul deve ser o que tem top desses tops, né? O alto poder aquisitivo, né?

Felipe: Eu não consigo fazer isso sem relacionar a Patrícia, perdão.

Pesq.: (risos) *Tá*, beleza.

Rosa: (risos)

Felipe: Eu botei na cabeça, agora não vai ter como. Eu *tô* falando sério. Natasha, escuta. A mãe dela trabalha com coisa de professor e o pai dela trabalha com uma coisa que, tipo, não dá uma renda alta mas também é um gasto muito forte. Se ele tem que viajar, ele tem que gastar mais do que vai receber, enfim... o EaD inteiro estava Patrícia e a irmã reclamando que elas tem que ver aula só pelo celular e o celular fica com pouca bateria e às vezes não dá pra ver o dia inteiro. Que o único computador da casa era um notebook que ele quebrou. E aí, se ele *tá* em laranja e em laranja nos outros gráficos ali embaixo, no terceiro quadrante, é tudo que seria mais... que seria menor que, tipo, ensino inferior e aí a renda mais baixa, e o laranja também *tá* ali em cima no único pontinho que era dança, só pode ser relacionado a isso. Não é uma renda alta ali em cima, apesar de estar ali em cima.

Pesq.: Então você insiste que o laranja é baixa renda?

Felipe: É, não é uma renda alta. Ele pode até ser o suficiente pra você ter o celular, tanto que o celular estava do outro lado falando que sim, que o celular tem, mas o videogame e o computador não. E ali embaixo estava o videogame e o computador não e aí também não praticam outras *paradas*, entendeu? Porque *tá* do lado esquerdo, *tá* falando que eles não praticam essas *paradas*, só pratica dança que *tá* lá em cima. (*apontando com o dedo indicador para cima*)

(...)

Felipe:(...) *Tá*, o azul se ele *tá* mais concentrado ali, ele *tá* mais perto do videogame e do computador, que não deixa de ser necessidade, mas se ele *tá* perto do videogame também pode significar que ele tenha o suficiente pra poder ter também um videogame. Se os laranjas

estão mais embaixo, seguindo essa coisa de a renda não ser tão alta e você não poder ter o videogame e o computador, que nem *tava* posicionado ali embaixo "j-blábláblá não", hmm... o rosa, eu acho que ele não *tá* nem tipo alto e nem tão baixo também, porque tem um pontinho rosa que *tá* ali embaixo, assim, que ele *tá* mais próximo daquela coisa do esporte coletivo, mas que ele não precisa ser tão caro assim, comprar muita coisa pra poder fazer. Então, eu acho que o laranja é o menos favorecido na situação e o azul seria o mais.

Pesq.: Beleza. Então, de acordo com falas anteriores de Rosa também, vocês acham que o rosa é baixo poder aquisitivo, o verde é tipo uma classe média um pouco mais alta e o azul é o mais rico, é isso?

Felipe: Eu diria isso.

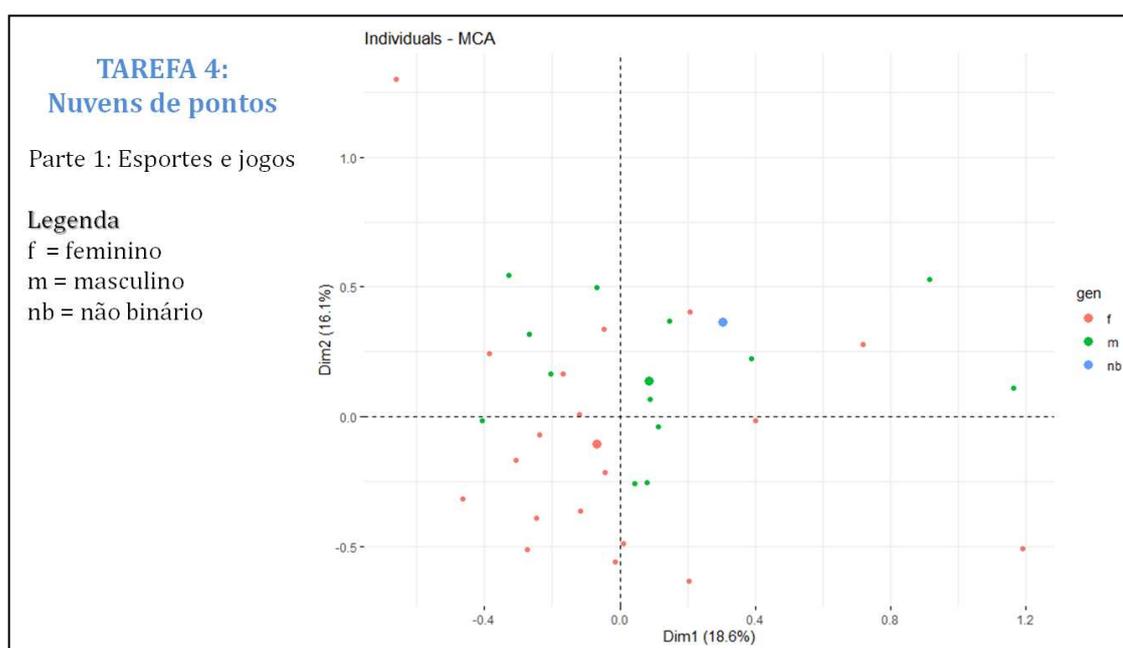
Carolina: É.

Felipe: Porque o azul, por ele estar posicionado por perto ali, seria isso.

Rosa: É, acho que é isso também.

Felipe apresenta justificações para relacionar a nuvem de indivíduos e a nuvem de categorias já discutida por eles e insiste na ideia de que as cores representam o poder aquisitivo dos indivíduos. Ele também reafirma que o ponto posicionado no canto superior esquerdo representa Patrícia, dadas as condições financeiras da família dela.

Em seguida apresentamos a tela a seguir com uma nuvem de indivíduos relacionando os interesses por jogos e esportes com o gênero dos estudantes.



(i) Vocês acham que há alguma relação entre estas informações aqui e a nuvem de categorias?

Carolina: Ah, sim! As meninas praticam menos coisas e os meninos mais coisas.

Pesq.: Beleza. Vocês concordam com Carolina?

Felipe: Sim!

Rosa: Concordo.

Carolina observou que os pontos que representam o gênero feminino estão mais concentrados na parte de baixo da nuvem (terceiro e quarto quadrantes) e os pontos que representam o gênero masculino estão concentrados na parte de cima da nuvem (primeiro e segundo quadrante).

(ii) Vocês querem mudar os nomes que deram aos eixos no gráfico de categorias?

Rosa: Pra mim, *tá* de acordo ainda. Acho que sim.

Felipe: Eu não saquei muito bem, então vou só concordar.

Carolina: Vou concordar com Felipe. (risos)

Pesq.: Os nomes que vocês deram pros eixos, vocês acham que está certo ou vocês querem mexer lá? Vocês querem mudar?

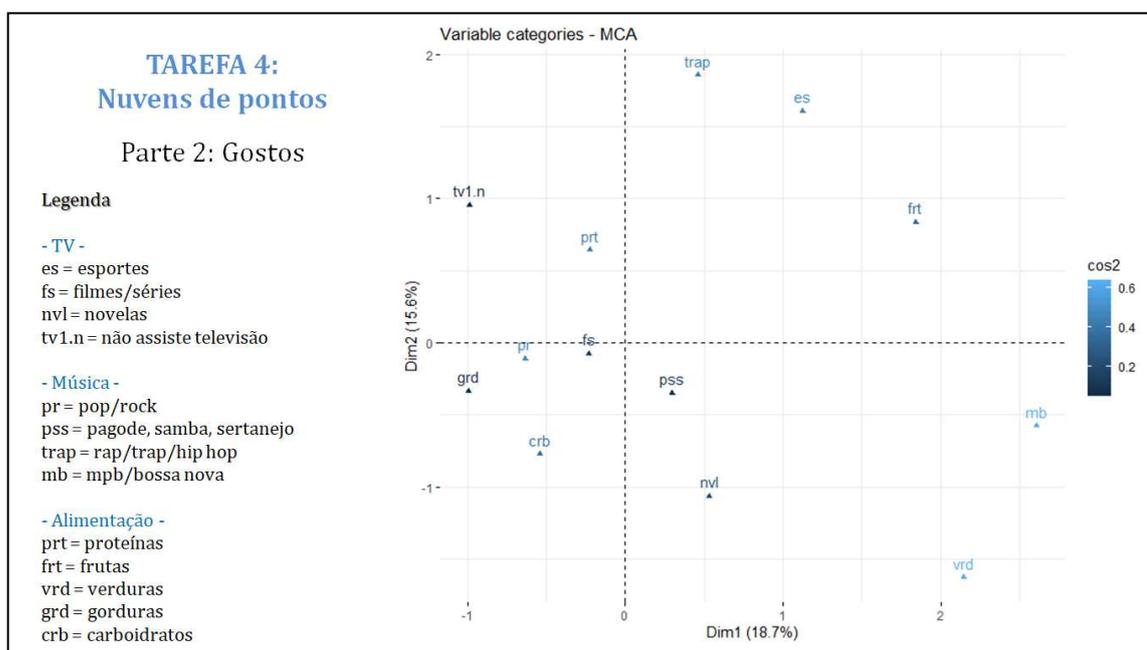
Felipe: É porque eu, ainda assim, fiquei confuso. Por causa dessa variável. Eu acho que pode ser isso, mas também tem essa variavelzinha, aí eu fico nessa... na variavelzinha. Aí não tem como eu pensar em alguma coisa que vai encaixar essa variavelzinha talvez junto.

Pesq.: Entendi.

Felipe: Tipo, porque que nem eu falei, pode ser por questão de vontade de não fazer e aí *tá* ali embaixo ou pode ser realmente por não ter dinheiro pra fazer, tipo sabe? Faria se tivesse.

Os estudantes decidem não alterar os nomes dos eixos no gráfico de categorias. Embora eles tenham concordado em nomear o eixo 2 como “poder aquisitivo”, após visualizar as nuvens de indivíduos coloridas de acordo com a escolaridade do responsável e com o gênero, Felipe se questiona se os indivíduos não praticam os esportes e os jogos por uma questão de escolha (gosto individual) ou de falta de oportunidades proveniente do poder aquisitivo que detém.

Em seguida apresentamos a tela abaixo com uma nuvem de categorias relacionando gostos dos estudantes, isto é, as preferências por estilos musicais, programas de televisão e alimentação.



(i) Há preferências musicais muito afastadas? Onde elas estão localizadas?

Carolina: MPB...

Rosa: MPB, né? Qual outra? Deixa eu ver...

Carolina: Isso. Trap também...

Rosa: Trap, ah.

Carolina: Agora, pagode, samba, pop/rock está mais próximo.

Pesq.: Esses aqui estão mais próximos um do outro, é isso? (*apontando com o mouse para "pss" e "pr"*)

Rosa: Sim.

Pesq.: E aí, MPB e bossa nova *tá* bem afastado, né?

Carolina: E trap também, uhum.

Rosa: Trap, hip hop, rap, essas coisas.

Carolina analisou as categorias relacionadas às preferências musicais que estão mais afastadas do centro do plano de coordenadas qualitativas (origem, onde os dois eixos se

cruzam). Rosa busca, mais uma vez, compartilhar interlocutores com ela, repetindo algumas de suas afirmações.

(ii) O que podemos afirmar sobre as preferências alimentares?

Carolina: Carboidrato e proteína, eu acho.

Rosa: E gordura, né?

Felipe: É, gordura.

Carolina: É, mas gordura *tá* mais afastado do que carboidrato, só que *tá* mais em cima.

Pesq.: Esse "pr" é pop/rock,*tá*, Carolina?

Carolina: Não, sim, eu *tô* falando do "prt" lá em cima.

Pesq.: Ah *tá*! Beleza. [pausa] Podem fazer afirmações e comentários a vontade. O que *tá* mais perto, o que *tá* mais afastado.

Rosa: Eu acho que gordura *tá* muito afastado.

Carolina: Verdura e fruta, sim. Esquece!

Rosa: Ninguém come, as pessoas preferem um hambúrguer em vez disso.

Rosa e Carolina apontam que, entre as categorias relativas ao consumo de alimentos, frutas e verduras estão afastadas ainda tomando como referência a origem do plano. Por isso, Rosa acredita que poucas pessoas marcaram verduras e frutas justificando que estas categorias não fazem parte das preferências alimentares dos indivíduos pesquisados.

(iii) Como estão distribuídos os interesses por programas de televisão?

Rosa: E eu acho também que... indo pra TV, né? Acho que novela *tá* muito afastado, novela e não assiste televisão *tá* lá em cima.

Carolina: Filme e série *tá* mais próximo.

Rosa: É, porque adolescente assiste mais filme e série, né? Vocês assistem novela? Eu vejo novela, mas se tiver um filme também.

Pesq.: Então, peraí. Novela *tá* afastado de quê?

Rosa: Acho que novela *tá* muito afastado. E quem não assiste televisão *tá* muito lá em cima.

Pesq.: Entendi. Então novela e quem não assiste TV estão opostos, é isso?

Carolina: Isso!

Felipe: Esse foi dos responsáveis terem marcado ou foi da gente mesmo?

Pesq.: De vocês.

Carolina: Filme e série é mais próximo. Pô, se fosse responsável, novela *tava* no meio. Filme e série são os mais assistidos.

Rosa: É.

Carolina dá indícios, mais uma vez, de relacionar a origem do plano com as categorias mais consumidas pelos indivíduos da faixa etária da turma, considerando tanto as preferências dos adolescentes e dos adultos em geral, quanto a posição das categorias observadas no gráfico. A produção de significados nesta direção fica mais evidente quando ela afirma “(...) se fosse responsável, novela *tava* no meio. Filme e série são os mais assistidos.”

(iv) Vamos batizar os eixos novamente? Que nome vocês dariam para o eixo x? E para o eixo y?

Para retomar as ideias colocadas por eles em cada grupo de categorias, a pesquisadora propõe:

Pesq.: *Tá*, vamos falar um pouquinho sobre cada grupo. Sobre os alimentos, o que vocês falaram mesmo?

Rosa: Que gordura, carboidrato e proteína estão lá, assim, lá em cima. E que verdura e fruta estão muito distante.

Carolina: É, anula verdura e fruta da história.

Pesq.: Verdura e fruta estão próximos de alguma maneira?

Carolina: Não.

Rosa: Não.

Pesq.: Tem certeza?

Carolina: Fruta *tá* lá em cima e verdura *tá* lá embaixo. Só que os dois estão pra direita.

Pesq.: Então verticalmente eles estão muito afastados.

Carolina: Isso, isso.

Rosa: Isso.

Pesq.: Mas horizontalmente, eles estão afastados?

Carolina: Não.

Rosa: Estão no mesmo quadrante, né?

(...)

Rosa: Eu acho que MPB e trap estão muito afastados um do outro, mas os outros estão bem próximos.

(...)

Carolina: Filme e série *tá* ali no meio, esporte *tá* lá em cima, pra direita.

Rosa: É que quase ninguém vê, né? Vê um Globo Esporte¹³ da vida, é mais menino, né?

Pesq.: Será que a gente consegue colocar um nome pros eixos agora?

(...)

Carolina: Quanto mais pro meio acho que é mais consumido, né?

Rosa: Acho que menos consumido pro mais consumido.

Mais uma vez, Rosa e Carolina demonstram acreditar que as categorias mais próximas da origem do plano são as mais consumidas pelos indivíduos. Elas também começam a avaliar as distâncias horizontais e verticais entre as categorias, como é o caso da fruta e da verdura.

Buscando estimular a produção de novos significados sobre o eixo 1, a pesquisadora questiona:

Pesq.: Quais coisas estão muito pra direita?

Felipe: O MPB...

Carolina: Verdura.

Rosa: Novela e o pagode, samba e sertanejo.

Carolina: Não, novela ainda *tá* mais próximo. Bem pra direita mesmo...

Felipe: É, quem *tá* longe mesmo é o MPB e verdura.

Carolina: Isso.

Pesq.: Tem mais um.

Felipe: E fruta.

Carolina: Fruta.

Pesq.: Entendi. Então, beleza, segura essa informação. Agora olha lá pra esquerda, o que *tá* bem mais próximo lá da esquerda?

Carolina: Gordura e TV. Não assiste TV, né, no caso.

Pesq.: Entendi. Então vocês acham que o eixo 1 pode ser o quê?

Rosa: Menos consumido? Alguma coisa assim, menos consumido pro mais consumido. Ou o vertical é o mais consumido e o menos...

¹³ Programa de esportes da rede Globo.

Pesq.: Que coisa, Rosa, que é menos consumido e mais consumido?

Rosa: A novela, a música, a verdura, a fruta...

Felipe: Mas não poderia ser menos consumido se o azul claro é o que mais marcou, não é?

Pesq.: É o que mais marcou, não. É o que mais contribui pra distribuição dos indivíduos.

Carolina: É como se a maioria tivesse marcado a mesma coisa, que não consome muita verdura e MPB.

Felipe começa a produzir significados para as tonalidades de azul com as quais as categorias são marcadas. Ele acredita que as categorias coloridas em azul mais claro são as mais consumidas pelos indivíduos.

Já Carolina entende que as categorias mais próximas entre si e da origem dos eixos representam as coisas mais consumidas pela maioria dos indivíduos, enquanto as categorias mais afastadas da origem são as coisas menos consumidas pela maioria da turma.

Carolina: Eu percebi que a proteína *tá* mais em cima. Só que também *tá* na mesma reta que filmes e séries. Muita gente consome proteína. Só que proteína é um negócio mais caro, carne, frango, essas coisas. Então *tá* mais em cima, eu pensei nisso, mas não sei se faz muito sentido.

Esta fala de Carolina dispara uma discussão entre os estudantes sobre o que é mais caro e mais acessível dentre as categorias dispostas no plano.

Pesq.: Beleza. Fruta é uma coisa cara?

Carolina: Depende, mas geralmente não.

Rosa: Se você for no hortifruti de Icaraí¹⁴, é o olho da cara. Mas se você for no sacolão da sua esquina é baratinho.

Pesq.: É baratinho?

Rosa: É, pelo menos daqui da minha casa é barato.

Pesq.: Vamos pensar numa família. Sei lá, numa casa moram 4 ou 5 pessoas. Que tipo de alimento seria mais acessível pra essas pessoas?

Carolina: Eu acho que carboidrato.

Rosa: E gordura.

Pesq.: Carboidrato e gordura.

Carolina: É, só que verdura acho que a gente não liga muito, né? (risos)

Pesq.: E que tipo de alimento seria menos acessível pra essas pessoas?

¹⁴ Bairro nobre de Niterói – RJ.

Rosa e Carolina (juntas): Proteína.

Pesq.: E mais o quê?

Rosa: Proteína... acho que agora, assim, na pandemia, acho que é arroz, né? Arroz tá o olho da cara.

Carolina: Não, Rosa, ela fala entre fruta e gordura que foi meio que o que sobrou.

Pesq.: É.

Rosa: Ah tá, tá bom. Acho que mais caro é a proteína mesmo.

Carolina: Só que mais alguma coisa com proteína. Ou fruta ou gordura. Aí fica nesse empasse.

Rosa: Acho que gordura, né?

Carolina: Acho que fruta, porque gordura é um negócio mais barato. Depende, se for *fastfood*, se você comprar no mercado pra fazer em casa...

Rosa: Depende, se for no Madero¹⁵ deve ser caro, o olho da cara, né?

Pesq.: Você pode comprar um *x-tudo* também, né?

Carolina: Sim, é mais barato do que fruta, dependendo.

Pesq.: Tá, beleza. Então vocês olhando pro posicionamento aí desses alimentos vocês conseguem ter um palpite de algum eixo?

Carolina: O eixo do meio, quanto mais próximo do zero ali, mais consumido; e quanto mais afastado, menos consumido, na horizontal.

Pesq.: Tudo bem. Olha só, vou fazer o seguinte então. Vou mostrar pra vocês os outros gráficos e depois a gente volta aqui pra dar o nome. Beleza?

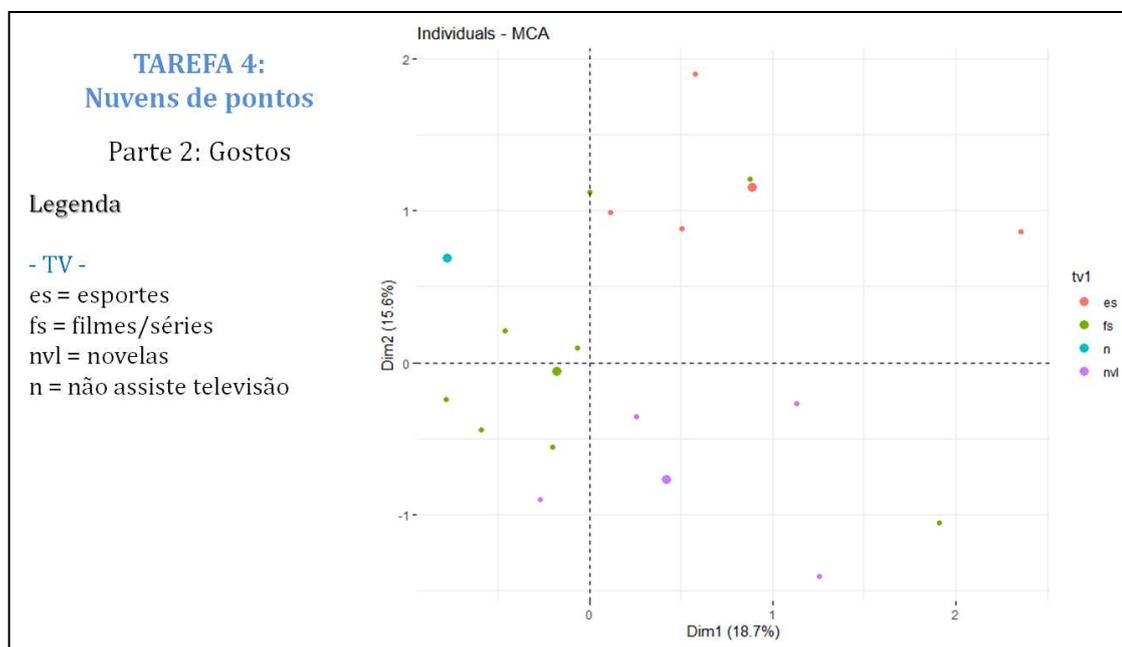
Carolina: Beleza.

Embora Carolina e Rosa tenham discutido a acessibilidade de cada grupo de alimentos, a pesquisadora percebeu que elas ainda não haviam produzido significados em outras direções. Por isso, ela decidiu apresentar as nuvens de indivíduos para os alunos antes de prosseguir com a rotulação dos eixos de coordenadas qualitativas.

As próximas três nuvens apresentadas são nuvens de indivíduos distribuídos de acordo com suas preferências por estilos musicais, programas de televisão e alimentação. Em cada uma das nuvens, os pontos que representam indivíduos estão coloridos de acordo com uma dessas preferências: a primeira está colorida de acordo com os programadas de televisão que

¹⁵ Restaurante com pratos individuais a partir de R\$ 40 reais. Disponível em <<https://www.restaurantemadero.com.br>>. Acesso: 03 out 2021.

os alunos mais assistem, a segunda de acordo com o estilo musical mais escutado e a terceira de acordo com o grupo de alimentos mais consumido.



(i) Como estes indivíduos estão posicionados?

Carolina: Filme e série, que eu acho que é o que a galera mais consome, tá ali pra esquerda, próximo do meio.

Rosa: E tá bem concentrado, né?

Carolina: É.

Rosa: O azul é o que? "n" é o que?

Pesq.: É quem não assiste.

Rosa: Não assiste. Tem um ponto, então acho que ele é, assim, olhando assim no geral de adolescente hoje em dia, adolescente quase não assiste televisão, é mais adulto mesmo que fica vendo Globo. Então, eu acho que não é tanto assim.

Pesq.: E as outras cores?

Rosa: Novela.

Carolina: Esporte já tá do lado direito mais em cima. E acho que esporte depende. Porque, por exemplo, nem sempre passa esporte na televisão, é um canal fechado. Então, a pessoa tem uma situação pra poder ter o canal de esporte.

Pesq.: Pode representar isso, né?

Carolina: Pode.

Carolina traz novamente a questão do poder aquisitivo vinculado ao posicionamento dos indivíduos no plano. A pesquisadora decide investir nesta direção:

Pesq.: Alguma dessas categorias aí é mais acessível?

Carolina: Só que a gente pensando em filme e série, também não é muito comum passar na televisão, é mais *Netflix*. Então a pessoa também tem que pagar.

Felipe: Por isso que eu tinha falado do coisa de atualidades, que o pessoal que *tá* aí com pop/rock e filme e série do lado no outro com negócio *tá* mais associado à galera da nossa sala que tem essa coisa de *Netflix* e coisa e tal, e aí ouve umas *paradas* mais internacional.

Pesq.: Entendi. Mas não passa na TV, não, filme e série?

Carolina: Ah, até passa.

Felipe: Passa Lagoa Azul¹⁶ na Globo.

Rosa: Sessão da tarde.

Carolina: (risos) Não fico procurando coisa na televisão, sabe?

Pesq.: Beleza, beleza. E novela?

Carolina: Ah, novela é mais pra nossa avó, pra nossa mãe. (risos) A galera não liga muito.

Pesq.: Tem um monte de gente aí que marcou.

Carolina: Ah, sim. Não, mas no geral, a maioria da nossa sala, acredito que não veja novela. A gente, assim, até pode assistir, mas não é algo tão...

Pesq.: Aqui, esses gostos aqui, essas respostas... a minha pergunta lá no formulário era assim "Qual tipo de programa de TV você mais assiste?". Aí as pessoas responderam isso.

Carolina: Aí podia marcar duas coisas, né?

Pesq.: É, mas aqui eu não *tô* considerando a segunda coisa. Eu *tô* considerando só a primeira.

Carolina: Ah *tá*!

Os estudantes, especialmente Carolina, dão indícios de considerar seus gostos pessoais na análise das preferências da turma. Isto fica mais evidente quando Carolina diz "(...) no geral, a maioria da nossa sala, acredito que não veja novela. A gente, assim, até pode assistir, mas não é algo tão...", mesmo que a nuvem de indivíduos registre quatro pessoas que escolheram novela como tipo de programa de televisão mais assistido.

(ii) As pessoas que gostam dos mesmos programas estão próximas ou afastadas?

¹⁶ Filme de 1980 que já passou muitas vezes no programa "Sessão da tarde" da rede Globo.

Pesq.: Beleza! Vamos pensar em termos de quadrante. Aqui no primeiro quadrante, o que é predominante?

Rosa e Carolina (*juntas*): Esporte.

Pesq.: Esporte, beleza. No segundo quadrante?

Rosa: Filme e série e quem não assiste TV.

Carolina: É, quem não vê.

Pesq.: No terceiro quadrante?

Rosa: Filme e série.

Carolina: Quem vê filme e série.

Pesq.: E no quarto quadrante?

Carolina: Novela.

Rosa: Novela.

Pesq.: *Tá*, isso aqui *tá* bem posicionado, concordam?

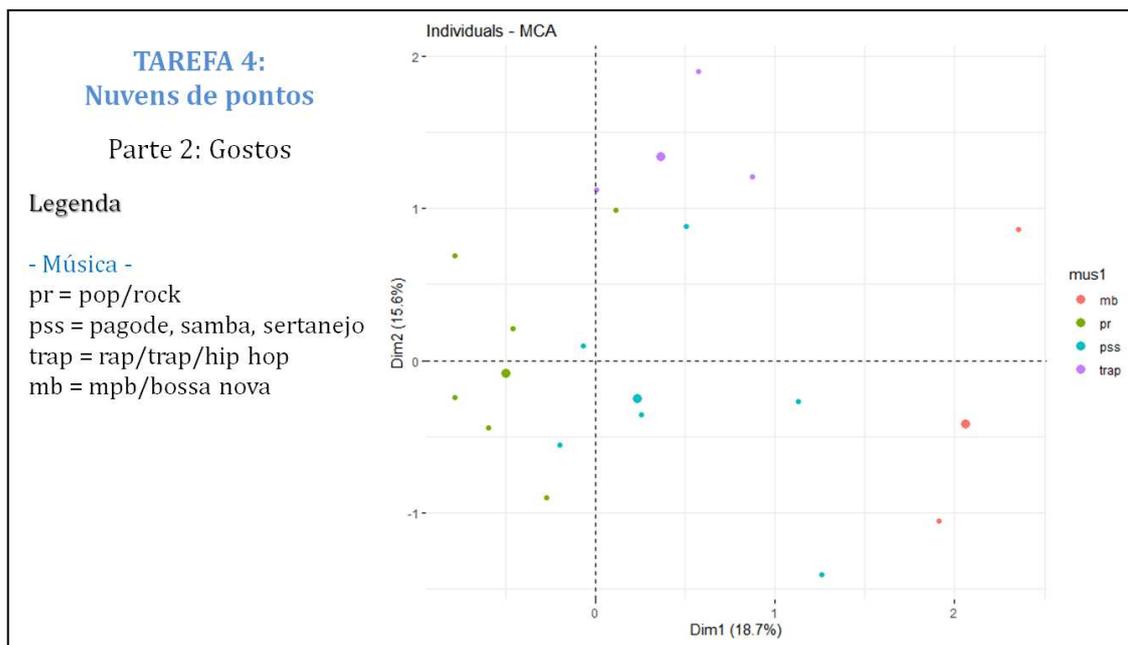
Carolina: Concordo.

Pesq.: A gente consegue identificar grupos.

Rosa: Uhum.

Os estudantes observaram que os indivíduos que têm preferência pelos mesmos tipos de programa de televisão estão posicionados mais próximos uns dos outros.

Observaremos, agora, a nuvem de indivíduos que considera as preferências por estilos musicais.



(i) O que vocês tem a dizer sobre esse gráfico?

Rosa: Que o trap *tá* lá em cima.

Carolina: MPB *tá* longe.

Rosa: E que pagode *tá* meio afastado, assim, *tá* meio assim. E a concentração maior é o pop, né?

Carolina: Eu acho que pop e pagode estão mais ali pro meio.

Carolina e Rosa observaram as posições dos indivíduos de acordo com o estilo musical mais ouvido e identificaram as regiões do plano onde cada grupo está posicionado.

(ii) As pessoas que gostam dos mesmos estilos estão próximas ou afastadas?

Rosa: Afastado.

Carolina: *Tá* espalhado, né?

Pesq.: Vocês acham que *tá* bem misturado ou *tá* dividido em regiões?

Carolina: *Tá* dividido em regiões.

Pesq.: Felipe, você *tá* aí ainda?

Felipe: *Tô*.

Pesq.: Como são essas regiões?

Felipe: Ainda tô batendo na tecla que ali no terceiro quadrante tem o pessoal que é mais ligado em coisa internacional.

Pesq.: Aqui? (*apontando com o mouse para o terceiro quadrante*)

Felipe: É. Porque continua sendo próximo comparado aos outros gráficos com filme e série e aí, comparado ao resto dos gráficos etc e tal, ainda acho que aquele negócio de pessoal no *Netflix*, celular, etc e tal e aí, através da *Netflix* e esse tipo de coisa acaba conhecendo essas coisas mais internacionais. Até porque a *Netflix* bota muito trilha sonora, então fica mais voltado pro pop e pro rock nesse sentido. Então esse pessoal daí é o mesmo pessoal que vê mais filme e série etc.

Pesq.: E você acha que isso seria o pessoal que tá à esquerda ou o pessoal que tá pra baixo ou os dois?

Felipe: Não entendi a pergunta.

Pesq.: Você acha que essa galera que tá mais ligada nessas questões internacionais é a galera que tá mais pra esquerda, é a galera que tá mais pra baixo ou é a galera que tá à esquerda e para baixo?

Felipe: Acho que é a galera que tá mais à esquerda.

Pesq.: Beleza. Tem alguma outra categoria aqui que tá sendo oposto a isso?

Felipe: Oposto ao pop rock?

Pesq.: A essa questão internacional que você levantou, de pop/rock, *Netflix* e tal. Você falou que essa galera tá mais pra esquerda.

Felipe: Sim, eu acho que, tipo assim, no oposto ali eu acho que o trap. Porque quem marcou trap não deve ter se voltado pro trap internacional. Eu acho que por o trap estar envolvendo o rap e o hip hop, acho que tá mais se tratando da cena brasileira do que do resto.

Pesq.: Beleza. E tem mais alguma outra categoria que influencia nisso?

Felipe: Hm... desse mesmo gráfico?

Pesq.: É.

[pausa]

Felipe: Acho que pra direita realmente é o pessoal que gosta mais do brasileiro, sabe? Tipo, o MPB tá distante mas ele também tá no lado direito, o pagode/samba/sertanejo também tá no direito. E o trap eu realmente acho que seja voltado pra cá. Sendo que também tem pop/rock nacional e ele é o que menos aparece do lado direito. Então eu acho que pro direito é mais voltado pro quadro nacional do que pro internacional que nem no esquerdo.

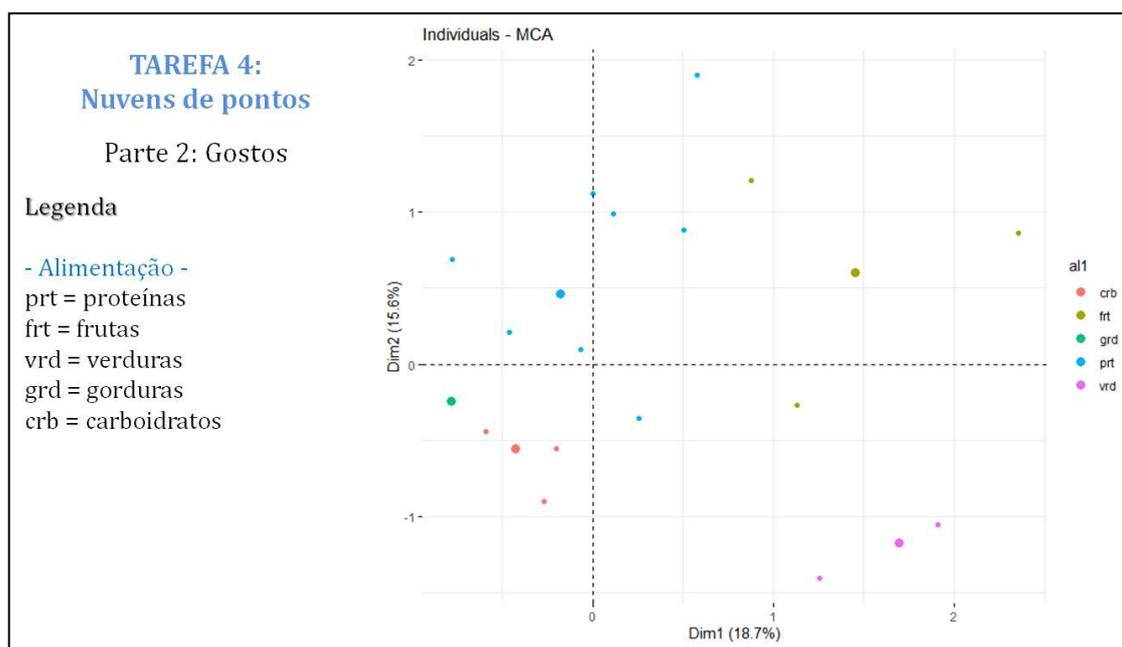
Pesq.: Vocês concordam com essa leitura, Carolina e Rosa?

Carolina: Concordo.

Rosa: Concorde.

Os estudantes observam novamente que pessoas que escolheram os mesmos estilos musicais estão posicionadas próximas umas das outras no plano, marcando os gostos de cada grupo por regiões. Além disso, Felipe propõe uma leitura que considera que as categorias que estão mais à esquerda estão relacionadas a músicas, filmes e séries internacionais, enquanto as categorias à direita são estilos de música brasileiros (trap nacional, pagode, samba, sertanejo e MPB). Ele propõe que o lado esquerdo do eixo 1 seja classificado como gostos internacionais e, o lado direito, como gostos nacionais. Esta proposta de não nomear o eixo (reta), mas parte dele (semireta), remete aos eixos de coordenadas qualitativas apresentados na Tarefa 3. A pesquisadora propôs, então, uma classificação que fosse adequada para o nome do eixo 1 como um todo e os estudantes concordaram em nomeá-lo como “nacionalidade”.

A pesquisadora sugeriu prosseguir para a próxima nuvem de indivíduos, que marca as preferências de cada um de acordo com os alimentos mais consumidos (imagem abaixo) e os estudantes concordaram.



(i) E agora? O que vocês tem a dizer?

Felipe: O vertical não pode ser essa coisa que eu falei de atualidades, não?

Pesq.: Se todo mundo concordar... mas aí você acha que alimentação não influencia?

Felipe: Hm...

Carolina: É, eu acho que proteína tá concentrado lá em cima, que nem tá no outro, né? E carboidrato tá mais embaixo. Tá exatamente igual no outro, só que mais concentrado.

Pesq.: Uhum. Vocês acham que tem a ver com aquele lance de ser acessível ou não?

Carolina: E gordura tem só um pontinho, né? Não sei se tem a ver... porque proteína que é o negócio mais caro.

Pesq.: Uhum.

Carolina: Verdura não chega a ser tanto, assim. Então eu não sei.

Pesq.: Verdura tá aqui embaixo. (*apontando com o mouse para os pontinhos rosas*)

Carolina: É. Não, verdura não. Fruta, fruta, fruta. Eu confundi!

Pesq.: Mas você tinha me dito que o segundo grupo mais caro seria fruta.

Carolina: É.

Pesq.: Os dois estão bem lá pra cima, né?

Carolina: Uhum.

Pesq.: Olhando aqui pro gráfico de TV, vocês acham que tem alguma coisa a ver de ser acessível ou não?

Rosa: Eu acho que a novela é mais acessível do que filme e série, porque se você tiver o canal aberto você vai ter Globo, vai ter SBT, vai ter essas coisas todas, você vai conseguir assistir a novela.

Pesq.: E esporte?

Rosa: Esporte acho mais ou menos, assim, mais em cima do muro. Porque tem alguns programa tipo, Record, eles exibem o programa de esporte, entendeu? Jornal também, o Balanço Geral. Aparece coisa de esporte ali, então acho que é meio mais acessível do que filme e série.

Carolina: Acho que fica na mesma coisa, assim, entre filme, série e esporte. Porque filme e série eu acredito que a galera não vá ver na televisão. Vai ver *Netflix*, *Amazon*, essas coisas. E esporte não passa geralmente, é mais em canal fechado ou em *Premiere*, essas coisas assim, que você paga a parte. Ou então no canal fechado da *Sky* mesmo. Então...

Pesq.: Tem filme e série também que passa no canal fechado, né?

Carolina: É, exatamente. Não passa muita coisa no canal aberto. Então, os dois, acho que fica no mesmo nível. Só que eles estão opostos. (risos)

Pesq.: É mas *Netflix* é mais barato do que *Sky*, né? E você pode compartilhar *Netflix*.

Carolina: É, isso é. Pode ser, faz sentido.

Pesq.: Pode ser, não. (risos) Eu quero que vocês digam qual é o eixo.

Carolina: Pode ser em questão de poder aquisitivo.

Rosa: Alto poder aquisitivo ou baixo poder.

Pesq.: Isso faz sentido pra vocês?

Carolina: Faz sentido na comida também.

Pesq.: Faz sentido na música?

Rosa: Na música, acho que não.

Carolina: É, na música é algo mais relativo, né? É gosto pessoal.

Pesq.: É, mas a música, pelo que vocês falaram, é o que *tá* determinando mais forte no eixo horizontal, né?

Carolina: Uhum.

Pesq.: Música que fez essa divisão no eixo horizontal, né? E aí, vocês acham que os alimentos e a TV estão ajudando a dar o nome pro eixo vertical?

Carolina: É, eu acho que o de música é mais pra música e o resto é outra parte.

(...)

Pesq.: *Tá*, então vamos dar um nome pro eixo vertical? Qual nome vocês querem dar? Pra gente poder ir pro último slide de hoje.

Rosa: Acho que atualidade seria um nome bem legal, que Felipe falou.

Carolina: Sei lá...

Pesq.: O que você acha, Carolina?

Carolina: Eu ainda *tô* com poder aquisitivo na cabeça. (risos)

Felipe: Por mim continua atualidades também.

Rosa: Porque trap é uma coisa muito atual, assim, né? Não é uma coisa muito... ah, os nossos pais, lá atrás... acho que é uma coisa mais atual do que, enfim.

Pesq.: Mas aí, o alimento não entra, né? Vocês estão olhando só pra música, vocês não estão olhando pra alimento nem pra TV.

Rosa: Eu acho que alimento é mais o poder aquisitivo mesmo que Carolina falou.

Pesq.: Tudo *tá* ligado na mesma nuvem. (*mostrando a nuvem de categorias*) *Tá* tudo interligado junto, né? [pausa] Então, poder aquisitivo ou atualidades?

Rosa: Eu acho que eu vou botar poder aquisitivo. Porque a gente *tava* falando que o trap é meio atual e tal, mas tem algumas pessoas que não tem acesso, tipo, a um telefone. Muita gente escuta música pelo telefone. Tem muita gente que não tem um acesso a telefone, a televisão, pra tipo conhecer o trap de fato, né? Então, elas têm mais rádio, essas coisas assim, né? Pessoas que não tem tanto, vamos dizer assim, poder, sabe? Eu acho que poderia entrar nesse quesito.

Pesq.: Felipe, mantém atualidades então? Ou vai mudar pra poder aquisitivo?

Felipe: Pode ser o que a maioria quiser. Eu acho que encaixa nos dois.

Pesq.: Eu quero saber o seu voto, o que você prefere.

Felipe: Eu votaria mais em relação de atualidades, foi a relação mais forte que eu pensei. Mas eu acho que poder aquisitivo também combina.

Pesq.: Tudo bem. Carolina?

Carolina: Poder aquisitivo.

Carolina acredita que o eixo 2 esteja relacionado ao poder aquisitivo, pois ela considera as categorias relativas a preferências por programas de televisão e alimentos. Enquanto isso, Felipe olha apenas na direção das preferências por estilos musicais e sugere rotular o eixo 2 como “atualidades”. Ele acredita que os indivíduos que preferem os estilos de música mais atuais (como trap e sertanejo) estão posicionados mais para cima, enquanto os indivíduos que gostam mais de estilos mais antigos (como MPB) estão posicionados mais para baixo.

Rosa continua sendo altamente influenciada pelos resíduos de enunciação dos colegas, mudando a direção para qual está falando de acordo com as falas de Carolina e de Felipe. Fica bem marcada a busca por legitimidade de Rosa, buscando compartilhar espaços comunicativos e aceitação do grupo.

Por fim, o grupo decide nomear o eixo 2 como poder aquisitivo, embora Felipe ainda acredite que atualidades seja mais representativo.

(ii) Vocês acham que tem algum grupo de alimentos que seja similar a outro grupo (por exemplos, dois grupos de alimentos que sejam mais saudáveis ou menos saudáveis)?

(iii) Como eles estão distribuídos no gráfico?

As perguntas (ii) e (iii) não foram indagadas aos estudantes, pois a discussão caminhou para uma outra direção e a pesquisadora julgou que a nuvem de alimentos já havia sido bem explorada nas discussões.

Buscando fazer uma leitura mais completa dos significados produzidos pelos estudantes ao longo da Tarefa 4, fizemos mais alguns questionamentos para os estudantes.

(i) O que estes gráficos estão informando?

Carolina: Ah, os gostos de cada um e também a gente *tá* relacionando a questão financeira, né?

Rosa: Isso que Carolina falou, eu concordo com ela.

Pesq.: Gostos, mais o que?

Carolina: O gosto relacionado com a questão financeira.

Pesq.: Uhum, beleza. Felipe?

Felipe: Concordo com Carolina.

Carolina aponta que as nuvens de categorias e de indivíduos relacionam o poder aquisitivo (capital econômico) com as preferências dos indivíduos (capital cultural).

(ii) Você acha que os gráficos auxiliam a sua compreensão dos conceitos de capital econômico ou de capital cultural? Como?

Rosa: Sim. Acho que auxilia.

Pesq.: Como?

Carolina: A gente *tá* relacionando uma coisa com outra, então a partir disso chegamos a uma conclusão.

Rosa: É, eu acho que é isso.

Pesq.: Como assim relacionando uma coisa com a outra?

Carolina: Bom, a gente relacionou os gostos de cada um ao, o que a gente falou antes, os gostos com a situação econômica. Então, a partir de tais gostos... ah, não sei explicar. (risos)

Pesq.: Os gostos e o acúmulo de capital cultural tem a ver?

[pausa]

Felipe: Acho que não diretamente.

Pesq.: Não? [pausa longa] É porque eu perguntei "Você acha que os gráficos auxiliam na compreensão dos conceitos de capital econômico e de capital cultural?". Aí, Carolina falou pra mim "*tá* relacionando os gostos com o capital econômico". A minha pergunta é: esses gostos tem a ver com o volume de capital cultural que as pessoas têm?

Rosa: Tem, se você for escutar uma MPB, meio que música popular brasileira, você *tá* meio que evoluindo a sua cultura sobre o Brasil. Sei lá... entendeu?

Pesq.: Uhum.

Rosa: Sei lá, tipo assim, se você for escutar um funk. O funk vai contribuir o que pra você? Aquela "bate a bunda no chão, vai solta a bunda...", vai contribuir o que pra você na sua coisa? Vai contribuir nada!

Felipe: Mas o funk também é cultura brasileira.

Rosa: É, não *tô* discriminando, *tô* falando assim... é meio que, sabe? Meio que a música não tem muito... digamos assim, meio que uma fala, tipo assim, ah sei lá. Eu *tô* meio que viajando, assim.

Felipe: Eu não concordo com isso aí não.

Pesq.: O que você acha, Felipe? Fala por que você não concorda.

Felipe: *Tô* falando dessa coisa do funk. Porque, tipo, funk também foi evolução, desde o início do funk, aquela coisa "ele era funkeiro mas era pai de família", também tinha letra, tinha conteúdo na letra pra poder manifestar isso. Depois, que aí todo mundo ficou falando que era só putaria e coisa e tal, tem agora mais mulheres na cena do funk e aí elas não estão falando mais como se elas fossem o objeto e por aí vai. Eu acho que tem, sim, conteúdo em relação a isso. É isso que eu falei que discordo.

Pesq.: Então você acha que isso também contribui pro capital cultural?

Felipe: Sim!

Rosa apresenta um discurso moralista para defender que algumas músicas (em geral, funk) não contribuem para o acúmulo do capital cultural de um indivíduo, enquanto Felipe defende que estas músicas (e as manifestações sociais vinculadas) a elas fazem parte da cultura brasileira. Vale ressaltar que quando Felipe falou em uma direção diferentes, Rosa não prosseguiu com suas justificações e alegou que estava "meio que viajando", evidenciando a busca por legitimidade por parte dela.

Em geral, os estudantes acreditam que os gráficos apresentam relações, diretas ou indiretas, entre o capital econômico e o capital cultural dos indivíduos representados.

(iii) Os gráficos indicam algum tipo de disputa ou conflito em termos dos capitais discutidos? Justifique sua resposta.

Felipe: Acho que não.

Rosa: Eu também acho que não. Acho que é mais gosto de cada um mesmo. A gente não deveria estar fazendo um conflito, alguma coisa desse tipo, sabe? Acho que é o gosto de cada um.

Pesq.: Vocês acham que tem algum tipo de conflito de interesses? Por exemplo, nessa questão do funk. O funk não é uma coisa legitimada pela classe dominante. E aí, você acha não teria nenhum tipo de conflito quando a gente fala de capital cultural?

Felipe: Ah, eu acho que, tipo assim, conflito de interesses teria sim, obviamente, porque tem um gosto muito variado na turma. Então é coisa daquele tipo, se tivesse a CamAjuFra¹⁷ ia ser uma luta pra fazer uma playlist que todo mundo gostasse. Mas, assim, eu não acho que disputa ou coisa do tipo não.

Rosa: Pior que é mesmo.

Felipe: Até porque legitimada ou não, eu não vejo uma disputa não.

Rosa: Eu também não acho não.

Felipe e Rosa¹⁸ não acreditam que haja disputas entre grupos no que se refere aos capitais discutidos. Os conflitos mencionados por eles se referem a variação de gostos entre as pessoas, mas eles não apontam estas situações como disputas sociais. Quando Carolina retorna para a videochamada, a pesquisadora retoma a pergunta para ela, que responde na mesma direção dos colegas:

Carolina: Não, eu acho que não chega a conflitos, não. É só gostos mesmo e o que eles podem acessar com a questão financeira deles. Acho que não chega a ser conflito, conflito não.

Pesq.: Nem nenhum tipo de conflito de interesses?

Carolina: Entre as pessoas?

Pesq.: É, entre grupos de pessoas, talvez.

Carolina: Como assim disputa de interesse?

Felipe: Posso falar o que eu falei da playlist? Que, por exemplo, na nossa turma, quando a gente vai fazer CamAjuFra, é uma luta do cacete pra fazer uma playlist que agrada a todo mundo. Porque, por exemplo, dando o exemplo da última CamAjuFra que a gente participou, teve mais da sua turma do A, no caso, um pessoal querendo mais sertanejo e mais pop. Quanto teve gente querendo mais funk, só que aí não podia tal tipo de funk e aí acabaram colocando outro tipo de rap, que aí não tinha tanto palavrão e afins. Entendeu? Acho que é conflito de interesses nesse sentido.

¹⁷ Campanha de Ajuda Fraterna, promovida pela escola anualmente. Nesta ocasião, há jogos de futebol entre as turmas, com intuito de arrecadar alimentos na entrada dos amistosos. O público fica na arquibancada da quadra e os alunos que não jogam podem escolher as músicas que serão ouvidas durante as partidas.

¹⁸ Carolina não estava na chamada neste momento por instabilidade na conexão com a internet.

Carolina: Ah, entendi. Ah, nesse sentido acho que sempre tem porque cada um tem gostos diferentes, né?

Pesq.: Mas vocês acham que esses conflitos são individuais ou são em grupos? Alguns grupos, sei lá, determinados pela sociedade.

Carolina: Ah, às vezes é um grupinho que gosta do mesmo estilo, às vezes é a pessoa gosta de um estilo que só ela gosta, diferente. Acho que é relativo também. Por exemplo, eu e meu grupinho, Andressa e Beatriz, a gente tem o gosto musical tal. Mas Rosa tem o gosto musical só dela. Entendeu? Então, acho que é relativo.

Rosa: É, acho que o meu grupo, Fernanda e Olivia, a gente gosta de muitas músicas parecidas, então acho que não teria um conflito entre nós três, porque a gente tem uma música meio que parecida.

Carolina: Aí, vamos supor, entre mim e Rosa poderia ter, entendeu? Acho que é algo relativo.

Felipe: Cara, em relação à sociedade tem essa coisa de ser marginalizado. Tipo o que Rosa tinha falado do funk, sabe? Eu acho que o conflito seria dessa coisa de marginalizar ainda os outros estilos, mas ainda não vejo como conflito direto, uma disputa mesmo. Acho que é só cada um pegando seu quadro, sua cena aí.

Pesq.: Entendi. Você acha que isso não aparece nas relações sociais, nas lutas sociais?

Felipe: Aparece, mas o que eu tô querendo falar é que essa coisa do ser marginalizado. Tipo, o rap era muito marginalizado, agora não tá sendo tanto, porque o rap fala coisas do nosso cotidiano etc e tal, ele critica, ele é uma *parada* mais resistência. E aí, não faz sentido, tipo, você ficar marginalizando o rap, sendo que ele é uma resistência tipo as músicas da ditadura pra poder protestar contra o governo, mas era em silêncio, sabe? Tipo, era tudo escondidinho. O rap é o mesmo pique, sabe, é... continua sendo uma coisa de revolução. Só cabe, tipo, ao pessoal não marginalizar isso.

Pesq.: Mas quem marginaliza? Quem diz "isso aqui é marginalizado, tá? combinado!"?

Felipe: Quem tá em cima porque o que vem da periferia já consideram ruim.

Pesq.: Quem tá em cima... você quer dizer o que?

Rosa: Tem preconceito, né?

Felipe: Quem tem poderes aquisitivos maiores, a elite.

Rosa: Por exemplo, a pessoa de Zona Sul. A pessoa de Zona Sul vai pra Rocinha. Ela fica "aí, que lugar feio, que música é essa", tipo assim, sabe? Acho que teria um preconceito em cima, entendeu?

Pesq.: Entendi. Beleza!

Ao longo da conversa, Felipe produz significados em uma direção diferente e aponta um conflito entre pessoas de classes sociais diferentes no que diz respeito à preferências por estilos musicais. Ele traz a questão do funk ser marginalizado pelas classes sociais com maior poder aquisitivo e Rosa, que havia feito um discurso moralista com relação a este estilo musical, tenta falar na mesma direção apontando o preconceito destas pessoas com as comunidades do Rio de Janeiro.

(iv) Você acha que um outro grupo de alunos interpretaria estas informações da mesma maneira que vocês? Justifique sua resposta.

Felipe: Porque cada um tem sua interpretação, né, cara? Eu acho que, tipo assim, cada um ia relacionar primeiramente de uma forma e depois chegar a uma conclusão. Não acho que todos fossem ser diferentes, até porque se estamos falando de um gráfico é porque tem os dados.

(...)

Carolina: Da mesma maneira... acho que depende. Acho que parecida, talvez, mas da mesma maneira não exatamente, né?

Rosa: É porque cada um tem um pensamento, eu acho.

Carolina: É, acho que é algo relativo. Seria da nossa realidade?

Pesq.: É, se eu escolhesse outros alunos. Eles iam olhar pra esses mesmos gráficos e iam interpretar da mesma maneira?

Carolina: Ah, talvez algumas coisas diferentes, mas acho que nada muito absurdo, sabe?

Pesq.: Você acha que seria próximo?

Carolina: É.

Os estudantes acreditam que, por se tratar de dados estatísticos, outras pessoas fariam análises muito parecidas com as deles, desconsiderando a subjetividade da leitura e da interpretação dos dados.

De maneira geral, nesta tarefa os estudantes analisaram geometricamente os dados de indivíduos em nuvens de pontos no plano de coordenadas qualitativas. Eles apontaram *outliers*, indicaram maior concentração de grupos de indivíduos em determinada região do plano (quando havia), relacionaram as nuvens de indivíduos com as informações das nuvens de categorias e investigaram a disposição dos indivíduos de acordo com seus gostos para dar nomes aos eixos principal e secundário.

6.5 ANÁLISE DA TAREFA 5

Tarefa 5 – Fechamento

A partir das discussões que tivemos, imagine que você tem um amigo que mora no exterior e não conhece as dimensões econômica, social e cultural do Brasil. Escreva uma carta para seu amigo (em língua portuguesa) relatando a nossa realidade e as relações de poder envolvidas.

Os estudantes que realizaram a Tarefa 5 foram Carolina, Felipe e Rosa. As cartas escritas por cada um deles está disponível na íntegra no Apêndice E deste trabalho. Destacaremos aqui os trechos mais relevantes de cada uma das cartas para análise.

Carolina

- “aqui tem impostos muito altos, que quase todo brasileiro tem que dar o seu esforço para conseguir pagar isso tudo”
- “também tem uma desigualdade muito grande em relação as classes sociais que muitos tem pouco e outros muito”

Na primeira frase destacada, Carolina aponta para uma crítica ao sistema tributário brasileiro, que até então não havia sido discutido pelos estudantes ao longo das tarefas. Ela dá indícios de acreditar que essas cobranças têm um peso grande no orçamento doméstico da maioria dos brasileiros e parece considerar também como “impostos” o pagamento das contas do mês.

Ela deixa claro que existe uma pequena parcela da população que não precisa se “esforçar” tanto ou não encontra dificuldades em arcar com o custo de vida no Brasil. Esta ideia se confirma na segunda frase destacada, na qual Carolina afirma que existe uma grande desigualdade social no Brasil, em que um grupo de pessoas “tem muito”, embora muitos tenham pouco.

Rosa

- “o Brasil é um lugar incrível, repleto de riquezas naturais. Infelizmente ele é resumido em país do futebol, samba, Carnaval, praias, Rio de Janeiro, feijoada...Só que na verdade, ele é bem mais que isso, tem uma cultura bem diversificada, que não é reconhecida.”

- “Apesar de não parecer, a população é marginalizada e há muito preconceito enraizado na história. As classes favorecidas são as mais ricas e poderosas, os que vivem à margem da sociedade não se beneficiam do sistema.”

As falas de Rosa apontam para produção de significados na direção da fala de Felipe no final da Tarefa 4, quando os dois discordaram sobre a legitimidade do funk enquanto um dos elementos legítimos da nossa cultura. Ela aponta para o preconceito enraizado na sociedade e para o fato de haver elementos da cultura brasileira que não são reconhecidos. Ela também afirma que a classe dominante se beneficia do sistema desigual em que o país vive, enquanto pessoas das classes menos favorecidas são marginalizadas.

Rosa destaca alguns elementos da cultura (especialmente elementos do Sudeste brasileiro) como os mais difundidos pelo mundo. Como ela não apresenta justificações ou mesmo exemplos dos elementos que são legítimos para ela, há espaço para duas leituras: (i) ela acredita que estes elementos citados (carnaval, praias, samba, etc) não constituem a diversidade cultural do país e acredita que há outros elementos da cultura brasileira que também deveriam ser reconhecidos; ou (ii) Rosa apresenta, mais uma vez, um discurso moralista, acreditando que os elementos citados não são legítimos.

Felipe

- “Temos elitismo esnobe por cima de camadas sociais escondidas nas entranhas de cidades grandes chamadas de modernas, grandes metrópoles, a evolução que parou no meio do caminho quando se tratava dos que viviam embaixo de viadutos ou em cima de morros.”
- “Quem tá em cima não é definido como mal, são os bons salvadores que fazem uma caridade ou outra em algum dia avulso pra dizer que acham pobres pessoas normais.”
- “Ao cultural, eu não reclamaria, mas reclamaria de como veem, talvez a maior cultura reconhecida aqui de dentro pra aí pra fora seja a safadeza, mulheres bonitas, carnaval e muito álcool, funk e bundas rebolando a qualquer instante. Temos mais que isso, temos cultural natural e estruturada, cultura que saiu da terra e do corpo, que nasceu do asfalto e do morro, nasceu do prédio mais alto do Planalto ou da mais distante tribo isolada que ainda não teve acesso aos outros viventes dessa terra invadida centenas de anos atrás.”

- “parece até que Deus nunca esteve em solo brasileiro quando você vê as coisas do ângulo mais baixo que tem, do ângulo do caneco de um mendigo no meio das ruas bonitas da cidade maravilhosa, do calçadão que a garota de Ipanema passa”
- “do ponto mais alto do Cristo Redentor que abraça esse povo todo como se fosse tudo igualzinho, quando é na verdade uma gangorra desbalanceada”

Felipe assume um tom poético para apontar e criticar relações de poder e disputas entre as classes sociais. Ele critica as desigualdades entre as classes e relaciona elementos do capital cultural com o capital econômico quando exemplifica: “cultura que saiu da terra e do corpo, que nasceu do asfalto e do morro, nasceu do prédio mais alto do Planalto ou da mais distante tribo isolada”

Assim como Rosa, ele aponta para a diversidade cultural do Brasil e dá indícios de um discurso moralista quando critica a visão do carnaval e do funk que é veiculado no mundo, atrelando estes elementos a “safadeza”, “álcool”, “mulheres bonitas” e “bundas rebolando”. Ele demonstra valorizar elementos que vem da periferia ou dos povos originários que tiveram as terras invadidas. Afirmo também, ainda que indiretamente, que estes grupos sociais são invalidados pela “sociedade” (isto é, pela classe dominante) e realça que o domínio é resultado de um grande acúmulo de capital econômico, evidenciando as relações de poder entre as classes sociais.

Felipe também critica as classes sociais mais elitizadas e a ideia de solidariedade vendida pela classe média como um “certificado de bondade” quando afirma, ironicamente: “Quem tá em cima não é definido como mal, são os bons salvadores que fazem uma caridade ou outra em algum dia avulso pra dizer que acham pobres pessoas normais.”.

Nesta tarefa, que marca o fechamento das ideias discutidas no conjunto de tarefas, os três estudantes trouxeram críticas às desigualdades sociais no Brasil, tema central da nossa pesquisa de campo. Eles apresentaram ainda enunciações sobre outras ideias secundárias, tais como tributação, preconceito, disputas de poder, conflitos entre as classes sociais, além de críticas ao sistema capitalista.

Os conceitos de capital cultural e capital econômico aparecem entremeados às suas falas quando apontam interesses de uma ou outra classe social, elementos culturais marginalizados e gostos legitimados pela classe dominante. Este resultado vai ao encontro do nosso objetivo de trazer as ideias do sociólogo Pierre Bourdieu para sala de aula de matemática na Educação Básica, especialmente vinculada a projetos de Educação Financeira Escolar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho investigou a elaboração de um conjunto de tarefas teoricamente referenciadas e de natureza estatística, com objetivo de fazer uma leitura da produção de significados de estudantes do Ensino Médio sobre as dimensões culturais e sociais da Educação Financeira Escolar na sala de aula de matemática. Investigamos especialmente as produções de significados sobre os conceitos de capital cultural e capital econômico de Pierre Bourdieu.

Para validar o conjunto de tarefas desenvolvido, foi realizada uma pesquisa de campo com quatro estudantes do Ensino Médio de uma escola particular no município de São Gonçalo (RJ) no qual as tarefas foram aplicadas virtualmente, devido ao momento de distanciamento social em que vivíamos.

Uma preocupação que surgiu ao longo da pesquisa foi com relação à elaboração de tarefas para o meio digital e às limitações provenientes deste meio no que se refere aos espaços comunicativos estabelecidos entre estudante-estudante e entre estudante-pesquisadora. Como os estudantes se mostraram muito adaptados ao meio virtual, os espaços comunicativos se estabeleceram de maneira natural, possibilitando a leitura da produção dos significados pela pesquisadora.

Os registros das gravações dos momentos síncronos vinculados aos registros estritos dos momentos assíncronos na plataforma virtual Desmos e na entrega da Tarefa 5 forneceram material suficiente para investigar o processo de produção de significados dos estudantes sobre o tema proposto.

Realizamos uma pesquisa quantitativa investigando gostos e preferências de um grupo de 38 estudantes e seus respectivos responsáveis, via Google Formulários, que serviu como fonte de dados para elaboração do mapeamento da distribuição social dos estudantes (elaboração das nuvens de pontos apresentadas neste trabalho). Nosso foco nesta dissertação foi uma análise qualitativa da produção dos significados dos estudantes frente ao conjunto de tarefas. Como trabalho futuro, vislumbra-se um estudo sobre os dados quantitativos coletados, bem como as relações entre os gostos e preferências dos estudantes e de seus responsáveis, a partir concepção de hereditariedade do *habitus* proposta por Bourdieu.

Além do Google Formulários, utilizamos diferentes mídias em nossas tarefas – texto, gráficos (nuvens de categorias e indivíduos), plataforma virtual Desmos – buscando criar espaços favoráveis ao diálogo e propiciar experiências ricas para os estudantes. Acreditamos ter alcançado este objetivo, uma vez que os estudantes interagiram por um total de quatro

horas ao longo dos três encontros síncronos, orientando a conversa para diferentes direções e aprofundando as discussões propostas com relatos e exemplos pessoais, do mundo dos famosos, de filmes, séries e programas de televisão.

Nas primeiras tarefas apresentadas na pesquisa de campo, os estudantes produziram enunciações acerca das ideias de classes sociais e desigualdade social, evidenciando suas crenças e dando indícios de movimentações de estipulações locais. Neste momento, os estudantes também tiveram o primeiro contato com os conceitos de capital cultural e capital econômico de Bourdieu, que apareceram em suas falas ao longo de todas as tarefas. Ao final da Tarefa 5, concluímos que os estudantes apresentaram suas crenças atreladas aos significados produzidos para estes conceitos, o que representa um resultado positivo para esta pesquisa.

A análise da Tarefa 3 apontou para o desenvolvimento do raciocínio estatístico, competência da Educação Estatística que tínhamos como foco. Os estudantes representaram indivíduos em um plano de coordenadas qualitativas a partir de seu poder aquisitivo e seus interesses/gostos por consumir determinados produtos e experiências. Eles analisaram comparativamente as posições dos indivíduos no plano, discutindo por consequência as disposições das classes sociais no espaço social em que estão imersos. Esta tarefa também permitiu que os estudantes fizessem uma primeira análise geométrica de dados estatísticos, servindo como introdução para a Tarefa 4 que envolvia as nuvens de indivíduos e categorias.

Embora no começo da Tarefa 4 os estudantes dessem indícios de não estarem produzindo significados para as nuvens apresentadas, após uma intervenção da pesquisadora, eles produziram enunciações e conjecturas sobre as disposições das categorias e dos indivíduos no plano. Eles apontaram concentração de grupos de indivíduos em determinadas regiões dos planos, apontaram *outliers* e investigaram as disposições dos indivíduos de acordo com seus interesses para nomear os eixos do plano. Assim, nosso objetivo de estimular análises geométricas de dados estatísticos também foi cumprido.

Destacamos especificamente as falas de Rosa ao longo das tarefas, que muitas vezes repetia falas dos colegas *ipsis litteris* e dizia que concordava com “todo mundo” ainda que os colegas estivessem falando em direções distintas. Rosa deu indícios de estar buscando produzir enunciações legítimas para os colegas durante a maior parte da interação entre eles, o que nos faz questionar se ela realmente produziu significados durante a pesquisa e/ou se apresentava um processo de nucleação mais volátil que os demais estudantes.

Os nossos sujeitos tiveram contato com tópicos de Educação Financeira ao longo de três anos antes de participarem desta pesquisa. Contudo, suas falas indicaram que ainda há

espaço para discussão de novas temáticas da área dentro da escola, confirmando a importância da Educação Financeira Escolar na sala de aula de matemática na Educação Básica. Destacamos, inclusive, a relevância de discussões sobre os critérios de estratificação quando se trata das dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na escola, como salienta Ferreira (2022).

Como continuidade desta pesquisa, pretende-se analisar a produção de significados de Rosa a partir de outras leituras aprofundando as ideias de Vigotsky e do Modelo dos Campos Semânticos de Rômulo Campos Lins.

A continuidade desta pesquisa também aponta para o aprofundamento do tema a partir da leitura de outros estudiosos da área das Ciências Sociais, da Educação Matemática e, especialmente, da Educação Financeira Escolar. Pretende-se, ainda, fazer uma leitura dos significados produzidos pelo outro grupo de estudantes investigado durante a pesquisa de campo, cuja análise não coube nesta dissertação.

REFERÊNCIAS

- ALMANSA, S. D. **Inflação sob a perspectiva da Educação Financeira Escolar nos Anos Finais do Ensino Fundamental**. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Ensino de Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.
- AMARAL, J. J. L. **Gamificação como proposta para o engajamento de alunos em MOOC sobre Educação Financeira Escolar: possibilidades e desafios para a Educação Matemática**. 2019. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.
- ARTHUR, Chris. **Financial Literacy Education: Neoliberalism, the Consumer and the Citizen**. Rotterdam: Sense, 2012.
- ASSIS, L. B. **A formação do usuário de Estatística pelo desenvolvimento da literacia estatística, do raciocínio estatística e do pensamento estatístico através de atividades exploratórias**. 2015. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- BARBOSA, G. **Objetos de aprendizagem como recurso educacional digital para educação financeira: análise e avaliação**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- BARBOSA, G. S. **Educação Financeira Escolar: planejamento financeiro**. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.
- BATANERO, C. **Didáctica de la Estadística**. Grupos de Investigación em Educación Estadística, Universidad de Granada, Espanha, 2001.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2013.
- BOURDIEU, P. F. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BRASIL. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério de Educação e Cultura, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática**. Brasília: Ministério de Educação e Cultura/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/matematica.pdf>>. Acesso em 10 mar 2019.
- BRASIL. **Resolução nº 07/2010**. Conselho Nacional de Educação – CNE/MEC. Câmara de Educação Básica. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, Ministério da Educação e Cultura, 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf>. Acesso em 10 mar 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**, 2017. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em 20 fev 2019.

CABRAL, D. F. S. **Educação Financeira Escolar**: a noção de poupança nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

CAETANO, J. L. P. **Educação financeira escolar**: o valor do dinheiro no tempo. 2021. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

CAMPOS, C. R. **Educação Estatística**: uma investigação acerca dos aspectos relevantes à didática da Estatística em cursos de graduação. 2007. 242 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

CAMPOS, C. R.; Wodewotzki, M. L. L.; Jacobini, O. R. **Educação Estatística**: teoria e prática em ambientes de modelagem matemática. Ed. Autêntica, 2011.

CAMPOS, M. B. **Educação Financeira na Matemática do Ensino Fundamental**: uma análise da produção de significados. 2012. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

CARVALHO, T. K. **Valor do dinheiro no tempo**: recurso educacional digital no processo de Ensino e Aprendizagem da Educação Financeira Escolar. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

CAZORLA, I. M.; KATAOKA, V.Y.; SILVA, C.B. Trajetória e perspectiva da Educação Estatística no Brasil: um olhar a partir do GT12. In: LOPES, C.E.; COSTA, O.L.V.; ASSUNÇÃO, H.G.V. **Análise de risco e retorno em investimentos financeiros**. Barueri: Manole, 2005.

DIAS, J. N. M. **Educação Financeira Escolar**: A Noção de Juros. 2015. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

DURIQUÊTTO, S. C. **Educação financeira escolar**: a noção de investimento no ensino médio. 2021. 83 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

FERNANDES, F. D. A. **Dispositivos Móveis no Ensino de Educação Financeira Escolar**: análise e aplicação de tarefas. 2018. 76 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

FERNANDES, L. F. B.; VILELA, D. S. Educação financeira na escola básica brasileira: um olhar sociológico. **Hipátia**, v. 4, n. 1, p. 176-186, jun. 2019.

FERREIRA, H. L. **Educação Financeira Escolar e Educação Matemática**: a desigualdade social no Brasil. 2022. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

FERREIRA, R. G. **A Produção de Projetos de Educação Financeira Escolar**. 2019. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

FRANCO, C. A. **Educação Financeira Escolar: A Noção de Juros no Ensino Médio.** 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

FREDERIC, D. J. A. **Contribuições das Educação Estatística, Socioemocional e Financeira para a saúde do cidadão.** 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GAL, I.; GARFIELD, J. **The assessment challenge in statistics education.** Amsterdã: IOS Press, 1997.

GARFIELD, J.; GAL, I. Teaching and assessing statistical reasoning. In: DEVELOPING MATHEMATICAL REASONING IN GRADES K-12. **National Council of Teachers of Mathematics.** Reston: Ed. L. Staff, 1999. P. 207-219.

GRAVINA, R. C. **Educação Financeira Escolar: Orçamento Familiar.** 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

GRÉGIO, M. M. **Educação Financeira: uma análise de livros didáticos de Matemática dos anos finais do Ensino Fundamental.** 2018. 69 f. Dissertação (Mestrado em Matemática). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. São Paulo, 2018.

JUSTE, P. F. **Educação Financeira Escolar: a tomada de decisão financeira nas experiências cotidianas.** 2021. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2021.

LEITE, A. M. **Produção e implementação de um simulador financeiro como aporte a tarefas destinadas ao ensino de Educação Financeira Escolar.** 2018. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

LE ROUX, B.; ROUANET, H. Multiple Correspondence Analysis. In: **Quantitative Applications in the Social Sciences.** USA: SAGE Publications, s. 07, n. 163, 2010.

LINS, R. C. **O modelo Teórico dos Campos Semânticos: Uma análise epistemológica da álgebra e do pensamento algébrico.** Dynamis, Blumenau, v. 1, n. 7, p. 29-39, abr/jun 1994.

LINS, R. C., GIMENEZ, J. **Perspectivas em Aritmética e Álgebra para o Século XXI.** Campinas, SP: Papirus, 1997.

LINS, R. C. Por que discutir teoria do conhecimento é relevante para a educação matemática. In: BICUDO, M. A. V. **Pesquisa em Educação Matemática: Concepções & Perspectivas,** p. 75–94, 1999.

LINS, R. C. O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações. In: ANGELO, C. L. BARBOSA, E. P.; VIOLA DOS SANTOS, J.R.; DANTAS, S.C.; OLIVEIRA, V.C.A. **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. São Paulo, SP: Midiograf, 2012, v. 1, p. 10-20.

LOSANO, L. A. B. **Design de Tarefas de Educação Financeira para o 6º ano do Ensino Fundamental**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

MASSANTE, K. A. S. C. C. **Educação Financeira Escolar: as armadilhas presentes na mídia induzindo o consumismo**. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

MONTEIRO, J. M. **10 lições sobre Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

MOORE, D. **The Basic Practice of Statistics**. New York: W.H. Freeman and Company, 1995.

MULLER, T. L. **Educação financeira e educação estatística: inflação como tema de ensino e aprendizagem**. 2018. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

MUNIZ, I. Jr. **Econs ou Humanos? Um estudo sobre a tomada de decisão em Ambientes de Educação Financeira Escolar**. 2016. 431 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2016.

MUNIZ, C. M. O. **Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Saberes Matemáticos sob a Perspectiva da Educação Financeira Escolar** 2018. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2018.

OCDE. **Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness**. 2005. Disponível em <<https://www.oecd.org/daf/fin/financialeducation/35108560.pdf>>. Acesso em 21 abr 2019.

RASCHEN, S. R. **Investigação sobre as contribuições da Matemática para o Desenvolvimento da Educação Financeira na Escola**. 2016. 232 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ROCHA, A. J. C. **Representações Semióticas Mobilizadas por Licenciandos em Matemática ao Tomar Decisões Diante de Situações Econômico-Financeiras**. 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Ensino de Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

ROUANET, H.; ACKERMAN, W.; LE ROUX, B. A Análise Geométrica de questionários: a lição de La Distinction de Bourdieu. In: **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. Tradução de Virgílio Borges Pereira. Porto, v. 15, p. 43-52, 2005. Disponível em <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2381>>. Acesso em: 30 set. 2020.

RUMSEY, D. J. Statistical literacy as a goal for introductory statistics courses. In: **Journal of Statistics Education**, v. 10, n.3, 2002.

SANTOS, B. C. M. **Educação Financeira nas trilhas da Inclusão no Ensino Fundamental I**. 2017a. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2017a.

SANTOS, G. H. O. **Educação Financeira Escolar para Estudantes com Deficiência Visual**. 2014. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

SANTOS, L. G. **Educação Financeira e Educação Matemática: Inflação de preços no Ensino Médio**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017b.

SANTOS, L. T. B. **Educação Financeira em Livros Didáticos de Matemática dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: quais as atividades sugeridas nos livros dos alunos e as orientações presentes nos manuais dos professores?** 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017c.

SENA, F. D. L. **Educação financeira e estatística: estudo de estrutura de letramento e pensamento**. 2017. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, I. T. **Programa de Educação Financeira nas Escolas de Ensino Médio: uma análise dos materiais propostos e sua relação com a Matemática**. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017a.

SILVA, V. H. B. C. **Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade de consumidores**. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017b.

SILVA, A. M.. **Sobre a dinâmica da produção de significados para a matemática**. Tese (Doutorado em Educação Matemática). São Paulo, Universidade Estadual Paulista, 2003.

SILVA, A. M. **O Modelo dos Campos Semânticos – Um Modelo Epistemológico em Educação Matemática**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2022.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Um programa de Educação Financeira para a Matemática Escolar da Educação Básica. In XI Encontro Nacional de Educação Matemática, 11., 2013, Paraná. **Anais [...]** Paraná: SBEM. 2013, p. 1-17.

SILVA, E. P. **Educação empreendedora e educação financeira escolar: desenvolvimento de comportamentos empreendedores em alunos do Ensino Médio**. 2019. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019a.

SILVA, L. M. **Educação Financeira Escolar: A noção de poupança no Ensino Fundamental.** 2019. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019b.

SILVEIRA, L. F. **MOOC na Educação Financeira: Análise e proposta de desenvolvimento.** 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SMITH, G. Learning Statistics by Doing Statistics. In: **Journal of Statistics Education**, v. 6, n. 3, 1998. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10691898.1998.11910623>>. Acesso em 30 set 2020.

SOUZA, A. S. **Design e desenvolvimento de um curso de formação continuada para professores em Educação Financeira Escolar.** 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

VITAL, M. C. **Educação Financeira e Educação Matemática: Inflação de Preços.** 2014. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Compromisso Ético

Firmamos este termo de compromisso com a finalidade de esclarecer os procedimentos que envolvem a pesquisa “As dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar na perspectiva da Educação Estatística: um estudo de caso com alunos do Ensino Médio”, a utilização dos dados coletados e deixar transparente a relação entre os envolvidos e o tratamento e uso das informações coletadas.

As atividades realizadas servirão como material para pesquisas no âmbito da Educação Matemática, que procuram analisar a produção de significados de alunos(as) do Ensino Médio sobre as dimensões sociais e culturais da Educação Financeira Escolar. Este material será parte integrante de nossa dissertação de mestrado, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. O acesso aos registros escritos e em áudio será exclusivo do grupo de pesquisa, que assume o compromisso de não os divulgar, e será feito preservando-se a identidade dos sujeitos em sigilo. Nas pesquisas que utilizarem o material coletado não será feita menção ao ano e a instituição onde a pesquisa foi realizada para preservação da identidade do grupo.

As informações provenientes da análise dessas atividades poderão ser utilizadas pelos pesquisadores em publicações e eventos científicos e divulgadas a todos aqueles que se interessarem pelas pesquisas, na forma acima indicada.

APÊNDICE B – Transcrição da gravação do primeiro encontro da pesquisa de campo**Data: 03 de fevereiro de 2021****Duração: 1 hora e 32 minutos****Estudantes presentes: Carolina, Felipe, Renata e Rosa**

Pesq.: Essa é uma pesquisa do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O curso de mestrado é na área de Educação Matemática e essa é uma pesquisa pra minha dissertação do mestrado. Vocês autorizam essa gravação?

Carolina: Sim.

Renata: Sim.

Felipe: Sim.

Rosa: Sim.

Pesq.: Beleza! Vocês podem me falar o nome completo de vocês, só pra deixar registrado?
(cada estudante falou seu nome verdadeiro completo)

Pesq.: Beleza, gente! Muito obrigada. Então vai ser o seguinte: nós temos ao todo 5 tarefas pra gente fazer nessa pesquisa e elas vão ser divididas em três encontros. No encontro de hoje nós vamos fazer as Tarefas 1 e 2. Aí, eu vou mandar uma tarefa pra vocês fazerem sem mim, durante o dia de hoje e amanhã, e na sexta-feira a gente vai ter o nosso segundo encontro pra discutir a terceira tarefa. E aí, no sábado a gente vai ter o terceiro encontro, que é pra discutir a Tarefa 4. Vou compartilhar minha tela aqui com vocês, pra vocês verem as tarefas. Essas tarefas são debates orais: a gente vai ter um texto e depois a gente vai tentar discutir algumas questões, beleza? Então, a primeira tarefa, o título é Reflexões iniciais. Vou colocar o texto aqui na tela pra vocês lerem e depois eu vou fazer algumas perguntas pra vocês debaterem sobre o tema, tudo bem?

Felipe: Tudo.

Pesq.: Então, esse é o texto. Vou dar um minutinho pra vocês lerem.

(1 minuto e 15 segundos depois)

Felipe: Acabei.

Rosa: Eu também.

Renata: Também.

Carolina: Eu também.

Pesq.: Vocês querem ler pela segunda vez pra não perder nenhuma informação ou a gente pode seguir? Depois eu posso voltar também, se vocês quiserem.

Felipe: Por mim, pode seguir.

Renata: Sim, pode seguir.

Rosa: Pode seguir também.

Carolina: Pode seguir.

Pesq.: Tudo bem. Então, a primeira pergunta é: Que tipo de reflexão esse texto te causa? O que a fala desse sociólogo te causa? Quais coisas que você pensa?

Felipe: Injustiça, desigualdade, questões sociais e econômicas?

Carolina: Bom, aí fica bem claro a desigualdade mesmo, porque cada um tem sua preocupação. Enquanto um se preocupa com o que vai comer na janta, o outro se preocupa em passar herança, viajar pra fora... coisas meio fúteis, né?

Renata: Exatamente! Quando eu li gritou na minha cabeça, né, desigualdade. E é exatamente o que Carolina *tava* falando, né? Enquanto uns se preocupam com o que vão comer, como será o dia de amanhã, o que faremos com aquela conta que vai vencer; outro se preocupam né, com aluguel da casa em Miami, se foi quitado ou se não foi... coisas desse tipo.

Rosa: Eu concordo com todo mundo, assim, que é uma desigualdade muito grande. Não é só no nosso país, mas é tipo, o mundo todo tem isso. E eu concordo super com o que elas falaram. É isso, pra mim é desigualdade mesmo.

Pesq.: Beleza! Segunda pergunta: Que tipo de classificação você acha que o autor usa pra dividir as pessoas em grupos no Brasil?

Felipe: Ahn... esqueci a palavra... mas, como se fosse a classe social mesmo. Ele fala de classe média, os pobres, a classe média alta e os ricos.

Carolina: É, como se fosse nas coisas que eles adquirem, né? Por exemplo, um é a janta. O outro é aluguel, escola, essas coisas. E vai aumentando a partir daí, viagem...

Felipe: É, as aquisições.

Carolina: Cada um tem uma preocupação em pagar alguma coisa, sabe?

Renata: Ah, eu acho que... acredito eu, que ele tenha se baseado mesmo na questão visionária, né? Não precisa ir muito a fundo pra você perceber que tem pessoas que enquanto umas se preocupam com o que vão comer, outras se preocupam né, realmente, em herança, em bens, enfim...

Rosa: Eu concordo com todo mundo. Acho que... concordo com cada parte. Não tem mais nada pra falar sobre. Acho que eu concordo com todo mundo.

Pesq.: Tudo bem. Letra (c): Em qual dos grupos acima mencionados você colocaria um advogado, um jogador de futebol, um professor, um desempregado que vive pelas ruas da

cidade e o dono do Facebook¹⁹? E por que que você escolheu esse grupo pra cada uma dessas pessoas?

Felipe: Que pergunta óbvia, cara! (risos) O pobre seria o desempregado que *tá* na rua e tal e não sabe como vai ficar o dia de hoje, a noite de hoje, nem o dia de amanhã.

Carolina: Concordo!

Felipe: Eu diria que... um professor seria, estaria entre o classe média baixa e o classe média ali, porque depende do salário de cada escola e etc e tal. Mas as condições de trabalho e de vida que ele teve. Ahn... o classe média é o pessoal que já tem uma condição melhor de poder viajar e tudo mais. É que eu não lembro qual era o exemplo, mas o classe alta é o advogado e o criador do Facebook seria o rico.

Carolina: E tem o jogador, né? Que dependendo do nível... se for o Neymar da vida, é na herança.

Felipe: Eu acho que o jogador de futebol e o criador de Facebook estão assim bem próximos.

Renata: Estão no mesmo patamar, eu também acho!

Carolina: Só que depende também do jogador de futebol... se for mais simples, é classe média alta.

Rosa: Mas depende de tudo. Tem jogador que *tá* começando, então tipo... vai ter uma diferença muito grande. Mas se for um jogador bem famoso... vai ter, pode ser o classe média alta ou até o rico mesmo.

Pesq.: Beleza! Vocês concordam com Felipe na classificação do professor?

Renata e Carolina (juntas): Sim.

Rosa: Sim, eu concordo.

Carolina: Fica entre classe média e classe média baixa.

Pesq.: Fica entre, não é nem uma nem outra?

Carolina: Depende, isso é relativo, né?

Felipe: Depende porque pode ser extremos assim...

Rosa e Renata (juntas): É muito relativo...

Felipe: Você pode ser professora do (*nome da escola dos estudantes*) e trabalhando no público é diferente do professor que *tá* trabalhando no (*nome de outra escola da região*) do Rio de Janeiro.

Renata: Exatamente, é muito...

¹⁹ Rede social criada por Mark Zuckerberg, considerado pela Forbes o terceiro bilionário da tecnologia mais rico do mundo em abril de 2021. Sua fortuna é estimada em torno de 97 bilhões de dólares, ficando atrás apenas de Bill Gates (cofundador da Microsoft) e Jeff Bezos (fundador da Amazon). Fonte: <https://forbes.com.br/forbes-money/2021/04/os-20-bilionarios-em-tecnologia-mais-ricos-em-2021/#foto20>. Acesso em 01 mai 2021.

Rosa: Isso aí!

Renata: Eu não posso falar por você... eu não digo nem você, mas vamos supor um professor... deixa eu botar uma escola... sei lá, a escola dos meus irmãos, o (*nome de outra escola da região*), não ganha a mesma coisa que um professor do (*nome de outra escola da região*). Então eu não posso falar que tipo assim “ah, é... *tá* todo mundo na classe média”. Eu também não posso falar todo mundo na classe média baixa. Então é muito relativo.

Carolina: E também depende, porque tem professor que trabalha em várias escolas e tem outros que trabalham em só uma. Então varia muito.

Renata: Exatamente.

Carolina: E ainda tem os de universidade, né? Que ganha bem.

Rosa: Não é igual ao professor que trabalha tipo em São Gonçalo e o outro que trabalha na Barra²⁰, por exemplo. Na Barra pode ser muito melhor que São Gonçalo, ou São Gonçalo ser melhor que a Barra. Então é muito relativo mesmo, sabe?

Pesq.: Entendi, tudo bem. Você acha que dividir as pessoas em grupos de acordo com a quantidade de dinheiro que elas conseguem acumular é uma boa classificação?

Felipe: Olha, eu acho que não deveria ser esse adjetivo de boa classificação ou ruim. É só estranho, porque você *tá* botando partes exclusivas, né? Exclusivo de excluir alguma outra parte. Então se você *tá* botando alguém só em uma classe de pobreza, você não *tá* vendo a relatividade que pode ter. Que nem esse negócio do professor, você não *tá* vendo o que é relativo, ninguém botou um modelo de como é um professor, de como é um modelo de um salário de professor. Vai depender da realidade dele, do que ele *tá* fazendo, de qual é a formação dele e por aí vai. Vai ser relativo de qualquer jeito. Então eu não diria que é uma boa classificação nem ruim, mas ela ajuda na questão do estudo pra você dividir e entender generalizando as partes. Quando você fala minorias, querendo ou não você também *tá* generalizando porque você não *tá* estudando cada parte do que aquelas pessoas são. Minorias, é negros, pobres, LGBTs, enfim... você não *tá* estudando cada realidade de cada daquelas pessoas da minoria, mas é generalizar pra você poder falar disso abrangendo todas as partes.

Renata: Sim, eu normalmente não gosto de... é... como que se diz, de rotular. Mas aqui não é nem questão de rótulo, é questão de realidade mesmo. Eu vejo como se fosse uma caixinha, sabe? E é a sua realidade agora, é aquela caixinha. Mas nada impede que você saia da classe média, é... quer dizer, saia da classe média pra você ir pra alta sociedade. Entende? Eu acho que é tudo questão de agora, do momento, sabe?

²⁰ Bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro.

Carolina: Ah, é meio que a forma que encontrou de mostrar o que Renata disse, a realidade que é, né? Só que é uma realidade relativa, né? Porque depende... não é necessariamente jogador, não é necessariamente professor. Tudo depende da realidade de cada um, porque existem milhares.

[pausa]

Pesq.: Vocês acham que haveria outras coisas a levar em consideração, além do acúmulo de capital econômico, além do acúmulo de dinheiro?

Felipe: Creio que sim.

Rosa: Acho que sim também.

Felipe: Tem que justificar isso?

Pesq.: É, pode dar alguns exemplos.

Felipe: Eu acho que, tipo assim, varia até de fase da pessoa. Por exemplo: o cara que criou o Facebook, ele não começou já criando o Facebook e se dando bem pra caramba, então vai variando do tempo, vai variando das preocupações que ele tem ao longo do sucesso dele ou do fracasso, de progresso a retrocesso. Então, tem gente que já foi pobre e cresceu pra classe média.

Rosa: Eu acho que deveria tipo... [pausa] tipo como considerar, nem é considerar, tipo é como que ele *tá* agora, sabe? Mas considerar o antes. Tipo, como que ele começou isso? Como que, tipo, sei lá, o dono do Facebook começou antes, sabe? Não considerar ele agora, considerar ele antes também, como tudo começou, sabe?

Carolina: O processo de crescimento, eu acho.

Rosa: Isso, considerar antes, sabe? Por que ele teve essa ideia? Por que ele quis criar isso? Por que que ele fez aquilo? Então, assim, acho que não deveria considerar só o agora, o antes também.

Renata: Pra mim, mais uma vez, é uma questão de – (*Felipe e Renata falaram juntos*)

Pesq.: Questão de quê, Renata? Não entendi.

Renata: De degrau. É o que eu te falei, né? Aquele lance das caixinhas. Não é que você esteja fadado a viver aquilo ali, “nossa, eu sou da classe, é... da classe média e vou ficar aqui pra sempre”. Não, cara! É questão sua, entendeu? É óbvio que eu sei que a sociedade não *tá* ajudando muito, não tem incentivado muito. Mas acontece, tipo assim, não pode deixar a peteca cair, sabe? Vambora! Foi o que as meninas estavam falando, ninguém nasce “ah, dormi, acordei, nossa, dona do Facebook”. Não, claro que não! O cara batalhou pra *tá* ali. Então, assim, mais uma vez, pra mim, é questão de degrau mesmo.

Felipe: Tipo, eu não acredito em meritocracia. Eu não acho que aquele negócio de “ah, quem quer dá um jeito” funciona pra tudo, não, sabe? As oportunidades não vão bater na porta de todo mundo da mesma forma. Nem pro pobre desempregado que vai *tá* na rua, tanto pro cara que criou o Facebook ou pro jogador de futebol, vai depender. Tem muito jogador de futebol que saiu de lama assim e agora *tá* lá jogando, que nem o Neymar, fazendo essas coisas. Mas demorou muito ou então foi um destaque que aconteceu especificamente ali, não vai acontecer com todo mundo, nem todo mundo vai ter essa mesma oportunidade.

Rosa: Mas também eu acho que, como Renata falou, Renata me deu um negócio aqui assim... eu acho que as pessoas não deveriam ficar, tipo assim “ah, essa é minha vida, eu tenho que viver ela, eu não posso mudar ela”. Mas você pode mudar a sua vida. Você pode criar alguma coisa, você pode fazer alguma coisa pra você mudar a sua vida. Não aceitar que “ah, eu sou... ah, eu sou pobre, eu sou pobre, então eu tenho que aceitar que eu sou”. Não, você pode mudar, você pode querer mudar sua situação, sabe? De vida, assim. Se você se... não por... assim, se for por você, beleza. Mas se você tiver fazendo isso por uma pessoa, também é muito bom também, sabe? Então, assim, acho que não é aceitar. Acho que a gente tem que... acho que é importante também mudar. Não é só aceitar, sabe? Assim...

Renata: Minha avó costuma dizer pra mim que eu não posso ter a síndrome de Gabriela. E eu fui perguntar pra ela: “O que era síndrome de Gabriela?”. E ela falou “eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim, Gabriela”. Não, vambora, sabe? Isso é o que...

Carolina (interrompendo Renata): Não se acomodar!

Renata: ...o que você quer seguir. Exatamente! Não se acomoda. Cara, eu não quero ficar aqui. Então, eu vou sair por quê? Porque você quer, vambora, sabe? Então, mais uma vez pra mim é questão de... de degrau mesmo.

Pesq.: Beleza! Você classificaria as pessoas de um jeito diferente? Sim ou não e por quê?

[pausa longa]

Pesq.: Você colocaria as pessoas em outros grupos, outros tipos de grupos?

Felipe: Falando no pessoal, assim, ou num estudo, no geral?

Pesq.: No geral. Se você olhar hoje pra sociedade aqui no Brasil, pra nossa população, você classificaria as pessoas de alguma forma diferente?

Felipe: Sim, eu acho que nesse sentido de você botar pra jogo em questão até mundial é mais fácil você rotular, tipo botar ‘miséria’, ‘pobre’, é... ‘classe média baixa’, ‘classe média alta’, e etc e tal (*colocando as mãos horizontalmente na frente do rosto e colocando uma mão em cima da outra, indicando hierarquia entre as classificações*). É importante pra você poder reconhecer o que *tá* acontecendo. Tanto que tem os estudos pra você poder saber quantos

porcento vivem na miséria, quantos por cento não tem acesso a saneamento básico e por aí vai. Acho importante classificar desse tipo. Mas tem algumas classificações que são colocadas de forma pejorativa que eu não concordo. Eu acho que fica ofensivo pra quem *tá* sendo rotulado dessa forma e pra quem *tá* falando também. Aí em questão de estudo...

Pesq.: Você pode me dar um exemplo?

Felipe: Eu acho que ‘miserável’ já é uma palavra ruim pra você descrever alguém. *Tá...* sei lá, na minha cabeça pelo menos, *tá* alinhado a você dizer que aquela pessoa não, não teria chance, sabe? Se você *tá* falando que alguém é miserável ou desgraçado ou coisa desse tipo, é como se você tivesse excluindo essa pessoa. Botando à margem da sociedade, tipo... falando que ela não vai ter chance de jeito nenhum. Então, eu acho que fica meio ofensivo.

Pesq.: Entendi. Fala Renata. Você falou alguma coisa? *(a pesquisadora percebeu que Renata falou e não foi ouvida pelos colegas)*

Renata: Assim, eu faço minhas as palavras do Felipe. Eu acho que ‘miserável’ é uma coisa muito... muito forte, sabe? Muito grotesca. Então... eu sei que tem outros jeitos de se classificar, mas agora as palavras fugiram da minha mente. Mas eu também acho... tipo assim, ‘miserável’ é uma coisa muito... sabe? Nossa, miserável! Sabe? Então, sei lá...

Carolina: Nisso que o pessoal *tá* falando, eu lembrei aqui de uma fala que eu já vi em algum lugar. A questão de quanto ganha por dia, porque é uma forma de ver a questão econômica e a desigualdade, mas sem usar essas palavras e insultar as pessoas. Só mostrando a realidade mesmo, sabe? [pausa] Porque tem gente que vive com um valor absurdo diariamente enquanto outros a gente sabe que, né? Neymar da vida...

Rosa: Sabe o que eu acho, assim? É... teve uma coisa piscou na minha cabeça assim... eu acho que eu classificaria as pessoas de outro jeito. Mas acho que nem é no geral, assim. Acho que é no pessoal, porque se a pessoa tiver um bom caráter, se a pessoa tiver um... tipo, um bom caráter, ser uma pessoa muito boa, ser uma pessoa de coração muito bom, eu acho que botaria ela no verdadeiramente rica. Rica, rica dentro dela, sabe? No coração. Mas... e, tipo, pessoas que são tipo, tem dinheiro, aquelas pessoas que são hostis, que são egoístas, tipo várias pessoas aí. Eu botaria ela nos podres, assim, nos pobres, nos podres assim, sabe? Nos pobres mesmo. Falando assim, de... pessoalmente de caráter. Porque tipo, tem umas pessoas aí que ficam fazendo várias coisas tipo, com negros, com LGBTs aí, pensando que é o certo. Pessoas bem ricas mesmo fazendo isso ou até pessoas normais mesmo. Acho que tem muitas pessoas que são pobres que são verdadeiramente ricas por dentro. Então eu acho que eu classificaria pelo caráter, pela personalidade da pessoa.

Pesq.: Bacana, Rosa. Vocês querem comentar? Tem mais algum outro tipo de classificação que vem à mente de vocês?

Felipe: Eu preferi falar mesmo do estudo porque o pessoal também pontua nesse negócio também que o caráter *tá* valendo mais do que o capital que você ganha ou a aparência que você tem e afins. Mas pra dividir em pesquisa e estudo assim é melhor você dar nome a esse tipo de classe pra você entender o que *tá* acontecendo em cada camada da sociedade, no geral. Tanto a sociedade brasileira como no mundo. Então, no pessoal eu falaria outras coisas, mas no estudo assim, não.

Pesq.: Ok, então. Vou passar então pra Tarefa 2, *tá*? Essa Tarefa 2 tem dois slides de texto, não coube todo o texto no primeiro slide. Então eu vou fazer o seguinte, eu vou pedir pra alguém ler o primeiro slide e depois pra outra pessoa ler o segundo slide, só pra todo mundo ir acompanhando junto e a gente saber a hora de trocar os slides. Beleza? Quem pode ler o o primeiro, por favor?

Felipe: Posso fazer. É... “O sociólogo francês Pierre Bourdieu...”. É assim que fala?

Pesq.: Bourdieu.

Felipe: “...interpretou um importante conceito denominado capital. Para ele, o capital diz respeito aos recursos que uma pessoa possui e que lhe fornece vantagens e privilégios em relação àquelas pessoas que não os tem. Dito em outras palavras, o capital são as coisas – dinheiro, estudo, hábitos, relacionamentos com pessoas – herdadas ou adquiridas por alguém. Os diferentes níveis de acúmulo de capital são considerados por Bourdieu como uma forma de distinguir as pessoas e separá-las em classes. Para o sociólogo, o capital pode ter diversas classificações. Vamos tratar aqui dos capitais econômico, cultural e social. O capital econômico é a quantidade de recursos financeiros que uma pessoa dispõe na forma de patrimônio material (casa, automóvel, joias, terras) e dinheiro (salário, poupança, investimento em bolsas de valores, etc). Esse tipo de capital é geralmente considerado para explicar as desigualdades sociais entre as pessoas.”

Pesq.: Beleza até aqui, gente? Alguma pergunta? [pausa] Ok, quem pode continuar lendo?

Rosa: Eu posso. “O capital cultural diz respeito aos recursos adquiridos na família e na instituição escolar – via instrução recebida pela pessoa – e que corresponde, por exemplo, a falar bem, a ter postura, a escrever bem, a ter gosto pela leitura e por manifestações artísticas, a obtenção de diplomas e certificados, entre outros. Diz respeito também ao consumo de bens culturais legitimados pela classe dominante (rica), como visitar museus e galerias de arte, assistir a filmes e peças de teatro, estudar idiomas e viajar. O capital social corresponde à rede de relacionamentos sociais e contatos que uma pessoa possui e que lhe confere vantagens

sobre os demais. Como, por exemplo, ter amigos estudiosos, conhecer e discutir ideias com professores, conhecer e ter contato com pessoas que podem te ajudar a crescer profissionalmente.”

Pesq.: Beleza. Alguma pergunta, gente?

Carolina: Não.

Pesq.: Ok, então vamos às questões do debate sobre esse texto. Depois se vocês precisarem, me fala que eu volto aqui nos slides, se vocês quiserem reler alguma parte. Primeira pergunta: Que importância você atribui a ser informado sobre esse conceito de capital de Bourdieu pra sua vida no futuro?

Felipe: Cara, eu acho que, assim, por ser uma *parada* que tá até os dias de hoje... eu nem sabia que foi ele que tinha relacionado a isso, mas enfim... é... você meio que tendo as *paradas* quando você vai crescendo você já vai entendendo que é isso, sabe? Já vai entendendo que são as aquisições que você tem no mundo capitalista e afins. Então, eu acho que você vai crescendo e você vai entendendo isso pra você poder ter, montar o seu futuro, né? No geral, assim... tanto quanto essa coisa de você saber o que você vai estudar e o que você precisaria estudar pra poder ser... ter uma aquisição maior ou a parte cultural, econômica, etc e tal. Acho que você precisa entender isso pra você começar a planejar o seu futuro, pelo menos.

Renata: Concordo perfeitamente com o que Felipe falou.

Carolina: Também concordo com o que Felipe falou, inclusive é exatamente o que ele falou, assim... pode ajudar você decidir seu futuro, o que você quer fazer a partir disso. Inclusive, na questão social é tipo... destaca um *networking*, sabe? De você ter contatos, de você conhecer pessoas e você poder fazer o seu meio profissional através disso, que é muito importante, inclusive. E que muita gente não tem oportunidade nessa parte, né? Não tem muito conhecimento, não conhece pessoas e por isso que tem também pessoas desempregadas e muitas pessoas que conseguiram empregos por conta disso, de ter contatos.

Rosa: Eu concordo com todo mundo que falou.

Pesq.: Então vamos pra letra (b): Se você quisesse planejar seu futuro, como você imaginaria utilizar esses diferentes tipos de capital para sua formação?

Felipe: Eu acho que... pode só voltar pra eu ver o nome certinho das coisas?

Pesq.: Posso, onde você quer que eu volte?

Felipe: No primeiro slide mesmo. Era social, cultural... ah tá! É... eu acho que assim, que o capital social e o cultural, eles são mais importantes. Porque querendo ou não, se você tiver uma aquisição maior desses dois, você já chega numa *parada* mais econômica assim, sabe?

Tipo assim, é... exemplo pessoal mesmo. Tem uma parte da minha família que é distante mas que seria uma parte mais privilegiada. Tanto que, assim, teve um aniversário de 15 anos de uma prima minha aí que eu acabei indo, nem sei por que fui convidado de tão distante que é, mas que o Projota foi contratado pra cantar na festa. O Projota, em pessoa, física, Projota. Que além de ser um cantor famoso pra cacete, ele *tá* no *Big Brother*²¹ agora, etc. Então, assim, ele *tá* muito acima do que eu estaria acostumado a ver na rua. Eu vou na rua, eu vejo seu Zé da Padaria, eu não vejo o Projota andando na minha rua. Eles não, eles tão acostumados com um negócio desses. Eles estão acostumados a ter pessoas assim. Ah, sei lá, Luciano Huck ou então, exemplo, a gurizada do Flamengo que *tava* saindo esses dias aí de lancha com aquele ator que fez o *Elite*²². É estranho, porque você vê que essas pessoas, assim, elas podem não ter nada a ver. O cara *tá* aqui no Brasil jogando no Flamengo, mas ele conhece um maluco mexicano, que atua em série da *Netflix*. Então, assim, o patamar deles... eu não sei se seria, eu acho que não seria uma questão social, mas sim uma econômica, porque como o econômico deixou eles chegarem a esse nível, aí eles fazem o social. Mas eu continuo entendendo por mim que, tipo assim, minha formação e aprendizado no geral do cultural leva você mais adentro do social e do econômico do que o econômico te leva. Porque o dinheiro, ele te dá a portas abertas assim, mas não adianta nada você ter o dinheiro só e aí você não saber como fazer as coisas, tipo... você não saber como chegar no social ou como ter o cultural. Não adianta você ser rico pra cacete que se você não tiver o mínimo de decência pra falar sobre um assunto, o social não vai dar certo também. O Luciano Huck, se ele não tivesse propriedade pra falar de alguma coisa no programa dele, ia ser só um programa de besteiro que não ia bombar. Entendeu?

Pesq.: Você acha que o capital econômico pode proporcionar a ele que ele aprenda essas habilidades?

Felipe: Com certeza! Porque o cara ele pode ser... vou falar termo chulo assim, eu não concordo com isso, mas ele pode ser burro (*indicando sinal de aspas com os dedos*) em alguns assuntos, mas aí ele pode pagar pra aprender. Ele pode não... sei lá, ele pode não se dar bem no social no sentido de interagir. Ele pode pagar uma terapia. E aí, na terapia, ele pode melhorar essa coisa e evoluir como pessoa pra poder saber como faz isso. Ou então, sei lá, ele quer o social de pessoas que falam a língua inglesa, ele pode fazer um curso. Ele quer ser cinéfilo, ele pode ver mais cinema, ele pode alugar mais filmes, ele pode fazer isso. Porque ele vai ter o poder aquisitivo do capital econômico pra poder ter acesso a isso. Não significa

²¹ Reality show transmitido pela rede Globo.

²² Série da *Netflix*.

que, tipo, ele vai ser bom nisso. Talvez com o treino ele consiga, mas o fato é que ele teve... é aquele esquema das caixinhas, né? Tem o cara que *tá* aqui em pé, só na pontinha do pé olhando a cerca, tem o outro que *tá* com caixote e tem o outro que conseguiu comprar uma escada pra poder pular o muro. E aí ele chega na oportunidade que ele quer. Então vai variando do que você tem a... em mãos ali pra você fazer. Tem um pessoal que corre atrás porque quer muito isso e aí acha que vai conseguir uma oportunidade melhor correndo atrás disso e tem a galera que tem de mão beijada, que aí pode chegar pro papai e falar “papai, paga esse curso aqui pra mim que eu quero fazer esse curso de inglês ali”. E aí fala inglês! É isso, ele treina e aí ele fica bom em falar inglês. Mas não é uma *parada* que tipo... que ele *tá* precisando pra poder chegar em outro lugar. Porque normalmente quem *tá* visando isso, de... quem *tá* abaixo dessa classe do criador do Facebook e do jogador de futebol, ele *tá* visando outra coisa. Tipo, eu não fiz um curso de inglês porque eu queria aprender a língua inglesa simplesmente pra, sei lá... eu não fiz o curso de inglês porque eu queria chegar e falar com o DJ americano que veio pro Brasil porque eu ia encontrar ele numa festa da minha prima de 15 anos. Não foi pra isso que eu fiz. Foi porque eu preciso do inglês pra botar no meu currículo pra poder ter é... cliente de *freelancer* na internet, pra poder falar com outras pessoas, pra poder tentar fazer intercâmbio. Porque aí as oportunidades querendo ou não são maiores quando você tem mais coisa pra colocar no seu currículo, tanto extracurricular como essa coisa do social. Se você tem mais contatos, se você fala com mais gente, você acaba tendo um leque de opções. Eu, por exemplo, que faço coisa com minha mãe de protesto no Rio, na Cinelândia, coisas de Educação, eu conheço uma galera ativista do Rio. Eu quase cheguei a conhecer a Marielle Franco. Mas não porque eu consegui pagar pra poder estar no evento dela, não. É porque eu conheci pessoas que conheciam ela e através disso o discurso dela chegou em mim também. E aí eu consegui ter acesso a essas pessoas, não foi porque eu paguei para isso. Eu só estava ali, foi uma coisa que não tem nem como explicar, eu só estive ali, fui ensinado nesse meio e aí acabei tendo essa oportunidade. Não foi uma *parada* que eu tive que pagar, foi uma *parada* que eu acabei conquistando ali no momento.

Pesq.: Seria o seu capital social, não seu capital econômico.

Felipe: Exatamente! E o cultural de entender o porquê que era importante *tá* ali, entendeu? Que nesse exemplo, no caso... pô, eu sei que a Marielle Franco era uma figura absurda de boa no cenário que *tava* e que são as coisas que eu defendo. Então eu estive ali naquele meio porque eu tinha essa cultura de entender o porquê era importante, eu tenho a cultura de entender por que o protesto ali é importante, do porquê que eu deveria estar lutando por isso

mesmo não sendo na minha pele, etc e tal. E aí vem o social que é de você estar tendo a empatia de estar ali por causa disso e tendo esse contato com essas pessoas.

[pausa]

Carolina: Não tem nem mais o que falar, né? Felipe falou exatamente tudo. (risos)

Renata: Isso que eu ia falar agora! Mano, perfeito! Não tem literalmente o que falar.

Carolina: É, mas é algo relativo... econômico, cultural e social mesmo. Como Felipe falou que, por exemplo, você pode ter dinheiro, mas você não tem conhecimento e você não vai ter contatos. Ou também, você pode ter o cultural, que foi o caso dele, que através disso ele teve o social e a partir daí, se ele quisesse arranjar um jeito de ter o econômico ele poderia, com *networking*, essas coisas assim, sabe? Mas é muito relativo, mas todos eles são importantes de alguma forma. Mas acho que o principal mesmo é o cultural. Porque você tendo o cultural, você tem conhecimento, você pode fazer alguma coisa, ter contatos e aí vem pro social e, a partir disso, você pode ir pro econômico, né?

Rosa: Assim, eu... eu no meu pessoal, né? No meu pessoal... eu sempre... minha família sempre foi envolvida com Educação, eu nunca tive... eu sempre fui envolvida com Educação, minha mãe, minha avó é... minha avó foi coordenadora, foi pedagoga, foi diretora. Trabalhou na fundação da... de Niterói e tal. Sempre fui envolvida na Educação, então eu sempre tive essa coisa de defender a Educação, como... tipo... como uma coisa que já viveu na minha vida. Sempre tive... eu sempre fui pra escola pública. Eu sei como... assim, eu nunca estudei mas, assim, eu sempre... quando eu ia pro trabalho da minha mãe, eu ia pro trabalho da minha avó, eu ia pra algum lugar assim, eu via o que que era de verdade na escola pública, assim. E eu sempre tracei esse paralelo porque eu sempre estudei na escola particular, nunca estudei em colégio público. Eu nunca estudei, mas eu sempre fiz esse paralelo. Então eu sempre tive... vamos dizer assim... esse lado, olhar esse lado, esse lado cultural, né? Tipo, defender uma coisa certa, uma coisa certa que eu defendo. Tem muitas pessoas, como eu falei: tem muitas pessoas que tem cabeça fechada. Uma cabeça que você pensa que é uma coisa, tipo assim “ah, eu tenho dinheiro e... isso é bom pra mim e eu vou ser feliz assim”. E eu falo, na minha vida, que dinheiro pra mim não é felicidade pra ninguém. Se ela não souber o que é cultura, sem ela saber o que é social... tipo, tem muita gente que, é... defende uma coisa e, tipo, outra pessoa não defende, a pessoa vai se afastar dessa pessoa porque ela não defende a mesma coisa que ela. E eu acho que dinheiro não é tudo, sabe? Dinheiro pra mim não é tudo... não é tudo, assim, sabe? Não é, pra mim dinheiro não é tudo. A pessoa tendo uma cultura, tendo uma coisa social, pra mim isso é mais importante do que o dinheiro. Mas mesmo ela tendo dinheiro... assim, as pessoas podem ter dinheiro. Tipo, tem pessoas que ralam pra, tipo, botar

um filho no curso de inglês, botar o filho no colégio particular, é... botar... pra ele ter uma cultura, pra ele ter um social. E pessoas que tem dinheiro, elas não, tipo... tem pessoas que se importam com isso e tem pessoas que não se importam. Pessoas que... elas preferem um curso de inglês porque “ai, eu... ele... ai, é por um capricho meu”, assim... mas tem pessoas que se importam com isso, sabe? Então, assim, tem pessoas que... eu acho que eu não valorizo muito o econômico. Eu valorizo mais a cultura e o social. Valorizo mais o que que a pessoa pensa do que o que que a pessoa tem dinheiro, dinheiro assim. Então, enfim, eu acho que era isso que eu tinha pra falar.

Pesq.: Beleza! Renata, você tentou falar algumas vezes. Quer tentar de novo?

Renata: Meu microfone não *tava* querendo ligar não, mas agora foi. É... assim, eu tiro muito por mim. Porque aqui em casa a gente veio de baixo, desde sempre. Meu avô era porteiro, a minha avó desde... até hoje ela é faxineira e assim, o cultural pesou muito pra gente, muito, muito, muito. Meu avô sempre falava “eu não tenho dinheiro, eu não falo bem, eu não tenho estrutura pra te botar numa escola boa”. Ele falava pra minha mãe, quando minha mãe era pequena. Mas o que o meu pai me deu, eu posso te dar, que é educação, um bom estudo, então *vamo*. Então, tipo assim, a gente sempre veio buscando a base pelo cultural. É óbvio, foi como a Carolina falou, os três são muito importantes, mas eu acho que o cultural, ele pesa muito. Até porque a minha mãe, acho que quando ela tinha 15, não me lembro direito, 15 ou 14 anos, ela começou né, a se interessar pela questão da faculdade. Até porque 15 ou 16 anos é quase ali no 1º né, 9º, naquela fase ali. E ela começou a pesquisar faculdade. E a minha avó e o meu avô não tinham feito, então não sabiam o que falar pra ela. Não sabiam, assim, como direcionar a ela. E naquela época né, internet era muito difícil pra ela, então ela foi pra biblioteca e começou a procurar, procurar, procurar, procurar... e ali ela viu que ela era apaixonada por letras. Então, assim, essa paixão dela de ler, de estudo... vem tudo, tipo assim, da batalha, sabe? Eu acho que se tivesse internet, ela nem... jogaria assim “ah eu acho que me dou bem com tal e tal coisa, *vambora*, é isso aqui”. Mas não, porque a base cultural que meu avô deu pra ela, “não, se você quer, você corre atrás...”. Oh, aprendi que era assim desde lá de trás meu bisavô, tataravô, ensinou pro meu avô e ele passou pra minha mãe e a minha mãe passa pra mim, passa pros meus irmãos e eu passo pros meus filhos... então, assim, os três pesam muito, sim! Mas eu ainda acho que o cultural é a base de tudo. Porque eu acho que não adiantaria nada eu lutar, lutar, lutar agora, Ensino Médio e tudo, passa no ENEM, passa no vestibular, chega lá me formei em direito, e aí? Sei falar o que? Sei fazer o que? Sabe? Então, assim, eu acho que o cultural é o que mais pesa mesmo.

Pesq.: Fala, Felipe! (*a pesquisadora percebeu que Felipe gostaria de falar*)

Felipe: Eu lembrei de um negócio até pra juntar as três questões, tipo assim... o Lula, ele chegou na presidência sem ter as aquisições econômicas dele ainda, e muito menos as culturais, o cara não era nem alfabetizado direito pra isso. Ele chegou no social, porque ele entendia na pele o que era o que o pessoal queria, que *tava* vendo ali. Depois é que ele foi estudando pra poder fazer essa questão e aí ele teve a aquisição econômica dele. Outros exemplos pessoais, a casa do meu avô foi construída a base de jogo do bicho. Meu avô trabalhava em coisa de barca, minha avó era telefonista só e também não terminou o Ensino Médio. Foram as oportunidades que tiveram ali, mas levando isso em consideração, tanto o que Rosa até falou de caráter e de Renata ter falado, tipo assim, o discurso de você sair de baixo e aí você conseguir crescer, é muito bonito. Mas ele é muito bonito pra você mandar naquela corrente do *whatsapp*. Na realidade ele é um lixo, porque você sofre pra cacete e aí quem você *tá* passando ali... você fica orgulhoso de você *tá* melhorando e afins, mas é uma vida ruim. Não é bom você estar ali, você não... sei lá, se você tivesse a opção de ter as coisas fáceis... aquelas coisas de duas pílulas do Matrix: se você tivesse uma pílula que você ia tomar ela e a sua vida ia estar feita e a outra você ia ter que passar por muita merda, mas aí você ia conseguir aprendizado e num-sei-o-que-lá e você ia conseguir chegar no topo do mesmo jeito. Beleza! Mas não é muito mais fácil você pegar quando você já tem oportunidade do negócio? Então, é um negócio que nem o... pro capital econômico seu caráter não vai importar, pro social e cultural, sim. Porque isso te leva a outras coisas. O econômico, ele já uma *parada* que ele te impulsiona, é aquela coisa do dinheiro te trazer felicidade ou não. Ele não te traz felicidade, mas ele te traz coisas que te trazem felicidade. Se você comprar um vídeo game, você vai ficar feliz. Se você tiver o dinheiro que você quer pra comprar um celular novo, você vai ficar feliz do mesmo jeito. Mas não é que ele te acrescente... eu não acho que o dinheiro te acrescente como pessoa. Ninguém vai ser melhor... o jogador do Facebook, o... criador do Facebook, ele não é melhor que eu só porque ele criou o Facebook e ele é multimilionário por ter criado o Facebook. Eu não acho isso! Eu acho que, de fato, os três são importantes, mas que se fosse pra medir em – até essa coisa de pirâmide social – se fosse pra colocar isso numa pirâmide, eu colocaria o cultural, o social e depois só o econômico, sabe? (*apontando com o dedo indicador três pontos no ar de cima para baixo*) Em último! Porque eu acho que esses dois te levam muito mais longe do que o dinheiro te levaria. Ele só é uma facilidade mesmo, não acho que ele é um requisito especial que você tenha que ter pra você ser uma boa pessoa ou ser considerado uma boa pessoa perante as outras pessoas da sociedade.

Carolina: Felipe é extremamente sensato!

(*Pesq. e Rosa falam juntas*)

Pesq.: Deixa só eu fazer um comentário... uma parte do texto fala o seguinte, eu só vou ler isso aqui e não vou fazer comentário meu. Só quero ressaltar um trecho do texto. No primeiro parágrafo, no meio do primeiro parágrafo ele fala assim oh: O capital cultural “diz respeito também ao consumo de bens culturais que são legitimados pela classe dominante”, ou seja, a classe rica. Aí alguns exemplos: “visitar museus, galerias de arte, assistir a filmes e peças de teatro, estudar idiomas e viajar”. Então, é... o capital cultural, ele está relacionado ao consumo de bens culturais que foram legitimados pela classe dominante. Só quero deixar isso frisado pra vocês continuarem comentando. Vamos deixar Rosa falar primeiro e depois você fala, *tá*, Felipe? *(a pesquisadora percebeu que Felipe gostaria de falar)*

Rosa: É que assim, Nat, é... meus pais, assim, eles são novos, assim, e eles me tiveram na adolescência e eles falaram pra mim, assim, toda... a minha vida toda falam assim, desde que eu entrei no ensino médio, falam assim “Rosa, eu não tive a oportunidade que você teve de você *tá* num colégio particular, você *tá* fazendo um terceiro ano bom, de você *tá* fazendo aquilo e de você estar fazendo ali *tãnãnã-tãnãnã...*”. E eu fico pensando: cara, eles não tinham, eles falaram que não tiveram oportunidade e eu tendo essa oportunidade pra eu *tá* fazendo um bom curso de faculdade, eu *tá* num lugar melhor, sabe? Do que, tipo assim, eles estavam... minha mãe não fez faculdade, meu pai *tá* fazendo faculdade agora, faltam só uns dois anos, uns dois ou três anos, sei lá, pra ele acabar a faculdade, pra ele virar engenheiro e... pra ele virar engenheiro. Meu pai e minha mãe começaram bem de baixo, assim, começaram bem de baixo... minha mãe virou professora, minha mãe veio bem de baixo... meu pai, tipo, também veio bem de baixo e hoje ele trabalha no Mc Donald’s, por exemplo, ele trabalha como técnico de segurança no Mc Donald’s, sabe? Então, assim, você vê que cada pessoa ela cresce, assim. E eu tendo essa oportunidade de eu ter um bom terceiro ano, uma boa faculdade, eu acho que isso vale muito mais do que dinheiro ou qualquer outra coisa, sabe? Enfim...

Pesq.: E você acha que você conquistou isso, quer dizer, que a sua família conquistou esse privilégio pra você como? O que mudou da geração dos seus tios, dos seus pais, pra sua geração? Pra que você tenha essa oportunidade hoje.

Rosa: Eu acho que meu pai e minha mãe batalharam muito! Assim, desde a adolescência, batalharam muito por mim, pela minha, por causa de mim mesmo. Eles eram muito novos quando me tiveram, assim, eu acho que eles batalharam todo dia, todo dia pra me deixar no *(nome da escola dos estudantes)*, pra me deixar lá, então eu acho que eles batalharam todos os dias pra me deixar lá, né? E minha mãe falou... minha mãe tem uma história na minha família, bem pessoal mesmo, que minha mãe falou que teve uma época que minha avó, ela perdeu o

emprego e ela teve que ir pra um colégio público, ela e minha dinda, tiveram que ir pra um colégio público. Então ela fala assim pra mim “Rosa, eu tive que ir pra um colégio público porque sua avó não tinha como pagar colégio particular pra mim”. E ela fala assim “você tá tendo oportunidade de você tá num colégio particular, tendo isso!”. Então eu acho que eles batalham todos os dias pra me deixar no (*nome da escola dos estudantes*), pra me deixar lá, pra ter uma boa educação, coisa que... coisa que... assim, eles tiveram uma boa educação, lógico, assim, boa educação dentro né, dentro de um parâmetro né, mas eles falam pra mim que eu sou muito privilegiada. Entendeu? Eu e minha irmã somos muito privilegiadas por conta disso, porque eles batalham todos os dias pra mim ter uma boa formação.

Pesq.: Entendi. Felipe? (*a pesquisadora percebeu que Felipe gostaria de falar*)

Felipe: É... em relação a essa coisa de ser legitimados, eu que sou burrinho sonhador de botar esse discurso assim. Mas, assim, eu sei que é legitimado e que não deveria, eu acho que não deveria. Que nem aquela redação ridícula que botaram como tema do ENEM de democratizar o acesso ao cinema e aí aumentaram o preço do ingresso. Não adianta você querer deixar, falar que tem cultura, só que aí você deixa o povo burro. Sendo que, tipo assim, o povo que é o povão (*indicando aspas com os dedos das duas mãos*), não povão no sentido pejorativo, povão no sentido de ser a maior parte da população não tem acesso a esse tipo de coisa, ou pelo menos, se tem, não tem com frequência. Eu sou uma das pessoas que uns cinco anos atrás aí ia pra cinema o tempo todo, aumentou eu parei de ir. Eu só vou quando é um filme que eu quero muito ver naquele negócio e eu sei que eu não vou conseguir pirateado. É o negócio de acesso. Aí coisa que eu pago pau pra cacete pro Uruguai. No Uruguai tem 7% da taxa de analfabetismo, sendo que, tipo assim, é 7% da taxa de analfabetismo com o critério de ser pessoas acima de 15 anos. Entendeu? E a maioria nem é nativo, desses 7%. Você ter o acesso pra essas pessoas que precisariam disso, não botar essa coisa como uma coisa legítima, seria muito mais fácil pra todo mundo. E eu continuo falando que eu acho que o cultural seria o mais importante. Só que o problema é que botaram isso como uma coisa legítima, então acaba ficando exclusivo novamente. Por isso que é sempre as pessoas mais ricas e que tem mais poder aquisitivo-econômico que ficam no topo, mesmo sendo a minoria da pirâmide social, etc e tal. Então elas estão sempre acima de alguém só que por babaquice, não tenho outra forma de dizer por que eu fico irritado com isso. É babaquice você botar tantas poucas pessoas com estudo bom e essas pessoas assim, às vezes, nem usam isso de forma adequada enquanto tem gente que tá aqui que quer isso, entendeu? Eu adoraria estar indo em museu o tempo todo e indo em cinema, aprendendo mais sobre essas coisas, indo em museu de artes etc e tal, porque é coisa do meu interesse. Só que aí lá... (*olhando pra cima*) antes até de

Revolução Francesa já era um negócio que assim, só ia pra teatro quem era lá da corte, só via tal entretenimento quem era da corte, e aí quem o rei aprovava. E aí só ficou excluindo, excluindo, excluindo e aí aumentou essa taxa do povão de ficar sem nada porque é mais fácil uma pequena parcela da sociedade controlar a grande parcela se a grande parcela não tiver acesso a ensinamento. Você estando burro, não sabendo que você está lutando ou estudando, você fica manipulável, você é influenciável para aquele que supostamente saberia mais que você, mas só sabe mais que você porque ele teve acesso a isso. Então eu continuo achando que é uma injustiça sem igual pra mim. É ridículo falar um negócio desse e botar nesse aquisitivo-econômico, eu não concordo com essa parte do sistema capitalista. O empresário está pouco se fodendo se você vai estar lá nove horas trabalhando na fábrica dele, ele está lucrando. Então, o importante pra ele é isso. Não importa se a sua realidade é alimentar cinco cabeças na sua casa e você é o único que trabalha. É indiferente pra ele se você tem cultural ou se você tem social. Vai continuar prevalecendo só nesse sistema, vai continuar prevalecendo se você tem poder aquisitivo-econômico.

Pesq.: Alguém quer fazer algum comentário ou eu passo pra próxima pergunta?

Carolina e Rosa: Pode passar!

Pesq.: Beleza! Letra (c): Pensando na desigualdade social do Brasil, você acredita que haja relações entre o capital econômico e o capital cultural?

Felipe: Creio que já estejamos falando nisso quando eu disse que você ter o econômico você alcança esse cultural também. Até porque você colocou agora que ele é uma coisa legitimada. Então quem tem mais dinheiro automaticamente vai ter mais acesso frequente a esse tipo de coisa. Então o meu ponto eu acho que eu já dei.

Carolina: É, exatamente isso.

Renata: Está uma coisa interligada na outra. Então eu acho que a gente já acabou respondendo isso na pergunta acima.

Rosa: Sim, aham!

Carolina: Você tendo um, você adquire o outro, é basicamente isso.

Pesq.: Eu vou mudar um pouquinho a pergunta... se você tem um grande acúmulo de capital econômico, você consegue a partir daí um grande acúmulo de capital cultural? Pergunta 1. Pergunta 2: se você tem um grande acúmulo de capital cultural, você consegue a partir daí um grande acúmulo de capital econômico? A ida e a volta valem?

Felipe: Acredito que sim, mas ainda continuo acreditando que no sistema atual o econômico, ele é mais rápido. Ele potencializa mais isso do que se você pegar o cultural. Pra você pegar o cultural pra chegar no econômico demora mais. Se você tiver o econômico e já conseguir o

cultural a partir porque você já tem o econômico, ele é muito mais rápido assim, ele é um *fastfood*, digamos assim. Porque você já tem como fazer aquilo ali, você não tem uma batalha antes disso pra poder conseguir. Então, acho que é uma relação, uma troca de ambos os lados, tanto de ida como de volta, mas que um é sempre muito mais facilitado do que o outro.

Carolina: Exatamente isso! O econômico te facilita como Felipe falou, rapidinho você consegue ter o cultural. Só que o cultural depende também da situação da pessoa, porque um povo na miséria, que vive no lixão ou algo do tipo, não vai conquistar um cultural. Só se achar um livro ali, sabe? É bem difícil nesse ponto, tudo depende da sua condição. Mas a gente... não somos ricos, mas a gente tem acesso a capital cultural. É... tudo depende. É aquele negócio do jogador, da classe média, depende muito. Mas é bem mais difícil do que se você já tivesse uma situação financeira boa.

Renata: Concordo também com a Carolina e com Felipe. Acho que não tem nem o que falar, eles já falaram tudo.

Pesq.: Fala, Felipe! (*a pesquisadora percebeu que Felipe gostaria de falar*)

Felipe: Eu acho que, assim, dando exemplo... eu nunca vi *BBB* nem nada, o único *BBB* que eu vi na minha vida foi, inclusive, ontem. Nunca tinha acompanhado nada desse tipo, *BBB 2020* eu só vi pelo *twitter*²³ também. Não era uma coisa que era importante pra mim. Mas esse me atraiu porque, tipo assim, o Lucas Penteado que *tá* dando treta e coisa e tal, ele só é reconhecido do jeito que ele é reconhecido porque ele fez a revolução dele, se ele não tivesse ido atrás do social e do cultural dele, ele não *taria* sendo conhecido agora. Ele não *taria* no programa desse tipo, entendeu? Mesmo que possa ser de uma seleção aleatória, por ele ser famoso e coisa e tal, tem pessoas que apoiaram ele, na personalidade que ele é, pra poder estar lá representando alguma coisa. Então quando ele *tá* falando aquele discurso lá dele de que ele representa a revolução dele da rua, que ele representa a revolução dele de estudante, de que são taxados de vagabundos, ele *tá* demonstrando que, tipo assim, apesar *daonde* ele saiu, ele consegue aquilo através da educação dele. Se ela a educação de alfabetização mesmo ou de você conhecer das coisas e conhecer da sua vivência própria. É fazer literalmente essa coisa da sua revolução própria ou da revolução da sua realidade.

Pesq.: Fala, Rosa! (*a pesquisadora percebeu que Rosa gostaria de falar*)

Rosa: Eu acho também, um exemplo muito grande, sabe, dessa coisa de cultural e econômico, acho que são atriz, ator, essas coisas aí da televisão, assim. Porque, tipo, as pessoas, elas adquirem uma coisa tipo arte, uma coisa cultural assim, e elas querem levar isso pra vida.

²³ Rede social.

Então eu acho que, meio que, os atores e atrizes são meio que também levam isso também pro econômico. Porque ator e atriz ganha muito bem, como você falou do Lucas, né, do Lucas Penteado, eu acho que se ele não tivesse essa cultura nem essa coisa social, acho que ele não estaria aí até hoje, como Felipe falou, e não *taria* no... tipo assim, provavelmente se... “ah, se ele não fosse famoso”, podemos dizer assim, nesse exemplo, ele poderia *tá* na pipoca²⁴, né? Tipo, sendo um anônimo ali, mas pela sua cultura e o social ele conseguiu *tá* no camarote, sendo um famoso, participar de uma malhação, participar de tudo assim, sabe? Então eu acho que atores e atrizes levam um pouco dessa cultura pro econômico também.

Felipe: Eu concordo assim dessa coisa da representatividade mesmo, até os personagens do Pantera Negra²⁵ que vieram assim à tona e foram uma coisa de representatividade muito forte, tanto em questão do social porque antes não era encarado como pessoas pretas poderiam estar nesse topo... até o pessoal sacaneando coisa do *Big Brother* falando que o Boninho²⁶ pesquisou “blacktt” no *twitter* e aí pegou a galera que se destacava mais. Porque realmente parece que foi isso, sabe? Ele pegou os pretos do *twitter* que tem um movimento forte, assim, que a galera dá atenção a eles. Mas eu continuo achando que, tipo assim, se não tivessem essa atenção, não teriam chamado, porque continua não sendo uma coisa tão representativa. Tipo, A Princesa e o Sapo, que é aquele filme da *Disney* que tem uma princesa negra, botaram uma princesa negra que fica mais de uma hora do filme com um sapo. Não é uma *parada* que você vê e aí você fala assim “*pô*, isso daí *tá* representando tal classe social”. Não, eu acho que não *tá* nesse sentido. Eu acho que eles colocam, mas eles querem ceder aos poucos e aí esse aos poucos vai abrindo seus olhos mas ele não abre... não dá aquele seu choque de realidade totalmente, sabe? *Pô*, é um filme de uma hora e quarenta e poucos minutos que uma hora que poderia ter uma representatividade forte, *tá* com um sapo. Beleza que é filme de criança, mas filme da *Pixar*, por exemplo, filme da *Pixar* deixou de ser de criança há muito tempo. Aquele filme *Soul* aí que lançou atualmente que é as coisas das almas, aquilo ali não é pra criança, de jeito nenhum. Se você vê aquele filme, você fica com uma reflexão, dá uma crise existencial de você pensar “que que eu *tô* fazendo com minha vida nesse dia aqui? Me perdoe vida por eu não ter vivido nos dias que eu pude você” porque é estranho você olhar por cima e você ver que você não tem... ninguém te ensina a fazer coisas desse tipo ou você não vê pra poder se espelhar naquilo. Você não tem um exemplo, um modelo pra poder fazer isso porque tem muita gente que não vai ter esse modelo, tem muita gente que não vai ter essa identificação e

²⁴ Dentro do programa *Big Brother Brasil*, os participantes são divididos em dois grupos: pessoas famosas (camarote) e pessoas anônimas (pipoca).

²⁵ Filme do universo Marvel cujos protagonistas são negros.

²⁶ José Bonifácio Brasil de Oliveira, diretor do *Big Brother Brasil*.

uma coisa de saber que pode ser maior, sabe? Tipo, tem aqueles vídeos das crianças dos Estados Unidos fantasiadas de pantera negra, todas as saudações pro ator que morreu, etc e tal. São pessoas que as vezes não sabiam que elas podiam chegar lá porque elas não vêem isso na realidade delas. Por isso que é importante você ter essa representatividade, que há pessoas diferentes em todas as classes, sendo na de pobreza, de classe alta, de criador do Facebook, não importa! Tem pessoas diferentes em todas as classes porque todas as pessoas podem chegar lá, a diferença é que algumas tem facilidade e outras não.

Rosa: Então, assim, como Felipe falou na *Disney* e tal, eu lembrei de três filmes aqui na minha cabeça assim, que vieram assim, que são meus três filmes da minha vida favoritos assim, que eu amo muito, que é “Mulan”, “Pocahontas” e “Coco – a vida é uma festa”. Não sei se alguém assistiu aí, mas enfim... eu acho que eles são muito representativos assim, muito representativos culturalmente. Tipo, a Mulan, a história da Mulan, a Mulan salvou a China, entendeu? Ela salvou a China! A Pocahontas! A Pocahontas, ela... vai tipo, no segundo filme da Pocahontas ela vai pra uma cidade lá em Madrid, na Espanha lá, e tipo ela fica assim “gente, que que é isso? Eu não conheço isso aqui, como que isso aqui é assim?”. Então, tipo assim, eu acho que mostrar esse lado dos indígenas e tal, igual “Coco – a vida é uma festa”, mostrar tipo um lado do México. O México tem o dia dos mortos, né? Mostrar como que as pessoas tratam tipo as pessoas lá assim, tem uma representatividade assim, é uma coisa absurda de bom assim! É uma coisa bem, bem absurda de bom! Eu acho isso aí muito muito bom assim, né? Tipo isso é muito bom assim também, sabe? Que vai dar uma cultura pras pessoas, sabe? Não é só tipo dinheiro, mas é dar uma cultura, *tendeu?* Pras pessoas assim... sabe? Então eu acho isso bem importante também.

Pesq.: Beleza! Felipe, sua mão *tá* levantada ainda... você quer falar?

Felipe: Sim, eu ia referir essas coisas dos filmes que, tipo assim, tem filme antigo também que faz, tipo “O corcunda de NotreDame”, era uma pessoa com deformidade, uma época muito antiga e era excluído. E aí não queriam mostrar ele por relacionar ele a um monstro, sendo que atualmente a gente tem uma condição melhor de falar sobre isso de uma forma mais leve e mostrar que isso não é um problema. Tipo, coisas que as vezes parece ser fútil né, mas aí você estuda sobre e você percebe que não é. Pessoas que a gente fala que é portador de deficiência, alguma deficiência física ou visual, etc e tal, você fala que é portador...

Pesq.: De necessidades especiais, né?

Felipe: É! Você falar que você é portador... tem até um cara que ele brincou, ele falou “ah, qual a deficiência que eu vou pegar hoje?”. Porque você usa um termo errado e aí você acaba mesclando essas situações que não eram pra ser desse tipo. Então, é você educar sobre

situações tanto de forma em filmes, ou falando sobre isso, estudando mesmo como uma coisa mais universitária (*indicando aspas com os dedos das duas mãos*), levando pra coisa legítima mesmo.

Rosa: E esse filme nem é quase conhecido, né? Tipo assim, quase ninguém viu esse filme. Eu vi esse filme, esse filme é incrível. Mas enfim... nesse caso ninguém conhece esse filme. Eu fico, assim, indignada, porque mano esse filme é muito representativo (*com ênfase no muito*). Assim, tem uma série na *Netflix*, que eu assisti né, uma série chamada “Fate: a Saga Winx”, né? Que é sobre as Winx, o clube das Winx, êêê... feliz da vida! Na série do clube das Winx, tem tipo uma personagem que é asiática e uma personagem que é meio que latina. E quando foram pra série, cadê as personagens que são asiática e latina? Que era a Flora e a Musa, cadê? A Musa tem, só que deu um embranquecimento nesse elenco tão grande! Eu falei assim “não é possível!”. Assim, tem a Terra, aquela personagem gordinha, né? Mas eu falei assim “mano, essa série é tudo de branco?”. As Winx tem a asiática que é a Musa, tem a Flora que é latina, tem a Aisha que é negra... cadê a representatividade aí nessa coisa? Tem séries que tem muito mais representatividade que essa aí, eu assisti porque eu gosto dela. Mas assim, cara... tem tipo um estereótipo também, tem a Stella. Stella é loirinha, branquinha, *sei-lá-o-que...* aí eu fiquei assim “gente, não é possível!”. Aí teve a maior polêmica, que eles... teve o embranquecimento desse elenco, *sei-lá-o-que...* aí eu falei assim “ai, gente!”. Assim, eu assisti, é legal e tal, mas assim, precisava ter uma representatividade maior nisso, sabe? Enfim...

Pesq.: E tudo isso que vocês estão dizendo é pra justificar as relações, como as relações entre o capital cultural e o capital econômico se estabelecem?

Felipe: Uhum.

Pesq.: Beleza. Renata quer falar? [*Renata avisou pelo chat que estava com problema no microfone neste momento*] Renata, tenta sair e entrar de novo que a gente te espera pra você comentar.

Felipe: Sim, mas eu acho que isso relaciona dessa parte do cultural, que se você *tá* vendo, você se espelha nisso e consegue buscar mais sobre isso, sabe? Tipo, relacionando a coisas que você tem interesse também, arte: há muitos anos aí já *tá* rolando um debate sobre o que seria a arte. E aí botam aquela imagem tosca que é um quadro com um ponto desenhado parecendo a bandeira da China. Se tem história atrás disso, pode ser considerado arte. Se foi um artista e só fez isso ali, na minha concepção não seria considerado arte. Eu acho que a arte, ela *tá* mais além do que você *tá* fazendo no físico, acho que é uma coisa mais sentimental e da

sua cultura e da sua vivência mesmo. Então, varia... é sempre essa coisa de ser relativo, dessas variantes que tem por trás do que *tá* sendo feito.

Pesq.: E é aí que entra, Felipe, essa questão de ser legitimado, porque, por exemplo, o funk não é um estilo musical que é legitimado, que é considerado arte.

Felipe: Uhum!

Pesq.: Por que? Quem *tá* legitimando é a classe dominante e essa classe dominante tem... já *tô* falando demais! (risos) Não era pra eu estar falando... Renata, quer tentar falar? [*o problema com o microfone continua*] Renata *tava* falando e a gente não *tava* ouvindo...

Felipe: Essa coisa do funk é só lembrar da Anitta, que há uns anos atrás ela *tava* fazendo um show furreca aqui no Rio de Janeiro e aí ela fez a virada de ano em Nova York, cara. Imagina você crescer tanto a esse ponto? É coisa de louco! Tem gente que consegue... [*Rosa interrompe*]

Rosa: Uma coisa também que eu queria falar assim é da Pablo Vittar, né? A Pablo Vittar, ela é uma *dragqueen* que, cara, cantou na ONU. Vocês tem uma noção que ela cantou na ONU, pra um monte de gente da ONU? Eu fiquei assim “Mano, que representatividade boa essa!”.

Felipe: Ter essa representatividade é muito importante. Eu gosto daqueles *takes* da galera preconceituosa que acaba sendo empática sem querer. Eu vi dois desses negócios esses dias aí que era um senhor que comentou na foto de um cara que tirou foto com Pablo Vittar. E aí ele falou assim, era uma legenda ofensiva, falando que era “viado” e coisa e tal... aí o cara “não sei quem é o viado da foto, mas essa loira é uma gostosa” – se referindo à Pablo Vittar. E aí ele não sabia que era... entendeu? Ele foi no intuito de ser preconceituoso e deu de cara que acabou não sendo. Teve um ensaio fotográfico também de um homem trans e aí *tava* assim “modelo trans fulano de tal posa nu nessa *num-sei-o-que-lá*”. E aí a mulher foi lá e respondeu assim “um desperdício um homem desse”. É um homem trans. Ela não percebeu, entende, a diferença da situação. Ela não entendeu o que era pra poder ser preconceituosa como ela gostaria, entendeu?

Rosa: Uma coisa que me deixa irritada é novela mexicana. Porque assim, novela mexicana, é assim... eu não *tô*... é assim, uma coisa cultural também. Por exemplo, “ai, eu não vou conseguir viver sem você, eu sou o ar pra você me respirar” e aí eu falo isso “gente do céu amado, você não é o ar que ninguém respira, você tem um pulmão, você respira com seu pulmão”. Eu me irrito com isso logo de cara. Eu fico me sentindo em uma novela mexicana. Mas uma coisa que me deixa irritada na novela é que, tipo assim, a pessoa, o homem lá, se apaixonou pela menina e, tipo assim, a menina não pode ficar amiga de outro cara, ficar amiga de outra pessoa, que ele já fala “você *tá* me traindo, você não é o amor da minha vida”. E eu

fico assim “gente, ela só *tá* falando com um garoto, você *tá*...” entendeu? As novelas mexicanas são muito machistas. Eu acho novela mexicana muito machista. Machista mesmo! *(com ênfase no mesmo)* Sabe? E eu vejo muita novela mexicana, então eu posso falar sobre isso. É muito machista, muito machista. E se você ver novela mexicana, quase não tem nenhum ator negro. Eu fico impressionada, só tem ator branco. Eu fico... eu fico assim, só tem ator branco. Só tem ator branco. Eu fico assim, olhando pra... fico assim “nossa, velho...”. Aí quando tem um personagem negro, é um personagem assim minúsculo *[indicando um tamanho pequeno com os dedos indicador e polegar de uma das mãos]* Tipo assim, minúsculo, que não tem assim... eu acho novela mexicana muito machista e também não tem quase nenhum casal LGBT, só tem casal hétero. Então você vê cada casal protagonista de cada novela mexicana só tem casal hétero. Aí eu fico assim “*tá*... assim, ela só tem casal hétero”. Fico, assim, impressionada com isso. E... quando é LGBT as pessoas começam a criticar. Aí eu fico “por que *tá* criticando?”. Então, assim, eu acho que novela mexicana também é um ponto muito forte nessa questão de machista, de não ter nenhum personagem LGBT, não ter nenhum personagem é... negro. Eu *tô* falando personagem rico protagonista, não *tô* nem falando personagem da novela, *tô* falando protagonista. Não tem quase nenhum! É justamente uma questão cultural também.

Pesq.: Rosa, eu acho que vocês já estão levando o debate pra um outro caminho que até, talvez, tenha a ver com a próxima pergunta. Então, assim, vou seguir pra próxima pergunta. Mas, assim, mantenham em mente essa pergunta que eu fiz agora sobre as relações entre o capital econômico e o capital cultural e vou fazer logo a última pergunta pra vocês já continuarem falando sobre o que vocês estão falando. Você acredita que haja algum tipo de disputa e/ou conflito entre as classes sociais no que se refere ao acúmulo de capital cultural?

Felipe: Com certeza! Porque, por exemplo, o sistema de cotas tem gente que poderia, que tem o dinheiro pra conseguir ter acesso a cursinho e tal, mas aí quer botar a cota. Aquela galera branquela pra cacete falando que é indígena, que é descendente de indígena lá da minha num-sei-o-que-lá quarta linhagem e coisa e tal. Então, tem essa competição porque obviamente a galera que *tá* embaixo vai querer ter as mesmas oportunidades que a galera que vai *tá* em cima. Só que aí, como é muito mais fácil porque teve que ter uma certa facilidade nesse sentido, falando de cotas mesmo, teve que ter um caminho aberto, uma trilha aberta pra poder ter pelo menos essa galera que já não tem tanta oportunidade tentar conseguir isso. E aí a galera que já tem oportunidade pra caramba ao invés de correr atrás, fazer o próprio corre, né? Vai lá e quer pegar isso fácil também, o sistema de cota e afins. Então, acho que a competição é muito forte, até por uma questão disso e de ser esnobe porque a gente vê muita gente com

bastante dinheiro querendo pagar de superior em questão de caráter e afins pra pessoas que não tem. Então eu acho que a competição, ela vai bem mais além só do que o social, sabe? Social que eu digo de sociedade mesmo, pra você crescer. Acho que vai uma questão esnobe do caratismo mesmo.

[pausa]

Pesq.: Renata, quer testar seu áudio?

Renata: Eu particularmente não entendi a pergunta. Repete pra mim, Nat, por favor?

Pesq.: Repito. É o seguinte: você acha que tem algum tipo de disputa entre as classes sociais quando se fala de capital cultural? É... pensa nas classes sociais que a gente *tava* falando, né? Nas várias classificações sociais que a gente já conversou. Você acha que uma classe com a outra, tem algum tipo de disputa ou de conflito quando a gente pensa em acúmulo de capital cultural? Na quantidade de capital cultural que cada pessoa ou que cada classe acumula.

Renata: Cara, eu particularmente acho que, tipo assim... eu vou ver se vocês conseguem entender meu raciocínio. É uma coisa meio complicada, mas vamos lá: vamos supor eu sou rica e você é da classe média – nem tão rica quanto eu mas você também não é muito pobre não. Aí, assim, tem algumas pessoas, alguns ricos milionário, enfim, que se acham... vamos supor, eu sou rica e fulano é pobre. Fulano que lute. Entendeu? Eu sei mais que fulano e vida que segue. E a galera mais de baixo, eu acho que não é questão de conflito, eu acho que é questão de “caramba, eu quero ser igual fulano, eu quero chegar onde fulano chegou”. Mas, as vezes, fulano que é rico já nasceu rico. Fulano não nasceu pobre, né, aquela questão do degrauzinho... até chegar onde ele *tá* hoje. Mas eu acho que não é questão de conflito, não. Tem uma palavra certa pra isso, mas agora eu esqueci. Mas acho que você *tá* conseguindo entender. É a questão de tipo assim, eu com meu esforço, a minha batalha... eu batalho, batalho aqui pra chegar lá e ter o que fulano tem. Ainda que não... ainda que demore! Ainda que não seja hoje, nem amanhã, mas que seja daqui a 10, 20 anos. Eu quero, por mérito meu, chegar lá e ter o que fulano teve. Pô, mas fulano só precisou acordar. Amém, Deus sabe. Eu ainda assim quero lutar, batalhar e chegar lá onde fulano *tá*. Então, assim, eu acho que não é conflito, mas questão de almejar mesmo.

Rosa: Eu concordo com Renata.

[Rosa e Carolina falam juntas]

Rosa: Pode falar, Carolina.

Carolina: Pode falar, pode falar.

Rosa: Eu já falei que eu concordo com Renata, não é nada não.

Carolina: Isso que Renata falou me veio na cabeça a questão de, tipo assim, do degrauzinho, né? Se uma pessoa veio de baixo e ela conquistou o lugar que ela *tá* lá em cima hoje, ela não vai esnober quem *tá* lá embaixo porque ela também já teve naquela posição. Mas quem é filhinho de papai, já nasceu filho do cara do Facebook, vive naquela bolha. Então é bem mais provável que haja um conflito nesse caso da pessoa se achar melhor, se achar esnobe, do que como Felipe falou, né, do que no caso de quem conquistou aquilo por mérito próprio e já teve no lugar dos outros, né? Porque tem aquela questão de... como é que fala? De se ver naquela pessoa. Acho que é isso.

Pesq.: Quando vocês pensam em capital cultural, vocês pensam em gostos pessoais? Tipo, vocês acham que cada classe pode ter um gosto diferente? Tipo assim, que um grupo social tem o mesmo gosto que outro grupo social... e quando eu falo gosto eu me refiro a *hobbies*, a estilos musicais, gênero de filme... nesse ponto, vocês acham que tem algum tipo de disputa? Tipo, uma classe faz um certo movimento e a outra classe faz outro movimento... vocês acham que... Porque, assim, os conflitos e as disputas podem ser coisas um pouco mais subjetivas, não precisa só ser, por exemplo, um vestibular. Enfim, vou deixar vocês falarem um pouco... fala, Renata!

Renata: A questão que você falou de ter o mesmo hobby eu acho muito muito muito difícil. Até porque onde eu morava, eu morava lá em Itaúna, aqui pertinho de onde eu moro. E eu lembro que eu era muito pequena, eu devia ter uns 6 ou 7 anos, por aí. Mas eu, quando eu era pequena, quando eu era menor, eu não era assim como eu sou hoje não. Eu era super, super, super tímida, não falava nada. Ficava agarrada na perna da minha vó o tempo todo, todo, todo. Mas eu sempre vi muito as coisas, eu sempre fui muito perceptiva. E eu lembro que, quando eu chegava escola era umas cinco e pouquinho, chegava rápido, trocava de roupa correndo, comia alguma coisa e ia pra rua brincar. E lá na rua tinha uma família que morava na frente da minha casa, que hoje por sinal a gente se dá super bem, mas que na época era uma coisa muito diferente. Éramos da mesma escola, íamos e voltávamos todas juntas, mas em casa era coisa muito diferente. Porque eu lembro que domingo a Clarisse, que era a que tinha a minha idade, ela ia pra um campo jogar tênis. E eu ficava assim “que que é tênis?”. Sabe? Tipo, “que que ela *tá* indo fazer lá?”. Aí quando ela sentou e me explicou que tênis era jogar uma bolinha pra um lado e pro outro eu fiquei tipo assim “mas que coisa chata!”. Mas pra ela, aqui ali não, porque é de família, é tradição eles jogarem tênis no domingo. Mas pra mim, eu queria ficar brincando na terra, eu queria era catar minhoca, era ficar correndo atrás dos meus primos na rua. Então, assim, eu acho muito difícil... e era nítido a diferença de classe social. Mas a mãe dela sempre quis, sabe, botar ela pé no chão mesmo, firmar. Tanto que foi o que eu falei,

éramos da mesma escola, íamos e voltávamos juntas, aniversário uma da outra era sempre... muito mais ela na minha casa do que eu na casa dela, até porque a minha mãe não era lá aquelas coisas amigável com a mãe dela, ficava aquele negócio meio estranho. Mas assim, depois que eu comecei a crescer e comecei a me impor, é tudo questão de... assim, eu parto do que eu acredito. Eu acho que é muito difícil pegar... deixa eu ver, deixa eu dar um exemplo... eu não sei da história, *tô* falando só de agora, *tá*? Difícil eu pegar a Larissa Manoela e querer tacar ela dentro da favela e falar assim “fala aí a sua infância”. É muito difícil! Ela vai falar o que? “Ah, minha infância foi fazendo Carrossel no SBT e *não-sei-o-que...*” enquanto tem criancinhas que não sabe nem o que é televisão. É muito difícil essa questão de viver a mesma coisa. Tipo assim, os mesmos hobbies, os mesmos costumes, os mesmos lugares. Eu fui despertar pra museu, cinema, depois dos meus 8 ou 9 anos, foi quando minha mãe começou a trabalhar com emprego fixo de bancária, que ela começou a me levar. Me levava a cinema, a museu... eu achava lindo o MAC²⁷, lindo, lindo, lindo, lindo. Quando eu entrei eu fiquei tipo assim “é só isso?”, sabe? Porque na minha cabeça era “meu Deus, quando eu entrar no MAC... ih, vou ser abduzida!”. Mas não, sabe? Uma coisa tão... ok, o MAC. Sabe? Mas é aquilo, minha mãe “Renata, é cultura! *Não-sei-o-que...*”. E desde pequenininha ia pro MAC, ia pra Campo do São Bento²⁸, minha avó me contava as histórias. E, pra mim, aqui ali era o máximo! O máximo, máximo, máximo! Mas pra quem jogava tênis todo dia, pra quem almoçava e jantava no MAC era uma coisa normal. Entendeu? Então eu acho que é muito difícil você comparar uma coisa com a outra.

Pesq.: Mas pela sua fala então uma certa classe que tem mais recursos tem costumes e gostos próximos e uma outra classe mais baixa tem costumes e gostos diferentes? Ou frequentam o mesmo tipo de lugar... sabe o que eu quero dizer? Ou você acha que não?

Renata: Sim, sim. É exatamente isso. Não, eu concordo. Assim, frequentam o mesmo lugar mas não tem a mesma visão, entendeu? Talvez, quando eu era pequena, ela fosse a lugares chiques e tal porque a mãe dela levava ela. Ela não tinha interesse, entendeu? Mas eu não, eu queria saber... o que que tem lá? Sabe? Tipo assim, almejando. Mas ela *tava* ali porque era o destino dela, cara. Ela nasceu rica e era isso aí mesmo.

Pesq.: Entendi. Fala, Carolina.

Carolina: Eu acho que isso que Renata quis dizer é cada um tem a sua realidade, como se fosse um habitat. É... Renata *tava* lá, com os amigos dela, brincando na rua, jogando

²⁷ Museu de Arte Contemporânea de Niterói – RJ, projetado por Oscar Niemeyer.

²⁸ Parque aborizado com acesso gratuito, destinado ao lazer e localizado no bairro Icaraí, área nobre da cidade de Niterói – RJ.

queimado, bandeirinha, correndo, pegando minhoca... então meio que, aquela é a realidade dela. Então ela convivia com pessoas, fazia as mesmas coisas que aquelas pessoas que estavam próximas da realidade dela. Mas, por exemplo, a menina, a mãe levava todo dia lá pro clube, *num-sei-o-que*, então ela ficava habituada com o pessoal que faz isso. É tipo como se fosse mundos separados, só que ao mesmo tempo elas eram amigas e tudo mais. Beleza! Só que também, ao mesmo tempo, conforme você vai crescendo e *tals*, hoje em dia, é o que Renata falou: ela frequenta o MAC. Aí, sei lá, a gente vai num shopping, sei lá... tirou um dia, vai pra praia de Copacabana. Na praia onde todo mundo se mistura, tem gente de tudo quanto é jeito (risos). Então meio que nesse hobby aí, até poderia ter um contato e tudo mais. Mas não ia ser aquela coisa, sabe? *Tá* todo mundo ali, mas *tá* cada um com seu grupo. Acho que é tipo isso. Mas claro que existe a possibilidade quando você for crescidinho, sabe, adulto, quando você vai numa balada, vai numa praia, vai num restaurante, um shopping, alguma coisa assim, acaba se encontrando. Ou então até numa festa de alguém que interligou aí as pessoas, sabe? É... claro que pode se encontrar. Só que a gente, quando fala de capital cultural, acho que a gente não pensa muito nessa questão de hobby, é mais da realidade da pessoa, sabe? Basicamente isso.

Pesq.: Beleza! Acho que essa era a última pergunta. É, perguntar como que essas relações se estabelecem. Quer falar, Felipe? Pode falar.

Felipe: Você pode voltar no primeiro slide rapidinho? No primeiro mesmo.

Pesq.: No primeiro, esse aqui? Do sociólogo?

Felipe: É.

(o slide exibia o texto para reflexão e discussão da Tarefa 1)

Felipe: Eu acho que esse negócio de realidade diferente, coisa e tal, e aí você acabar tendo os mesmos hobbies, eu não vejo tanto dessa forma não. Eu vejo de uma forma mais problematicazinha. Tipo assim, é... a última frase *(do texto da Tarefa 1)* “preocupados em como passar patrimônio para os netos”. Eu acho que pessoas que estão muito em minoria e bem assim, elas querem manter que estejam só com elas. Então, eu acho que tipo assim, não é uma questão de você ter o dinheiro e aí você pode fazer o que você quiser e aí você acaba escolhendo fazer esse tipo de coisa, jogar tênis em um clube porque você gosta disso. Mas eu acho que *tá* mais relacionado a uma coisa de você ter pessoas compatíveis com a sua classe naquilo dali. Aqueles clubes navais que tem, etc e tal. Você vai pra lá porque você pode ter isso e aí quem vai pra lá é também quem pode ter isso. Aí você acaba compartilhando das mesmas coisas mas nem sempre porque você gosta, mas porque você *tá* protegendo *(fazendo sinal de aspas com os dedos)* o que você já tem, sabe? Tipo, você... é difícil você ter alguma

pessoa que tem muito dinheiro e aí o melhor hobby que ela vai ter vai ser ir pra um baile funk. Ninguém que tem dinheiro pra cacete e mora lá no Recreio²⁹ vem pro baile do Escadão³⁰ aqui em São Gonçalo. É, uma coisa desse tipo... você acaba compartilhando. Você pode ter seus gostos pessoais... tipo, eu tive, no meu caso eu tive certos apoios na família em relação à arte, mas não é uma coisa que foi passada de família em família pra gente poder ir em museu de arte e afins. Assim, era mais... era uma coisa mais pra baixo também. Talvez não tão baixo como de outras pessoas e afins, mas é essa *parada* compatível. Por exemplo, a coisa de Renata. Eu nunca brinquei na rua. Mais pela minha rua ter sido muito perigosa na minha infância. Então eu nunca tive contato direto com pessoal da minha vizinhança, eu não conheço meus vizinhos direito, nem coisa do tipo. Mas eu tenho plena convicção de que, tipo assim, meu vizinho de cima, o passatempo preferido dele era soltar pipa e etc e tal. Eu já soltei pipa, não gostei também e eu já desenhei, eu gosto mais de desenhar, já joguei futebol e fui em outros lugares. E aí eu acho que *tá* muito além do... de uma questão só da sua realidade. Eu acho que é mais uma questão do que a sua realidade te permite e o que você faz pra isso. Porque eu ainda continuo enxergando como essa frase de “preocupados em passar patrimônio” vai muito além do patrimônio de economia mesmo, eu acho que ele vai mais pro patrimônio de você manter só quem tem esse tipo de coisa do seu lado. Que nem essa coisa das cortes antigamente. Tipo, o rei, ele só mantinha quem *tava* perto dele quem ele considerava que tivesse essa coisa social e cultural perto dele. E aí compartilhava dessas mesmas ideias. Tipo, você... se colocar numa bolha! Se você *tá* no topo já, você tem a comodidade de você não se preocupar com quem *tá* embaixo de você. Não é um problema pra você. Então você vai acabar ignorando isso de qualquer forma. Se não é um problema pra você, não preciso passar por isso, é comodismo meu ficar nesse lugar aqui. Então, ser um comodismo pra essa pessoa estar indo jogar tênis, como Renata falou, era uma coisa de família. E aí essa coisa de família era feita num lugar que com certeza tinha outras famílias com esse mesmo... com a essa mesma relação juntinha, sabe? E aí continua sendo excludente, excludente, excludente. E isso não quer dizer que, tipo assim, que as outras pessoas não vão ter um hobby diferente só porque elas tão ali, sabe? Eu não concordo com essa questão de falar que quem tem essa *parada* tem sempre uns hobbies mais relacionados. Eu acho que é uma *parada* mesmo de ser um certo pré-conceito já trazido de muito tempo pra você só se misturar com esse tipo de coisa, só fazer esse tipo de coisa sempre, porque você vai *tá* ali sempre mantendo sua posição. É seguro você estar ali naquela posição. Então, tipo assim, eu

²⁹ Bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro.

³⁰ Baile funk que ocorre dentro de uma comunidade da cidade de São Gonçalo – RJ.

como sou uma pessoa que enxergo muito as coisas injustas, tipo aquela situação lá, eu acho que é muito melhor você já tendo seus privilégios você reconhecer e compartilhar eles porque você sabe que é uma coisa boa – e o que é bom não ofende, né? Então, compartilhar isso é bom. Então você acabar doando essa parte da sua vivência... esse ensinamento que você tem pra outras pessoas, vai bem mais além do... se você tem um poder aquisitivo social, cultural ou econômico. É aquela coisa de que Rosa falou aí, de ser rico de coração. Porque se você *tá* fazendo esse negócio, tem um motivo maior que esse. Se tem um motivo maior que esse, é porque você *tá* tentando quebrar, furar essa barreira aí que *tá* te dividindo de alguma forma. Porque o cara que *tá* vendendo bala no sinal, ele não vai ser diferente de você que *tá* dentro do carro. Em algum momento você vai *tá* passando dificuldade, talvez não como ele etc e tal, mas você entende que em algum momento pode ser daquele tipo. E tem essas pessoas que elas continuam se isolando só com quem tem as mesmas preocupações que elas pra poder ter esse comodismo de não enxergar isso. Usando o exemplo pessoal do (*nome da escola dos estudantes*). Tem pessoal do (*nome da escola dos estudantes*) que é como Maria, da minha turma, que estudava pra cacete, não porque ela goste de estudar ou coisa do tipo, mas porque ela quer a bolsa de 50% pra poder continuar ali. Não porque ela quer estar ali naquele pessoal que tem o dinheiro a mais e pode fazer tais coisas. Mas é que ela quer estar ali porque ela quer ter as mesmas oportunidades. E aí deixa de ser uma questão de você gostar ou não da situação. Essa menina, ela pode não gostar de tênis (*se referindo à Clarisse*), ela só ia realmente por causa desse negócio da família dela. Maria pode estudar só por causa dessa questão da bolsa e não gostar de estudar tal matéria, assim como ela mesma declara que ela ganha certificado de melhor aluna, mas ela não vê isso como “ah, um mérito meu e um orgulho”, de fato, sabe? É uma *parada* que é por causa do dinheiro, da questão maior de você estar ali querendo fazer isso porque você gosta, é uma questão além do *hobby*, esse negócio todo que *tá* englobando essa situação. Então eu continuo achando, discordando dessa fala da Renata de que não são os mesmos hobbies, mas são as mesmas colocações de pré-conceitos – nem preconceito em si, mas pré-conceitos – de você associar uma coisa a outra. Então, o pessoal talvez aí que joga tênis associe que você ficar catando minhoca na rua seja uma coisa chula. Seja uma coisa que não seria educada. Sendo que na rua você aprende coisa pra cacete do mesmo jeito. Na periferia em geral você aprende muita coisa. Em qualquer lugar você aprende muita coisa! Depende só de como você *tá* enxergando isso. Coisa que Renata falou de enxergar o MAC com outros olhos. Eu enxergo o MAC com outros olhos. Eu não acho uma coisa grandiosa, mas depende da época que você vai, depende da exposição que *tá* tendo, depende do que você *tá* aprendendo ali naquele momento. Porque se você vai enxergar

sempre com os mesmos olhos, tipo assim “ah, isso aí eu já vi coisa... já vi museu lá do museu nacional de coisas lá de Nova York e eu vou ver o museu do MAC aqui do coisa de Niterói e afins, disco voador e *blábláblá*”. Você vai ver que é uma *parada* menor. Mas não é porque ela é menor que ela é menos importante ou menos interessante que isso, depende tudo de como você *tá* olhando e do quanto você *tá* olhando, quão longe você *tá* olhando. Se você *tá* olhando através do que você pode estar vendo ali ou se você *tá* olhando pelos olhos até de outras pessoas, sabe? Tipo, eu considero arte uma coisa desse tipo, que você olha através dos olhos de outras pessoas. Se você vê uma fotografia, que saiu esses dias aí na matéria de São Paulo, que é “nas entranhas de São Paulo”, são pessoas que vivem em buracos. Não é um... eu não diria que é uma coisa bonita de você ver, mas de você enxergar a história dessas pessoas, você conhecer a história dessas pessoas, você já *tá* saindo do... essa perfuração do olhar, entendeu? Você vai enxergar aquele buraco ali de uma forma diferente, tipo “po, tem alguém morando ali dentro!”. E a pessoa não *tá* morando ali dentro há pouco tempo. Ela *tá* morando, ela *tá* vivendo ali. A vida dela é dentro daquele buraco embaixo de um viaduto. Então você *tá* enxergando aquilo ali de outros olhos. Esse buraco deixa de ser só um buraco, que é uma falha ali da construção que acontece em qualquer cidade pra ser uma *parada* que você enxerga dali de dentro. Você não vê só o buraco ali do lado de fora (*fazendo um movimento circular com o dedo indicador*), você *tá* vendo de dentro: como é você dormir ali, você passar calor e frio ali, como é você não ter comida ali, viver com rato, etc e tal. Então eu acho que essa visão de que você sempre achar que certas coisas vão ser as mesmas coisas e você não achar nada demais, varia muito de pessoa pra pessoa e de como você *tá* com cabeça praquilo naquele momento. Tem coisa que eu acho que é muito babaca, assim, que eu não me interessou, que eu não ligo, coisa de escola mesmo, de aula que eu falo “ah, isso aí pra mim no momento não é importante”. Mas se eu ouvir, eu tenho certeza que eu vou saber colocar isso em outro momento. Não gosto de matemática, mas tenho que precisar de matemática pra poder usar isso em outro momento da minha vida, que aí eu vou ter que usar e colocar naquela situação ali, mesmo não gostando. Então eu *tô* me colocando em outra visão disso. Se colocar na visão do outro é muito importante porque você acaba tipo... não *tô* falando nem de empatia, mas você acaba só vendo como é diferente você estar em cada classe social e nem só classe social, mas o seu lado. A Renata *tá* vendo essa situação de uma forma diferente, Carolina *tá* vendo de outra, Rosa *tá* vendo de outra e eu *tô* vendo de uma. Então se eu enxergar dos olhos de vocês de *tá* tendo um debate e coisa assim, eu *tô* pegando um pouquinho de vocês, é tipo aquela coisa que falam de artista: quando você é artista, você posta alguma coisa ou quando você é blogueira e você posta alguma coisa, você doa um pedaço seu

pro público. Isso deixa de ser seu íntimo. E aí o público vai enxergar a partir de você. Porque querendo ou não isso vai ser influenciável também, um *tweet* é influenciável, um post no Facebook é influenciável, uma corrente de *whatsapp* vai ser influenciável pra cacete se você passar pra muitas pessoas. Depende de cada cabeça pensante *tá* fazendo e de como você *tá* enxergando isso. Então eu vou continuar defendendo esse ponto aí de que não uma *parada* de ser hobbies parecidos ou não, mas eu acho que é uma questão de protecionismo do tipo de pessoa. Porque tem pessoa da classe mais baixa que não quer que você se misture com a classe mais alta porque sabe que já são conhecidos como os esnobes, os mesquinhos que não querem dividir esse tipo de coisa. E a classe alta também que tem essa coisa de não querer deixar brecha para as pessoas que estão embaixo subirem. Aquela série da *Netflix* que não sei pronunciar, mas acho que é “*Bridgerton*”, o cara queria que ele permanecesse com a linhagem e desse primogênito porque aí ele permaneceria com a linhagem de duques negros. E aí você pensa “caraca, em um momento da história alguém botou um cara negro pra poder ser da realeza. Isso foi importante, mas tão importante, que eles precisam continuar se proliferando pra poder manter essa linhagem aí e ter a garantia de que em algum momento eles vão estar em cima. É uma *parada* muito absurda de você enxergar nos olhos dessas pessoas e ver esse desespero que é pra você *tá* tendo seu local na sociedade mesmo que ele seja pequeno.

Renata: Cara, eu acho que esse negócio que Felipe falou, a citação dessa série, enquanto ele falava, eu fui literalmente pensando nisso. Achei isso muito legal. Porque você parando pra analisar a série, é realmente isso. Eu não lembro direito o nome do personagem, mas eu acho que era Simon, algo do tipo. Ele “assim, eu prefiro que a linhagem acabe em mim do que, tipo assim, algo de errado aconteça”. Sabe? E, tipo assim, você preferir sacrificar, tipo assim, “caraca, eu tenho que fazer qualquer coisa, qualquer coisa pra manter isso”. Mas ele viu que, tipo assim cara, não tinha o que ele fazer, entendeu? Ou ele tinha a questão lá do filho dele ou então a linhagem pararia nele mesmo por um bloqueio infantil dele – e isso não vem ao caso – ele preferiu, tipo, perder a vida, sabe, do que arriscar. Então, assim, eu acho que, não discordando da minha fala, mas eu também concordo com o que Felipe indagou.

Carolina: É, conforme a gente vai ouvindo, a gente vai pensando de todos os pontos.

[pausa]

Pesq.: Vocês querem fazer mais algum comentário?

Renata: Cara, por mim não.

Pesq.: Então, é... essas duas tarefas que a gente fez hoje, que a gente discutiu hoje, encerram esse primeiro encontro. Acho que foi muito produtivo, vocês falaram muita coisa. Inclusive, Felipe, essa sua última fala sobre essa questão de trazer um pouco os hábitos que a família

tem, sabe? Tipo, a gente herda coisas da nossa família e aí a gente acaba tendo gostos parecidos não é porque a gente quer, mas porque você *tá* naquele meio e é o que você conhece, sabe? Isso é muito forte dentro dessa teoria do Bourdieu, que é esse sociólogo aqui que traz essas questões dos capitais. E eu acho que você ia gostar muito de ler. Eu tenho um livrinho, o nome é “10 lições sobre Bourdieu”, que é inclusive o livrinho que – se vocês olharem aqui embaixo na fonte (*fazendo referência ao texto da tarefa 2*) – de onde eu tirei esses textos pra essas tarefas: 10 lições sobre Bourdieu. Eu acho que vocês iam gostar de ler, especialmente Felipe porque, assim, a sua fala *tá* muito próxima a algumas coisas que ele pontua nessa teoria. Então, bacana! Eu trouxe, assim, um pedacinho de nada do livro pra gente começar a conversar. Mas se vocês tiverem interesse depois eu posso emprestar o livro ou a gente conversa mais sobre isso porque eu vi que é um tema que vocês gostam muito de falar sobre, né? E vocês vão trazendo vários desdobramentos, várias ramificações, que eu nem esperava que vocês iam falar. Então, muito legal! Pra encerrar, então, hoje quero falar com vocês o seguinte: a tarefa que eu vou passar pra vocês, que é a Tarefa 3, pra vocês fazerem cada um no seu tempo. Vai ser o seguinte: eu vou apresentar alguns perfis de alguns personagens e eu vou pedir pra vocês posicionarem esses personagens de acordo com um eixo. Tipo um plano cartesiano, então é um eixo vertical e um eixo horizontal. E aí, no eixo vertical vai estar relacionando o poder aquisitivo: alto poder aquisitivo em cima, baixo poder aquisitivo embaixo. E no eixo horizontal, vai estar relacionando experiências e produtos. Então, num extremo vai estar as experiências e no outro extremo, vai estar o consumo de produtos. E aí, eu vou descrever o perfil de um personagem e esse personagem vai ser representado por um pontinho. Eu quero só que você arraste esse pontinho e posicione ele nesse plano de acordo com o perfil que vocês vão ler. Tranquilo? Lá tem três exemplos já prontos, eu já coloquei três perfis já com o pontinho posicionado pra vocês tomarem como referência, depois eu peço pra vocês fazerem isso algumas vezes com outros perfis. Tudo bem? E aí em cada quadro... são tipo slides, que você vai entrar no site, vai colocar o seu nome – eu vou mandar o *link* pra vocês pelo *whatsapp* –, vai colocar o seu nome e aí vai aparecer no cantinho assim “próximo”, “próximo” e “anterior”. Vocês podem ir ler os da frente, responder, voltar, responder os de trás. Então pra cada slidezinho, pra cada perfil de personagem, você vai posicionar o ponto e vai ter uma caixinha de texto onde você vai justificar por que você posicionou o cara naquele pontinho. Beleza? E a Tarefa 3 é basicamente isso. Então nosso encontro de sexta-feira... ah, quando vocês fazem isso não precisa salvar, já fica salvo automaticamente no site. Então, antes do nosso próximo encontro eu vou entrar, vou ver as respostas de vocês e aí no nosso próximo encontro a gente vai

discutir essas respostas. Eu vou fazer algumas perguntas e a gente vai conversar sobre essa tarefa pra, no sábado, a gente dar continuidade com a nossa Tarefa 4. Tudo bem?

Carolina: Beleza!

Rosa: Beleza!

Pesq.: Vocês têm alguma pergunta?

Renata: Tranquilo!

Rosa: Tranquilo, de boa.

Pesq.: Vocês gostaram desses temas que a gente conversou hoje?

Carolina: Sim.

Rosa: Gostei muito!

Renata: Na moral, eu particularmente poderia fazer isso todos os dias.

Rosa: Ah, eu também, gente! Eu amo falar sobre isso, cara. Falar sobre essas coisas assim...

Pesq.: Que bom! A gente vai acabar voltando nesses temas que vocês levantaram hoje nas próximas tarefas. Porque é tipo uma visão sociológica sobre as questões que a gente vai debater nas próximas tarefas. Por isso que essas tarefas eram as primeiras. Mas a gente vai conversando então nos próximos encontros, tudo bem? Vou encerrar aqui a gravação e vou mandar pra vocês no grupo do *whatsapp* o *link* pra vocês fazerem a Tarefa 3. Aí quando vocês fizerem só dá um *ok* lá pra mim pra eu poder olhar depois, pra eu saber quem já fez pra eu ir analisando, *tá?* Antes do nosso próximo encontro.

Rosa: De boa.

Felipe: Beleza.

Carolina: Beleza.

APÊNDICE C – Transcrição da gravação do segundo encontro da pesquisa de campo

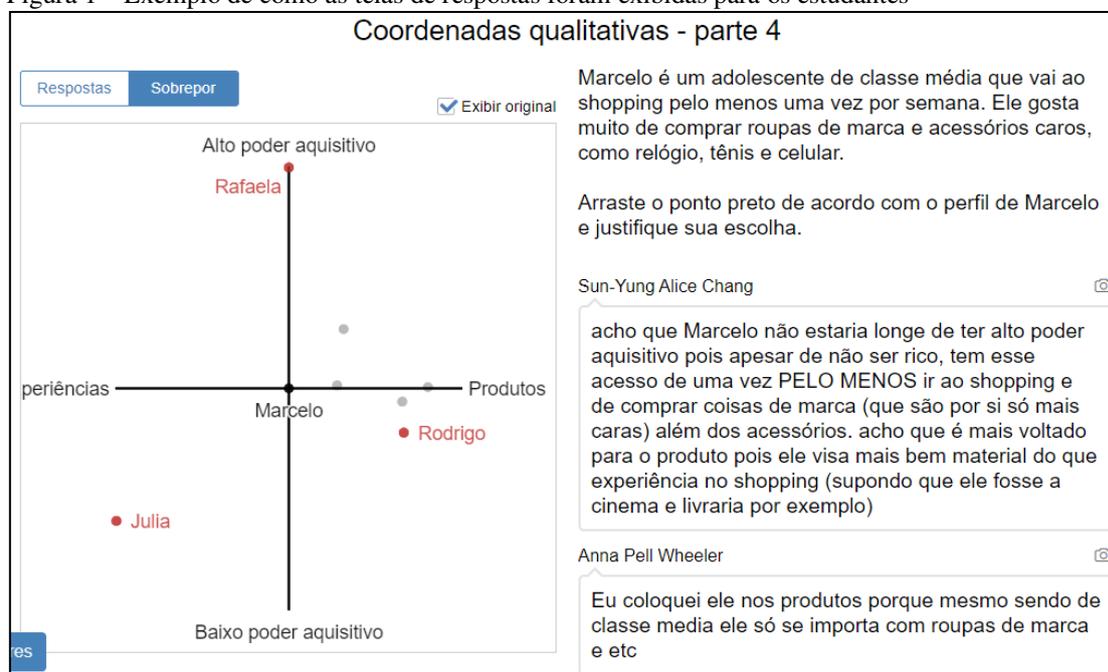
Data: 05 de fevereiro de 2021

Duração: 30 minutos

Estudantes presentes: Carolina, Felipe e Rosa

Pesq.: Então, gente. Eu pedi pra vocês fazerem, entre um encontro e outro, a Tarefa 3 que é de coordenadas qualitativas, onde a gente apresenta alguns perfis de personagens e pede que vocês posicionem eles em um eixo que *tá* relacionando verticalmente o poder aquisitivo e horizontalmente o consumo de produtos e/ou de experiências. E aí, a gente já colocou lá três exemplos pra vocês e pediu pra vocês posicionarem os outros indivíduos, justificando as escolhas, certo? E aí, no encontro de hoje, que é o nosso segundo encontro, a gente vai discutir algumas coisas sobre essa Tarefa 3, beleza? Antes da gente começar, deixa eu mostrar uma coisa interessante aqui pra vocês: como aparece pra mim as respostas de vocês. Eu coloquei anônimo pra vocês não verem quem respondeu o quê e essas aqui foram as respostas sobre o Marcelo, o primeiro perfil (*exibindo a tela com as respostas dos estudantes registradas*).

Figura 1 – Exemplo de como as telas de respostas foram exibidas para os estudantes



Fonte: dados de pesquisa.

Pesq.: Então, depois a gente pode vir aqui, olhar e comparar como cada um de vocês posicionou o Marcelo e a gente pode fazer um bate papo sobre isso, se for do interesse de vocês, se vocês quiserem conversar. (*continuando pra próxima tela*). Oh, esse é do Vitinho.

Ele foi posicionado em lugares diferentes, estão vendo? Então a gente pode conversar sobre isso também. Mas antes da gente conversar sobre isso, vou fazer pra vocês algumas perguntas sobre como foi fazer essa Tarefa. Então vamos lá... tudo bem até aqui, gente? Falei muito rápido?

Carolina: Tudo bem!

Rosa: Tudo bem.

Pesq.: *Tá*, então, primeira pergunta que eu faço pra vocês é a seguinte: Qual personagem que você teve mais dificuldade pra posicionar no eixo de coordenadas qualitativas? E por que que você teve dificuldade?

Felipe: Eu não lembro o nome, mas é o que ia pro shopping pelo menos uma vez e comprava as *paradas* ainda.

Pesq.: Marcelo? Por quê?

Felipe: Acho que, assim, acho que esse do Marcelo e o que era enfermeiro.

Pesq.: Vou colocar assim, porque acho que fica mais fácil pra vocês... (*tirando a tela com as perguntas e apresentando novamente os perfis com os eixos de coordenadas qualitativas*)

Carolina: É, o Vitinho! Eu tive bastante dúvida nele.

Felipe: Vitinho e o Marcelo eu acho que foram mais complicados, assim, pra...

Pesq.: Por quê?

Felipe: Porque, tipo, por exemplo: o Marcelo, ele vai pro shopping pelo menos uma vez por semana etc e tal, mas no shopping também pode ter experiência no quesito cultural, de como eu falei, tipo livraria, cinema, etc e tal. Mas aí o enunciado fala que ele compra muita coisa de marca, então eu botei ele mais voltado pra produtos, mas se desse pra botar, eu colocaria um pouco de experiência também. Não tanto quanto produtos, mas também.

Pesq.: Uhum, e o Vitinho?

Felipe: O Vitinho, tipo assim, eu acho que ele tem o poder aquisitivo alto por causa da profissão dele, mas ele continua tendo mais *coisa* pra experiência. Sendo que tipo assim, em teoria, ele também teria que gastar com produto, porque é um esporte então, tipo assim, tem prancha, manutenção da prancha, curso de surf, cuidado com a pele na praia, produto solar, etc, etc. Então dependendo da situação que ele *tá* inserido ia ter... ia variar entre produto e experiência. Mas eu acho que ele *tá* mais voltado a experiência do que produto mesmo.

Rosa: Não, no Vitinho? Eu coloquei ele em baixo poder aquisitivo porque ele *tá* fazendo estágio. Tem alguns estágios que não pagam tanto quanto outros. Então eu botei baixo poder aquisitivo e mais experiência por conta que ele surfa, né? Enfim...

Felipe: Por ser estágio de enfermeiro eu achei que ele fosse ganhar mais, então eu botei mais alto.

Carolina: No caso do Vitinho, eu relacionei ele com a Julia, né? Porque ela também... eu tive dificuldade em relacionar eles dois. Porque a Julia... eu tinha até conversado isso com Natasha. A Julia trabalha em dois empregos, mas não falou qual emprego. Então não sei quanto ela ganha. Mas por ser dois empregos, vamos supor que ela ganhe consideravelmente, um valor razoável. Só que a família dela é humilde. Eu pensei “hm, será que ela ajuda a família dela?”. Aí eu fiquei me questionando com essas coisas. E o Vitinho, será que ele tem ajuda de alguém? Porque em questão de estágio, por ser estágio também considere que ele deve ganhar menos que a Julia, por conta de ser um estágio e ela ter dois empregos. Eu fui relacionando essas coisas. Então eu coloquei que o Vitinho ganhava menos do que a Julia e os dois em relação a experiência. Porque ela viajava por conta do autoconhecimento dela, então eu considere que ela se interessava mais na parte da experiência. E o Vitinho também, comprava as coisas, os equipamentos, né? Então coloquei ele um pouquinho mais pra cá (*indicando o lado direito com a mão*) em relação ao produto, só que ainda na parte de experiência, sabe? Só que mais pra direita.

Pesq.: Aqui, assim, né? (*apontando com o cursor do mouse*) Mais pra direita mas pertinho da Julia.

Carolina: Isso, isso, isso!

Pesq.: Mais pra baixo, você falou, né?

Carolina: É, um pouquinho mais pra baixo. Mas próximo da Julia, sabe? Nada muito considerável.

Pesq.: Uhum. Alguém quer comentar alguma coisa sobre essa pergunta ainda?

Felipe: Não.

Rosa: Por mim, não.

Pesq.: Beleza! Letra (b): O que significa consumir produtos e consumir experiências pra você?

Felipe: Acho que, tipo assim, produto também traz experiência de certa forma. Porque você pode comprar essas *paradas* pra poder ter essas experiências. Tipo esse negócio que eu falei do surf, ele pode comprar a prancha e pagar o curso pra ele poder aprender a fazer isso com maestria. Mas consumir experiências eu diria que é mais você estar mais ali e aproveitar o estar ali do que o que vem depois de preocupação com isso, tipo... [pausa] sei lá, tipo assim, quando você compra o curso de surf, por exemplo, você vai estar pensando que você vai ter isso a longo prazo, você vai surfar a longo prazo. Você vai pra região dos lagos e você vai

surfear quantas vezes ao ano, porque quantas vezes você vai viajar, etc e tal. Eu acho que o consumo de experiências é mais pra isso. E o produto seria mais na questão de você fazer isso e a longo prazo da experiência. Mas eu não sei se a pergunta está interligando as duas.

Pesq.: A pergunta é o que significa pra você. Então se você interligou, pode falar o que vier à sua cabeça. Fica tranquilo quanto a isso.

Carolina: Bom, consumir produtos eu acho que é um negócio mais superficial, né? Mas é o que a gente mais tem no dia a dia. A gente compra produto o tempo inteiro. Então a gente acaba indo mais pra esse lado do que a questão da experiência, só que a experiência agrega mais valor pra gente. Sei lá, a gente se diverte muito mais numa praia, eu acredito né, com os amigos, assim, algo que a gente goste de fazer ao ar livre, do que trancado dentro de um quarto vendo *Netflix*, que é algo meio superficial, sabe? Mas, claro, você pode agregar conhecimento dependendo da coisa. É o que Felipe falou, você pode adquirir um produto pra, a longo prazo, você estar tendo experiência por conta disso. Só que no dia a dia assim eu acho que é mais superficial você consumir produtos. É de muito mais valor você ter experiências, né? Pelo menos eu acho mais divertido, sei lá, viajar, ir pra praia, passear, essas coisas assim.

Pesq.: Beleza. E você, Rosa?

Rosa: Eu acho que tem algumas coisas que a gente compra que dão uma experiência pra gente, assim. Eu pensei na bússola, globo terrestre, alguns exemplos, né? Eu acho que ficar trancado vendo *Netflix* dentro de casa não é bom. Eu valorizo muito as experiências, sabe? Ir na praia, ficar com a minha família, sabe? Outra opção minha é que eu não tiro foto quando eu tô na rua, quando eu tô fazendo alguma coisa. Eu gosto de deixar na minha memória, eu gosto de viver a experiência. Então eu acho que o produto pode trazer pra gente a experiência tal, mas é bom a gente experimentar de outra forma. Enfim...

Pesq.: Beleza! Alguém quer falar mais alguma coisa? [pausa] Não? Tá! Próxima pergunta: Onde você posicionou o Marcelo no sistema de coordenadas qualitativas e por quê? Aí eu vou mostrar aqui pra vocês o Marcelo (*exibindo na tela as respostas dos estudantes de maneira anônima*). Onde que você posicionou e por que você posicionou nesse lugar? Vocês podem ver que as respostas variam um pouco. Os pontos não estão todos exatamente no mesmo lugar, né? Mas varia pouco também. Então, por que você posicionou o Marcelo dessa forma?

Rosa: Eu posicionei em baixo poder aquisitivo. Mais pro produto, como ele valoriza roupa de marca, acessório, essas coisas, eu botei mais nesse lado assim. Porque ele não tem tanto dinheiro assim e fica gastando dinheiro com coisa, roupa de marca e acessório, por isso que eu botei ele mais pro lado de produto mas também em baixo poder aquisitivo, sabe? Por conta, assim, dessas características.

Carolina: Bom, como *tava* falando que ele é classe média, eu fui comparando ele com o Rodrigo. Porque o Rodrigo também gosta de consumir quase as mesmas coisas que ele, só que ele tem um baixo poder aquisitivo. E como ele é classe média, eu coloquei ele um pouquinho acima do Rodrigo, bem ali na linha, nem alto e nem baixo, literalmente no meio, só que bem mais pro produto porque se o Rodrigo *tava* nesse ponto aí e ele tem um maior poder aquisitivo que o Rodrigo por ser classe média, eu considere que ele tem um pouquinho mais de poder e coloquei mais pro lado de produto porque provavelmente ele deve comprar mais coisas.

Pesq.: Felipe quer falar?

Felipe: Eu acho que o meu está bem explicado aí do lado, no caso.

Pesq.: É, está bem grande. (risos) Beleza! Próxima pergunta: as informações sobre o Vitinho foram suficientes para orientação quanto ao eixo vertical? (*exibindo a tela com os eixos e a descrição do perfil de Vitinho*) Essas informações aqui que a gente falou sobre o Vitinho foram suficientes pra você saber onde posicionar o pontinho dele verticalmente, tipo mais pra cima ou mais pra baixo?

Felipe: Eu acho que poderia ter mais detalhes.

Carolina: É, eu também tive um pouco de dificuldade porque eu não sei ele quanto ganha no estágio dele. Acho que varia também bastante. Então, já tenho uma dúvida nesse ponto. E também se ele tem outros gastos, se ele se banca sozinho, tudo isso.

Rosa: Ou se ele faz estágio pra bancar a família dele, a gente não sabe. Então acho que se tivesse mais informações ia ser bom, né? Pra saber onde colocar ele, né?

Pesq.: Então, pra eu entender: se ele mora sozinho, se ele banca a família, é isso?

Carolina: É, se ele paga suas contas próprias ou se ele vive com os pais dele. A questão do equipamento também, o que Felipe tinha até comentado, o valor do protetor solar, essas coisas.

Pesq.: Beleza! Próxima pergunta: quais tipos de gastos podem estar atrelados à realidade de Joana? Quais tipos de passeios ela pode realizar sem comprometer seu salário?

Felipe: Eu acho que, tipo, os gastos seriam coisas básicas da casa, tipo compra do mês. Mencionou que ela tem filhos, então, talvez escola, material, comida das crianças, mas nesse meio tempo aí se elas almoçam na escola, se a escola oferece comida ou não, se elas tem que comprar lanche. Aparentemente por ela ter dois empregos pode significar que ela tenha que ajudar mais em casa ou só que um emprego não daria conta pros filhos dela e pra ela

sobreviver, não sei dizer também.³¹ E eu acho, tipo, os passeios deveriam ser coisas pique Campo do São Bento com direito a tipo, lanche mais tarde. Ou passeio na praia e aí, depois, come alguma coisa. Esse tipo de coisa assim. Ou cinema, playtoy, essas coisas do tipo.

Carolina: Joana acho que era atendente de farmácia, alguma coisa assim, né? No caso dela, é a mesma coisa que Felipe falou: os gastos com a filha, porque eu também não sei a idade da filha. Eu pensei “hm, se for pequena é fralda, se for maior é escola”, tudo depende também disso. Mas o gasto com a filha com certeza. E os tipos de passeio, eu pensei em shopping, tipo passear e depois tomar um lanchinho, sabe? Nada de fazer compras, essas coisas. Ou, então, o que Felipe falou mesmo de praia, Campo do São Bento.

Rosa: Eu pensei... ué, caiu?

(risos)

[Os estudantes continuaram conversando sobre a chuva forte que caía no dia. Após a reconexão da pesquisadora, o diálogo sobre as tarefas continua.]

Pesq.: Oi, gente! Vocês estão me ouvindo? A internet caiu...

Felipe: Até onde você ouviu?

Pesq.: Ouvi você falando dos gastos da Joana e do fato dela ter dois empregos. Aí eu te perguntei por que você falou que Joana tem dois empregos.

Carolina: Ele se confundiu com a Julia! (risos)

Felipe: É? Confundi? Não lembro! (risos)

Pesq.: Deixa eu te mostrar. *(a pesquisadora compartilhou a tela novamente e mostrou a descrição do perfil de Joana)*

Felipe: Ah, eu confundi, então... faz sentido!

Pesq.: Você quer mudar, então, as coisas que você disse?

Felipe: Não, em relação ao que está escrito ali eu acho que não. Eu só confundi realmente se ela tinha dois empregos ou não. Isso muda bastante o quadro. Mesmo assim acredito que atendente de farmácia não seja uma grana boa, assim. Mas eu mantenho a coisa de que não seriam coisas exuberantes pra um passeio, etc.

Pesq.: Tudo bem. Então que tipo de passeio ela poderia fazer?

Felipe: Eu tinha falado coisa tipo Campo do São Bento com lanche depois, aqueles balões que vende lá de coisa do Campo do São Bento, parquinho, essas *paradas* assim. Ou até ir pra praia e aí ter esse tipo de brincadeira, essas coisas do tipo, cinema de vez em quando, por aí vai.

³¹ Neste momento a internet da pesquisadora caiu, pois estava chovendo muito forte no dia do encontro. Mas as falas foram registradas na gravação.

Pesq.: Com as crianças, então?

Felipe: Sim, sim, com as crianças.

Rosa: Assim, eu acho que o shopping com salário de atendente não vai pra um Plaza³² da vida, porque o Plaza é caro pra caramba. Mas acho que um São Gonçalo, um Partage³³, alguma coisa desse tipo acho que ela iria sim.

Pesq.: Quem estava falando depois de Felipe na hora que eu caí?

Carolina: Era eu. Eu falei que por ela ser atendente de farmácia, ela não deve ganhar muito bem, né? E também varia a questão da idade da filha dela. Porque se for pequena, gasta com fralda. Se for maiorzinha, gasta com escola. Tudo isso. Mas só por ela ter uma filha já é bastante gasto, né? Então os passeios dela devem ser... concordo com o que Felipe falou de São Bento e praia. Eu tinha comentado sobre passear no shopping e também veio na cabeça parquinho, sabe? De rua, essas coisas assim. Aí lancha, essas coisas.

Pesq.: Beleza! Podemos seguir pra próxima então?

Rosa: Sim.

Pesq.: A próxima pergunta é o seguinte: O que o Neymar não consegue comprar ou experimentar?

[pausa]

Felipe: Assim... (risos)

Carolina: O país?

Felipe: Ele não compra título, não compra prêmio. Ou depende também, o juiz talvez. Sei lá, acho que ele não compra tanta coisa do mesmo em abundância, sabe? Tipo, eu acho que ele não conseguiria comprar 50 carros em um ano. Assim, eu acho. Coisas do tipo assim... mas de experiência, é aquele negócio que eu tinha falado antes, que tipo assim, não importa você estar comprando 500 cursos, 500 certificados, que se você não se dedicar àquele negócio ali você não vai ter a experiência do mesmo jeito.

[pausa]

Rosa: Assim, eu não sei como é a vida dele, né? Sem ser aquele holofote Neymar, Neymar jogador, tudo *tananá*. Não sei como é a vida dele. Mas acho que ele *tá* perdendo... assim, tem alguns famosos que tipo a fama sobe um pouquinho pela cabeça e fica meio... tipo assim, perde as coisas mais simples da vida, assim, sabe? Perde as coisas mais simples da vida. Tipo, ficar com a família num almoço de domingo, acho que ele *tá* perdendo um pouco de tipo assim... não sei como é a família dele e tal, eu não sei. Mas muitas pessoas que estão assim

³² Shopping localizado na cidade de Niterói – RJ.

³³ São Gonçalo Shopping e Partage Shopping são dois shoppings localizados na cidade de São Gonçalo – RJ.

muito famosas não conseguem valorizar um almoço de domingo, experiências mais simples, sabe? Não fazer uma festa em Angra³⁴ grandona pra todo mundo e, tipo assim, entendeu? Fazer coisas mais simples assim, sabe?

Pesq.: Entendi, mas isso está relacionado com o poder de compra dele?

Rosa: É porque, assim, ele é famoso, tem dinheiro *tanantananã*. Ele pode comprar quantas coisas ele quiser, quantas coisas que ele quiser na hora *tanantananã*. Eu acho que, por conta dele ter tanta coisa, acho que a experiência meio que se afasta, assim, sabe? Sei lá, sabe aquelas pessoas que sonham em ter seu primeiro carro? E o Neymar *tá* lá, tipo, comprando vários carros. Essas coisas assim, sabe? Então eu acho que é meio que assim que eu relaciono as coisas.

Pesq.: Beleza! Carolina, tem alguma coisa pra dizer?

Carolina: Olha, realmente eu não sei... é isso mesmo. Um país inteiro acho que ele não compra, o governo, algo do tipo. Agora, o resto... (risos)

Pesq.: Tudo bem. Última pergunta: você usou os primeiros pontos marcados como base, aqueles vermelhinhos dos três primeiros exemplos... você usou como base pra marcar os próximos comparativamente? Justifique sua resposta.

Carolina: Usei os que eram próximos um do outro. A Julia com o Vitinho, que era mais pro lado da experiência e também a questão da situação financeira. O Rodrigo com o Marcelo porque eles também gostam de comprar as mesmas coisas. Por aí... e aquela riquinha lá com o Neymar, aquela no máximo de tudo.

Pesq.: A Rafaela?

(Carolina acenou com a cabeça afirmativamente.)

Rosa: Eu não usei não. Eu fui mais pelo enunciado mesmo. Eu fui vendo ali, pela experiência de renda concebida que conheço coisa. Eu não usei muito os pontos. Eu vi como era pra fazer, mas eu não me baseei muito naquilo não. Eu usei mais baseado no enunciado mesmo.

Felipe (no chat): Não todos. Vi e não ficou totalmente gravado na cabeça. Mas em comparativo do que lembrava, sim, dá pra usar de base. Mas não foi o que levei mais em consideração. Considerei mais o enunciado que nem Rosa.

Pesq.: Beleza! Bom, as perguntas norteadoras que eu tinha preparado são essas. O próximo slide já é sobre o Encontro 3, que vai ser amanhã. Eu queria saber se vocês querem comentar mais alguma coisa. Essa atividade trouxe alguma reflexão pra vocês? Vocês pensaram em alguma coisa? Querem comentar alguma coisa sobre ela?

³⁴ Cidade de Angra dos Reis – RJ

(Felipe acenou com a cabeça negativamente)

[pausa]

Pesq.: Vocês acharam que eu ia perguntar alguma coisa que eu não perguntei?

Carolina: Não, eu achei que você fosse realmente pedir pra gente explicar os nossos pontos de vista, essas coisas mesmo.

Rosa: Eu achei que você ia falar meio que da nossa família, você perguntou como era nosso parente, como que ele é das coisas assim... se é com produtos, experiências, essas coisas. Pensei que você ia perguntar sobre isso, mas... tirando isso...

Pesq.: Vocês escolheram parentes que são próximos de vocês?

Carolina: Sim!

Rosa: Escolhi, sim.

Pesq.: Pessoas que moram com vocês ou não?

Rosa: A minha não mora comigo não. Mas eu vejo ela quase todos os dias.

Carolina: Praticamente, mora no quintal de trás.

Pesq.: Beleza! Uma última pergunta que eu *tava* pensando: quando vocês se posicionaram, no último gráfico, vocês levaram em consideração a herança de família, tipo assim “ah, meus pais têm uma situação boa, então eu tenho uma situação boa” ou vocês consideraram vocês isoladamente?

Rosa: Eu considere eu. Só eu, eu.

Pesq.: E aqui, como você se marcou então? *(exibindo a última tela da atividade de coordenadas qualitativas)* Você só se considerou... você tem renda financeira?

Rosa: A minha família tem uma renda boa, não é ruim, ela é de classe média, nem alta, média mesmo. Eu considere mais eu, assim. Eu sou uma pessoa meio mão de vaca, eu vou pra rua pra comprar o que eu quero. Eu não vou pra rua pra ficar passeando no shopping, essas coisas não. Até quando eu vou no shopping eu não vou em loja de roupa, eu sou convencida a ir na loja de roupa, não vou porque eu quero. Enfim... mas é como eu falei, eu considero mais a experiência. Eu não gosto muito de tirar foto, tipo assim tirar foto nos lugares. Tipo eu estou na praia, “ah, vamos tirar uma foto”, eu tiro foto porque sou praticamente obrigada. Minha mãe fala “Rosa, vamos tirar foto!” e eu vou obrigada porque eu não gosto de tirar foto. Eu gosto mais de viver a experiência. Eu gosto mais de estar lá pra viver, pra deixar na minha memória, eu sou uma pessoa muito assim, sabe? Então eu me coloquei mais na experiência porque eu sou meio mão de vaca. Enfim...

Pesq.: Entendi. Mas aí você olhou, nesse caso, com relação a experiências e produtos. Mas, com relação ao poder aquisitivo, você olhou pra você individualmente ou pro poder aquisitivo da sua família?

Rosa: Não, minha família mesmo. Eu sou meio classe média, assim, mais ou menos. Eu não sou tão alta, mas também não é aquela coisa tão baixa.

Pesq.: Entendi. Carolina e Felipe?

Carolina: Eu considerei a questão mensal mesmo, assim, da minha família, até porque se eu fosse botar renda, não tem nada na minha, no caso, né? (risos) Eu considerei basicamente isso.

Felipe (no chat): Considerei o acúmulo mesmo, tipo por exemplo, o fato de que há poupanças divididas: tem uma poupança destinada aos meus estudos que foi juntando através dos anos, outra pra gastos comuns da casa e afins e por ai vai. Meu pai é economista então sempre dividimos bem esses lados, prezamos pelas experiências pq ele trabalha das 7h até 22h no Rio, Sulamerica, e fica exausto, é mais voltado pra diversão como pra distrair os estresses cotidianos. Quando focamos em produtos, também era algo pra divertimento, por exemplo: tínhamos o costume de comprar kindle³⁵ pra leitura.

Pesq.: Bacana. Quando eu falo “classe média”, pra vocês a classe média nesse eixo vertical está onde?

[pausa]

Carolina: Bem no meio, né?

Pesq.: Em cima da linha?

Carolina: Sim.

Rosa: Naquela origem, né? No meio, assim.

Felipe (no chat): Acho que ele é bem centrado.

Pesq.: Quando você fala “bem centrado” é desse jeito que as meninas estão falando?

Felipe: É porque varia do que cada um prioriza, né? Se vai pra experiência ou produto, porque classe média normalmente pode ir pros dois.

Pesq.: Sim, beleza! Mas olhando verticalmente só, a classe média vai mais pra baixo, vai mais pra cima, fica bem no meio da linha...

Carolina: Eu fiquei em dúvida até na questão da nomenclatura. Tanto é que quando eu *tava* falando aqui da minha avó, da parente próxima, eu coloquei barrinha porque eu fiquei em dúvida real se era classe média, classe média alta, como é que isso se chamava.

Pesq.: Entendi.

³⁵ Dispositivo feito para leitura de livros digitais.

Felipe: Concordo com elas.

Pesq.: Pra vocês, essa classificação de classe média baixa, classe média e classe média alta é um pouco complicado ainda?

Carolina: É porque eu fui pesquisar em questão de valor mesmo, pesquisei no Google o número exato. Eu fiquei “ah, mas será que alto não é muito lá em cima?”. Mas também média não é considerada um valor muito baixo, fiquei em dúvida nisso.

Pesq.: Entendi.

Felipe (no chat):É meio confuso, mas da pra entender a diferença.

Carolina: É porque no dia a dia a gente acaba falando classe média. Só que em questão de quando a gente vai ver o valor, acaba sendo um pouco mais baixo, sabe?

Pesq.: Tudo bem. Acho que é isso então. Por hoje a gente só vai conversar sobre isso. Amanhã a gente vai conversar sobre as nuvens de pontos. E aí, o que são nuvens de pontos? Pensem comigo: cada pessoa, cada indivíduo, vocês posicionaram em um local desse plano cartesiano, né? Um plano de coordenadas qualitativas, nessa Tarefa 3. Então, cada pessoa está posicionada em um certo lugar do plano, de acordo com as características dela, beleza? Uma nuvem de pontos é uma nuvem que tem várias pessoas posicionadas e cada pessoa é um ponto. Então é um gráfico que gera uma nuvem com vários pontos. E aí o que a gente fez: eu peguei aquele formulário que vocês responderam lá em novembro, que a turma toda respondeu, e eu gerei algumas nuvens de pontos a partir dele, com as informações que vocês me deram, com as coisas que eu perguntei lá no formulário. E a gente vai olhar um pouquinho pra alguns desses gráficos aqui que eu gerei e vai conversar sobre. É basicamente isso a Tarefa 4, tá? Aí depois tem umas perguntinhas pra gente discutir e é isso! Tudo bem?

Carolina: Tudo bem.

Pesq.: Amanhã a gente conversa mais sobre isso.

Rosa: Tranquilo.

Pesq.: Agradeço a vocês mais uma vez, pelo tempo de vocês e por estarem contribuindo pra nossa pesquisa.

APÊNDICE D – Transcrição da gravação do terceiro encontro da pesquisa de campo

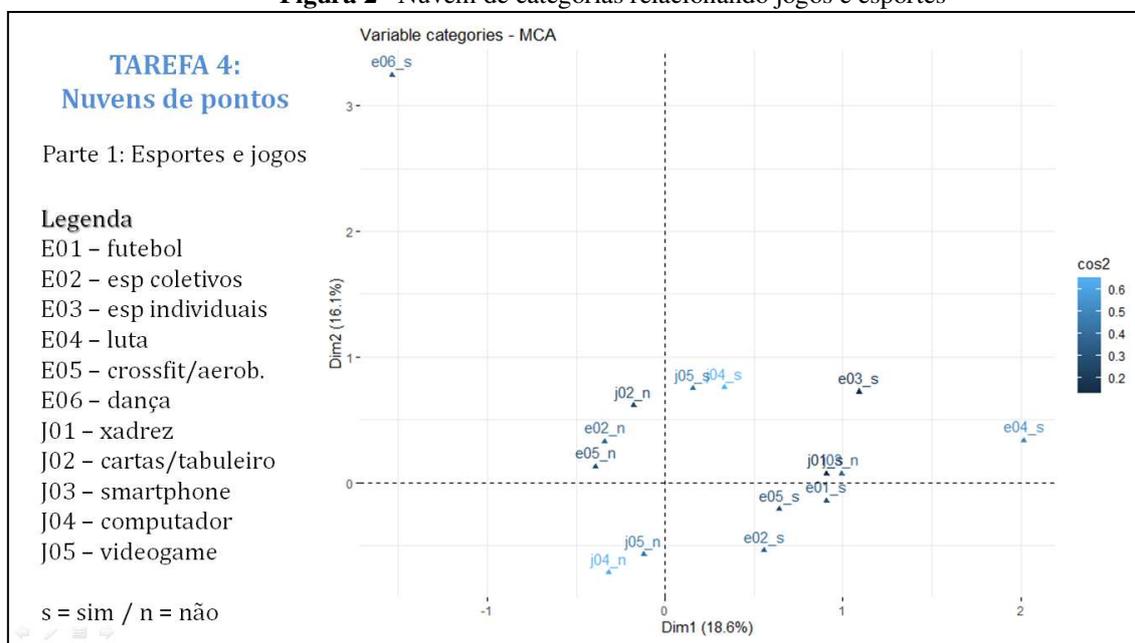
Data: 06 de fevereiro de 2021

Duração: 1 hora e 53 minutos

Estudantes presentes: Carolina, Felipe e Rosa

Pesq.: Os gráficos que eu vou mostrar a seguir foram construídos a partir dos dados coletados no formulário que vocês preencheram lá em novembro. Nós vamos tratar de dois assuntos: na primeira parte jogos e esportes e na segunda parte gostos. Cada pessoa que respondeu ao formulário vai ser representada por um pontinho colorido no gráfico. E a posição de cada um foi definida a partir de uma análise estatística, considerando as respostas dadas por vocês. Nós vamos analisar dois tipos de gráfico: os gráficos de categorias e gráficos de indivíduos (de pessoas). As categorias são possíveis respostas de cada pergunta, por exemplo: "você costuma jogar futebol?" tem duas respostas possíveis, as categorias "sim" e "não". São essas categorias que vão determinar o posicionamento de cada indivíduo de acordo com suas respostas nessa nuvem de pontos. A análise estatística identificou algumas similaridades e diferenças entre as preferências de vocês. Então, a primeira nuvem ficou assim:

Figura 2– Nuvem de categorias relacionando jogos e esportes



Fonte: dados da pesquisa.

Pesq. (continua): Eu poderia ter perguntado várias coisas diferentes pra vocês no formulário, por exemplo, sobre renda familiar. Então essa análise estatística utilizou só as informações que eu perguntei a vocês. Então, aqui, estamos olhando apenas pra questões relativas a esportes e jogos, que ainda assim foram limitadas, né? Pela abordagem que eu escolhi. Então,

por exemplo, esse "e02_n" representa a categoria de quem não pratica esportes coletivos. Reparem a legenda aqui do lado, o "e02" é esportes coletivos, o "s" significa sim e o "n" significa não. O "j05_s" representa as pessoas que costumam jogar videogame. Então eu quero que vocês observem essas categorias que estão distribuídas pelo plano e eu pergunto: por que vocês acham que isso acontece? Por que vocês acham que essas categorias ficam distribuídas pelo plano desse jeito?

Carolina: Porque cada um pratica um esporte diferente? Não entendi muito bem isso aí não.

Pesq.: Vou fazer uma outra pergunta pra ajudar: será que quem pratica dança costuma jogar xadrez?

Carolina: Acho que não, depende muito, né? Porque cada um tem um estilo, gosta de uma coisa...

Pesq.: Olhando pra esse gráfico aqui, onde está a categoria de quem pratica dança sim?

Felipe: Tá embaixo da linha do eixo 1.

Pesq.: Aqui embaixo? (*indicando com o mouse a categoria "e05_s"*)

Felipe: Uhum.

Pesq.: Olha só, quem pratica dança é o "e06", não é isso?

Carolina: É, não tá aí não, eu acho.

Pesq.: Onde que tá o "e06_s"?

[pausa longa]

Pesq.: Alguém já encontrou?

Carolina: Ah, tá lá em cima.

Pesq.: Aqui, né? [pausa] Felipe achou?

Felipe: Sim.

Pesq.: Então, vou perguntar de novo, será que quem pratica dança joga xadrez?

Felipe: Você tá querendo mostrar o quanto estão opostos no gráfico?

Pesq.: Eles estão opostos no gráfico?

Felipe: Parece, né?

Carolina: Quase isso...

Felipe: Estão distantes demais.

Pesq.: Onde que tá quem joga xadrez?

Carolina: Tá perto do eixo direito.

Pesq.: Aqui, né? (*apontando com o mouse para a categoria "j01_s"*)

Carolina: Isso.

Pesq.: "J01 sim". Então, as categorias que estão próximas representam muitas similaridades, compreendem? Então, quem dança, vocês acham que joga xadrez?

Carolina: Provavelmente não.

Rosa: Provavelmente não.

Pesq.: Beleza! Vamos olhar pro eixo x , o eixo horizontal. Quais categorias que se encontram mais à direita?

Carolina: "e04" e "e03".

Pesq.: Beleza, mas "e04 sim" e "e03 sim", certo? [pausa] E essas categorias representam o quê?

Rosa: Esporte individual e luta.

Pesq.: Beleza! Então, as pessoas que vão estar posicionadas mais à direita do eixo x costumam praticar luta e esportes individuais, beleza?

Rosa: Uhum.

Pesq.: E mais à esquerda, quais categorias estão posicionadas mais à esquerda?

Rosa: Cartas e tabuleiro...

Carolina: A dança, né? Que está lá em cima.

Pesq.: Uhum.

Rosa: Cartas e tabuleiro, esportes coletivos e crossfit.

Pesq.: Mas...

Felipe: Mas ele *tá* não, então o único sim é o de dança.

Pesq.: Beleza! Então do lado esquerdo... quais frases a gente pode falar sobre esse gráfico? [pausa] Frases livres, comentários que vocês podem fazer sobre ele.

[pausa]

Felipe: Quando a gente fez isso aí, qual era o nome dos eixos?

Pesq.: Então, os eixos estão sem nome por enquanto. A análise estatística que a gente usou organiza, ela posiciona essas categorias, de acordo com a frequência que as pessoas que responderam ao formulário escolhem essas categorias. Um exercício vai ser a gente nomear os eixos, eu vou pedir pra vocês darem nomes pros eixos. Vocês têm alguma sugestão?

Felipe: Não tenho a menor ideia.

Pesq.: Vamos olhar primeiro pro eixo x ? Quais categorias estão mais à esquerda? Vocês já me falaram...

[pausa longa]

Pesq.: Lembra que na Tarefa 3 que vocês responderam, ela relacionava consumo de experiências e produtos ao poder aquisitivo? Era o nome dos dois eixos, não era?

Felipe: Sim.

Pesq.: A ideia é que aqui vocês coloquem os nomes nos eixos. Só que pra gente fazer isso, a gente precisa observar essas categorias que estão posicionadas aqui, pra gente entender o que está mais à direita do eixo x , o que *tá* mais à esquerda do eixo x e, com isso, a gente consiga dar um nome pra ele. Então, por exemplo, observa esses jogos e esportes que estão aqui, essas categorias que estão aqui à direita. Elas têm alguma coisa em comum, alguma característica em comum?

[pausa]

Felipe: Cara, eu ia falar que eles são mais coletivos, só que literalmente tem os esportes individuais ali no meio quebrando minha teoria.

Pesq.: Esportes individuais estão aqui, né? (*apontando para categoria "e03_s"*)

Felipe: É.

Pesq.: O "j05" representa o que?

Felipe, Rosa e Carolina juntos: Videogame.

Pesq.: E o "j04"?

Felipe: Computador.

Rosa: Computador.

Pesq.: São categorias de sim ou de não?

Felipe: Sim.

Carolina: Sim.

Rosa: Sim.

Pesq.: E essas outras que estão aqui mais pra baixo, são de sim ou de não?

Felipe: De sim também, só que o "j... alguma coisa" aí *tá* "n".

Pesq.: O "j03" está "não".

Felipe: Então *smartphone*.

Pesq.: E do lado de cá? (*apontando pro lado esquerdo do eixo 1*) Quais categorias estão aqui?

Felipe: Só tem "não", exceto a dança ali em cima.

Pesq.: Beleza! Então a gente já consegue observar algumas coisas, né? [pausa] Por exemplo, vou fazer uma outra pergunta pra vocês tentarem me responder melhor o nome dos eixos: "j05" e "j04" que são computador e videogame, vocês acham que são coisas acessíveis pra todo mundo?

Carolina: Todo mundo, você fala da nossa sala, que respondeu isso? Ou no geral?

Pesq.: Não sei, pode ser da sala, se você quiser considerar.

Felipe: Acho que é...

Pesq.: Você acha que é?

Felipe: Acho que não é acessível.

Pesq.: Não é?

Felipe: É.

Pesq.: Mesmo dentro da sua sala?

Felipe: Sim.

Pesq.: Quem não joga o "j05" nem "j04", onde eles estão?

Carolina: Jogando coisa ao ar livre. Ou luta mesmo, esporte coletivo, individual...

Pesq.: Eu digo o seguinte: as categorias "não" pra "j04" e "j05", onde elas estão posicionadas aqui no plano?

Felipe: Embaixo.

Carolina: Na esquerda, ali embaixo.

Rosa: No eixo y, ali assim.

Pesq.: Isso diz alguma coisa pra vocês?

Rosa: Hm...

[pausa longa]

Pesq.: Vou dar mais um exemplo pra vocês pensarem.

Felipe: Peraí, peraí, peraí...

Pesq.: Tá bom.

Carolina: Parece mesmo que eles estão em posições opostas, porque o que tá "sim" tá num canto e o que tá "não" tá exatamente... quase na mesma reta, na diagonal no caso. E o "02_n" e o "05_n" tá também na mesma reta que o "02 sim".

Felipe: Por um momento eu pensei que o eixo 1 ia ser relacionado a baixo poder.

Pesq.: Você pensou que o eixo 1 pode ser poder aquisitivo, é isso?

Felipe: É, como se fosse isso. Porque o de "não" tá desse lado só, só o dança que tá lá em cima.

Pesq.: É uma possibilidade. Vamos pensar um pouquinho: do lado direito, as categorias são todas "sim", exceto por "j03". Qual é o "j03"?

Felipe: Smartphone.

Carolina: Celular.

Pesq.: Você acha que o alto poder aquisitivo tá do lado esquerdo ou direito?

Carolina: Esquerdo... não, pera, o alto?

Pesq.: É.

Rosa: Acho que direito.

Felipe: Direito.

Pesq.: Alto poder aquisitivo *tá* do lado direito?

Carolina: Uhum.

Rosa: É.

Pesq.: E baixo poder aquisitivo, do lado esquerdo. É isso?

Rosa: Sim.

[pausa]

Carolina: Mas cartas e tabuleiro *tá* ali também, né?

Pesq.: Cartas e tabuleiro *tá* onde?

Carolina: *Tá* do lado esquerdo, só que *tá* mais em cima. E com "não".

Pesq.: Uhum. Você acha que jogar cartas e tabuleiro é uma coisa acessível?

Carolina: Não é uma questão de ser acessível. É que é mais barato que celular, computador, essas coisas, entendeu?

Pesq.: Uhum. Vocês acham que entre o celular, o computador e o videogame têm uma diferença aqui do acesso, de ser acessível ou não?

Rosa: Eu acho que não.

Carolina: É na mesma faixa, dependendo, né?

Rosa: É a mesma coisa, mais ou menos.

Felipe: Eu acho que não porque o "j04" não é de computador? E *tá* mais a frente, olhando pra esquerda porque, tipo assim, computador ele realmente é mais caro que um videogame. Não *tá* falando notebook, porque computador você tem que comprar cada peça pra montar e quando você compra um inteiro ele também não é barato.

Pesq.: Mas as pessoas costumam comprar computador só pra jogar?

Felipe: Não.

Rosa: Pra trabalhar, pra estudar, como a gente *tá* fazendo agora, estudar online, trabalhar, fazer sei lá, listas do trabalho, um monte de coisa assim, né?

Pesq.: Vocês acham que é mais comum que uma casa tenha um computador ou um videogame?

Rosa: Computador.

Carolina: Computador que serve pra mais coisa, né? Videogame é mais pra jogar mesmo.

Pesq.: Entendi. E vocês acham que a pessoa tem mais acesso a um celular ou a um computador?

Felipe: Celular.

Rosa: Celular.

Carolina: Celular que é necessidade básica também do dia a dia. O tempo todo você tá falando com alguém, precisando mandar uma mensagem... já computador é um negócio que fica na sua casa, você não pode levar pros lugares, sabe?

Rosa: Só se for um notebook, né? Só se for um notebook, porque cabe dentro da bolsa.

Carolina: E até porque você pode fazer algumas coisas no celular também.

Pesq.: Entendi.

Rosa: Só se for um notebook, um MacBook, sei lá, aí dá pra você levar.

Pesq.: Vocês acham que mais adolescentes tem acesso a jogos de celular, de computador ou de videogame?

Rosa: Eu acho que celular.

Carolina: Celular.

Felipe: Eu também acho, de celular.

Pesq.: Entendi. E vocês acham que mais pessoas tem acesso a... por exemplo, olhando aqui pros esportes, qual vocês acham que é o mais acessível?

Felipe: Eu acho que são os individuais, os esportes individuais.

Pesq.: Os esportes individuais são golfe, natação, tênis de quadra.

Carolina: Olha, eu colocaria futebol, se tiver um grupinho ali você joga, não importa o lugar, você arranja um canto.

Felipe: É, o ponto do individual era que dava pra fazer sozinho, não ia depender mais de estar em algum lugar ou com outra pessoa, mas enfim...

Pesq.: Quais desses esportes aqui a gente precisa de mais equipamento, mais materiais que podem tornar menos acessível?

Carolina: Crossfit...

Felipe: É. E eu acho que futebol também porque tipo, se você for jogar, pelo menos profissionalmente, você precisa comprar chuteira, etc e tal.

Pesq.: Ah, mas eu acho que aqui não é muito profissionalmente, né?

Carolina: É mais no dia a dia, o menino bota um tênis qualquer...

Pesq.: Eu tô falando mais no lazer, né? Tipo, adolescente que gosta de jogar com os amigos, sabe?

Rosa: Então eu acho que é mais pra crossfit mesmo, aqueles aparelhos lá de corda, umas coisas lá que eu não sei. E acho que dança também, porque tem que ter um sapato muito bom pra dançar, um tênis bom. Se você for dançar uma dança específica como um sapateado, como balé, como jazz, por exemplo, você tem que comprar uma sapatilha boa, uma sapatilha

de ponta. E sapatilha de ponta é meio caro, se não dor dado pela própria escola. Então eu acho isso também.

Pesq.: Entendi.

Felipe: Tá maluco, cara! Eu pesquisei o preço de um Monopoly³⁶ e tá mais caro do que o que eu comprei pra luta.

Pesq. e Carolina: (risos)

Felipe: Eu tô falando sério, tá?

Pesq.: Deixa eu perguntar uma coisa: no crossfit você precisa comprar muita coisa? Eu tô perguntando de verdade, nunca fiz crossfit.

Carolina: Ah, não, não é nem questão de comprar, é o que... como fala? O lugar compra, né? Porque precisa de extra, essas coisas, aquelas cordas.

Pesq.: Se eu quiser fazer crossfit, qual investimento eu preciso fazer?

Carolina: Ah, tem que pagar a academia, né?

Pesq.: Mas eu não preciso comprar nenhum tipo de equipamento?

Carolina: Só roupa de academia, tênis, essas coisas mesmo.

Pesq.: Se eu quiser jogar futebol com meus amigos, eu preciso comprar algum equipamento?

Carolina: Que nada! (risos)

Carolina: É só ter uma bola, algum deve ter.

Rosa: Não. É só ter uma bola e vai...

Pesq.: E trave? Como a gente pode fazer?

Rosa: Usa o chinelo! Bota o chinelo pra fazer a trave...

Carolina: Chinelo! (risos)

Rosa: Bota o têniszinho, aí fica lá na trave.

Pesq.: Entendi. Se eu quiser jogar com meus amigos aqui da minha rua, algum esporte coletivo, tipo basquete ou vôlei, é tão acessível quanto futebol?

Carolina: Não porque já precisa de quadra, rede, aquele negócio que a bola entra no basquete, esqueci o nome...

Rosa: Garrafão?

Felipe: Cesta.

Carolina: Cesta, cesta, cesta!

Pesq.: E se eu quiser praticar algum esporte individual, tipo golfe?

Carolina: Geralmente só em clube, né? Você não vai fazer um golfe ali na esquina. (risos)

³⁶ Jogo comercial que pode ser encontrado na versão de cartas ou de tabuleiro.

Felipe: É!

Rosa: Só comprar aquele taco de golfe.

Pesq.: No máximo um *tacoball*, né?

Felipe: É.

Pesq.: Já jogaram *tacoball*?

Rosa: Nunca.

Pesq.: Sabe como joga?

Rosa: Não.

Pesq.: Depois eu explico pra vocês. A gente jogava muito aqui na minha rua quando eu era adolescente. Só precisa de um pedaço de madeira pra usar de taco e uma bolinha tipo bolinha de tênis.

Felipe: Ah, *tá*, já joguei, já joguei.

Rosa: Ah, sei qual é, só que eu nunca joguei não.

Pesq.: Então, vamos trazer essas coisas aqui que a gente conversou sobre quais esporte são mais acessíveis, quais jogos são mais acessíveis, e vamos olhar de novo pra esse gráfico.

Rosa: Você *tá* falando, tipo, analisar qual esporte, tipo, a gente precisa mais ter dinheiro, mais acessível? Não entendi...

Pesq.: É, porque vocês falaram sobre o eixo ter a ver com poder aquisitivo, né?

Rosa: Uhum.

Pesq.: Então, eu quero ter certeza se é isso mesmo. Se a gente for olhar as coisas que são mais acessíveis, que seriam mais baratas, quais categorias que estão representando essas coisas mais baratas? Entendeu? Essa que é a pergunta.

Rosa: Entendi. Eu acho que o futebol, né? Tipo assim, se for futebol com os amigos é mais barato. É só você achar um chinelo ou um tênis, você bota como uma trave, e a bola.

Carolina: Eu não *tô* entendendo por que o futebol *tá* bem no meio e a luta *tá* bem pra lá. Pô, será que fazem mais luta do que futebol?

Rosa: E luta, acho que luta tem a roupa, né? Eu você usa pra fazer um...

Felipe: Não, luta não tem roupa não.

Pesq.: Dependendo da luta, gente, se você for lutar MMA, por exemplo, não sei se tem muito equipamento.

Felipe: Não tem! Por isso que eu *tô* falando: equipamento de luta que eu tenho em casa foi mais barato que um tabuleiro de Monopoly.

Pesq.: Então é uma coisa mais acessível, né? Você só teria que pagar uma academia, eu acho. Né?

Felipe: Não necessariamente, eu comprei o saco de porrada e a luva preparatória da faixa. O saco de porrada foi R\$ 60,00 e a faixa preparatória foi R\$ 35,00.

Pesq.: Mas isso pra você fazer em casa?

Felipe: Isso!

Pesq.: Entendi.

Felipe: Porque sequência é fácil, sabe? Tipo, se você quiser treinar luta com alguém, aí você precisa de ou um instrutor ou outra pessoa só pra segurar... tem um negócio, que é meio que uma espuma, pra ficar segurando pra poder treinar chute alto. Mas, tipo, é só precisar de uma pessoa, sabe? Tem sequência na internet que dá pra você prestar atenção. Um instrutor seria mais pra você lutar com ele mesmo, não aprender os movimentos.

Pesq.: Entendi. Então, olha só, vamos olhar aqui... o "e04_s" é luta, que a gente já conversou sobre ser acessível ou não. O "e03_s" é esportes individuais. A galera que pratica esportes individuais tá aqui pra cima, relativamente perto de luta se você for olhar o eixo vertical, né? Eles estão quase que na mesma direção no eixo vertical, estão bem próximos. Mas no eixo horizontal, no eixo 1, eles estão afastados, concordam?

Felipe: Uhum.

Rosa: Sim.

Pesq.: Aí, além disso, aqui mais também, a gente tem o "j05" que é videogame e o "j04" que é computador, não é?

Felipe: Sim.

Pesq.: Então, quem estaria aqui nesse primeiro quadrante, nesse canto aqui. São as pessoas que gostam de fazer o que?

Rosa: Luta, esportes individuais...

Carolina (interrompendo Rosa): Videogame e computador.

Rosa: Videogame e computador.

Pesq.: Beleza. Essas coisas têm alguma coisa em comum?

Rosa: Não. Não tem nada em comum entre o videogame e o computador.

Pesq.: Não, eu digo assim, as pessoas que praticam essas atividades têm alguma coisa em comum? Vou repetir: luta, esportes individuais, jogar videogame e computador.

Carolina: Elas fazem sozinhas.

Felipe: Isso, por conta disso que eu falei, não precisar de alguém necessariamente.

Pesq.: Entendi. Tem a ver com poder aquisitivo que vocês tinham falado antes?

Felipe: Tem, mas... [pausa]

Pesq.: São atividades de alto ou de baixo poder aquisitivo?

Carolina: Alto.

Rosa: Depende, acho que *tá* meio... depende, *tá* meio em cima do muro, sabe? Não é tão caro...

Carolina: É computador e videogame já é.

Felipe: Eu digo assim, se for levar em consideração o que você falou, por exemplo, o computador *tá* mais à frente do que o videogame. Você falou que computador é comprado mais também pra trabalhar e etc. Enfim, eu diria que ele é individual, mas ele não é exatamente só pra lazer. Eu acho que é por isso que o computador *tá* mais a frente; como ele é uma necessidade, as pessoas acabam priorizando também. Não exatamente elas têm dinheiro pra isso exatamente, mas como é necessário...

Pesq.: Entendi. Carolina, você falou mas eu não tinha te entendido.

Carolina: Ah, eu falei que em relação ao computador e videogame você precisa de um alto valor aquisitivo. Não necessariamente alto, mas mais do que luta e esportes individuais.

Pesq.: Beleza, tudo bem. Então, esse lugar aqui representa de alguma forma um alto poder aquisitivo?

Felipe: Uhum.

Pesq.: Beleza, vamos guardar essa informação e vamos olhar os outros lugares. No segundo quadrante, a gente tem aqui as pessoas que não jogam cartas e tabuleiro, que não praticam esportes coletivos e que não praticam crossfit e nem exercícios aeróbicos. Lembrando que eu coloquei no meu formulário crossfit junto com exercícios aeróbicos, que talvez possam ser praticados sem nenhum equipamento, né?

Felipe: Uhum.

Pesq.: Mas aí tem uma categoria aqui em cima que está completamente longe das outras, que é a de dança, né?

Felipe: Sim.

Pesq.: Isso significa... quando tem uma categoria assim muito longe, quer dizer que só uma ou duas pessoas que marcaram sim pra essa categoria. Por isso que ela está destoando tanto das outras, está tão longe, sabe? Aí vamos lá, aqui no terceiro quadrante, tem as pessoas que não jogam no computador nem no videogame, como vocês falaram, está no completo oposto do primeiro quadrante. Então, vocês podem observar que elas estão aqui perto do eixo... como eu posso dizer? Olhando pro eixo x, o "j04_n" e o "j05_n" estão aqui perto do zero, no eixo x, aqui perto da origem.

Felipe: Uhum.

Pesq.: Assim como o "j04_s" e o "j05_s", os dois sim aqui em cima, também estão aqui pertinho da origem, só que eles estão se distanciando verticalmente: um *tá* bem mais pra cima e o outro *tá* bem mais pra baixo, concordam?

Felipe: Sim.

Pesq.: Beleza! Agora vamos olhar pro quarto quadrante. O "e02" é esportes coletivos "sim", o "e05" é crossfit e aeróbico "sim" e futebol. Vocês acham que essas coisas aqui embaixo são mais acessíveis ou menos acessíveis?

Carolina: Mais acessível.

Felipe: É.

Rosa: Mais acessível.

Pesq.: Beleza. Então, vocês acham que o poder aquisitivo está no eixo horizontal ou no eixo vertical?

Rosa: Hmm, acho que o que *tá* em pé. Acho que é o alto poder aquisitivo.

Carolina: Vertical.

Rosa: Vertical, é!

Pesq.: E você, Felipe?

Felipe: Vertical também.

Pesq.: Também?

Felipe: É.

Pesq.: Então a gente pode colocar um nome aqui pra ele? Poder aquisitivo, é isso?

Felipe: Uhum.

Pesq.: E o eixo 1? O eixo 1 é o que?

Rosa: Eu acho que é o baixo poder aquisitivo, né? É mais acessível, assim.

Pesq.: No eixo 1? Horizontal, assim?

Rosa: É.

Pesq.: A gente não escolheu colocar o poder aquisitivo no vertical? Um é alto e o outro é baixo. (*indicando com o mouse para cima e para baixo*)

Felipe: Sei lá, eu acho que eu colocaria acessibilidade.

Pesq.: Aqui? (*indicando o eixo 1*)

Felipe: É.

Rosa: "É acessível", alguma coisa desse tipo assim.

Felipe: Mas o dança ali que você falou que só poucas pessoas marcaram etc e tal, qual o sentido dele ficar ali em cima?

Pesq.: Então, essa análise estatística vai posicionar as categorias de acordo com várias variáveis das pessoas que responderam ao formulário. Então, ela tenta posicionar no eixo... como eu posso dizer? Vai distribuir pelo eixo as categorias que o pessoal marcou. As coisas que poucas pessoas marcaram vão ficar mais bem marcadas no eixo, são as coisas mais azul clarinho, olha.

Felipe: Sim.

Pesq.: Elas determinam as posições no eixo. E aí, essas categorias vão ficar posicionadas no eixo e os indivíduos depois vão ser marcados no eixo de acordo com a posição dessas categorias. A dança ficou muito lá em cima, muito longe, porque só uma ou duas pessoas que escolheram dança. Mas, por exemplo, futebol *tá* aqui mais pro meio porque provavelmente muita gente marcou futebol, entendeu?

Felipe: Sim.

Pesq.: Respondeu sua pergunta, ou não?

Felipe: Respondeu. Mas é só porque, tipo assim, se ele vai ficar valendo do mesmo jeito e ele *tá* ali em cima, eu não entendi como que eu posso interligar isso com os eixos.

Pesq.: Bom, provavelmente o que pode ter acontecido, uma possibilidade, é o seguinte: vocês perceberam que o eixo vertical está relacionando poder aquisitivo. Então uma possibilidade é que essa pessoa aqui que pratica dança tem um alto poder aquisitivo.

Felipe: Sim.

Pesq.: Talvez, por isso, ela tenha ficado muito lá em cima. [pausa] Mas eu preciso dar um nome pro eixo 1. Olhando pra cá (*apontando com o mouse para o primeiro e o quarto quadrante*), olhando tudo que *tá* aqui à direita, a maioria das categorias é o que?

Rosa: Acessível.

Carolina: Que fazem.

Rosa: Que fazem, acessível...

Pesq.: E a maioria das categorias da esquerda é o que?

Carolina: Que não fazem.

Rosa: Que não... é.

Pesq.: Carolina, você diz que praticam atividade e que não praticam atividade, é isso?

Carolina: Isso, isso.

Rosa: Isso, isso.

Pesq.: Entendi. Tem alguma outra relação que vocês estão vendo aqui? Entre as categorias que estão à direita e as categorias da esquerda?

Carolina: Acho que tem coisa repetida, né? Só que um é pra sim e outro pra não. Então fica...

Pesq.: Então qual o nome que vocês querem dar pro eixo 1?

[pausa longa]

Pesq.: Alguma ideia?

Felipe: Eu tinha falado acessibilidade, mas não sei.

Carolina: É como se fosse isso. O que a maioria mais pratica e menos pratica, só que eu não tô conseguindo pensar num nome pra isso. Frequência, não.

Pesq.: Vocês querem ajudar Carolina? Vocês concordam com essa visão que ela propôs?

Rosa: Sim, sabe por quê? Eu acho que tabuleiro *tá* um pouquinho pra baixo, não *tá* tão em cima ou tão pra baixo, porque cartas é meio que barato, né? Bem entre aspas porque tem uns que estão lá em cima, mas entre aspas mesmo.

Pesq.: Baralho comum é barato, né, Rosa?

Carolina: É, UNO, essas coisas. Já tabuleiro...

Rosa: Tabuleiro nas Lojas Americanas é 100, 100 e poucos reais, se você for nas Lojas Americanas, entendeu? Então eu acho que é não acessível e ao mesmo tempo, não, entendeu? Meio que acessível e meio que não. Entendeu? Então não dá pra... não sei qual nome.

Carolina: Eu acho que a galera não usa muito porque você usa mais quando você *tá* num grupo, *tá* em família, alguma coisa assim, né? Não vou jogar tabuleiro assim sozinha, no dia a dia, não!

Rosa: É igual cartas, né? UNO, antes de ter pandemia, todo mundo levava UNO e a gente ficava jogando UNO na hora do recreio. Tipo assim, vou jogar UNO em casa sozinha? Era uma fileira com mais de 10 pessoas jogando UNO na escola.

Pesq.: Entendi. Mas, então, qual o nome que a gente vai dar pro eixo?

[pausa longa]

Pesq.: Carolina, você quer colocar "quem pratica" e "quem não pratica", alguma coisa nesse sentido?

Carolina: Não é questão de praticar. Tipo assim, maioria não pratica e a maioria pratica. Porque tem "não" e "sim", né? Só que eu não sei o nome pra isso. Assim fica meio feinho, sei lá.

Pesq.: Mas pode ser um nome só pra vocês conseguirem identificar o que esse eixo *tá* representando. Não precisa ser um nome bonito. A gente não vai... [pausa] é um nome mais pra vocês representarem, não precisa ser um nome lindo.

Rosa: Eu pensei em praticidade. Porque, tipo assim, é meio que prático, mas ao mesmo tempo que não, entendeu? Digamos assim, meio mais acessível que não.

Pesq.: O que vocês acham?

[pausa]

Carolina: Mais praticado? Não, mas o negócio é que tem o "não" ali.

Pesq.: Pode ser "atividades praticadas"? E aí de um lado fica...

Carolina: É, pode ser.

Rosa: Pode ser, pode ser.

Felipe: Luta *tá* posicionado também nesse oposto porque pouca gente não ficou?

Pesq.: Luta... desculpa, não entendi. Luta *tá* aqui. (*apontando para o "e04_s"*)

Felipe: É, mas ele também *tá* bem mais afastado, que nem o dança. Ele só não *tá* lá em cima. Mas isso também quer dizer que foi pouca gente?

Pesq.: Provavelmente.

Felipe: Então, em teoria, quanto mais longe do zero, *taria* menos acessível?

Pesq.: Menos acessível?

Felipe: É.

Pesq.: Não entendi.

Felipe: Tipo, o videogame e o computador *tá* mais próximo da reta, que seria no longo ali no inicial do zero. Significa que eles tão mais próximos de serem acessíveis, né?

Carolina: Ou mais praticado, né?

Pesq.: Esses dois aqui que você *tá* falando, né? (*apontando para o "j04_s" e o "j05_s"*)

Felipe: É.

Pesq.: Eu falei o seguinte: esses dois aqui ("*j04_s" e "j05_s"*), não estão muito longe desses dois aqui ("*j04_n" e "j05_n"*) se você for olhar horizontalmente, porque os dois estão muito próximos da origem. Então, a direção desses aqui cairia mais ou menos aqui e a direção desses aqui cairia mais ou menos aqui. (*indicando as projeções das categorias citadas no eixo x*) Essa distância aqui (*a distância entre as projeções*) é uma distância pequena. Mas se você for olhar verticalmente, eles estão bem mais afastados. Esse grupo ("*j04_s" e "j05_s"*) desse grupo ("*j04_n" e "j05_n"*), entendeu?

Felipe: Sim.

[pausa]

Pesq.: E aí, galera? Nome do eixo 1 pra gente seguir!

Rosa: Pode ser aquele mesmo que você falou "atividade prática" ou "praticidade" que eu falei... pode ser.

Pesq.: E aí, Carolina e Felipe? Preciso do aval de vocês.

Carolina: Pode ser aquele que você tinha falado, o último, de praticar.

Pesq.: Felipe?

Felipe: Concordo.

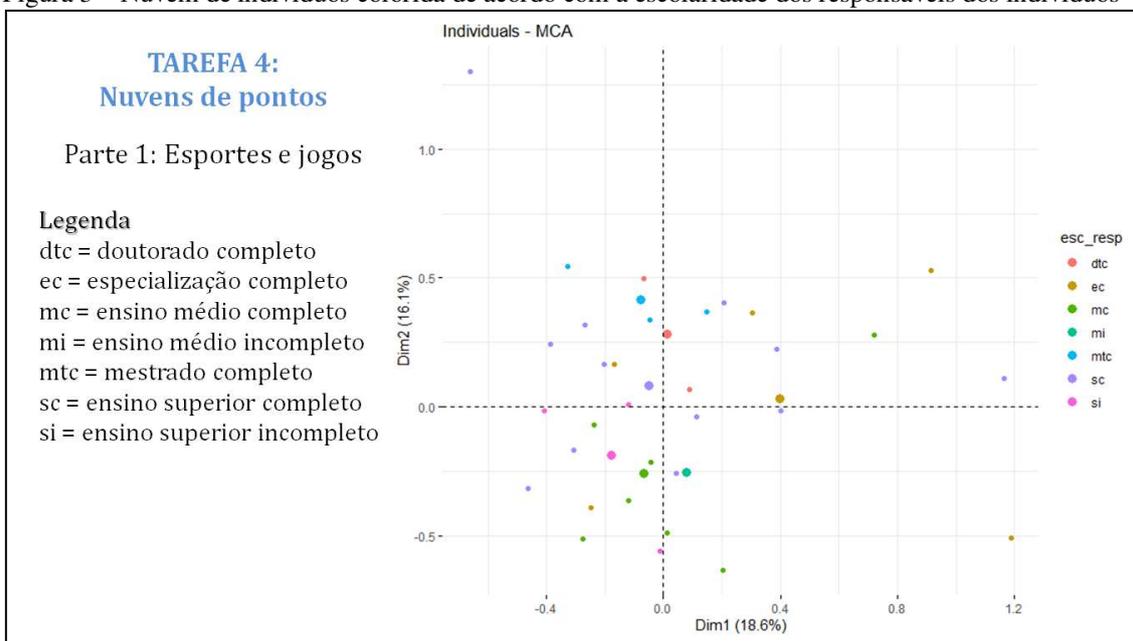
Pesq. escreve no eixo 1 "atividades praticadas".

Pesq.: Então vamos seguir pra gente começar a ver as nuvens dos indivíduos? A partir dessas categorias, os indivíduos foram posicionados no mesmo eixo. Essa aqui é a nuvem de indivíduos. Essas pessoas foram distribuídas no plano de acordo com as categorias do gráfico anterior. Os indivíduos aqui estão coloridos de acordo com o grau de escolaridade de seu responsável. Então, por exemplo, aquela pessoa que tá aqui em cima (*apontando pro indivíduo posicionado no canto superior esquerdo, no segundo quadrante*), o responsável... tá roxinho, né? Então o responsável tem "superior completo". Estão vendo?

Carolina: Aham.

Rosa: Aham.

Figura 3 – Nuvem de indivíduos colorida de acordo com a escolaridade dos responsáveis dos indivíduos



Fonte: dados da pesquisa.

Pesq.: Os pontos azuis, que estão por aqui oh, azul clarinho, são as pessoas que o responsável tem "mestrado completo", beleza? O verdinho, que está aqui embaixo, são pessoas que o responsável tem o "ensino médio completo". Vou dar um tempinho pra vocês olharem essa nuvem de pontos e identificarem as coisas. Vocês conseguem identificar algum padrão na distribuição destes indivíduos?

Carolina: Acho que o roxinho... não, o verde tem menos. Acho que o roxo tem mais.

Pesq.: Tem mais pessoas que o responsável tem "ensino médio completo" do que tem faculdade, é isso?[pausa longa] É isso, gente?

Carolina: É, eu acho que o roxinho, não? O roxinho é "superior completo".

Rosa: Eu acho que roxo e verde.

Carolina: É, "ensino superior incompleto" e "superior completo".

Pesq.: Beleza. Tem mais pessoas, então, que já entraram na faculdade, é isso que você tá me dizendo? Você tá olhando pra quantidade de pessoas?

Carolina: Não, eu tô olhando pra quantidade de pontinhos, qual que tem mais. (risos)

Rosa: Eu também tô. (risos)

Pesq.: Ah tá, entendi! Lembrando que quem fez mestrado e doutorado, que são os pontos rosa/salmão e esse pontinho azulzinho, são pessoas que também já tem faculdade completa.

Rosa: Uhum.

Carolina: É, e esses são os que tem menos.

Rosa: É.

Pesq.: Sim, mas se você for olhar quem já entrou na faculdade, essas pessoas também já entraram na faculdade.

Carolina: Aham.

Rosa: Sim.

Pesq.: E... eu não sei que cor é essa, um amarelo escuro talvez, é quem tem especialização completa, também é uma pessoa que já fez faculdade.

Rosa: Uhum.

Carolina: É, então quem entrou na faculdade é o que tem mais.

Pesq.: E como esses pontos são distribuídos no plano? Tem algum padrão?

Rosa: Não tem. Tá muito dividido, tá muito mais espalhado assim.

Pesq.: Qual o grau de escolaridade dos responsáveis dos indivíduos que estão mais pra cima?

Carolina: Ah, mais pra cima é quem fez mestrado, doutorado, tem a faculdade.

Rosa: Especialização, né, e tal?

Carolina: Uhum.

Pesq.: E mais pra baixo?

Carolina: Mais pra baixo é quem não terminou, tá incompleto o ensino médio, completo também.

Rosa: A gente não sabe se a pessoa tá fazendo agora, né? Tipo, não sabe se a pessoa tá continuando agora ou parou. A gente não sabe.

Felipe: Relacionando, eu acho que a vertical é a oportunidade das coisas. Parece que o pessoal que tá mais em cima teve mais oportunidade de fazer. Porque o ensino incompleto tá mais pra baixo. Mesmo quem tá mais embaixo tem poucos que são especialização, que às vezes pode ser só com curso técnico e o "ensino médio completo".

Pesq.: Entendi. Vocês acham que os nomes que vocês deram lá no gráfico de categorias anterior tem alguma relação entre essas informações aqui e a nuvem anterior?

Carolina: O poder aquisitivo eu acho que sim. Agora atividades praticadas...

Pesq.: O que você acha, Felipe?

[pausa]

Rosa: Eu acho que o poder aquisitivo tem a ver. E essas atividades praticadas aí não tá falando de esportes, então eu acho que não tem muito a ver não.

Pesq.: Esses indivíduos foram distribuídos desse jeito de acordo com esporte e lazer, tá, gente? De acordo com aquelas categorias.

Rosa: Aham.

Pesq.: Eu só pinte as bolinhas de acordo com a escolaridade do responsável pra gente ter mais uma informação extra, tá? [pausa] Felipe não quer falar, não?

Felipe: Não, tô com sono ainda.

Pesq.: Tá bom. (risos) Mais uma pergunta: observem que tem uma pessoa lá em cima, bem pra esquerda. Qual é o grau de escolaridade do responsável dessa pessoa?

Rosa: Ensino superior completo.

Carolina: Superior completo.

Pesq.: Beleza. Vocês acham que essa pessoa gosta de praticar alguma atividade física?

Carolina: Não. (risos)

Rosa: Não. Não sei...

Pesq.: Por que não?

Carolina: Tá afastada assim... é que nem o caso da dança, né? Que quase ninguém pratica.

Pesq.: Mas esses indivíduos aqui estão posicionados de acordo com aquelas categorias lá. [pausa] Então, por exemplo, as pessoas que estão posicionadas mais aqui pra direita (*apontando o primeiro quadrante*) provavelmente é a pessoa que pratica luta. (*mostrando depois a nuvem de categorias*) Então, será que essa pessoa aqui pratica algum esporte ou atividade física?

Rosa: Eu acho que não, é o caso da dança, né?

Carolina: É, eu só consigo pensar na dança.

Felipe: Eu posso relacionar o que eu acho que é isso aí, tipo falando da pessoa?

Pesq.: Pode.

Felipe: Eu acho que quem marcou dança foi Patrícia³⁷ e ela não pratica nenhum outro esporte sem ser dança.

Pesq.: Ah *tá*, entendi, você queria falar o nome da pessoa.

Felipe: É.

Pesq.: Então você acha que essa pessoa aqui pode ser ela?

Felipe: Creio que sim.

Pesq.: Então você acha que essa pessoa aqui pratica dança, é isso?

Felipe: É.

Pesq.: Por que você acha isso?

Felipe: Porque, tipo assim, você falou que foram poucas pessoas. Analisando quem eu conheço da sala, eu sei que, por exemplo, Patrícia fazia dança. E, tipo, é uma *parada* que ela gosta mas ela parou de fazer porque não *tava* fazendo bem pra ela e coisa e tal. Já conversei com ela sobre isso. Mas ela não gosta de nenhum outro esporte. Ela não faz educação física, por exemplo. Quando ela joga alguma coisa, ela não segue normas, sabe? É só jogar a bola e toquinho, acabou, não tem mais nada além disso. No preferencial, ela não faz, entendeu?

Pesq.: Entendi. E aí você acha que ela *tá* aqui por que, então? Por que ela foi posicionada assim?

Rosa: Mas eu acho que eu também marquei dança também. Eu também gosto, eu já fiz. Só que eu parei por parar mesmo. Mas acho que eu também marquei alguma coisa de tipo assim também.

Pesq.: Entendi. Por que você acha que ela *tá* posicionada aqui, Felipe?

Felipe: Hm... se a gente continuar com essa linha do poder aquisitivo na vertical, então em cima seria quem o poder aquisitivo é alto pra dança, não é isso?

Pesq.: Não pra dança. Mas pra esses indivíduos aqui que foram distribuídos dessa maneira, sim.

Felipe: Então, esse daí é o "ensino superior completo", né?

Pesq.: É.

Felipe: "Ensino superior completo" é tipo faculdade terminada?

Pesq.: Isso.

Carolina: Uhum.

Felipe: É, então eu tenho completa certeza que isso aí é Patrícia. Porque os pais dela, tipo, o pai dela trabalha em coisa de empresa, mas é mais... não é uma *parada* que rende, é mais

³⁷ Patrícia é uma aluna da mesma turma, que também preencheu o questionário.

móvel, assim, ele tem que ir pros lugares e aí, não rende tanto. E a mãe dela é professora. Então não acho que seja uma renda alta, mas tipo não deixa de ser o "ensino superior completo.

Pesq.: Entendi. E por que você acha que ela ficou pra esquerda, nesse canto da esquerda?

Felipe: Quem *tá* aí, tipo, do outro lado no outro gráfico é o que mesmo?

Pesq.: Aqui? (*mostrando a nuvem de categorias novamente*)

Felipe: É! Peraí, deixa eu ver. Não pratica cartas e tabuleiro, nem esportes coletivos... bom, levando em consideração isso aí só afirma meu ponto: que o pessoal que *tá* ali em cima na dança não faz os outros.

Pesq.: Entendi, beleza. Posso passar pro próximo? Alguém quer fazer algum comentário sobre esse aqui?

Felipe: Eu não sei se eu poderia ter relacionado a isso. Mas tudo bem.

Pesq.: Você pode falar o que você quiser.

Rosa: Não, mas eu acho que é Patrícia mesmo. Porque quem respondeu ao formulário foi a minha mãe, né? Minha mãe não tem "ensino superior". Ela não tem, ela não fez faculdade. Então é Patrícia mesmo.

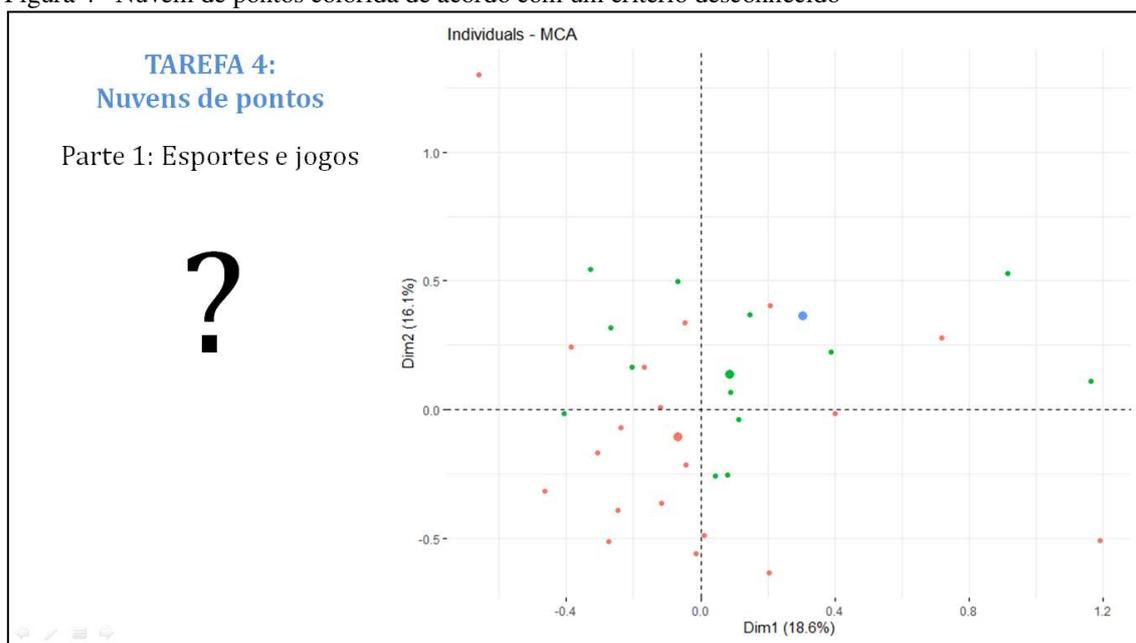
Felipe: É isso que eu fico pensando. Botando no real, assim, no *vamo* ver, Patrícia não faz esses negócios. E quando ela faz, não é porque tipo ela tem que fazer ou coisa do tipo ou ela quer praticar. É de brincadeira, só. E fica por isso aí mesmo, não é uma *parada* que ela vai fazer o tempo todo. Então eu acho que por isso que tem tanto não pra ali e aí esse dança aí por ser pouca gente que marcou ficou ali em cima logo e sendo o único sim.

Pesq.: Entendi, tudo bem. Vou passar pro próximo então, *tá* bom?

Felipe: *Tá*.

Carolina: *Tá* bom.

Figura 4– Nuvem de pontos colorida de acordo com um critério desconhecido



Fonte: dados da pesquisa.

Felipe: Entendi. (*ironicamente assim que a tela mudou*)

Pesq.: Agora, (risos) nós temos uma nuvem com os mesmos indivíduos distribuídos a partir da mesma análise, olhando pras mesmas categorias de esportes e de jogos. Veja que os pontinhos estão nas mesmas posições.

Felipe: Por que você marcou isso pra de manhã, Natasha? Pelo amor de Deus!

Pesq.: Mas, agora... (risos) Mas, agora, eles estão coloridos de acordo com outro critério. Não é mais...

Felipe: Que é um mistério, entendi.

Pesq.: Que é um mistério! Que critério vocês acham que é esse?

Rosa: Gosto?

Felipe: Eu vou ficar em silêncio.

Pesq.: Que gosto?

Rosa: Ah, ler um livro, ver uma série, ver aquilo, ver assim, gosta de ir no shopping...

Carolina: É sobre esporte e jogos, né?

Pesq.: É, ainda é a mesma nuvem sobre esportes e jogos baseado nas mesmas categorias. Só que agora eu pintei os indivíduos com outro critério. Eu quero saber que critério pode ser esse.

Carolina: Quem pratica esportes, quem não pratica e... sei lá, joguinho de celular? (risos)

Rosa: (risos)

Pesq.: Quantas cores aparecem?

Carolina: Três, sendo que o azul *tá* ali sozinho, né? Bacana! (*ironicamente*)

Rosa: (risos)

Pesq.: Tem alguma cor mais concentrada em alguma região específica?

Carolina: Laranja está mais embaixo, verde está mais em cima.

Rosa: E tem o laranja lá em cima.

Pesq.: E tem um azul sozinho?

Carolina: Exato.

Rosa: Exatamente.

Pesq.: Alguma ideia do que essas cores estão representando?

Felipe: Volta o outro gráfico?

Pesq.: Volto. Esse aqui? (*mostrando a nuvem de categorias*)

Felipe: Também, calma. [pausa] *Tá*, agora vai pro de ensino. [pausa] *Tá*, pode passar pro de agora. Todo mundo que *tá* perto desse laranja aí não tem uma renda tão alta assim e também são as pessoas que não tem o computador, o celular, etc e tal. O videogame, na verdade.

Pesq.: Beleza. E aí? O que o rosinha significa? O que o verde significa? E o que o azul significa?

Rosa: O verde eu acho que pode ser, tipo, a classe média que *tá* em cima do muro, laranja como Felipe falou da renda, pouca renda. E o azul deve ser o que tem top desses tops, né? O alto poder aquisitivo, né?

Felipe: Eu não consigo fazer isso sem relacionar a Patrícia, perdão.

Pesq.: (risos) *Tá*, beleza.

Rosa: (risos)

Felipe: Eu botei na cabeça, agora não vai ter como. Eu *tô* falando sério. Natasha, escuta. A mãe dela trabalha com coisa de professor e o pai dela trabalha com uma coisa que, tipo, não dá uma renda alta, mas também é um gasto muito forte. Se ele tem que viajar, ele tem que gastar mais do que vai receber, enfim... o EaD inteiro estava Patrícia e a irmã reclamando que elas têm que ver aula só pelo celular e o celular fica com pouca bateria e às vezes não dá pra ver o dia inteiro. Que o único computador da casa era um notebook que ele quebrou. E aí, se ele *tá* em laranja e em laranja nos outros gráficos ali embaixo, no terceiro quadrante, é tudo que seria mais... que seria menor que, tipo, ensino inferior e aí a renda mais baixa, e o laranja também *tá* ali em cima no único pontinho que era dança, só pode ser relacionado a isso. Não é uma renda alta ali em cima, apesar de estar ali em cima.

Pesq.: Então você insiste que o laranja é baixa renda?

Felipe: É, não é uma renda alta. Ele pode até ser o suficiente pra você ter o celular, tanto que o celular estava do outro lado falando que sim, que o celular tem, mas o videogame e o computador não. E ali embaixo estava o videogame e o computador não e aí também não praticam outras *paradas*, entendeu? Porque *tá* do lado esquerdo, *tá* falando que eles não praticam essas *paradas*, só pratica dança que *tá* lá em cima. (*apontando com o dedo indicador para cima*)

Pesq.: Entendi. Se esse gráfico só tivesse duas cores. Vocês iam pensar em outras possibilidades? Em outros critérios?

Carolina: Pratica e não pratica, pratica individual e coletivo, alto e baixo, por aí...

Pesq.: Mais alguma coisa?

Felipe: Eu acho que o laranja, tipo, excluindo o fato do laranja ali de cima do dança, acho que o laranja ficaria pra baixo e a outra cor em questão ficaria pra cima. Porque todos embaixo do esporte estão... ou eles estão no não do terceiro quadrante ou no quarto quadrante, eles estão falando sim mas não são coisas que precisam, tipo, de muita coisa. Que nem você falou, futebol você pratica com a bola e juntar um pessoal. Então você não precisa tanto dessa renda alta pra poder fazer.

Pesq.: Beleza. Eu entendi a linha de raciocínio e achei bem interessante. Mas eu vou adiantar pra vocês que não é isso. Essas cores aqui remetem a uma coisa bem mais simples. [pausa] Vou dar uma dica, hein? Se fosse uma outra turma, da escola, eu acho que só teria duas cores. Mas na sala de vocês, especificamente, tem três cores.

Carolina: Tem mais dica? (risos)

Pesq.: Felipe, ouviu o que eu falei?

Felipe: Ouvi. Mas o azul é o único que *tá* ali, né? Só tem essa bolinha azul, eu não tô enxergando direito.

Carolina: É, literalmente só essa.

Felipe: Tem como aumentar um pouco?

Pesq.: Não consigo.

Felipe: Os rosas estão onde?

Pesq.: Tem um aqui, um aqui, um aqui embaixo... (*indicando com o mouse as bolinhas rosas/laranjas*) Olha só, a bolinha maior significa que é mais ou menos ali que eles estão mais concentrados. Então, eles estão mais concentrados aqui (*apontando pra bolinha rosa/laranja maior*) e o verde está mais concentrado aqui. (*apontando pra bolinha verde maior*)

Carolina: Não é tudo laranja, não?

Rosa: Não é tudo laranja, não? Tô aqui pensando.

Felipe: É por isso que eu tô falando que aí embaixo parece... não dá pra gente enxergar a cor direito.

Pesq.: Aqui embaixo é tudo laranja, oh... laranja, laranja, laranja, laranja, laranja, laranja, laranja, laranja, laranja, laranja. (*apontando para as bolinhas concentradas próximo ao terceiro quadrante*) Esse aqui é verde. (*analisando o segundo quadrante*) Aí tem três verdes aqui, mas aqui também tem três laranjas. Aí tem um verde aqui.

Felipe: Tá, volta no quadro do esporte, vai.

Pesq.: (risos) (*mostrando a nuvem de categorias*)

Rosa: Já ia falar que os óculos não estavam funcionando.³⁸

[pausa]

Felipe: Tá, pode ir pro outro.

Pesq.: (*exibindo a nuvem de pontos de indivíduos*)

Felipe: O último, o último mesmo. Tá, o azul se ele tá mais concentrado ali, ele tá mais perto do videogame e do computador, que não deixa de ser necessidade, mas se ele tá perto do videogame também pode significar que ele tenha o suficiente pra poder ter também um videogame. Se os laranjas estão mais embaixo, seguindo essa coisa de a renda não ser tão alta e você não poder ter o videogame e o computador, que nem tava posicionado ali embaixo "j-blábláblá não", hmm... o rosa, eu acho que ele não tá nem tipo alto e nem tão baixo também, porque tem um pontinho rosa que tá ali embaixo, assim, que ele tá mais próximo daquela coisa do esporte coletivo, mas que ele não precisa ser tão caro assim, comprar muita coisa pra poder fazer. Então, eu acho que o laranja é o menos favorecido na situação e o azul seria o mais.

Pesq.: Beleza. Então, de acordo com falas anteriores de Rosa também, vocês acham que o rosa é baixo poder aquisitivo, o verde é tipo uma classe média um pouco mais alta e o azul é o mais rico, é isso?

Felipe: Eu diria isso.

Carolina: É.

Felipe: Porque o azul, por ele estar posicionado por perto ali, seria isso.

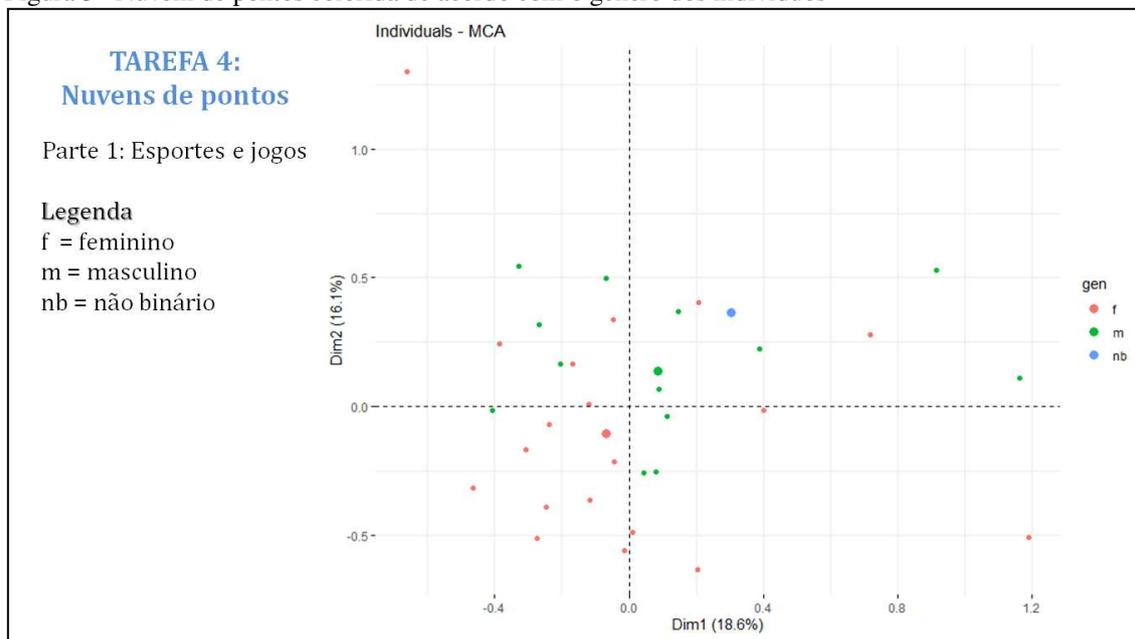
Rosa: É, acho que é isso também.

Pesq.: Beleza. Posso revelar o critério, então?

Todos juntos: Pode!

³⁸ Felipe e Rosa usam óculos.

Figura 5– Nuvem de pontos colorida de acordo com o gênero dos indivíduos



Fonte: dados da pesquisa.

Felipe: Entendi! (*ironicamente assim que a tela mudou*)

Carolina: Bacana! Tudo a ver!

Rosa: Nossa, tudo a ver! (risos)

Pesq.: Então, revelando o critério, os indivíduos estavam coloridos de acordo com o gênero: feminino, masculino e não binário. Vocês acham que... é, eu tentei influenciar vocês. Eu falei que outras salas só teriam duas cores, a sala de vocês tem três cores.

Felipe: Faz sentido, faz sentido.

Pesq.: Tem um indivíduo ali que *tá* sozinho, eu falei. Mas beleza, eu gostei da linha de raciocínio de vocês.

Carolina: Eu nunca ia pensar isso!

Felipe: Eu não associei porque você falou que é onde *tá* concentrado. Aí eu falei "ué, *tá* concentrado".

Rosa: Ai, gente...

Pesq.: As meninas estão mais concentradas aqui do lado esquerdo, né?

Felipe: Mas isso, oh, oh... tem uma coisa que estava certa: é Patrícia ali em cima, o ponto é Patrícia. Nada me tira da cabeça isso, não importa. Acabou, não tem essa. (risos)

Rosa: (risos)

Pesq.: Tem alguma relação entre essas informações aqui e a nuvem de categorias lá atrás?

Carolina: Ah, sim! As meninas praticam menos coisas e os meninos mais coisas.

Pesq.: Beleza. Vocês concordam com Carolina?

Felipe: Sim!

Rosa: Concordo.

Pesq.: Tranquilo. Vocês querem mudar os nomes que vocês deram pros eixos no gráfico de categorias ou vocês acham que está de acordo ainda?

Rosa: Pra mim, *tá* de acordo ainda. Acho que sim.

Felipe: Eu não saquei muito bem, então vou só concordar.

Carolina: Vou concordar com Felipe. (risos)

Pesq.: Os nomes que vocês deram pros eixos, vocês acham que está certo ou vocês querem mexer lá? Vocês querem mudar?

Felipe: É porque eu, ainda assim, fiquei confuso. Por causa dessa variável. Eu acho que pode ser isso, mas também tem essa variavelzinha, aí eu fico nessa... na variavelzinha. Aí não tem como eu pensar em alguma coisa que vai encaixar essa variavelzinha talvez junto.

Pesq.: Entendi.

Felipe: Tipo, porque que nem eu falei, pode ser por questão de vontade de não fazer e *aítá* ali embaixo ou pode ser realmente por não ter dinheiro pra fazer, tipo sabe? Faria se tivesse.

Pesq.: Uhum, tranquilo. Então agora a gente vai olhar pra uma outra análise estatística, que também foi feita a partir do formulário que vocês preencheram, mas agora foram considerados apenas três coisas. Esquece esporte, jogos, esquece tudo que a gente viu, vai ser uma nova análise.

Felipe: Esquece gênero também?

Pesq.: Esquece, esquece tudo. Agora a gente vai fazer uma nova análise. Agora foram considerados só três coisas: estilo de música que vocês mais escutam, o tipo de programa de TV que vocês mais assistem e o grupo de alimentos que vocês mais consomem. Beleza?

Felipe: Esse negócio do gênero aí, *tô* perplexo ainda.

Pesq.: (risos) Eu achei que você ia identificar porque tem um ponto aqui sozinho.

Felipe: Mas é porque como você falou que, tipo, a bola maior era porque *tava* concentrado eu não me toquei disso.

Pesq.: Mas só tem um ponto azul!

Felipe: Eu sei, mas se você falasse que era maior por ser individual ou não, aí eu saberia, mas...

Pesq.: É porque, assim, a bolinha maior vai identificar onde está centralizado, sabe? Onde está mais concentrado. Só que como só tem um ponto azul, ele *tá* concentrado onde o ponto azul *tá*, naquele ponto. Se você olhar aqui oh, no gráfico anterior (*mostrando a nuvem de*

pontos de indivíduos coloridos de acordo com a escolaridade do responsável), o ponto azul é uma pessoa que o responsável tem especialização completa.

Felipe: Justo.

Carolina: Natasha, você acha que deve acabar que horas a reunião?

Pesq.: A gente está quase acabando já.

Carolina: Ah tá.

Felipe: Calma, Carolina, vai almoçar já, já.

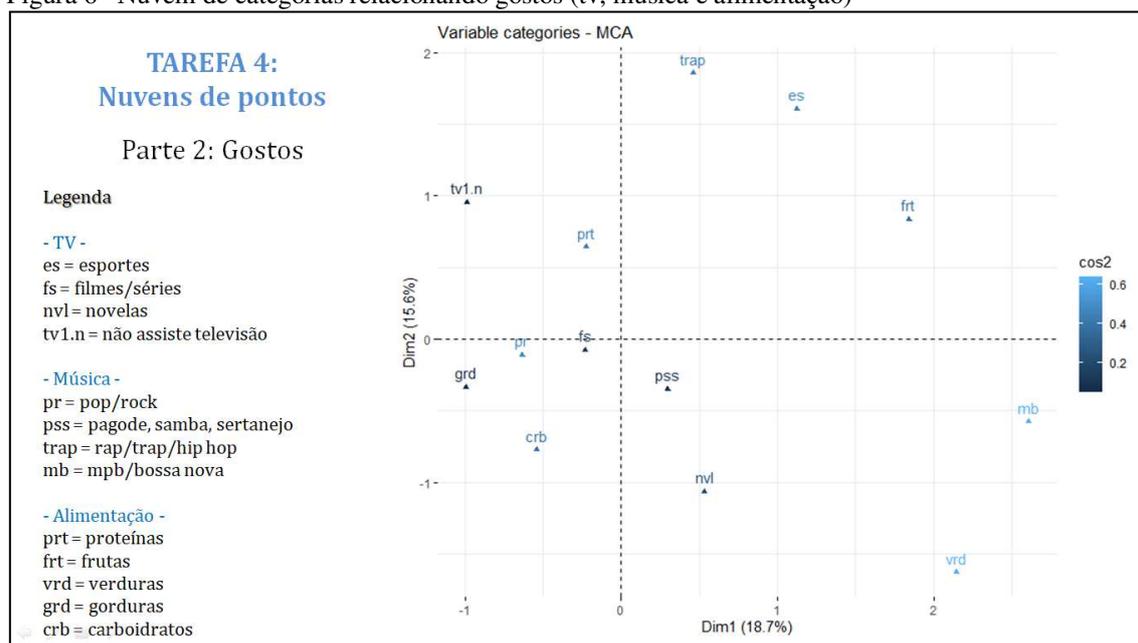
Carolina: (risos) Não, depois eu tenho que lavar o cabelo, almoçar e ir pra casa da minha prima.

Pesq.: (risos) Então vamos lá! Lembrando: estilo de música, TV e alimento que vocês mais consomem, beleza?

Carolina: Beleza.

Felipe: Tá.

Figura 6– Nuvem de categorias relacionando gostos (tv, música e alimentação)



Fonte: dados da pesquisa.

Pesq.: Essa aqui é a nova nuvem de categorias. Esquece a anterior, agora os indivíduos vão ser reposicionados de acordo com essas categorias aqui, tá bom?

Felipe: Achei engraçado: tudo abreviado e só trap ponto, acabou.

Pesq.: (risos)

Felipe: Tá, e a gente tem que dar nome nos eixos desse também?

Pesq.: Sim, senhor.

Rosa: Minha cabeça *tá* pensando muito.

Pesq.: Vamos pensar por partes pra gente conseguir um nome legal. Há preferências musicais muito afastadas?

Carolina: MPB...

Rosa: MPB, né? Qual outra? Deixa eu ver...

Carolina: Isso. Trap também...

Rosa: Trap, ah.

Carolina: Agora, pagode, samba, pop/rock está mais próximo.

Pesq.: Esses aqui estão mais próximos um do outro, é isso? (*apontando com o mouse para "pss" e "pr"*)

Rosa: Sim.

Pesq.: E aí, MPB e bossa nova *tá* bem afastado, né?

Carolina: E trap também, uhum.

Rosa: Trap, hip hop, rap, essas coisas.

Pesq.: Beleza. O que a gente pode afirmar sobre as preferências alimentares?

Rosa: Deixa eu ver...

Carolina: Carboidrato e proteína, eu acho.

Rosa: E gordura, né?

Felipe: É, gordura.

Carolina: É, mas gordura *tá* mais afastado do que carboidrato, só que *tá* mais em cima.

Pesq.: Esse "pr" é pop/rock, *tá*, Carolina?

Carolina: Não, sim, eu *tô* falando do "prt" lá em cima.

Pesq.: Ah *tá*! Beleza. [pausa] Podem fazer afirmações e comentários a vontade. O que *tá* mais perto, o que *tá* mais afastado.

Rosa: Eu acho que gordura *tá* muito afastado.

Carolina: Verdura e fruta, sim. Esquece!

Rosa: Ninguém come, as pessoas preferem um hambúrguer em vez disso.

Felipe: Mais clarinho ali no coisa, o mais claro do azul é que menos pessoas marcaram?

Pesq.: É o que mais contribuiu pra posicionar os indivíduos no eixo no próximo gráfico.

Felipe: Não entendi.

Pesq.: Tipo assim, verdura teve um peso muito forte na hora de fazer essa análise estatística, por isso que ela *tá* mais clara.

Felipe: Saquei.

Rosa: E eu acho também que... indo pra TV, né? Acho que novela *tá* muito afastado, novela e não assiste televisão *tá* lá em cima.

Carolina: Filme e série *tá* mais próximo.

Rosa: É, porque adolescente assiste mais filme e série, né? Vocês assistem novela? Eu vejo novela, mas se tiver um filme também.

Pesq.: Então, peraí. Novela *tá* afastado de quê?

Rosa: Acho que novela *tá* muito afastado. E quem não assiste televisão *tá* muito lá em cima.

Pesq.: Entendi. Então novela e quem não assiste TV estão opostos, é isso?

Carolina: Isso!

Felipe: Esse foi dos responsáveis terem marcado ou foi da gente mesmo?

Pesq.: De vocês.

Carolina: Filme e série é mais próximo. Pô, se fosse responsável, novela *tava* no meio. Filme e série são os mais assistidos.

Rosa: É.

Pesq.: *Tá*, vamos falar um pouquinho sobre cada grupo. Sobre os alimentos, o que vocês falaram mesmo?

Rosa: Que gordura, carboidrato e proteína estão lá, assim, lá em cima. E que verdura e fruta estão muito distantes.

Carolina: É, anula verdura e fruta da história.

Pesq.: Verdura e fruta estão próximos de alguma maneira?

Carolina: Não.

Rosa: Não.

Pesq.: Tem certeza?

Carolina: Fruta *tá* lá em cima e verdura *tá* lá embaixo. Só que os dois estão pra direita.

Pesq.: Então verticalmente eles estão muito afastados.

Carolina: Isso, isso.

Rosa: Isso.

Pesq.: Mas horizontalmente, eles estão afastados?

Carolina: Não.

Rosa: Estão no mesmo quadrante, né?

Pesq.: A verdura cairia mais ou menos aqui, né? (*mostrando a projeção da categoria verdura no eixo 1*) E a fruta cairia aqui. (*mostrando a projeção da categoria fruta no eixo 1*) Então, tipo, horizontalmente falando a distância é pequena, né?

Felipe: Sim.

Rosa: Uhum.

Pesq.: Mas verticalmente eles estão bem afastados. Beleza! Tem algum outro grupo de alimentos que está bem próximo um do outro?

Carolina: Gordura e carboidrato.

Pesq.: Tá beleza.

Carolina: Proteína tá mais acima.

Pesq.: Era isso que eu ia perguntar: tem outro que está afastado? Proteína está afastado. Tranquilo. Agora, falando de música, como estão os estilos? Estão próximos, estão afastados, onde é que eles estão localizados?

Rosa: Eu acho que MPB e trap estão muito afastados um do outro, mas os outros estão bem próximos.

Pesq.: Beleza. E como que estão distribuídos os interesses por programa de televisão?

Rosa: Novela tá bem embaixo e quem não assiste televisão tá lá em cima.

Pesq.: Beleza. Tem mais alguma outra categoria relacionada a TV?

Carolina: Filme e série tá ali no meio, esporte tá lá em cima, pra direita.

Rosa: É que quase ninguém vê, né? Vê um Globo Esporte³⁹ da vida, é mais menino, né?

Pesq.: Será que a gente consegue colocar um nome pros eixos agora?

Felipe: Sei lá, eu acho que, tipo, tá tão próximo assim do eixo horizontal porque... em relação a atualidade mesmo, sabe? Tipo, quem não vê TV, tá ali em cima também, mas filme e série você pode ver *Netflix* no celular. E aí tá próximo aí de pop/rock que, normalmente, eu diria, pela nossa turma, sabe, que é o pessoal que já fica mais assim, que tá mais ligado nessas coisas.

Pesq.: Entendi. Então você diria que o vertical é o quê? E o horizontal é o quê?

Felipe: Hmm...

Carolina: Quanto mais pro meio acho que é mais consumido, né?

Rosa: Acho que menos consumido pro mais consumido.

Pesq.: Beleza. Mas, assim, vamos olhar pro eixo horizontal, pro eixo 1, tá? O que tá muito pra direita? Quais coisas estão muito pra direita?

Felipe: O MPB...

Carolina: Verdura.

Rosa: Novela e o pagode, samba e sertanejo.

Carolina: Não, novela ainda tá mais próximo. Bem pra direita mesmo...

³⁹ Programa de esportes da rede Globo.

Felipe: É, quem *tá* longe mesmo é o MPB e verdura.

Carolina: Isso.

Pesq.: Tem mais um.

Felipe: E fruta.

Carolina: Fruta.

Pesq.: Entendi. Então, beleza, segura essa informação. Agora olha lá pra esquerda, o que *tá* bem mais próximo lá da esquerda?

Carolina: Gordura e TV. Não assiste TV, né, no caso.

Pesq.: Entendi. Então vocês acham que o eixo 1 pode ser o quê?

Rosa: Menos consumido? Alguma coisa assim, menos consumido pro mais consumido. Ou o vertical é o mais consumido e o menos...

Pesq.: Que coisa, Rosa, que é menos consumido e mais consumido?

Rosa: A novela, a música, a verdura, a fruta...

Felipe: Mas não poderia ser menos consumido se o azul claro é o que mais marcou, não é?

Pesq.: É o que mais marcou, não. É o que mais contribui pra distribuição dos indivíduos.

Carolina: É como se a maioria tivesse marcado a mesma coisa, que não consome muita verdura e MPB.

Pesq.: Ou se pouca gente marcou também. Isso vai contribuir muito. Lembra da dança? Quando pouca gente marca, ele fica muito destacado, muito bem marcado.

Carolina: Eu percebi que a proteína *tá* mais em cima. Só que também *tá* na mesma reta que filmes e séries. Muita gente consome proteína. Só que proteína é um negócio mais caro, carne, frango, essas coisas. Então *tá* mais em cima, eu pensei nisso, mas não sei se faz muito sentido.

Rosa: Acho que frango não é muito caro, não. Mas acho que carne é mais caro.

Carolina: Não, mas em relação a outras coisas...

Pesq.: Tem algum outro grupo de alimentos que é mais caro junto com a proteína?

Rosa: Acho que o carboidrato. Acho que não... ih, não sei!

Carolina: Gordura é hambúrguer, pizza, essas coisas, né?

Pesq.: É. Carboidrato é tipo arroz, macarrão, essas *paradas*. Seguindo essa linha que Carolina propôs, proteína é uma coisa cara. Verdura é uma coisa cara?

Rosa e Carolina (juntas): Não.

Pesq.: Carboidrato é uma coisa cara?

Rosa: Não.

Carolina: Depende. (risos)

Pesq.: Agora o arroz *tá* caro, né?

Carolina: O arroz, né?

Pesq.: Mas, em geral, é uma coisa mais acessível?

Carolina: É mais acessível que carne.

Rosa: É.

Pesq.: Beleza. Fruta é uma coisa cara?

Carolina: Depende, mas geralmente não.

Rosa: Se você for no hortifruti de Icarai⁴⁰, é o olho da cara. Mas se você for no sacolão da sua esquina é baratinho.

Pesq.: É baratinho?

Rosa: É, pelo menos daqui da minha casa é barato.

Pesq.: Vamos pensar numa família. Sei lá, numa casa moram 4 ou 5 pessoas. Que tipo de alimento seria mais acessível pra essas pessoas?

Carolina: Eu acho que carboidrato.

Rosa: E gordura.

Pesq.: Carboidrato e gordura.

Carolina: É, só que verdura acho que a gente não liga muito, né? (risos)

Pesq.: E que tipo de alimento seria menos acessível pra essas pessoas?

Rosa e Carolina (juntas): Proteína.

Pesq.: E mais o quê?

Rosa: Proteína... acho que agora, assim, na pandemia, acho que é arroz, né? Arroz^{tá} o olho da cara.

Carolina: Não, Rosa, ela fala entre fruta e gordura que foi meio que o que sobrou.

Pesq.: É.

Rosa: Ah *tá, tá* bom. Acho que mais caro é a proteína mesmo.

Carolina: Só que mais alguma coisa com proteína. Ou fruta ou gordura. Aí fica nesse empasse.

Rosa: Acho que gordura, né?

Carolina: Acho que fruta, porque gordura é um negócio mais barato. Depende, se for *fastfood*, se você comprar no mercado pra fazer em casa...

Rosa: Depende, se for no Madero⁴¹ deve ser caro, o olho da cara, né?

Pesq.: Você pode comprar um *x-tudo* também, né?

⁴⁰ Bairro nobre de Niterói – RJ.

⁴¹ Restaurante com pratos individuais a partir de R\$ 40 reais. Disponível em <<https://www.restaurantemadero.com.br>>. Acesso: 03 out 2021.

Carolina: Sim, é mais barato do que fruta, dependendo.

Pesq.: Tá, beleza. Então vocês olhando pro posicionamento aí desses alimentos vocês conseguem ter um palpite de algum eixo?

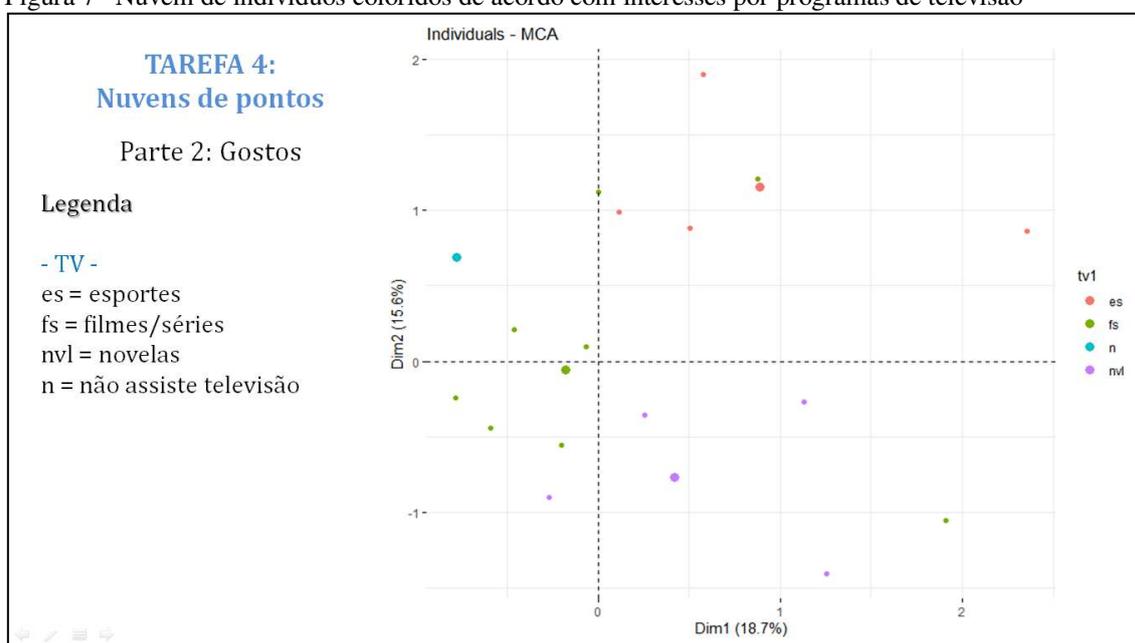
Carolina: O eixo do meio, quanto mais próximo do zero ali, mais consumido; e quanto mais afastado, menos consumido, na horizontal.

Pesq.: Tudo bem. Olha só, vou fazer o seguinte então. Vou mostrar pra vocês os outros gráficos e depois a gente volta aqui pra dar o nome. Beleza?

Carolina: Beleza.

Pesq.: Vamos ver se assim vai ficar mais fácil.

Figura 7– Nuvem de indivíduos coloridos de acordo com interesses por programas de televisão



Fonte: dados da pesquisa.

Pesq.: Essa nuvem de indivíduos foi colorida de acordo com as preferências de vocês sobre programas de TV. Como esses indivíduos estão posicionados? Fala pra mim.

Carolina: Filme e série, que eu acho que é o que a galera mais consome, tá ali pra esquerda, próximo do meio.

Rosa: E tá bem concentrado, né?

Carolina: É.

Rosa: O azul é o que? "n" é o que?

Pesq.: É quem não assiste.

Rosa: Não assiste. Tem um ponto, então acho que ele é, assim, olhando assim no geral de adolescente hoje em dia, adolescente quase não assiste televisão, é mais adulto mesmo que fica vendo Globo. Então, eu acho que não é tanto assim.

Pesq.: E as outras cores?

Rosa: Novela.

Carolina: Esporte já *tá* do lado direito mais em cima. E acho que esporte depende. Porque, por exemplo, nem sempre passa esporte na televisão, é um canal fechado. Então, a pessoa tem uma situação pra poder ter o canal de esporte.

Pesq.: Pode representar isso, né?

Carolina: Pode.

Pesq.: Alguma dessas categorias aí é mais acessível?

Carolina: Só que a gente pensando em filme e série, também não é muito comum passar na televisão, é mais *Netflix*. Então a pessoa também tem que pagar.

Felipe: Por isso que eu tinha falado do coisa de atualidades, que o pessoal que *tá* aí com pop/rock e filme e série do lado no outro com negócio *tá* mais associado à galera da nossa sala que tem essa coisa de *Netflix* e coisa e tal, e aí ouve umas *paradas* mais internacional.

Pesq.: Entendi. Mas não passa na TV, não, filme e série?

Carolina: Ah, até passa.

Felipe: Passa Lagoa Azul⁴² na Globo.

Rosa: Sessão da tarde.

Carolina: (risos) Não fico procurando coisa na televisão, sabe?

Pesq.: Beleza, beleza. E novela?

Carolina: Ah, novela é mais pra nossa avó, pra nossa mãe. (risos) A galera não liga muito.

Pesq.: Tem um monte de gente aí que marcou.

Carolina: Ah, sim. Não, mas no geral, a maioria da nossa sala, acredito que não veja novela. A gente, assim, até pode assistir, mas não é algo tão...

Pesq.: Aqui, esses gostos aqui, essas respostas... a minha pergunta lá no formulário era assim "Qual tipo de programa de TV você mais assiste?". Aí as pessoas responderam isso.

Carolina: Aí podia marcar duas coisas, né?

Pesq.: É, mas aqui eu não *tô* considerando a segunda coisa. Eu *tô* considerando só a primeira.

Carolina: Ah *tá*!

⁴² Filme de 1980 que já passou muitas vezes no programa "Sessão da tarde" da rede Globo.

Pesq.: Então, tem uma galera que marcou filme e série, tem uma galera que marcou esportes, tem uma galera que marcou novela e tem uma galera que não assiste. Uma galera, não, uma pessoa, né?

Carolina: Olha, complicado.

Pesq.: Carolina, pensando no lance do esporte que você falou, tem alguma outra categoria dessa que destoa do esporte nesse sentido?

Carolina: Como assim, além da questão de ter que pagar o canal fechado?

Pesq.: É, você falou que esporte é uma coisa menos acessível porque pode ser canal fechado. Tem alguma outra categoria que seja o oposto disso?

Carolina: A novela.

Pesq.: E como eles estão posicionados aqui?

Carolina: A novela *tá* lá embaixo, só que pro lado direito.

Rosa: Tem um ponto que *tá* do lado esquerdo.

Pesq.: Sim. Mas é só um, né?

Carolina: Pensando bem... *hã*, fala. (*Carolina percebeu que a pesquisadora ia falar*)

Pesq.: Eu ia te perguntar onde o esporte *está* posicionado, mas pode falar.

Carolina: O esporte *tá* lá em cima, junto com a galera que não vê televisão. Pra não ver televisão, deve fazer alguma outra coisa. Porque, sei lá... eu acredito que lá em cima seja questão do poder aquisitivo e lá embaixo... só que filme e série também têm que pagar. A maioria é tipo *Netflix*.

Rosa: Tem aqueles canais de *Warner*, *Universal* que passa aquelas séries...

Pesq.: Beleza! Vamos pensar em termos de quadrante. Aqui no primeiro quadrante, o que é predominante?

Rosa e Carolina (juntas): Esporte.

Pesq.: Esporte, beleza. No segundo quadrante?

Rosa: Filme e série e quem não assiste TV.

Carolina: É, quem não vê.

Pesq.: No terceiro quadrante?

Rosa: Filme e série.

Carolina: Quem vê filme e série.

Pesq.: E no quarto quadrante?

Carolina: Novela.

Rosa: Novela.

Pesq.: *Tá*, isso aqui *tá* bem posicionado, concordam?

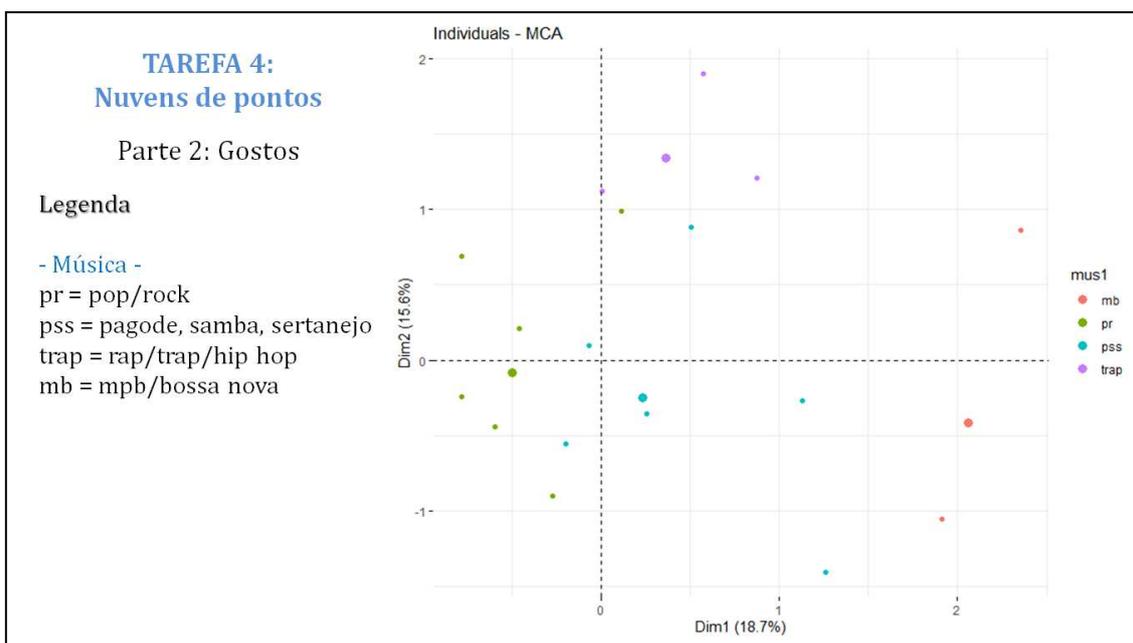
Carolina: Concordo.

Pesq.: A gente consegue identificar grupos.

Rosa: Uhum.

Pesq.: Então vamos falar agora de outra variável, sem ser TV. Agora a mesma nuvem de pessoas está colorida de acordo com os estilos de música que mais interessam a vocês. O que vocês podem observar aí?

Figura 8 – Nuvem de indivíduos coloridos de acordo com interesses por estilos musicais



Fonte: dados da pesquisa.

Rosa: Que o trap *tá* lá em cima.

Carolina: MPB *tá* longe.

Rosa: E que pagode *tá* meio afastado, assim, *tá* meio assim. E a concentração maior é o pop, né?

Carolina: Eu acho que pop e pagode estão mais ali pro meio.

Pesq.: As pessoas que gostam dos mesmos estilos de música estão mais afastadas ou mais próximas?

Rosa: Afastado.

Carolina: *Tá* espalhado, né?

Pesq.: Vocês acham que *tá* bem misturado ou *tá* dividido em regiões?

Carolina: *Tá* dividido em regiões.

Pesq.: Felipe, você *tá* aí ainda?

Felipe: Tô.

Pesq.: Como são essas regiões?

Felipe: Ainda tô batendo na tecla que ali no terceiro quadrante tem o pessoal que é mais ligado em coisa internacional.

Pesq.: Aqui? (*apontando com o mouse para o terceiro quadrante*)

Felipe: É. Porque continua sendo próximo comparado aos outros gráficos com filme e série e aí, comparado ao resto dos gráficos etc e tal, ainda acho que aquele negócio de pessoal no *Netflix*, celular, etc e tal e aí, através da *Netflix* e esse tipo de coisa acaba conhecendo essas coisas mais internacionais. Até porque a *Netflix* bota muito trilha sonora, então fica mais voltado pro pop e pro rock nesse sentido. Então esse pessoal daí é o mesmo pessoal que vê mais filme e série etc.

Pesq.: E você acha que isso seria o pessoal que tá à esquerda ou o pessoal que tá pra baixo ou os dois?

Felipe: Não entendi a pergunta.

Pesq.: Você acha que essa galera que tá mais ligada nessas questões internacionais é a galera que tá mais pra esquerda, é a galera que tá mais pra baixo ou é a galera que tá à esquerda e para baixo?

Felipe: Acho que é a galera que tá mais à esquerda.

Pesq.: Beleza. Tem alguma outra categoria aqui que tá sendo oposto a isso?

Felipe: Oposto ao pop rock?

Pesq.: À essa questão internacional que você levantou, de pop/rock, *Netflix* e tal. Você falou que essa galera tá mais pra esquerda.

Felipe: Sim, eu acho que, tipo assim, no oposto ali eu acho que o trap. Porque quem marcou trap não deve ter se voltado pro trap internacional. Eu acho que por o trap estar envolvendo o rap e o hip hop, acho que tá mais se tratando da cena brasileira do que do resto.

Pesq.: Beleza. E tem mais alguma outra categoria que influencia nisso?

Felipe: Hm... desse mesmo gráfico?

Pesq.: É.

[pausa]

Felipe: Acho que pra direita realmente é o pessoal que gosta mais do brasileiro, sabe? Tipo, o MPB tá distante mas ele também tá no lado direito, o pagode/samba/sertanejo também tá no direito. E o trap eu realmente acho que seja voltado pra cá. Sendo que também tem pop/rock nacional e ele é o que menos aparece do lado direito. Então eu acho que pro direito é mais voltado pro quadro nacional do que pro internacional que nem no esquerdo.

Pesq.: Vocês concordam com essa leitura, Carolina e Rosa?

Carolina: Concordo.

Rosa: Concordo.

Pesq.: Beleza. Então a gente já conseguiu identificar uma coisa aqui de um dos eixos. Já querem dar nome pra algum eixo? [pausa] Vocês falaram pra mim que à direita tem uma característica e à esquerda tem outra característica. Então o eixo horizontal já *tá* bem marcado.

Felipe: Eu acho que dá pra comparar em relação a tipo, entre aspas "criação", sabe? Porque, tipo assim, o pessoal que gosta mais de música nacional deve ter crescido ouvindo isso. E aí, se você cresceu ouvindo esse negócio, você procura coisas relacionadas a isso. Então, tipo assim, quem marcou pra pagode e etc e tal, tem ali e *tá* bem concentrado, mas tem mais do que o MPB. Comparado ao quanto tem de ponto, não só o concentrado, tem mais do que MPB. Então eu acho que é o pessoal que fica mais, por exemplo, como *tá* pra baixo também acho que é o pessoal mais relacionado a avós e coisa do tipo. Porque novela e etc e tal também *tava* pra baixo, assim, perto desses negócios. Então eu acho que seria pagode/samba/sertanejo etc e tal relacionado ao pessoal que fica mais morando com avós ou então tem o costume mais dos pais terem criado essa coisa. O pop/rock brasileiro só tem um pontinho. Por exemplo, relacionado a mim, eu só ouvi uma música internacional na minha vida quando eu tinha uns 10 anos. Antes eu só ouvia Raul Seixas, Mamonas Assassinas, Capital Inicial, Detonautas... então, é relacionado ao pop/rock brasileiro. O trap pode se relacionar à coisa mais moderna, então ele *tá* mais pra cima. Tanto que, tipo, eu creio que o consumo da nossa sala em questão de rap é mais pro trap atual agora, tipo, Bin, Djonga, essas coisas de poesia acústica, Xamã, então... eu acho que ele é mais moderninho nesse sentido. E pode ser que o pagode/samba/sertanejo estejam mais pra cima ali junto com esse um pontinho azul porque *tá* menor porque ele deve representar o sertanejo. Porque o sertanejo de agora faz mais sucesso porque era o sertanejo universitário.

Pesq.: Entendi. Mas, assim, essa análise que você fez agora é uma segunda análise. A sua primeira análise ficou muito bem marcada aqui, o nacional *tava* de um lado e o internacional *tava* do outro. Certo?

Felipe: Certo.

Pesq.: Então, isso aí já *tá* nome pro eixo horizontal, não dá?

Felipe: Sim.

Rosa: Nat.

Pesq.: Oi.

Rosa: Eu vou discordar um pouquinho de Felipe, porque como ele falou o negócio da criação e tal...

Pesq.: Rosa, só um instantinho. Eu voltei um pouco na discussão que Felipe propôs. Depois eu retomo ela e você fala, pode ser?

Rosa: Tá, tudo bem.

Pesq.: É porque, olha só, se vocês já têm demarcado o que *tá* à direita e o que *tá* à esquerda, vocês já não têm o nome desse eixo horizontal?

Felipe: Calma, então, deixa eu falar. Eu acho que seria assim: nacionalidade, da língua materna e do internacional, mas eu *tava* falando desse negócio de modernidade e de coisa de criação, relacionando isso, eu *tava* querendo dizer que eu não sei como eu vou denominar o vertical porque, tipo assim, eu não sei se eu posso falar em questão de modernidade ou não, chamar ele de modernidade.

Pesq.: Tudo bem. Mas aí, uma coisa de cada vez. A gente já tem o nome pro eixo horizontal?

Felipe: Sim.

Pesq.: Então beleza, vamos colocar aqui o nome do eixo horizontal. É nacionalidade? Vocês concordam com esse nome?

Carolina: Aham.

Rosa: Sim.

Pesq.: Tá, tranquilo. Agora vamos voltar então pra outra discussão pra gente começar a pensar no vertical. Só pra gente poder organizar as ideias se não a gente vai se perder. Rosa, fala por que você discorda de Felipe.

Rosa: É porque ele falou o negócio da criação. Eu cresci escutando pagode, samba, essas coisas. Só que eu odeio pagode e samba, é uma coisa que eu não gosto. Eu não escuto por causa disso. Eu escuto mais pop internacional, rock nem tanto. O rock que eu mais escuto é um *Queen*, meio que um *Beatles*, mais assim. Eu escuto mais pop internacional, sertanejo, essas coisas. Eu cresci escutando pagode e samba e eu não gosto de pagode e samba. Então é por isso que eu discordei um pouquinho de Felipe, sabe?

Felipe: Sei, mas o que eu *tô* falando não é nesse sentido. É no sentido mesmo de modernidade por causa do quadro que a gente tem na nossa turma. Eu não queria relacionar nesse sentido de "ah, porque só a criação". Tanto que eu citei outras coisas. Eu falei que, tipo assim, como o trap *tá* relacionado a rap, trap e hip hop, ele provavelmente *tá* falando do quadro atual. O estilo trap não nasceu 50 anos atrás ou no tempo do pagode, entendeu? Por isso que eu *tô* falando da questão da modernidade. Porque o MPB, o pagode, ele *tá* muito mais relacionado a tempo antigo do que o trap e o pop/rock *tá*, entendeu? Não era no sentido... a criação era só

um exemplo de como você cresce ouvindo e acaba ouvindo outras coisas do tipo, tanto que eu citei só a minha, entendeu?

Rosa: Não, eu entendi, entendi.

Pesq.: Vocês querem olhar a próxima nuvem pra gente tentar pensar no eixo vertical. Tem a de alimentos ainda pra gente olhar, porque aí a gente já vai encerrando.

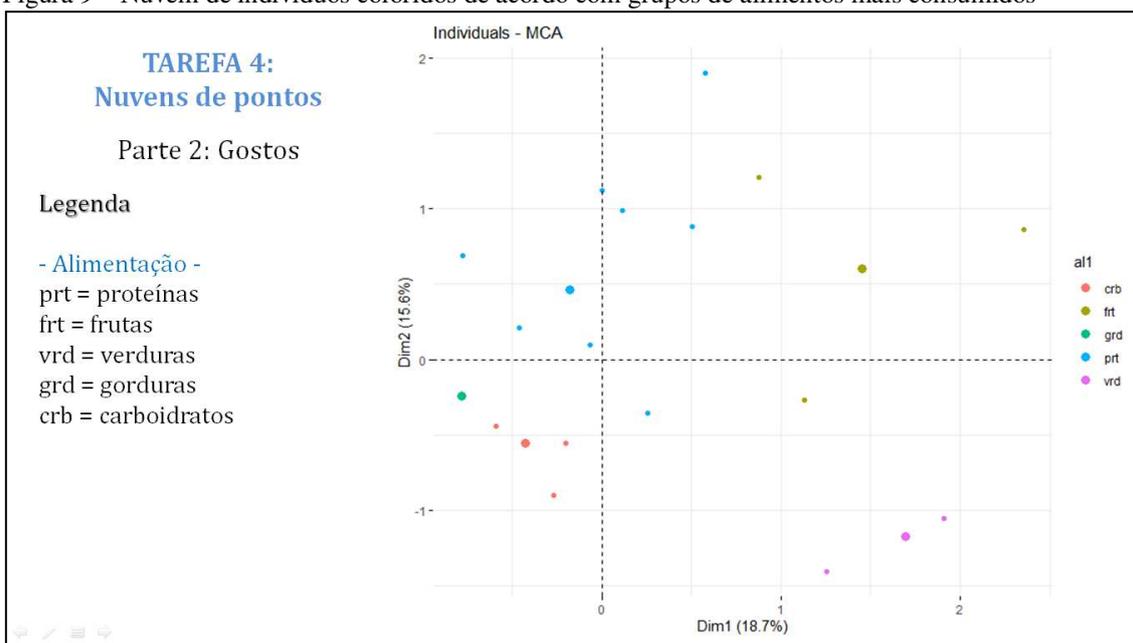
Carolina: Aham, tudo.

Rosa: Tá, tá bom.

Pesq.: Então, aqui os pontinhos foram coloridos de acordo com os alimentos que vocês mais consomem. Novamente, tinha duas opções: o que mais consome e o segundo grupo que mais consome. Aqui eu só tô considerando o primeiro, tá bom?

Felipe: Tá.

Figura 9 – Nuvem de indivíduos coloridos de acordo com grupos de alimentos mais consumidos



Fonte: dados da pesquisa.

Pesq.: Então, vamos lá. Observem. O que vocês têm a dizer? Observa com calma e depois fala pra mim.

[pausa]

Felipe: Verdura continua mais pra baixo. Não alterou tanto das posições do outro quadro.

Pesq.: É porque aquele outro quadro é que vai determinar a posição dos indivíduos.

Felipe: A gente tem que nomear esses eixos também?

Pesq.: Não, o eixo é o mesmo. A gente já começou...

Felipe: Não, a gente ainda tem que nomear esse também, entendeu?

Pesq.: A gente ainda tem que nomear o eixo vertical. O horizontal a gente já encontrou um padrão. A menos que vocês queiram mudar.

Felipe: O vertical não pode ser essa coisa que eu falei de atualidades, não?

Pesq.: Se todo mundo concordar... mas aí você acha que alimentação não influencia?

Felipe: Hm...

Carolina: É, eu acho que proteína tá concentrado lá em cima, que nem tá no outro, né? E carboidrato tá mais embaixo. Tá exatamente igual no outro, só que mais concentrado.

Pesq.: Uhum. Vocês acham que tem a ver com aquele lance de ser acessível ou não?

Carolina: E gordura tem só um pontinho, né? Não sei se tem a ver... porque proteína que é o negócio mais caro.

Pesq.: Uhum.

Carolina: Verdura não chega a ser tanto, assim. Então eu não sei.

Pesq.: Verdura tá aqui embaixo. (*apontando com o mouse para os pontinhos rosas*)

Carolina: É. Não, verdura não. Fruta, fruta, fruta. Eu confundi!

Pesq.: Mas você tinha me dito que o segundo grupo mais caro seria fruta.

Carolina: É.

Pesq.: Os dois estão bem lá pra cima, né?

Carolina: Uhum.

Pesq.: Olhando aqui pro gráfico de TV, vocês acham que tem alguma coisa a ver de ser acessível ou não?

Rosa: Eu acho que a novela é mais acessível do que filme e série, porque se você tiver o canal aberto você vai ter Globo, vai ter SBT, vai ter essas coisas todas, você vai conseguir assistir a novela.

Pesq.: E esporte?

Rosa: Esporte acho mais ou menos, assim, mais em cima do muro. Porque tem alguns programas tipo, Record, eles exibem o programa de esporte, entendeu? Jornal também, o Balanço Geral. Aparece coisa de esporte ali, então acho que é meio mais acessível do que filme e série.

Carolina: Acho que fica na mesma coisa, assim, entre filme, série e esporte. Porque filme e série eu acredito que a galera não vá ver na televisão. Vai ver *Netflix*, *Amazon*, essas coisas. E esporte não passa geralmente, é mais em canal fechado ou em *Premiere*, essas coisas assim, que você paga a parte. Ou então no canal fechado da *Sky* mesmo. Então...

Pesq.: Tem filme e série também que passa no canal fechado, né?

Carolina: É, exatamente. Não passa muita coisa no canal aberto. Então, os dois, acho que fica no mesmo nível. Só que eles estão opostos. (risos)

Pesq.: É mas *Netflix* é mais barato do que *Sky*, né? E você pode compartilhar *Netflix*.

Carolina: É, isso é. Pode ser, faz sentido.

Pesq.: Pode ser, não. (risos) Eu quero que vocês digam qual é o eixo.

Carolina: Pode ser em questão de poder aquisitivo.

Rosa: Alto poder aquisitivo ou baixo poder.

Pesq.: Isso faz sentido pra vocês?

Carolina: Faz sentido na comida também.

Pesq.: Faz sentido na música?

Rosa: Na música, acho que não.

Carolina: É, na música é algo mais relativo, né? É gosto pessoal.

Pesq.: É, mas a música, pelo que vocês falaram, é o que *tá* determinando mais forte no eixo horizontal, né?

Carolina: Uhum.

Pesq.: Música que fez essa divisão no eixo horizontal, né? E aí, vocês acham que os alimentos e a TV estão ajudando a dar o nome pro eixo vertical?

Carolina: É, eu acho que o de música é mais pra música e o resto é outra parte.

Pesq.: Então qual nome que vocês dariam pro eixo vertical?

Carolina: O que faz mais sentido, pra minha cabeça, assim, pelo que eu *tô* pensando, é poder aquisitivo. Só que não se encaixaria na música.

Pesq.: Mas não tem problema. A música *tá*... você acha que as pessoas que tem alto poder aquisitivo tem o mesmo gosto musical?

Rosa: Não.

Carolina: Ah, isso não... sei lá, se for aqueles riquinhos que quer fingir status, que nem a gente falou da outra vez, sei lá ir pra ópera, esses negócios chatos.

Rosa: (risos)

Carolina: Mas entre a nossa turma, acho que... não sei.

Rosa: Acho que ninguém vai pra uma ópera, né?

Carolina: Não, eu acho que é tudo no mesmo nível.

Felipe: Cara, posso trazer pro pessoal de novo, sabe? Tipo assim, Silvio tem o poder aquisitivo alto e ele gosta de trap. É o gosto predominante dele, sabe? É do tipo que tem o dinheiro, mas ele procura só essas *paradas* assim. Isso que *tô* falando, ele gosta muito de trap, eu tenho certeza disso.

Pesq.: Tá, então vamos dar um nome pro eixo vertical? Qual nome vocês querem dar? Pra gente poder ir pro último slide de hoje.

Rosa: Acho que atualidade seria um nome bem legal, que Felipe falou.

Carolina: Sei lá...

Pesq.: O que você acha, Carolina?

Carolina: Eu ainda tô com poder aquisitivo na cabeça. (risos)

Felipe: Por mim continua atualidades também.

Rosa: Porque trap é uma coisa muito atual, assim, né? Não é uma coisa muito... ah, os nossos pais, lá atrás... acho que é uma coisa mais atual do que, enfim.

Pesq.: Mas aí, o alimento não entra, né? Vocês estão olhando só pra música, vocês não estão olhando pra alimento nem pra TV.

Rosa: Eu acho que alimento é mais o poder aquisitivo mesmo que Carolina falou.

Pesq.: Tudo tá ligado na mesma nuvem. (*mostrando a nuvem de categorias*) Tá tudo interligado junto, né? [pausa] Então, poder aquisitivo ou atualidades?

Rosa: Eu acho que eu vou botar poder aquisitivo. Porque a gente *tava* falando que o trap é meio atual e tal, mas tem algumas pessoas que não tem acesso, tipo, a um telefone. Muita gente escuta música pelo telefone. Tem muita gente que não tem um acesso a telefone, a televisão, pra tipo conhecer o trap de fato, né? Então, elas têm mais rádio, essas coisas assim, né? Pessoas que não tem tanto, vamos dizer assim, poder, sabe? Eu acho que poderia entrar nesse quesito.

Pesq.: Felipe, mantém atualidades então? Ou vai mudar pra poder aquisitivo?

Felipe: Pode ser o que a maioria quiser. Eu acho que encaixa nos dois.

Pesq.: Eu quero saber o seu voto, o que você prefere.

Felipe: Eu votaria mais em relação de atualidades, foi a relação mais forte que eu pensei. Mas eu acho que poder aquisitivo também combina.

Pesq.: Tudo bem. Carolina?

Carolina: Poder aquisitivo.

Pesq.: Tudo bem. Então vamos pro último slide de hoje.

Pesq.: Aqui tem algumas perguntas norteadoras pra gente conversar. Letra (a): O que esses gráficos estão informando pra vocês? Fazendo um resumo do que foi discutido hoje.

Carolina: Ah, os gostos de cada um e também a gente tá relacionando a questão financeira, né?

Rosa: Isso que Carolina falou, eu concordo com ela.

Pesq.: Gostos, mais o que?

Carolina: O gosto relacionado com a questão financeira.

Pesq.: Uhum, beleza. Felipe?

Felipe: Concordo com Carolina.

Pesq.: Letra (b): Você acha que os gráficos auxiliam na sua compreensão dos conceitos de capital econômico ou de capital cultural, que a gente estudou antes?

Rosa: Sim. Acho que auxilia.

Pesq.: Como?

Carolina: A gente *tá* relacionando uma coisa com outra, então a partir disso chegamos a uma conclusão.

Rosa: É, eu acho que é isso.

Pesq.: Como assim relacionando uma coisa com a outra?

Carolina: Bom, a gente relacionou os gostos de cada um ao, o que a gente falou antes, os gostos com a situação econômica. Então, a partir de tais gostos... ah, não sei explicar. (risos)

Pesq.: Os gostos e o acúmulo de capital cultural têm a ver?

[pausa]

Felipe: Acho que não diretamente.

Pesq.: Não? [pausa longa] É porque eu perguntei "Você acha que os gráficos auxiliam na compreensão dos conceitos de capital econômico e de capital cultural?". Aí, Carolina falou pra mim "*tá* relacionando os gostos com o capital econômico". A minha pergunta é: esses gostos tem a ver com o volume de capital cultural que as pessoas tem?

Rosa: Tem, se você for escutar uma MPB, meio que música popular brasileira, você *tá* meio que evoluindo a sua cultura sobre o Brasil. Sei lá... entendeu?

Pesq.: Uhum.

Rosa: Sei lá, tipo assim, se você for escutar um funk. O funk vai contribuir o que pra você? Aquela "bate a bunda no chão, vai solta a bunda...", vai contribuir o que pra você na sua coisa? Vai contribuir nada!

Felipe: Mas o funk também é cultura brasileira.

Rosa: É, não *tô* discriminando, *tô* falando assim... é meio que, sabe? Meio que a música não tem muito... digamos assim, meio que uma fala, tipo assim, ah sei lá. Eu *tô* meio que viajando, assim.

Felipe: Eu não concordo com isso aí não.

Pesq.: O que você acha, Felipe? Fala por que você não concorda.

Felipe: *Tô* falando dessa coisa do funk. Porque, tipo, funk também foi evolução, desde o início do funk, aquela coisa "ele era funkeiro mas era pai de família", também tinha letra,

tinha conteúdo na letra pra poder manifestar isso. Depois, que aí todo mundo ficou falando que era só putaria e coisa e tal, tem agora mais mulheres na cena do funk e aí elas não estão falando mais como se elas fossem o objeto e por aí vai. Eu acho que tem, sim, conteúdo em relação a isso. É isso que eu falei que discordo.

Pesq.: Então você acha que isso também contribui pro capital cultural?

Felipe: Sim!

Pesq.: Carolina, quer falar? [pausa] Carolina, você tá aí?

[pausa]

Rosa: Será que ela caiu?

Pesq.: Acho que ela caiu. Vamos pra próxima pergunta e depois ela volta. Os gráficos indicam algum tipo de disputa ou de conflito em termos desses capitais discutidos?

Felipe: Acho que não.

Rosa: Eu também acho que não. Acho que é mais gosto de cada um mesmo. A gente não deveria estar fazendo um conflito, alguma coisa desse tipo, sabe? Acho que é o gosto de cada um.

Pesq.: Vocês acham que tem algum tipo de conflito de interesses? Por exemplo, nessa questão do funk. O funk não é uma coisa legitimada pela classe dominante. E aí, você acha não teria nenhum tipo de conflito quando a gente fala de capital cultural?

Felipe: Ah, eu acho que, tipo assim, conflito de interesses teria sim, obviamente, porque tem um gosto muito variado na turma. Então é coisa daquele tipo, se tivesse a CamAjuFra⁴³ ia ser uma luta pra fazer uma playlist que todo mundo gostasse. Mas, assim, eu não acho que disputa ou coisa do tipo não.

Rosa: Pior que é mesmo.

Felipe: Até porque legitimada ou não, eu não vejo uma disputa não.

Rosa: Eu também não acho não.

Pesq.: Tudo bem. Última pergunta: você acha que um outro grupo de alunos interpretaria essas informações da mesma maneira que vocês?

Felipe: Não todas.

Rosa: Acho que não, nem todas.

Pesq.: Se fossem outras pessoas olhando pra essas informações, elas teriam conclusões diferentes, dariam nomes pros eixos diferentes? Por que?

⁴³ Campanha de Ajuda Fraterna, promovida pela escola anualmente. Nesta ocasião, há jogos de futebol entre as turmas, com intuito de arrecadar alimentos na entrada dos amistosos. O público fica na arquibancada da quadra e os alunos que não jogam podem escolher as músicas que serão ouvidas durante as partidas.

Felipe: Porque cada um tem sua interpretação, né, cara? Eu acho que, tipo assim, cada um ia relacionar primeiramente de uma forma e depois chegar a uma conclusão. Não acho que todos fossem ser diferentes, até porque se estamos falando de um gráfico é porque tem os dados. Ia acabar interpretando esses dados aí que você não deu, tipo aquela questão que você colocou mistério, sabe? Não é uma coisa que você vai fugir muito e falar que "ah, esse daqui tá interligando ao cara virar um monstro. Não faz sentido nenhum! Então, acho que seria interpretações parecidas. Talvez não com as mesmas conclusões, mas parecidas.

(Carolina volta para chamada)

Pesq.: Carolina, a gente tá na última pergunta. Você acha que um outro grupo de alunos, sem ser vocês três, interpretaria essas mesmas informações dos gráficos da mesma maneira que vocês?

Carolina: Da mesma maneira... acho que depende. Acho que parecida, talvez, mas da mesma maneira não exatamente, né?

Rosa: É porque cada um tempo um pensamento, eu acho.

Carolina: É, acho que é algo relativo. Seria da nossa realidade?

Pesq.: É, se eu escolhesse outros alunos. Eles iam olhar pra esses mesmos gráficos e iam interpretar da mesma maneira?

Carolina: Ah, talvez algumas coisas diferentes, mas acho que nada muito absurdo, sabe?

Pesq.: Você acha que seria próximo?

Carolina: É.

Pesq.: Beleza. A única pergunta que você perdeu foi a letra (c): Os gráficos indicam algum tipo de disputa ou de conflito em termos dos capitais discutidos?

Carolina: Não, eu acho que não chega a conflitos, não. É só gostos mesmo e o que eles podem acessar com a questão financeira deles. Acho que não chega a ser conflito, conflito não.

Pesq.: Nem nenhum tipo de conflito de interesses?

Carolina: Entre as pessoas?

Pesq.: É, entre grupos de pessoas, talvez.

Carolina: Como assim disputa de interesse?

Felipe: Posso falar o que eu falei da playlist? Que, por exemplo, na nossa turma, quando a gente vai fazer CamAjuFra, é uma luta do cacete pra fazer uma playlist que agrada a todo mundo. Porque, por exemplo, dando o exemplo da última CamAjuFra que a gente participou, teve mais da sua turma do A, no caso, um pessoal querendo mais sertanejo e mais pop. Quanto teve gente querendo mais funk, só que aí não podia tal tipo de funk e aí acabaram

colocando outro tipo de rap, que aí não tinha tanto palavrão e afins. Entendeu? Acho que é conflito de interesses nesse sentido.

Carolina: Ah, entendi. Ah, nesse sentido acho que sempre tem porque cada um tem gostos diferentes, né?

Pesq.: Mas vocês acham que esses conflitos são individuais ou são em grupos? Alguns grupos, sei lá, determinados pela sociedade.

Carolina: Ah, às vezes é um grupinho que gosta do mesmo estilo, às vezes é a pessoa gosta de um estilo que só ela gosta, diferente. Acho que é relativo também. Por exemplo, eu e meu grupinho, Andressa e Beatriz, a gente tem o gosto musical tal. Mas Rosa tem o gosto musical só dela. Entendeu? Então, acho que é relativo.

Rosa: É, acho que o meu grupo, Fernanda e Olivia, a gente gosta de muitas músicas parecidas, então acho que não teria um conflito entre nós três, porque a gente tem uma música meio que parecida.

Carolina: Aí, vamos supor, entre mim e Rosa poderia ter, entendeu? Acho que é algo relativo.

Felipe: Cara, em relação à sociedade tem essa coisa de ser marginalizado. Tipo o que Rosa tinha falado do funk, sabe? Eu acho que o conflito seria dessa coisa de marginalizar ainda os outros estilos, mas ainda não vejo como conflito direto, uma disputa mesmo. Acho que é só cada um pegando seu quadro, sua cena aí.

Pesq.: Entendi. Você acha que isso não aparece nas relações sociais, nas lutas sociais?

Felipe: Aparece, mas o que eu tô querendo falar é que essa coisa do ser marginalizado. Tipo, o rap era muito marginalizado, agora não tá sendo tanto, porque o rap fala coisas do nosso cotidiano etc e tal, ele critica, ele é uma *parada* mais resistência. E aí, não faz sentido, tipo, você ficar marginalizando o rap, sendo que ele é uma resistência tipo as músicas da ditadura pra poder protestar contra o governo, mas era em silêncio, sabe? Tipo, era tudo escondidinho. O rap é o mesmo pique, sabe, é... continua sendo uma coisa de revolução. Só cabe, tipo, ao pessoal não marginalizar isso.

Pesq.: Mas quem marginaliza? Quem diz "isso aqui é marginalizado, tá? combinado!"?

Felipe: Quem tá em cima porque o que vem da periferia já consideram ruim.

Pesq.: Quem tá em cima... você quer dizer o que?

Rosa: Tem preconceito, né?

Felipe: Quem tem poderes aquisitivos maiores, a elite.

Rosa: Por exemplo, a pessoa de Zona Sul. A pessoa de Zona Sul vai pra Rocinha. Ela fica "aí, que lugar feio, que música é essa", tipo assim, sabe? Acho que teria um preconceito em cima, entendeu?

Pesq.: Entendi. Beleza! Vocês querem fazer mais algum comentário sobre essas coisas?

Felipe: Não. (*soando desmotivado*)

Carolina: Não.

Rosa: Não.

Pesq.: "pelo amor de Deus, não, tenho que lavar meu cabelo". (risos)

Carolina: (risos)

Pesq.: Então, olha só. Pra gente fechar, vai ter mais uma tarefa, mas vocês não vão fazer agora. Eu vou pedir pra vocês fazerem depois, pra vocês me entregarem, se for possível, até o final dessa semana. E a tarefa é a seguinte: a partir de tudo isso que a gente conversou, retoma aí os três encontros que a gente teve, todas essas discussões sociais, esses gráficos e tudo. Então, a partir dessas discussões, imagina que você tem um amigo que mora no exterior e que não conhece as dimensões econômicas, sociais, culturais aqui do Brasil, que a gente discutiu. Quero que vocês escrevam uma carta pra esse amigo, em português, relatando a nossa realidade e essas relações de poder que estão envolvidas nessas dimensões econômica, social e cultural.

Felipe: Beleza.

Rosa: Beleza.

Felipe: Vou botar a frase de Gilberto: "Bicho, o Brasil tá lascado!".

Pesq.: (risos) Então vou mandar esse textinho aqui lá no grupo pra vocês relerem quando forem escrever. Se vocês puderem me mandar, tipo, daqui uma semana, eu agradeço. Mas se precisarem de mais tempo, não tem problema. É só me avisar, *tá bom?*

Carolina: *Tá bom.*

Rosa: Natasha, você vai mandar algum *link*, alguma coisa dessa tarefa, ou é pra escrever e tirar uma foto?

Pesq.: Vocês podem escrever num papel e tirar uma foto. Vocês podem fazer no Word e me mandar o *Word*, vocês podem digitar no *whatsapp* pra mim a carta. Como vocês preferirem. Me manda no privado pra um não ver o do outro e não ser influenciado, *tá bom?*

Felipe: *Tá bom.*

Rosa: *Tá, tá bom.*

Carolina: *Tá bom.*

APÊNDICE E – Cópia das produções textuais da Tarefa 5

Carolina

Querido, Dean

Eu sei que você está muito doido pra vir ao Brasil , mas deixa eu ter conta que eu sei quando tiver aqui com certeza você vai reclamar no momento que eu falar que aqui tem impostos muito altos, que quase todo brasileiro tem que dar o seu esforço para conseguir pagar isso tudo , mas de uma coisa eu sei que vai amar a nossa comida que é muito boa e nosso país é bem receptivo com gente de fora , também tem uma desigualdade muito grande em relação as classes sociais que muitos tem pouco e outros muito , eu to maluca pra te ver .

Com amor, Carolina

Felipe

08/02/2021

Queride Sammy,

Acho que já deve ter consciência do caos vivido aqui, em nossas trocas de e-mails já relatamos pequenos detalhes de nossas culturas, políticas, o país nativo em geral. Nunca lhe contei a fundo como retrato isso, então hoje decidi que isso fosse nosso assunto sério do dia, vamos lá.

Temos elitismo esnobe por cima de camadas sociais escondidas nas entranhas de cidades grandes chamadas de modernas, grandes metrópoles, a evolução que parou no meio do caminho quando se tratava dos que viviam embaixo de viadutos ou em cima de morros. Quem tá em cima não é definido como mal, são os bons salvadores que fazem uma caridade ou outra em algum dia avulso pra dizer que acham pobres pessoas normais. O acesso a educação é tão emburrecido que parece que o governo gostaria que o povo tivesse cérebro como adubo de cabelo. Alienados. Zumbis. Quem pensa evolui, e a evolução não deveria ser uma opção a esse nível de acordo com alguns senhores estimados. Ao cultural, eu não reclamaria, mas reclamaria de como vêem, talvez a maior cultura reconhecida aqui de dentro pra aí pra fora seja a safadeza, mulheres bonitas, carnaval e muito álcool, funk e bundas rebolando a qualquer instante. Temos mais que isso, temos cultural natural e estruturada, cultura que saiu da terra e do corpo, que nasceu do asfalto e do morro, nasceu do prédio mais alto do Planalto ou da mais distante tribo isolada que ainda não teve acesso aos outros viventes dessa terra invadida centenas de anos atrás. Brasil invadido, não descoberto pois já estava aqui bem antes disso com um povo que já havia descoberto, se descoberto. O social muitas vezes é um caos, talvez o passado explique isso já que continuamos cometendo mesmos caminhos distantes como cruzadas portuguesas. A demais, no econômico, posso ressaltar a frase do presidente atual ao dizer que "tá quebrado, quer que eu faça o que?". Tá aí, não sei o que fazer assim como aqueles formados em economia e analítica, então ninguém resolve nada e parece até que Deus nunca esteve em solo brasileiro quando você vê as coisas do ângulo mais baixo que tem, do ângulo do caneco de um mendigo no meio das ruas bonitas da cidade maravilhosa, do calçadão que a garota de Ipanema passa. E também, da pra ver do ponto mais alto do Cristo Redentor que abraça esse povo todo como se fosse tudo igualzinho, quando é na verdade uma gangorra desbalanceada, sempre tem alguém em peso maior do outro lado, normalmente, o outro lado é tão pequeno que mesmo se a parte maior pular, o outro lado não desce. É isso, em resumo bem do resumido, minhas notas de repúdio funcionam melhor na rua da Cinelândia do que em e-mails.

att: felipe

Rosa

Querido Nate, venho por meio desta carta, lhe contar um pouco de como andam as coisas aqui no Brasil. Como deve imaginar, estamos passando por um momento bem delicado, que é a pandemia do Corona Vírus. Em alguns lugares, ela já está controlada, mas aqui no meu país, está indo de mal a pior, e para muitos ela não existe, andam sem máscara na rua, vão para festas, fazem aglomerações desnecessárias e etc. Já chegou a vacina, porém, não tem nem pra todos da linha de frente e do grupo do risco.

Mas falando de coisa boa, o Brasil é um lugar incrível, repleto de riquezas naturais. Infelizmente ele é resumido em país do futebol, samba, Carnaval, praias, Rio de Janeiro, feijoada...Só que na verdade, ele é bem mais que isso, tem uma cultura bem diversificada, que não é reconhecida.

Possui uma economia enorme mas não é bem aproveitada, para ser influente, é dependente da influência de parceiros internacionais mais poderosos. Apesar de não parecer, a população é marginalizada e há muito preconceito enraizado na história. As classes favorecidas são as mais ricas e poderosas, os que vivem à margem da sociedade não se beneficiam do sistema.

Caro amigo, fico por aqui, aguardando suas notícias. Espero vê-lo em breve, beijos!!

Ass: Rosa